



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

DANISE GRANGEIRO GONDIM

**O SABOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE:
PERCORRENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS
APRENDENTES NO ATELIÊ DA SABEDORIA**

**Fortaleza
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DANISE GRANGEIRO GONDIM

**O SABOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE:
PERCORRENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS
APRENDENTES NO ATELIÊ DA SABEDORIA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, na linha de Pesquisa Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade sob a orientação do Professor Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.

Fortaleza
2008

O SABOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE:
PERCORRENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS APRENDENTES NO
ATELIÊ DA SABEDORIA

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professor Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.,
UNIFOR

Professora Doutora Virginia Moreira
UNIFOR

Professora Doutora Ercilia Maria Braga de Olinda
UFC



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia
Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade

Dissertação intitulada ***“O sabor da sabedoria na terceira idade: percorrendo as histórias de vida de idosos aprendentes no Ateliê da sabedoria”***, de autoria da mestranda Danise Grangeiro Gondim, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. PhD. Francisco Silva Cavalcante Junior – UNIFOR – Orientador

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda – UFC

Profa. Dra. Virgínia Moreira – UNIFOR

Fortaleza, 28 de novembro de 2008

Visto:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

Dedico os meus dois anos de pesquisa a alguém que me ensinou a contar história. Ofereço a ele, que me mostra que história parada não produz outras histórias. Dedico a ele, que me ensina a rir da Vida; ele que anda rindo por 98 anos. Oferto a ele, para mim um exemplo de sabedoria, o maior mestre e *aprendente* da escola da Vida que presenciei: **meu avô Stênio Telmo Façanha Grangeiro.**

AGRADECIMENTOS

Acredito que uma pesquisa não é desenvolvida sozinha. Creio que quando temos ajuda do outro ou a presença do outro, algo é construído de modo mais rico. Chega o momento de agradecer a todas as trocas feitas nesse percurso de dois anos. É um agradecimento sincero a essa presença do outro. Agradeço toda forma de ajuda, desde o início dos estudos do mestrado com minha amiga Renata Pires, a presença da Ilana, que estava do meu lado no dia da entrevista da seleção do mestrado, o meu presentinho que ganhei da minha prima Rosane Girão quando soube que tinha passado, uma palavra dita, livros emprestados, a todas as leituras dos meus textos, as citações e artigos enviados por *e-mails*, todo o material de terceira idade compartilhado (era como se dissessem “terceira idade, envia a Danise!” Gesto lindo!), velas acesas e rezas na qualificação, conversas nos corredores do mestrado, trocas de sentimentos, andanças e corridas nas praias para acalmar o ânimo, olhares, abraços tão sinceros, telefonemas, enfim, inúmeros gestos que de forma direta ou indireta levaram à elaboração da minha pesquisa. Agradeço imensamente a cada um deles. Agradeço, de modo especial:

- a Deus, em primeiro lugar, por ter me concedido à possibilidade de experienciar uma Vida. A Ele sempre tão presente, tão forte e fiel nesses 31 anos de caminhada.

- À minha mãe, presente em TODOS os meus capítulos de experiência de Vida ao longo desses 31 anos. A ela, que sempre me incentivou a ir além e que me ajuda a formular a minha História. A ela, também, por me permitir amar e ser amada.

- À minha família, a minha base.

- À minha tia Carísia, para mim um anjo; um símbolo de bondade e compaixão.

- À minha avó Edine Grangeiro (*in memoriam*), que me fez encantada pela terceira idade.

- À minha tia Erbene (*in memoriam*), por estar comigo TODOS os dias.

-Ao meu pai Danton Santos Gondim (*in memoriam*) que se orgulharia desse momento. A ele também, pelo seu dom de escrever.

- Ao meu irmão Danilo, por ser parte de mim.

- Ao meu padrasto Geraldo, por ser um pai todos esses anos.

-Ao meu orientador Professor Francisco Cavalcante Jr., PhD, por ter me escolhido entre tantas orientandas. A ele, por acreditar em mim e por me aceitar plenamente nessa longa caminhada. A ele, que me fez descobrir um novo mundo. A ele, por me permitir escrever com o coração. E a ele, a minha (trans)formação.

- Aos meus sujeitos-colaboradores, que me mostraram o caminho da sabedoria. Eles que possibilitaram a mescla das nossas histórias de Vida. Eles que usam a arte para viver a minha imensa admiração pela pessoa de cada um. Eles, os artistas da minha pesquisa!

- À Professora Doutora. Ercília Maria Braga de Olinda, pelo brilho dos seus olhos quando fala de seus aprendentes. A ela novamente, por me permitir fazer parte desse brilho. À Professora Doutora Virginia Moreira, a minha grande admiração. A elas, por me possibilitarem a escrita da minha dissertação.

- À FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo importante apoio financeiro prestado a minha pesquisa.

- Aos meus aprendentes, por me mostrarem que só há escola se houver Vida dentro dela. Eles que me ensinam mais do que aprendem e que me motivam a buscar sabedoria. A eles, por me mostrarem o sentido da minha pesquisa. A eles, por toda a paciência que tiveram comigo durante esses dois anos: a minha ausência, as trocas de horários, as recuperações de aulas e o muito que me escutaram.

- Ao Easy to Learn, por ser meu laboratório de pesquisa, por ser um filho e uma fonte de toda inspiração. A todos os meus colegas de trabalho por permitirem esse momento na minha Vida. Sem eles não conseguiria traçar o meu caminho no mestrado. À Coordenação do curso por suprir a minha ausência. A Michelline que não mediu esforços e não poupou o brilho dos olhos ao ouvir o meu percurso dentro do mestrado. Aos professores da escola por colocarem em prática uma educação baseada na vida.

- À minha amiga-irmã Lana Nóbrega, que tanto acompanhou os meus passos, que tanto soube usar a arte de escutar e em tantas outras vezes a arte de falar. A ela que se emocionou comigo em TODOS os passos da minha pesquisa, os meus sinceros agradecimentos às inúmeras trocas de experiências.

- Às amigas do mestrado (em especial a Salmira) e da vida, por os momentos de terapia durante a caminhada do mestrado. Sem elas a estrada seria mais difícil. Agradeço os inúmeros sorrisos. Agradeço a escuta da minha história. Quantas vezes falei mais do que ouvi!

- A Jorge Esteves, por me apresentar o tempo de Sêneca, por me encantar com suas leituras do mundo, por compartilhar suas teorias, por todas as nossas trocas de experiências, por se tornar tão presente mesmo que longe, por acreditar na força da Vida, na sabedoria e por ter permitido o cruzamento da nossa história.

- Aos membros pesquisadores da Relus, por me introduzirem ao mundo da pesquisa, pelo tanto que me ensinaram por meio de suas narrativas, sejam orais ou escritas, direta ou indiretamente.

- Aos meus amigos corredores, que bem cedo pela manhã me incentivam a respirar um ar diferente. Inúmeras foram as vezes que a pesquisa foi feita ao longo dos quilômetros percorridos. Não tenho palavras para agradecer a força terapêutica do esporte nesse processo.

-A todos os profissionais e pesquisadores que investigam o lado positivo de envelhecer. Eles que acreditam na força da experiência de Vida, que apostam na Neurociência, no estímulo dos neurônios, na importância do estar ativo depois dos sessenta anos, na capacidade física e intelectual de cada ser.

- E finalmente, a todos os que acreditam que não existe idade para começar a aprender.

“Ninguém gosta de dizer que é velho. Eu não digo porque não sou!”

Stênio Grangeiro

(98 anos)

RESUMO

A população de terceira idade é a que mais cresce mundialmente. Esse índice tende a progredir à medida que o tempo passa, em virtude a redução de natalidade, da evolução tecnológica, da Medicina e das pesquisas; conseqüentemente a vida da população idosa, os seus sofrimentos, desejos, dificuldades e hábitos passam a preocupar e a interessar aos estudiosos. Os enfoques teóricos apresentados nesta pesquisa tratam da relevância da experiência de vida de idosos em um âmbito de aprendizagem; buscando observar o papel que a aprendizagem significativa desempenha dentro deste contexto. Por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, busquei descobrir como as experiências vividas por uma pessoa da terceira idade repercutem significativamente na sua aprendizagem nesse período de sua vida. Recuperei, também, o valor da sabedoria na velhice, avaliando o desvio entre saberes adquiridos com base em experiências de vida diversas e as competências adquiridas ou desenvolvidas que essas pessoas utilizaram para dar sentido aos contextos de aprendizagem. Investigando a minha experiência de trans-form-ação que participando de um ateliê biográfico na sala de aula do curso de mestrado em Psicologia, senti-me motivada a desenhar o que veio a ser chamado de Ateliê da Sabedoria. Esta dissertação teve como objetivo pesquisar a vida de idosos aprendentes, assim como seus momentos formadores e a origem da sabedoria nesta fase de suas vidas. Essa intervenção metodológica propiciou aos sujeitos colaboradores e à autora como pesquisadora, a constituição de si pelas narrativas de nossas vidas, como propõem Josso e Delory-Momberger, em atitude reflexiva retomada na conscientização das suas experiências, visando a mudanças de comportamentos, atitudes e suposições; tornando-nos mais conscientes das realidades, pelos relatos alojados no interior de cada participante desta pesquisa. Estabelecendo relações entre as experiências de vida e as experiências de aprendizagem, o foco desta dissertação recai sob a importância do Ateliê da Sabedoria como forma de cultivo da arte de viver e da formação de si. Assim sendo, o caminhar para história de vida de idosos favoreceu a compreensão do seu funcionamento mental e da essência da sua sabedoria.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência de vida, terceira idade, aprendizagem significativa, sabedoria.

ABSTRACT

The third age's population has been increasing each year worldwide. This number tends to increase with the time, due to the reduction of births, the evolution of technology and medicine and researches development. Consequently the life of elderly people, their suffering, wishes, difficulties and habits begin to preoccupy and to interest researchers. The theory's focus presented in this research shows the importance of the experience of elderly's life inside the context of learning; aiming to observe the role that the significative learning perform inside of it. Through qualitative research, I have tried to discover how the experiences lived by an elderly person influence meaningfully the way of learning in this period of life. I have also redeemed the value of wisdom in the third age; evaluating the detours between the acquired knowledge from the several life experiences and the acquired or developed competence which permitted their use to give sense to the context of learning. Investigating my own experience of transformation participating of a Biographic Atelier in a discipline of the Psychology Master, I was motivated to design what has been called the Atelier of Wisdom. This project aimed to research the lives of older learners as well as their moments of formation and the source of wisdom at this stage of their lives. This methodological intervention made possible to the collaborator and to the author as a researcher, the notion of construction of ourselves by the narratives of our lives, as proposed by Josso and Momberger, in a reflexive attitude made by the conscience of our experiences, aiming the changes of behavior, attitudes and supposition; making us more conscientious of the reality, through the narration inside of each collaborator of this research. Establishing relations between the life experience and the learning experience, the focus of this dissertation lies in the importance of the Atelier of Wisdom as a way of cultivating the art of living and the construction of oneself. Therefore searching the history of the elderly's life promoted the comprehension of their mental functioning and the essence of their wisdom.

KEYWORDS: Experience of life, third age, significative learning, wisdom.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
---------------------------	-----------

Capítulo 1 - ENCONTRANDO NOS TEXTOS A SABEDORIA DE OUTROS.....	19
---	-----------

1.1 Sabedoria	20
1.2 Experiência de Vida	32
1.3 Aprendizagem significativa	36
1.4 A sabedoria que supera o sofrimento	43

Capítulo 2 – PERMITA-ME TE CONHECER NO ATELIÊ DA SABEDORIA ...	47
---	-----------

Capítulo 3- ABRINDO AS MALAS DA SABEDORIA	60
--	-----------

3.1 O ateliê da pesquisa: pintando as cenas	62
3.2 Apresentação dos personagens	64
3.3 A minha mala é maior do que a sua! (Sim, eu tenho uma história!)	
Cena I	77
3.4 Minha mala já pesou muito! (A sabedoria que supera o sofrimento)	
Cena II	96
3.5 Minha mala é nova! (Quantos anos você teria se não soubesse quantos anos tem?)	
Cena III	121
3.6 O que carrego dentro da minha mala? (Experiências de Vida)	
Cena IV	132
3.7 A leveza do peso da minha mala. (Os intervalos)	
Cena V	148
3.8 A parte da mala que eu não gostaria de abrir. (Os nós)	
Cena VI	162
3.9 Qual é o sentido da minha mala? (Aprendizagem significativa)	
Cena VII	174
3.10 Precisei caminhar para encontrar minha mala. (Continuação das aprendizagens significativas)	
Cena VIII	188
3.11 A arte do nosso ateliê. (A significância do Ateliê da Sabedoria)	
Cena IX	195
3.12 É preciso saber viver! (Sabedoria é descobrir os percursos de nossas malas)	
Cena X	205

Capítulo 4- FINALIZANDO, O QUE CARREGO NA MINHA MALA?.....	210
---	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (meus caminhos percorridos)	221
---	------------

REFERÊNCIAS (minhas visitas)	226
---	------------

ANEXOS.....	227
--------------------	------------

A - Requerimento para tramitação da Qualificação	228
B - Carta de Informação.....	229
C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	231
D- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	232
E- Declaração de revisão estilística e gramatical	233
F-Convite ao Ateliê.....	236
G- Fotos	227

APRESENTAÇÃO

Deparei-me com a terceira idade ao longo dos meus anos como professora da Língua Inglesa. Os idosos foram à porta da minha sala de aula. Inicialmente, perguntei-me o que eles buscavam. Lembro-me da minha primeira experiência como educadora... Encontro em sala de aula senhoras com uma bagagem de experiência bem maior do que a minha, uma garota de 20 anos. A vontade de aprender era visível aos olhos dos meus aprendentes sentados ali para me ouvir. Buscavam realmente aprender o Inglês depois de anos sem tempo, sem condições, ou até mesmo após de várias tentativas frustradas. Vinham com certas condições; condições as quais caso eu não cumprisse, deixariam o curso e nunca mais voltariam a uma sala de aula. Chegavam também, vale ressaltar, estigmatizadas por maridos, filhos e pior ainda, por elas mesmas. “Papagaio velho não aprende a falar”. Quantas vezes ouço essa frase!

O desafio era enorme. Era minha responsabilidade ante a última tentativa de aprendizagem aos 70, 75 anos. O que fazer para que elas aprendam? Será que confiariam em uma professora com tão pouca idade? Que material usar? Que fonte pesquisar? Longe de grandes autores que de certa forma nunca foram me visitar ou que nunca foram convidados por nem saber de suas existências, buscava em mim mesma o bom senso de ensinar o que eu já dominava.

Procurei dentro das minhas experiências a solução para me tornar uma boa educadora. Provaria com toda a minha força de vontade que todos somos capazes de adquirir aprendizagem. Acreditava no potencial deles e os fazia acreditar. Procurei também, o ponto de partida: seu real interesse. Com que finalidade precisavam aprender? O que buscavam ali?

Descobri, com o passar dos meses, que muitas vezes o material que por mais prático e interessante que fosse, não os atraía. A repetição e os exercícios para casa também não os ajudavam na conversação. Quantas vezes percebia que me olhavam, mas não estavam me vendo! Precisava, então, de algo mais prático, mais real, unindo o que fazem no dia-a-dia ao Inglês. Por que não? A próxima aula já não seria dentro de sala, e como estávamos falando sobre comida, combinamos todas que iríamos ao supermercado. E assim fomos.

Trilho um percurso que já ultrapassa dez anos e, assim consigo ter o privilégio de receber aprendentes com suas bagagens de experiências sentados à minha frente em busca de mais aprendizagens significativas. Tive que percorrer um caminho para poder me adaptar a uma nova forma de aprendizado e, pela prática, descobri que eles aprendem o que for relevante para eles, o que trouxer significado e importância para suas vidas. E com sua sabedoria, descartam a possibilidade de aprender algo porque não têm interesse ou utilidade. “Só aprendo o que me dá prazer”, relatam os aprendentes idosos. “Não tenho mais tempo de aprender coisas que não uso!” - outro lema adotado por eles.

Aprendi por minhas experiências que a prática e o concreto norteiam e dão sentido à aprendizagem. Sinto que assim os aprendentes interagem com o meio e com os outros. Vejo os olhos brilharem por serem capazes de aprender. Ouço que gostariam de cada vez aprender mais. E o Inglês, que antes não fazia sentido, tornou-se seus desafios, um divertimento, um propósito, um desejo. As aulas já não são, hoje em dia, aulas! São chamadas de “terapia de Inglês”. E, durante esses anos, aprendentes da terceira idade convidam mais aprendentes mediante o relato da sua experiência, mostrando o quanto é bom aprender.

E depois de certo tempo, durante o meu percurso como educadora, visitas foram me batendo à porta. Esbarrei, há uns cinco anos, com Freinet (1996). Ele já tinha descoberto essa minha experiência há muito tempo. Contou-me sobre suas aulas de campo e do diário que dava a cada criança a oportunidade de contar suas experiências por meio do vivido. Agora, mais uma vez, deparo-me com alguém que em 1938 já relatava a importância da experiência no aprendizado. John Dewey, que também defende essa prática, esses momentos, a liberdade, o pensamento, o propósito, o nascimento da Escola Nova, da escola progressiva, já tinha descoberto esse caminho.

Bem que eles podiam ter me visitado antes! Mas hoje também aprendo que, experienciando, dei sentido às minhas aulas; é através do que vivi em *link* com o que vivo e que pretendo viver que traço o meu papel de educadora; e é observando e respeitando a liberdade ao meu aprendente de se expressar, que cresço, “crescimento, ou crescendo, no sentido de desenvolvimento, não apenas física mas intelectual e moralmente, é um exemplo do principio de continuidade” (Dewey, 1938, p. 27).

Então, que seja assim, o meu caminho de educadora, um processo de continuidade e de experiências enriquecedoras; que também seja o caminho dos meus aprendentes em busca de experiências com qualidade. E que tenham atitude frente ao aprendizado. “A mais importante atitude a ser formada é a do desejo de continuar a aprender.” (Dewey, 1938, p.42)

Foi um momento mágico, também, quando descobri com os estudiosos como Rogers (1973), Dewey (1971), Freinet (1996), Josso (2004), Puente (1978) e Freire (1970) a importância da aprendizagem significativa, aquela mais do que uma acumulação de fatos, que provoca uma modificação no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura e nas suas atitudes. Com eles e com a própria prática, fui pedindo aos aprendentes idosos que abrissem suas bagagens de experiência ao longo das aulas, e os momentos se tornam singulares quando abrimos espaços para ouvir suas histórias de vida (Josso, 2004).

Procurei, então, adentrar uma pesquisa que buscasse a origem da sabedoria, que ouvisse a história de idosos aprendentes, descobrindo assim como aprendem e a forma como buscam essa aprendizagem nessa época de suas vidas. Os enfoques teóricos apresentados aqui tratam, então, da relevância da experiência de vida de idosos em um contexto de aprendizagem, assim como o papel que a aprendizagem significativa desempenha neste contexto. Caminhando pelas suas histórias de vida, busquei descobrir como a influência dessas experiências ocorre ao longo do ensino-aprendizagem.

Os idosos sábios necessitam de vida, de otimismo e precisam de espaço para aplicar tantas experiências. Buscam, não somente, conhecer, pois querem aprender significativamente (Dewey, 1971; Rogers 1973; Josso, 2004); refletindo assim, sobre o que aprendem, associando com suas próprias experiências de vida. O idoso sábio demanda o equilíbrio da sua sensibilidade com sua racionalidade; razão, sentido e ação fazendo equilibradamente parte de um ser.

Fisiologicamente, a situação deles também mudou. A saúde melhora, pois há mais cuidado, exercícios físicos, novos ramos médicos, novas dietas e cursos. E assim, com toda essa energia e saúde, são capazes de colocar sua sabedoria em prática, agindo e não esperando o tempo passar, optando por viver. Os estudos mostram que os idosos se estimulam mais a cada dia e, conseqüentemente, há

transformação da sua plasticidade cerebral. A Neurociência, com suas descobertas, conseguiu desvelar que a terceira idade pode muito mais do que esperar o tempo passar assistindo a uma televisão, ou fazendo tricô como antigamente. Suas descobertas provaram que os neurônios podem ser estimulados e que as dendrites criam ramificações mais longas, ajudando as ligações entre eles; aumentando, assim, as neurotrofinas e as sinapses. Os resultados comprovam (Katz, 2000), portanto, que há um pensamento mais rápido, recuperação de neurônios e maior capacidade de aprendizagem.

O lado racional da inteligência, antigamente considerado tão ausente nessa época da vida, começa a ganhar forças; e com tal descoberta que a terceira idade começa a ser respeitada pelo seu lado intelectual. Eles são mais capazes de raciocinar lucidamente, de estudar e de aprender. Dessa forma, os profissionais estão cada vez mais se especializando nas áreas de Gerontologia e Geriatria. Os mais velhos têm maior probabilidade de ter disponibilidade, tempo, experiência de vida, sabedoria, filhos crescidos, responsabilidade cumprida e aposentadoria.

Percebo, então, a relevância desta pesquisa, de caminhar para a compreensão do funcionamento mental dos idosos, buscando descobrir a essência da sua sabedoria, das suas histórias de vida; resgatando assim, as suas experiências, talvez até esquecidas ao longo dos anos. Meu papel como pesquisadora e ouvinte acenderam em mim, também, as minhas experiências e me tornaram possivelmente uma pessoa mais sábia, pois, quando religamos a nossa história de vida com a dos outros, inventamos novas ligações possíveis que relataram outras histórias de vida (Josso, 2006).

Percebo a relevância deste estudo para as pessoas de terceira idade que, ao longo da leitura, poderão vir a descobrir o quanto possuem sabedoria e o quanto ainda têm para viver; possibilidade também de descobrir a importância de suas experiências, de sua idade e de sua vivência. Relevância também vejo para os profissionais que trabalham com a terceira idade, pois percorrerão ao longo das vidas de idosos sábios, identificando caminhos já percorridos, tendo, também, a possibilidade de descobrir outros que jamais pensavam que existiriam. Os educadores, que desfrutaram a oportunidade de ver tamanha experiência de vida sentados a sua frente em busca de

novos conhecimentos, poderão aprender a importância da aprendizagem significativa e o resgate das experiências vividas, com intuito de encontrar os mestres da sabedoria.

A você, leitor, apresento minha dissertação. Deleite-se nas histórias que percorremos, contemple os caminhos traçados, liberte as suas histórias para que cruzem com as nossas. Bem-vindo a uma dissertação esculpida de sentimentos e de emoção. Sinto-me privilegiada por um tema tão encantador: a aprendizagem de viver. Descobri nesses dois anos de pesquisa que a escola da Vida não tem paredes; entra quem quiser. Tenho visto idosos aprendentes ocupando seus espaços aí. Entre também! Você será sempre bem-vindo!

Capítulo 1

ENCONTRANDO NOS TEXTOS A SABEDORIA DE OUTROS

“Como é bom fechar os olhos, abrir todas as
janelas da alma e deixar fluírem, na passarela da
saudade fatos, pessoas, coisas, instantes
inesquecíveis, experimentados ao doce embalo da
vida em seu trajeto irreversível!”
(Giselda Medeiros)

O que leva um senhor ou senhora com 70-80 anos voltar a uma sala de aula? Que tipo de aprendentes são eles? Como eles se diferenciam das crianças ou adolescentes? Como também se diferenciam de outros idosos que não buscam o novo e acabam por se contentar com as perdas? O que buscam na aprendizagem formal essas pessoas com tanta experiência de vida?

No primeiro dia de aula chegam os alunos. O professor observa cada um que vai chegando lentamente e se posicionando na sala de aula. Eis que chega um senhor com aproximadamente uns 80 anos. Caderno novo, dicionário na mão, parece receoso, mas seus olhos brilham. Sorri. Apresenta-se, e com humildade e sabedoria, aperta a mão de cada um da sala. Não são muitos, mas seu modo de agir já faz toda a diferença. O professor continua a observar. Agora o seu foco é somente naquele que acaba de escolher o lugar mais próximo dele. O que ele buscaria ali? O professor novo, jovem, que acabara de conseguir um trabalho na Faculdade de Direito, iria ensinar a disciplina “Moral e Ética” para aprendentes do primeiro semestre. Estava nervoso e por isso mesmo somente observava. Suas mãos estavam geladas. Precisava daquele emprego e aquele era o primeiro dia, necessitava se destacar. “A primeira impressão é a que fica”, lembrava da sua avó falando. Avó? Quantas experiências de vida tinha sua avó? Nunca tinha se formado, mas sabia tudo. Lia jornais, sabia as regras de Português, e, quando havia dúvida na família, todos a procuravam. Respondia sem nem pensar. Parece que o conhecimento dela passava pelas veias do corpo e atingia o cérebro e depois os órgãos de comunicação de uma maneira tão rápida, que era fabuloso vê-la respondendo aos netos. Engraçado, não frequentou uma

universidade, mas sabia tudo através das próprias experiências de vida. “Muito antes que houvesse escolas houve educação”. (Dewey, 1971, p. 37). O professor pensando longe, lá na sua avó, de repente percebe-se que está em uma sala de aula e, sendo assim, focou novamente a atenção no senhor de idade, que, concentrado, esperava adquirir mais conhecimentos. Suas mãos gelavam ainda mais. E se ele fosse tão sábio quanto sua avó? Como ensinar “Moral e Ética” para uma pessoa que já quase viveu um século? Moral e Ética, naturalmente, seriam assuntos não abordados em salas de aula naquele tempo. Provavelmente, moral e ética eram vividos no cotidiano, na vida, nas conversas, na entrada da sala de aula como fizera ele. Hoje, tornam-se quase tabus. O professor sabia que precisava dar sua aula, mas se sentia inseguro diante de tanta experiência sentada ali a sua frente.

Ano de 2007. Milhares de experiências de vida estão sentadas bem diante dos professores. Que atitude tomar? O que eles querem aprender? Terão sentido para eles tantos conhecimentos teóricos diante de tanta experiência de vida? Suas experiências ajudarão ou prejudicarão o processo de ensino-aprendizagem? Como utilizar essas vivências a favor de uma aprendizagem? Como também equilibrar tamanha sensibilidade com a racionalidade? E as ações, como irão colocá-las em prática? Terão necessidade disso depois de tantos anos de vida?

Os idosos que estão em salas de aula buscam mais, querem aproveitar o seu tempo na demanda por conhecimento, da ocupação, dos sonhos não alcançados, do “saber-viver”, de vida e de mais experiências.

“Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem - não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos”. (Dewey, 1971, p. 16).

1.1 Sabedoria

“O sábio conhece com a boca, o cientista, com a cabeça. Aquilo que o sábio conhece tem sabor, é comida, conhecimento corporal. O corpo gosta. A palavra "sapio", em latim, quer dizer eu degusto" (Rubem Alves)

A palavra sabedoria, de acordo com o dicionário Aurélio (1988) está relacionada com “grande conhecimento; saber, ciência; qualidade de sábio, prudência e sensatez” (p.454). Para o autor, ciência e sensatez, prudência e conhecimento estão entrelaçados. É como se um sábio fosse alguém que além de conteúdo e conhecimento, tivesse também uma alma, uma sensibilidade, uma cautela antes de agir e antes de julgar. Procuro também como um dicionário em inglês define a palavra *wisdom* (sabedoria). Uso, então, a definição do dicionário Longman (1995), “bom senso e bom julgamento, baseado principalmente na sua experiência de vida; conhecimento ganho em um longo período de tempo através da aprendizagem ou da experiência” (p.1642). O dicionário mais adiante informa os significados da palavra *wisdom tooth*, se referindo ao dente siso e em inglês chamado de dente da sabedoria, “um dos quatro grandes dentes no fim da sua boca que não cresce até você ser adulto” (p.1643). Na definição em inglês, sabedoria e experiência de vida caminham juntas, parecendo defender a idéia de que, quanto mais idade você tem, mais sabedoria há de existir.

Sabedoria, aqui defendida, é a interligação das experiências de vida, da aprendizagem significativa e da ação, onde há um equilíbrio primordial entre a razão e a sensibilidade. Um ser sábio, independente da sua idade, é um tanto inteligente e sensível, e não somente pensa, mas age, colocando em prática toda essa aprendizagem significativa. Não defendo a teoria de que, para ser sábio, precisa-se ser idoso e tampouco que todo idoso é sábio. Há, no entanto, maior probabilidade para que isso aconteça, já que o idoso tem maior experiência de vida e percurso dentro da aprendizagem significativa. Suas experiências provavelmente os ensinaram a equilibrar tantos conhecimentos adquiridos com a sensibilidade. Portanto, nessa visão, procuro pesquisar idosos, já que são a maior fonte de sabedoria que posso encontrar.

A sabedoria é originada pela capacidade de viver, gerada por uma teia de experiências, que conseqüentemente, define o sujeito. São muitas as teias traçadas numa vida de 80 anos. E esse saber obviamente não prejudicará a aprendizagem formal, “o saber acumulado da espécie estimula, pois a aprendizagem e fornece os meios e modelos pelos quais pode vir a ser adquirida” (Dewey, 1978, p. 39).

Um ser sábio usa todas as ferramentas que possui para adquirir mais aprendizado, aproveita as oportunidades, associa o que está aprendendo com o que já

aprendeu e ainda consegue saber como utilizar tal conhecimento na sua vida desde então. Criança, adulto ou idoso, independentemente de idades, necessita de vida, de aprendizagem e de experiências.

(...) os seres humanos de hoje buscam uma sabedoria de vida que se manifesta através da maneira na qual eles “administram” sua existência e nas maneiras de manifestar suas condições de vida. Gostaria em particular de evidenciar como seus itinerários de vida são atravessados por esta busca. (Josso, 2001, p.98)

Apesar de sabermos que o desenvolvimento da sabedoria pode ser mais influenciado pelos conteúdos da vida e pelas mudanças sociais do que pela própria idade cronológica, eles são freqüentemente conectados, porque tendo vivido mais tempo, geralmente implica que eles tiveram mais oportunidades para a maturidade psicológica por meio das variadas experiências de vida.

A sabedoria é obtida através das experiências pessoais, da auto-reflexão, do atentamento próprio, e da transcendência da subjetividade e projeções. A aquisição dessa sabedoria leva tempo. Tempo só é realmente uma necessidade, mas não é uma condição suficiente para o desenvolvimento da sabedoria. Está aberto a novas experiências, auto-reflexão e determinação e constância é também pré-requisito para que a sabedoria apareça. Nem a abertura para experiências, nem a auto-reflexão e determinação se declinam com o passar dos anos. (Ardelt, 2000)

A aprendizagem durante a vida e a educação continuada são essenciais para as pessoas idosas que desejam se envolver nas mudanças do mundo. Nas idades mais avançadas, parece ser mais importante adquirir o conhecimento da sabedoria, já que é para sempre e universal. O conhecimento intelectual capacita idosos a se envolverem nos eventos do mundo, enquanto que a sabedoria relacionada com o conhecimento os ajuda a se preparar para a vida e até mesmo para os problemas que podem ocorrer na terceira idade. O conhecimento intelectual, se não for estimulado, tende a declinar com a idade, enquanto a sabedoria relacionada com o conhecimento é positiva e presente nessa etapa da vida. Antes de discutirmos, porém, se há presença de sabedoria na terceira idade e qual o valor desta, é necessário, então, observar e perceber as diferentes ópticas de vários autores e estudiosos sob a palavra sabedoria.

A origem da palavra sabedoria vem da Filosofia, que significa “amigo da sabedoria”. De acordo com Morin (2005), começamos mais tarde a fazer um certo mau uso do termo sabedoria, quando diz: “a palavra sabedoria desgastou-se. De modo mais amplo, a hegemonia do ativismo e da práxis no mundo contemporâneo eliminou qualquer idéia de sabedoria” (p. 48). O autor acredita que o mundo ocidental se afastou da sabedoria e que a usamos no sentido inadequado. Para ele, ter sabedoria requer prudência, temperança, comedimento e desprendimento. Acreditando que o nosso mundo ocidental está afastado de todos esses pré-requisitos, Morin assinala que não estamos empregando o vocábulo sabedoria corretamente.

Falar de sabedoria, para Morin (2005), implica entender primeiramente a idéia de *homo sapiens-demens*. Se nos referirmos ao homem como *homo sapiens*, estamos nos referindo somente aos termos razão e sabedoria, excluindo, assim, a afetividade. O autor relata que “se define o homo unicamente como sapiens oculta-se dele a afetividade, disjuntando-a da razão inteligente” (p. 52). O termo *sapiens* vai ocultar a afetividade e separá-la da razão. E como isso pode acontecer, já que “a multiplicidade da afetividade contribui para o desenvolvimento da inteligência” (p. 53)?

A expressão *homo demens* se refere a uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos e mudanças brutais de humor. “*Homo sapiens* é igualmente *homo demens*. Se pudéssemos dizer: somos 50% *sapiens* e 50% *demens*, com uma fronteira nítida entre os dois” (Morin, 2005, p. 53). É como se defendesse a idéia de que não somos completamente racionais e nem completamente afetivos; no entanto, somos um pouco de cada. Morin deixa claro, então, que razão e sabedoria caminham juntos; está separado, então, da afetividade, como se a sabedoria fosse apenas o lado do intelecto (diferentemente da Bíblia, onde o dom da ciência é diferenciado do dom da sabedoria).

Mais tarde Morin (2005) relata que a sabedoria se constitui da aceitação da consumação, da poesia, do dispêndio, do desperdício e da loucura na vida. Ele relata que a sabedoria está na auto-ética, evitando-se ceder “as pulsões vingativas e maldosas. Na auto-ética e principalmente no plano elementar da recusa das idéias de vingança e punição, é onde se situa o centro da sabedoria” (p. 62). Para ele, é como se a sabedoria fosse o nosso ponto de equilíbrio. E é nessa auto-ética, que começamos a nos separar do mundo oriental, onde sabem se distanciar de si mesmo, aceitar-se e

objetivar-se. Para o autor, o mundo oriental é fonte de sabedoria, citando como práticas que levam o maior conhecimento de si, com ensinamentos sobre o desapego, a compreensão e o dispêndio. Ele cita a meditação e o budismo. “Mais uma vez para mim, a linha de força de uma sabedoria moderna consistiria na compreensão” (p. 64). A sabedoria, para o autor, reside no esforço da compreensão e não na condenação; residindo, também, na auto-reflexão, no auto-exame e na autocrítica.

A sabedoria deve saber que contém em si uma contradição; é inteiramente loucura viver muito sabiamente. Devemos reconhecer que na loucura, que é o amor, há a sabedoria do amor. No amor da sabedoria ou da filosofia, falta amor. O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que ele contém. (Morin, 2005, pp. 66-67).

Já para Josso (2004), sabedoria é uma forma de caminhar para si, “é por isso que considero que a intenção de caminhar conscientemente para si é um processo-projeto que só termina no fim da vida” (p. 83). Essa sabedoria inclui um saber-fazer, um saber-pensar e um saber aprender consigo, construída por uma articulação significativa. Para a autora o conceito de sabedoria

(...) emerge da análise e da compreensão dos percursos da vida de seres comuns que tentam viver uma existencialidade plena e inteira, numa alteridade solidária olhando, com toda lucidez que lhes é possível, as turbulências da condição humana e as fragilidades do seu ser-no-mundo (p. 101).

Ser sábio significa então, com base na reflexão de Josso, percorrer o caminho sobre a sua própria vida e refletir lucidamente sobre esse percurso. A análise deste ato, provavelmente, levaria um ser comum a tornar-se um ser sábio. A sua própria história de vida, no ponto de vista de Josso (2004), revela sabedoria. E a sua história de vida é conseqüentemente o resultado de experiências acumuladas. Reflexão sobre o caminhar para si e a procura da arte de viver com lucidez, é para Josso, uma busca pela sabedoria de vida.

O lucro desse conhecimento de si não é somente de compreender como nós somos formados no decorrer de nossa vida através de um conjunto de experiências, mais ainda de tomar consciência que este reconhecimento de nós mesmos como sujeitos, mais ou menos ativos ou passivos segundo as circunstâncias, permite doravante considerar seu percurso de vida, seus

investimentos, seus objetivos sobre a base de uma auto-orientação possível que articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, a quem pertencemos, o que valorizamos, nossos desejos, e nosso imaginário das oportunidades sócio-culturais que sabemos agarrar, criar e explorar, para que nasça um ser que aprende a identificar e combinar as sujeições e as margens de liberdade. *Transformar sua vida sócio-culturalmente programada em uma obra inédita em construção, estando guiada por um acréscimo de lucidez, tal é o objetivo central de transformação dos meios que a “Histoire de vie” oferece.* (Josso, 2001, p.103).

Sabedoria não está relacionada a seres extraordinários, capazes de saber tudo, seres que têm conhecimentos excepcionais sobre os mais variados assuntos. Analisando assim, estaríamos dando foco somente ao lado racional; uma parte da composição da sabedoria.

Tinha a impressão de que a sabedoria estava reservada a seres excepcionais que levavam uma vida de exceção, desviada do barulho e do furor do mundo e que esta perfeição na sua maneira de ser no mundo se obtinha por um efeito de graça. (Josso (2004, p. 107).

Descobre-se então, depois de uma análise dos seus atos, que a sabedoria está no princípio e não apenas no fim desse processo.

Tomei consciência do fato de que todos os seres comuns, procuram espontaneamente, com mais ou menos facilidades e recursos, mais cedo ou mais tarde, o caminho da sabedoria e isto antes mesmo de o saberem e o fazerem conscientemente. (Josso, 2004, p. 108).

Josso descobre pelo caminhar para si, que mesmo os seres comuns são capazes de possuir tal sabedoria. Descobre, também, que temos, como seres humanos, a necessidade da busca de saberes (saber-viver, saber-amar, saber-pensar, saber-formar-se...). A sabedoria deixa de ser, nas reflexões de Josso, uma utopia e passa a ser uma exigência para a própria existência:

(...) a sabedoria como busca de uma arte de viver individual e coletiva dentro de um meio humano e natural, cultivando uma convivência na qual a qualidade seria, sobretudo, um repensar essa busca dentro de uma perspectiva de menos sofrimentos, agressividade, arrogância e finalmente de menos ignorância. (Josso, 2001, p.101)

“Por que o meu saber me pareceu tão insuficiente diante de sua experiência de vida? O que ela buscava aprender com essa experiência, ao lado de jovens que poderiam ser seus filhos?” (Josso, 2004, p. 38). Sabedoria é dar sentido a minha própria experiência de vida. Se não consigo dar sentido àquilo que vivi, será apenas uma ação, sem significados, sem reflexão, e que não acrescentará em nada nas minhas outras experiências. Não se tornará, então, sabedoria. Saber é sentir, é dar sentido; essa reflexão é uma das formas de atenção consciente de si mesmo. Ser sábio não é acumular idades e/ou ações; ser sábio é saber dar significado àquilo que vivi. Sabedoria e experiência de vida caminham juntas.

Vem, em seguida, uma dimensão do “savoir-vivre” (saber-viver) individual que se exprime através de uma busca existencial “d’être-au-monde” (de ser no mundo) para se sentir, ao menos, bem consigo mesmo e com sua história. Considerando sobre o plano das instituições sociais, esta dimensão torna-se projeto antropológico sob a forma de uma busca da melhor condição ou de bem estar vital, coletivamente dividido. (Josso, 2001, p.101)

Para Duarte (2006) o saber também vem do sentido, da sensibilidade, do corpo. Para ele, “há um saber detido por nosso corpo, que permanece íntegro em si mesmo e irreduzível a simplificações e esquematizações cerebrais. O corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais” (p. 126). Mesmo então, com antigas idéias de que os neurônios desapareciam com a idade, para o autor a sabedoria é indestrutível.

Duarte (2006) acredita que há diferenças entre o saber e o conhecer, classificando e separando, então, a racionalidade da sensibilidade. Para o autor, o inteligível consiste em todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro por meio de signos lógicos e também racionais; incluindo-se nele, estão as palavras, os números e os símbolos. O sensível, o saber propriamente dito para ele é detido no corpo do ser humano e se manifesta em situações da vida, como no equilíbrio ao andar de bicicleta, na dança, na música, no passe preciso de um jogador de futebol.

Duarte (2006) acredita que a sabedoria está contida na pele, no próprio corpo. “Conhecer, então, é coisa apenas mental, intelectual, ao passo que o saber reside

também na carne, no organismo em sua totalidade, numa união de corpo e mente” (p. 127).

Para ele, existe relação muito direta entre o corpo e o saber, entre o saber e o sentir. Por isso, “manifesta-se o parentesco consangüíneo do saber com sabor: saber implica em saborear elementos do mundo e incorporá-los a nós (ou seja, trazê-los ao corpo, para que dele passem a fazer parte)” (p. 127). O autor acredita que quando tomamos uma decisão rápida, meio que impulsiva e pelo reflexo, o que entra em ação é a sabedoria, pois assim “transcende os limites do pensamento e seus caminhos simbólicos” (p. 127). Por isso, ele defende a idéia de que a sabedoria está relacionada com a intuição. É como se a sabedoria fosse a base do conhecimento intelectual, “a sabedoria contida na vida cotidiana, como a fonte de todo e qualquer conhecimento posterior, mais abstrato e mais elaborado” (p. 128). A sabedoria está contida na vida cotidiana e é fonte de todo e qualquer conhecimento posterior, mais abstrato e mais elaborado.

Somos, na verdade, um emaranhado de processos altamente organizados e interdependentes que manifestam maneiras próprias de sabedoria e de conhecimento em todos os níveis, desde a ordem das substâncias bioquímicas que carregam informações genéticas, nos cromossomas, até os mais específicos raciocínios de uma dada modalidade científica ou filosófica. (Duarte, 2006, p. 133).

Duarte (2006) relata que não há saber humano sem a participação ativa da sensibilidade, e de todos os nossos processos sensíveis. Afirma, também, preocupadamente, que hoje a educação somente ensina o lógico, o racional, não havendo mais a educação do sensível e o estímulo da sabedoria, existindo um espaço cada vez maior entre a razão e a sensibilidade. Fernando Pessoa (conforme citado por Duarte, 2006, p. 163) acredita que “sábio é aquele que monotoniza a vida, pois o menor incidente adquire então a faculdade de maravilhar”. Ambos, então, concordam com a noção de que sabedoria é a arte de saborear o mundo, sentir os acontecimentos e refletir sobre esse sentimento, independentemente do grau de formação deste ser que sente. Sabedoria, estesia (capacidade de perceber o belo) e sensibilidade são pertencentes de um mesmo grupo.

Rogers (1985) relata que o adulto psicologicamente maduro (para ele aquele que é sábio) utiliza também como ferramenta a sabedoria do seu próprio organismo.

É como se esse organismo desse um *feedback* (seja ele positivo ou negativo) sobre as atitudes que são tomadas. Assevera que esse processo é complexo, mas, quando o indivíduo está aberto às suas experiências, pode até cometer erros, mas que estes são corrigíveis, podendo haver ajustes ou revisões. Essa avaliação ocorre dentro de cada pessoa, sendo então, a própria experiência o guia desse *feedback*. De acordo com o autor, essa capacidade de receber informações do *feedback* é o que possibilita ao organismo continuar a ajustar o seu comportamento e reações com intuito de atingir o máximo de auto-aperfeiçoamento e sabedoria.

Tal como o bebê, também o adulto psicologicamente maduro confia na sabedoria de seu organismo e a utiliza, com a diferença de poder ser capaz de fazê-lo conscientemente. Ele se dá conta de que, se pode confiar totalmente em si, seus sentimentos e intuições poderão ser mais sábios que a sua mente, de que, como pessoa completa, pode ser mais sensível e exato do que com apenas os seus pensamentos. Daí, não ter medo de dizer: - Sinto que esta experiência (ou esta coisa, ou esta direção) é boa. Mais tarde, provavelmente saberei *por que* sinto que ela é boa. – Ele confia em sua totalidade de si próprio. (Rogers, 1985, p. 279)

Por outro lado, temos os estudiosos Takahashi & Overton (2002) que assinalam haver dois modelos de sabedoria: a analítica e a sintética. A primeira é considerada com base do conhecimento adquirido e suas razões abstratas. Já a sintética se faz presente na empatia, na regulação emocional e entendimento reflexivo.

A sabedoria analítica engloba as experiências como parte do processo, ou seja, a experiência adquirida será utilizada para atingir determinado objetivo. O foco é o instrumento, a adaptação, comportamento observado, o abstrato e o conhecimento. Explora o conteúdo do conhecimento específico em relação a vários processos de informação e objetivos práticos na vida (por exemplo, resolver problemas, fazer julgamentos) e é mais do que uma expressão, focada no instrumento (como resolverei um problema, o que será necessário utilizar para solucioná-lo). Aqui, estou me referindo a inteligência, conhecimentos adquiridos racionalmente ao longo da vida. Engloba a aprendizagem formal, o raciocínio rápido, suas leituras, sua capacidade de pensar abstratamente e sua maneira de ver o mundo. Levam-se em consideração seus estudos, as fontes de informações utilizadas durante o percurso da vida, sua formação e seus conhecimentos específicos. Defendendo o modo analítico como o único capaz

de gerar sabedoria, Kitchener & Brenner, (1990, p. 225) descrevem sabedoria como “a habilidade para raciocinar completamente com abstrações”.

Já a sabedoria sintética engloba experiência como parte integrada do processo total, como um todo. Composta da emoção, da forma de ver a vida, da compreensão de si e do outro, esse tipo de sabedoria se preocupa com a natureza da mente humana, incluindo ambos a mente contemporânea e o desenvolvimento das capacidades. O comportamento ou a ação é entendido como uma “expressão” do psicológico mais do que um instrumento para alcançar um objetivo; diferentemente da analítica.

O modo sintético está relacionado com a integração dos sistemas e as mudanças de transformações que temporariamente caracterizam essa integração. O modo analítico, a relação se dá por meio das várias mudanças nas diferenças individuais no processo psicológico que levam ao crescimento do conhecimento e à complexidade do processo de informação. A diferença dos dois modos, considerados contínuos, forma uma moldura para localizar as definições contemporâneas das teorias da sabedoria.

Muitos estudos encontram, a noção de que os mais velhos, mais do que os novos demonstram níveis altos de ambas as habilidades analíticas e sintéticas. Isto é, dos mais idosos, sem relatar sua cultura anterior, é mais esperado quem exibam um nível elevado de sabedoria mais do que as pessoas da meia idade. Mais ainda, as funções sintéticas da sabedoria são mais esperadas em demonstrar uma relação significativa com a satisfação da vida. Essa expectativa é baseada no *link* entre o modo sintético da sabedoria e a autodescoberta; processo mental expansivo exemplificado pelo senso da apreciação existencial pela vida.

Nos tempos atuais, a sabedoria é investigada como primeiramente uma habilidade analítica e sintética. Por essa perspectiva, é discutido a idéia de que sabedoria é melhor compreendida como uma construção inclusiva dos dois modos. Essa aproximação inclusiva lembra muito a cultura tradicional do Oriente, como os ensinamentos do Budismo e Taoísmo que rejeitam cada noção de separação conceitual e com isso incorporam o expressivo e o instrumental. Este estudo investigará, pois, a relação entre essas duas aproximações e examinará a relevância dessa relação na terceira idade. Aqui, sabedoria será considerada como dois

momentos ou modos do mesmo processo. Ambos o sintético e o analítico são significantes em relação à satisfação de vida.

A sabedoria é, então, melhor entendida como uma elaboração psicológica multidimensional de duas experiências: a analítica e a sintética. Percebe-se que esses tipos de sabedoria aparecem mais tarde na vida e que continuam a se desenvolver bem na fase adulta até a terceira idade (Takahashi & Overton, 2002). Um ser sábio não consegue ter um lado desenvolvido e o outro não; assim sendo, não seria sábio. A união desses dois tipos diferentes de classificar a sabedoria precisa estar equilibradas. O analítico e o sintético fazendo parte de um mesmo ser. Essa combinação de reflexão, cognição e qualidades afetivas pode ser considerada uma das características básicas da sabedoria, em que razão e sensibilidade fazem parte de um mesmo processo.

Adquirir mais e mais informação não é a mesma coisa que cultivar a sabedoria. A solução não é colocar os mais velhos diante de novas informações. Ao invés disso, terceira idade deve ser os períodos da vida que vai à direção oposta, reduz a quantidade e a complexidade da informação em favor do que é mais profundo e mais essencial. Ao invés de encorajar os mais velhos a se tornarem aptos nas informações supérfluas, nós deveríamos encorajá-los a um estilo complementar da vida baseada no poder da idade e da experiência. (Ardelt, 2000, p. 773).

A sabedoria relacionada ao conhecimento, de acordo com Ardel (2000), é qualitativa e consiste na redescoberta do significado das velhas verdades; um processo de desenvolvimento do conhecimento interpretativo que leva a uma profunda compreensão. Isso tem significado relevante, principalmente para oportunidades perdidas, problemas não resolvidos e no declínio das possibilidades. Entender essa verdade mais profundamente pode ser a busca pelo objetivo da vida. À pergunta como “Será que devo fazer certas coisas?”, só a sabedoria pode dar a resposta. A idade mais avançada dá à pessoa o luxo de buscar o objetivo correto mediante a sabedoria.

A sabedoria, para Ardel (2000), é para sempre independente dos avanços, descobertas e flutuações políticas e históricas. Ela não se torna ultrapassada, porque seu significado transcende o tempo e o espaço. Ela engloba um conhecimento prático de como viver uma vida boa e plena, buscando sempre a arte do saber-viver. Não é

específica, mas penetra todos os aspectos da vida. É holística, ilimitada, universal e compreensivas. Sendo assim, não pode ficar ultrapassada.

O desenvolvimento da sabedoria é dado pela aceitação dos limites de conhecimento do ser humano. As pessoas sábias estão atentas e sabem que há mais caminhos para se olhar o fenômeno e eventos do que podemos saber. Elas têm a tendência a duvidar sobre as crenças, valores, conhecimento e informação, porque sabem que pode não haver necessariamente uma resposta correta, e uma verdade mais profunda pode também existir. Na sabedoria, há redução desse autocentrismo, individualismo, e o pensamento reflexivo, o que transcende o negativo e projeções, tendendo a se preocupar com o coletivo, problemas universais, mais do que o bem-estar individual.

A sabedoria capacita os mais velhos a entender os limites da vida, incluindo o declínio físico e a morte. Uma pessoa mais velha e sábia tende a ser satisfeita com suas vidas, independentemente das circunstâncias e obstáculos que eles encontram. “Ninguém pode ter sabedoria sem ser sábio. Se quisermos a vida para ser entendida o caminho é em outra direção. A descoberta é o começo da sabedoria”. (Moody, conforme citado por Ardelt, 2000, p. 781).

A sabedoria é obtida por via das experiências pessoais, da auto-reflexão, do atentamento próprio e da transcendência da subjetividade e projeções. A aquisição dessa sabedoria leva tempo. Tempo é realmente uma necessidade, mas não é uma condição suficiente para o desenvolvimento da sabedoria. Está aberto a novas experiências, auto-reflexão, determinação e constância são também pré-requisitos para que a sabedoria apareça. Nem a abertura para experiências, nem a auto-reflexão e determinação declinam com a idade. Elas são aspectos relevantes nas personalidades, e não estão propriamente relacionadas com a idade cronológica.

Sabidamente, Kekes (1983) escreveu que “um homem pode ser velho e tolo, mas o homem sábio é mais possível de ser velho, simplesmente porque crescimento leva tempo”. (Kekes, 1983, p. 286). A sabedoria pode até não depender da idade cronológica, como foi discutido, no entanto, se um adulto jovem é sábio, ele pode ser considerado “um velho”, já que os pré-requisitos da sabedoria incluem a experiência de vida. Sabedoria e tempo estão associados e interligados.

Sabedoria é, então, escolher ou não uma oportunidade que surge a cada minuto de nossas vidas. É um ato consciente, de atenção plena àquilo que se vive em determinado momento. É saber que decisão tomar, usando como ferramenta a própria experiência de vida. É ter plenitude em uma ação, em um comportamento ou em uma atitude interior. É ter consciência de que a vida não é perfeita, assim, como ninguém é. É ter atenção consciente dos mínimos gestos. É a auto-observação e o ato de conhecer-se. É uma teia de experiências de vida juntas e é a busca pela significação em toda e qualquer aprendizagem.

Defendo aqui a idéia de que a sabedoria é a união da razão e da sensibilidade, do analítico e do sintético, do equilíbrio emocional e do entendimento da imperfeição, da história de vida e das experiências, da intuição e da reflexão, da personalidade e do ambiente, do tempo e da idade. E assim, com todos esses ingredientes, podemos ter o prazer de desfrutar do sabor dessa sabedoria.

1.2 Experiência de vida

“No plano humano esse agir e reagir ganha sua mais larga amplitude, chegando não só à escolha, à preferência, à seleção, possíveis no plano puramente biológico, como ainda à reflexão, ao conhecimento e à reconstrução da experiência. Experiência é, portanto, alguma coisa que se oponha à natureza, - pela qual se experimente, ou se prove a natureza. Experiência é uma fase da natureza, é uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados” (Dewey).

A experiência de vida reflexiva, ou seja, quando sentimos e refletimos sobre ela, torna-se educativa e inteligente, alargando e engrandecendo os novos conhecimentos. O ato de pensar participa desse processo, dando maior significação à vida. “A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas”. (Dewey, 1978, p. 17). Caso não haja essa reflexão, a ação deixa de apresentar significados, deixa de ser consciente, ou seja, ela não se torna “experiência”, e sim, somente uma ação. Dewey (1971) garante que uma ação somente se torna uma experiência quando ela pode encaminhar a outra experiência e que somente há educação mediante práticas vividas inteligentemente. Precisa, então, haver essa percepção, essa reflexão sobre essas práticas para que se tornem significativas.

Como levar um aprendente idoso a refletir sobre suas experiências? Somente se houver liberdade nesse contexto de aprendizagem para que suas experiências façam parte desse processo de ensino-aprendizagem. É escutando o relato das suas experiências, mediante sua história de vida, que o próprio aprendente consegue dar significado a tudo aquilo que vive e que viveu (Josso, 2004). E esse processo somente pode ocorrer dentro de uma educação que Touraine (1999) chama de escola da comunicação, que estimula o aprendente a relatar e a pensar sobre sua subjetivação. “Seja na infância, a idade adulta, seja a velhice – todas participam ou podem participar do caráter educativo de suas experiências”. (Dewey, 1971, p. 18).

A experiência humana é um acúmulo de tudo aquilo que já se vivenciou, aprendeu, amou e/ou sofreu. E é o acúmulo dessas ações reflexivas que levará a aquisição de outras mais. Alguém com 80 anos, por exemplo, tem uma bagagem enorme dessas experiências, que possivelmente guiará ou direcionará suas experiências atuais. Estas é que vão definindo a vida, elas é que nos fazem agir ou pensar dessa ou desta maneira, formando assim o sujeito. E é com essa troca de experiências num contexto de aprendizagem que passamos a conhecer o outro e a também nos trans-formar.

Josso (2004) relata que tal formação se dá a conhecer em interação com outras subjetividades. Segundo Dewey (1971), é somente pela reconstrução da experiência que se define a educação. Assim, para haver a aprendizagem, precisa-se entrar em contato com o conhecimento, reorganizá-lo, associá-lo, avaliar e refletir sobre ele, para, somente depois, reconstruí-lo para a vida. Um idoso aprendente, muitas vezes com toda essa bagagem de experiência, somente conseguirá trans-formar sua vida ou reconstruí-la quando houver reflexão sobre tais experiências.

O professor sábio receberá o aprendente como uma experiência da sua vida profissional e reconhece que aprenderá tanto quanto ensinará, assim como deve ser qualquer ato educativo. É uma troca de saberes. “O professor é elemento essencial da situação em que o aluno aprende, e sua função é, precisamente, a de orientar, guiar e estimular a atividade através dos caminhos conquistados pelo saber e experiência do adulto”. (Dewey, 1971, p. 40).

O professor é o facilitador, o orientador, o animador da sala de aula, o que o motiva e que direciona a aprendizagem. Ele precisa ter uma visão diferente que

ultrapassa o acúmulo de conhecimentos e deve ter consciência da enorme quantidade de experiências que cada um de seus aprendentes vive e que é com base nelas que ele tira as lições e de onde aprende a viver. O professor é quem dá liberdade e voz aos aprendentes, permitindo que durante as aulas eles demonstrem o que trazem consigo em suas bagagens de experiências e as transformem em algo significativo.

Boas professoras, como boas parteiras, encorajam. As boas professoras encontram formas de motivar os seus alunos, pois elas sabem que a aprendizagem requer um envolvimento ativo entre o sujeito e o objeto... Elas sabem puxar e empurrar quando necessário - do mesmo jeito das parteiras. (Ayers, conforme citado por Cavalcante Jr., 2001, p. 41).

Professores sábios conseguem deixar emergir o conhecimento dos aprendentes, já experienciado por eles, fazendo com que brotem dentro da sala, e os direciona, permitindo uma reflexão daquilo que foi experienciado com aquilo que está sendo aprendido, surgindo, assim, uma aprendizagem significativa. “O aluno deve extrair de sua experiência presente tudo que nela houver para si nesse momento em que a tem.” (Dewey, 1971, p. 43). E “a educação para realizar seus fins, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, deve basear-se em experiência – que é sempre a experiência atual de vida de algum indivíduo”. (Dewey, 1971, p. 95).

Touraine (1999) ensina que na escola precisa haver a compreensão do outro na sua cultura, no seu esforço para ligar a identidade e a instrumentalidade numa concepção do sujeito. “Para estabelecer a comunicação, deve-se compreender os atores enquanto atores e estudar os seus atos de linguagem” (p. 335). Precisa-se dar liberdade e voz ao aprendente idoso para que suas experiências de vida sejam reveladas ao longo das aprendizagens, e é somente por seu intermédio que haverá possibilidade da aquisição de uma aprendizagem significativa. Tais experiências adquiridas ao longo da vida serão as pontes de ligação entre o aprendente e o aprendizado. Somente compreendendo o outro, e dando voz a ele é que darei liberdade às suas experiências de vida. A função da escola para Touraine, é formar os sujeitos para que se tornem livres e capazes de “encontrarem e preservarem a unidade de sua experiência através dos sobressaltos da vida e da força das pressões que exercem sobre eles”. (p. 339).

Segundo Josso (2004), uma experiência formadora é feita de uma aprendizagem que articula o saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo. E daí em diante, que o aprendiz começa a indagar a sua identidade e a refletir sobre a sua existencialidade. Para a autora, é necessário recordar o que viveu, relatar e pensar sobre a própria experiência, para que haja uma experiência formadora. O que foi vivido servirá de referência para o que ainda vai acontecer, servindo assim, como um guia ou uma orientadora de experiências. “São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma idéia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro” (Josso, 2004, p. 40). Experiência para Josso é um conceito central das histórias de vida e do trabalho sobre essas histórias.

No entendimento de Josso (2004), assim como para Dewey (1971), a experiência acontece após um acontecimento, ou uma situação que passou,

mas uma atividade qualquer é também experiência desde que o sujeito se conceda os meios de observar, no decorrer da atividade, o que se passa e reflita sobre o que esta observação lhe traz como informação sobre a atividade empreendida. Em outras palavras, uma experiência é uma ação refletida a priori ou a posteriori. (Josso, 2004, p. 143).

Rogers (1985) assevera que a experiência é responsável por nossas escolhas, pelas coisas que valorizamos ou não; elas é que possibilitam traçar nosso caminho, onde a sabedoria fisiológica do corpo orienta os movimentos de comportamento, resultando nas escolhas e nos valores. O autor defende a idéia de que existe uma conexão entre o que já vivemos com o que estamos prestes a viver. Esse *link* possibilita descobrirmos do que gostamos, o que sentimos, como nos vemos; levando então, a um autoconhecimento, que as experiências podem nos proporcionar.

É dentro da sua própria experiência que o seu organismo está dizendo, em termos não verbais: “Isto é bom para mim”, “Isto é mau para mim”, “Gosto disso”, “Detesto isso”. Ele riria de nossa preocupação com valores, se pudesse entendê-la. Como pode alguém não saber do que gosta ou não gosta, do que é bom ou não para si? (Rogers, 1985, p. 273)

Necessário então é um contexto de aprendizagem capaz de estimular e ressignificar cada experiência acumulada; um ambiente, assim motivador, tanto para recapturar o que há dentro dessa bagagem, assim como para construir tantas outras. “O capital de experiências que esses adultos trazem com eles obriga, de uma maneira ou de outra, a reconsiderar, senão os objetivos da formação, aos menos as pedagogias” (Josso, 2004, p. 144).

Conhecimentos adquiridos sem esse pensamento, não farão sentido e nem darão significados aos aprendentes de terceira idade. Depois de tantos anos, quando voltam a um contexto de aprendizagem, eles não irão buscar acúmulo de conhecimentos, de técnicas de memorização; aprender nessa idade deverá ser algo com muita significação. Eles buscam nada mais do que educação e vida, socialização e motivação, conhecimentos e aprendizagem significativa.

1.3 Aprendizagem significativa

“O autoconhecimento é o começo da sabedoria, em
cuja tranquilidade e silêncio se encontra o
imensurável”. (Krishnamurti)

A aprendizagem significativa ocorre quando há uma relação do que já se experienciou na vida com o que se está aprendendo no momento presente. Ocorre quando há significado e sentido para o que se está aprendendo. É um meio de encaminhar um fim. É uma relação entre o abstrato e o concreto, entre a teoria e a prática, entre o que é importante para a vida ou não. Cavalcante Jr. (2001, p. 94) relata que, de acordo com Rogers (1992), a aprendizagem, particularmente quando é significativa, é algo extremamente ameaçador, pois constitui uma ameaça ao próprio eu (*self*) do aluno, ao implicar todos os conceitos com os quais esse eu está até então identificado, cujo aluno se implica mais evidentemente com os conteúdos aprendidos, ressignificando seu sistema de valores. É um processo de subjetivação (Touraine, 1999), no qual a educação forma e reforça a liberdade do sujeito pessoal. Puente (1978, p. 25) assegura que a aprendizagem significativa é aquela realizada na experiência, ou melhor, com base na própria experiência.

Para Dewey (1971), a escola tradicional não se interessa pela experiência de vida do aprendente, e conseqüentemente pela aprendizagem significativa, tornando necessário para esse tipo de escola somente o conhecimento aprendido em sala de aula. O aprendente não tem voz. Ele vai para a escola para ouvir, adquirir conhecimentos nos livros e nas palavras da professora e, no final do ano, terá que mostrar nos exames o que foi ensinado em sala e o que realmente restou aprendido. “Exigir fórmulas exatas é inibir a experiência pessoal.” (Puente, 1978, p. 50). Caso essa aprendizagem não demonstre evolução, o aprendente é levado a repetir o ano, independentemente dos eventos que levarão a essa reprovação. “Na educação tradicional, vida e experiência não encontram espaço no processo de aprendizagem do aluno na sala”. (Cavalcante Jr., 2003, p. 71).

Rogers (1961) também critica essa educação tradicional, relacionada a conteúdos, memorização de assuntos, aos conhecimentos específicos; desvinculados da vida, do saber e das experiências. O autor relembra sua história de vida e sua educação formal: “Quando considero os resultados do meu ensino passado, a conclusão real parece ser a mesma- ou foi prejudicial ou nada de significativo ocorreu. Isto é francamente aflitivo” (1961, p. 249). Parece que nada ficou, nenhuma experiência lhe foi acrescentada. Educação e vida são assim desvinculadas, conseqüentemente formam (no sentido de “dar forma a algo” – Dicionário Aurélio, 1988, p.242) indivíduos conhecedores no lugar de sábios; indivíduos estes que podem até alcançar notas máximas nos testes da escola, mas não nos testes da vida. A aprendizagem significativa defendida por Carl Rogers (1961) transforma, vai além dessa modelagem, mas fornece mudanças de comportamentos, atitudes, opiniões, fornecendo meios que estimulem o aprendente a ir além de respostas decoradas, mas alguém capaz de pensar, de refletir e de “tornar-se mais na pessoa que gostaria de ser”. (p. 253)

Josso (2004) também acredita que a aprendizagem significativa e experiencial é um meio poderoso de análise e integração do saber-fazer e dos conhecimentos, afirmando que o domínio dessa aprendizagem pode se tornar um suporte eficaz de transformações. Josso acredita na integração do saber-fazer com a aquisição do conhecimento, e que é esse saber-fazer que vai indicar os caminhos para que o aprendente oriente as próprias aprendizagens e sua formação. Para a autora a

aprendizagem somente pode ser alcançada depois de se ter feito uma reflexão sobre os seus processos de conhecimento e de formação, levando a uma reflexão sobre sua aprendizagem intelectual.

Se aprender a aprender parece ter-se tornado educação primária e secundária, não parece evidente para todos que aprender a aprender é estar consciente do que se faz para aprender a fim de poder melhorar as suas competências na gestão da sua aprendizagem e de autofacilitar a tarefa nas novas aprendizagens (Josso, 2004, p. 142).

A aprendizagem só é significativa, para Josso, quando simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer e sentimentos que caracterizam a nossa subjetividade e identidades, que transformam o nosso modo de agir, de ver as coisas e que orientam o nosso caminhar pela vida. “Ter experiência é viver situações e acontecimentos durante a vida que se tornaram significativos”. (Josso, 2004, p. 51). Só ocorre transformação, para Josso, quando se presta atenção no que se passa em nós. Essa atenção consciente sobre o que fazemos é o que dá significação à aprendizagem. Aprender não é apenas memorizar, acumular conhecimentos, e saber-fazer, “mas implica tempo e um trabalho sobre si para mobilizar os recursos indispensáveis a toda e qualquer aprendizagem” (p. 79).

Josso (2004) relata ainda que só se saberá haver impacto de uma situação qualquer e educativa em particular, quando esta constituir aprendizagem significativa por meio de uma prática que se reflete e é refletida em ações e que é orientada por uma intenção. A aprendizagem precisa, então, dessa forma, fazer sentido, ter objetivo e lógica para o aprendente. Assim como Rogers (1961) e Dewey (1971), Josso (2004) acredita que somente aprendemos aquilo que faz sentido para nós e aquilo que nos motiva. “Nesta aprendizagem de vida, sob todos os seus aspectos, utilizamos fragmentos mais ou menos elaborados e complexos da nossa herança sócio-antropológica” (p. 156). Se usamos tais experiências durante o caminhar pela vida, é porque as mesmas tiveram significações para nós anteriormente, e por isso se transformaram em experiências e hoje podem nos guiar para um futuro mais digno.

Acredito na aprendizagem significativa quando ela é sentida pelo o sujeito aprendente; sentida pelos os órgãos dos sentidos; por trazer significados; sentida por equilibrar o conhecimento, o lado racional com o afetivo. Que significado esse

conhecimento traz para mim? O que ele afeta na minha vida? Como o usarei com o passar do tempo? Como ele foi sentido por mim e captado através dos meus órgãos dos sentidos? Que relevância o professor deu a esse conhecimento?

Aprendemos significativamente quando temos interesse e motivação sobre um determinado assunto. Aprendemos porque aquele conteúdo, aquela aprendizagem ou conhecimento é importante para mim; posso trazê-lo para a minha vida e sei que ele vai ser útil. Não aprendo e somente memorizo quando o conhecimento está desvinculado da minha vida; quando sei que nunca o usarei, quando não o escolho para fazer parte de mim. “O ser humano vivo possui, de início, uma perspectiva clara de valores. Ele prefere algumas coisas e experiências e rejeita outras”. (Rogers, 1985, p.272). O aprendente com sua própria liberdade também decide o que quer experienciar em um contexto de aprendizagem, mesmo que inconsciente. Os idosos aprendentes, ainda mais do que os mais novos, pelo fato de possuir em mais liberdade e maturidade, definem por escolhas o que querem aprender. E esse aprendizado, quando desejado e associado às suas experiências de vida, seguirá para o resto de suas vidas. Isso é o que chamamos de aprendizagem significativa.

Duarte (2006) fala da importância do sentir na aprendizagem. O aprender reflexivo e significativo somente terá resultados na vida do aprendente se este for sentido. O autor acredita que algo com sentido é algo que tenha significado para uma pessoa, e por isso, relata e implora por uma educação atual mais voltada para o sentir, defende a idéia de que o sujeito aprendente será trans-formado com essa nova educação.

Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará por certo, tornado mais abrangente e sutil a atuação de mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana. (Duarte, 2006, p. 171).

Para ele, a relação entre o sentido e a significação é consideravelmente forte, onde uma não pode existir sem a outra. O mesmo relata que “o sentir manifesta-se, pois como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente ser com significação”. (Duarte, 2006, p. 230).

Esse mundo vivido pela sensibilidade vai fazendo sentido, ou seja, traz significados à vida e proporciona mais experiências e aprendizagens significativas. Aos seres humanos cabe estar abertos e preparados para encontrar o sentido nas coisas que vivenciam e nas que aprendem. Esse conjunto de significados apreendidos em uma aprendizagem significativa (ou seja, buscar sentido na própria aprendizagem) levará a uma formação de uma teia de experiências importantes para a formação do ser e da sua subjetividade.

Voltando a Rogers (1961), um dos pioneiros a usar a expressão aprendizagem significativa, ele relata que a aprendizagem está vinculada à vida, às experiências e que ocorrem quando há esclarecimento de dúvidas, dos seus próprios enigmas, quando há trans-formação no ser e quando se conhece melhor a sua experiência. Com base nessa aprendizagem, o autor defende a idéia de que a pessoa começa a ver-se de forma diferente e a aceitar a si, tornando-se mais confiante, flexível, menos rígida em suas percepções e mais madura. Dessa forma, o aprendente aceita mais os outros e usa idéias e experiências próprias.

Por aprendizagem significativa, entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a uma aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (p.253)

Para haver uma aprendizagem significativa, Rogers (1961) acredita que certas condições reunidas precisam estar presentes para que esse fenômeno ocorra. Primeiramente, o desejo indefinido e ambivalente de aprender deve ocorrer. O autor relata que esse desejo ocorre quando nos deparamos com dificuldades e dúvidas no decorrer da vida. Essa dificuldade estimula a vontade de aprender, descobrir soluções, ir em busca de tais respostas. Por que preciso aprender? O que esse aprendizado traz para mim? Respostas para tais perguntas fazem com que o aprendente vá à procura da aprendizagem.

Ele, como pessoa, é valorizado em sua individualidade e exclusividade. É quando ele sente e se dá conta de que é apreciado como pessoa que pode, lentamente, começar a valorizar os diferentes aspectos de si próprio. Mais importante, pode começar (com muita dificuldade, a

princípio) a sentir o que está acontecendo dentro dele, o que está sentindo, o que está experimentando, como está reagindo. Ele usa a sua vivência como uma indicação direta para a qual pode se voltar para formar conceptualizações exatas e como guia de comportamento. (Rogers, 1985, p. 277).

Há necessidade, também, de haver congruência entre o professor e o estudante. Entende-se como congruência uma unificação e a integridade do professor; ocorrendo quando este está pleno em suas ações e adequadamente consciente do que está a experimentar, havendo assim, uma aceitação de si próprio. Deve haver também uma preocupação calorosa do professor pelo aprendente, aceitando-o como pessoa independente, “permitindo-lhe experimentar os seus próprios sentimentos e descobrir o que a sua experiência significa”. (p.256).

Com empatia, congruência e aceitação, é esperado que o aprendente experimente ou aprenda algo, e é baseado nisso que ele vai descobrindo sentimentos de que até então não se tinha consciência. “Ele aprende a ser mais a sua experiência, a ser os seus sentimentos, tantos os sentimentos que considerava temíveis como os que qualificava como mais aceitáveis” (p.257). Cabe ao professor, então, criar um clima nas aulas que facilite a ocorrência de uma aprendizagem significativa. Rogers acredita que o professor não precise estimular o aprendente, já que a motivação deriva da sua vida, da própria experiência e das buscas por suas respostas.

Posso sugerir apenas uma prova que confirma este ponto de vista. Quando penso nos professores que facilitaram a minha própria aprendizagem, parece-me que cada um deles possuía essa qualidade de ser uma pessoa autêntica. Pergunto se a vossa memória não dirá o mesmo. Se assim for, talvez importe menos que o professor cumpra todo o programa estabelecido ou utilize os métodos audiovisuais mais apropriados; o que mais importa é que ele seja congruente, autêntico nas suas relações com os alunos (Rogers, 1961, p. 260)

Daí em diante, os aprendentes sentem que as coisas aprendidas serão usadas e assim úteis para o seu caminhar. Não as terão como guia, como única verdade, exigidas ou impostas; no entanto, serão recursos apreendidos, aprendidos e sentidos, sendo partes integradas as suas experiências; sendo assim, descobrirão como usá-las assim que houver necessidade, “de modo a enfrentar mais satisfatoriamente as provas da vida, da próxima vez que elas se lhe depararem” (Rogers, 1961, p. 263). Uma

escola antitradicional, vinculada às experiências da vida, que estimule a criatividade, que dê liberdade ao aprendente, que o respeite como pessoa, evitando obrigá-lo ao conformismo, levando-o a experimentar aprendizagens significativas, faz parte da proposta de Rogers (1961) quando defende a idéia de que o ensino precisa ser centrado no aluno.

Se dermos valor à independência, se nos sentirmos incomodados pela crescente conformidade dos conhecimentos, dos valores e das atitudes a que o nosso sistema conduz, então talvez queiramos estabelecer condições de aprendizagem que favoreçam a originalidade, a autonomia e o espírito de iniciativa na aquisição do saber (Rogers, 1961, p. 265).

E como um aprendente idoso nos arredores dos seus 80 anos poderá se encaixar em uma escola tradicional, onde a aprendizagem não é sentida e suas experiências de vidas são bloqueadas? Haveria motivação para permanecer em busca dessa aprendizagem formal dentro de uma escola tradicional? Como bloquear as experiências de vida dessas pessoas, se é com base nelas que buscam respostas para a aquisição dessa aprendizagem formal? Será esse tipo de escola adequada a alguém de terceira idade? “A aprendizagem significativa acontece quando o assunto é percebido pelo aluno como relevante para os seus propósitos, o que significa que o aluno aprende aquilo que percebe como importante para si” (Rogers, 1973, p. 382).

Touraine (1999) explica que:

Não é só da escola que se deve tratar aqui, pois o individuo não se torna sujeito apenas durante os seus anos de formação, mas *em cada instante da sua vida* [itálicos nossos]. É, portanto em todas as idades que ele precisa, mais ainda que de se reciclar profissionalmente, encontrar tempo e espaço necessários para retomar o controle da própria existência, *refletir sobre a sua experiência passada* [itálicos nossos], preparar as opções a tomar futuramente. Não somente as universidades mas também as próprias escolas secundárias e profissionais deveriam admitir alunos de *todas as faixas etárias* [itálicos nossos] e de qualquer condição social (p. 328).

Acredito que uma pessoa idosa volta à sala de aula em busca de realizações de sonhos, antigos ou recentes. O prazer que carregam consigo em estudar novamente é o que os diferencia de crianças e adolescentes, muitas vezes estudando, porque assim a sociedade os impõe. Obrigação para os mais novos, prazer e motivação para os mais

velhos; busca talvez até para respostas às perguntas encontradas pelo caminhar na vida. “Com efeito, impulso e desejo produzem conseqüências, que vão além deles próprios...” (Dewey, 1971, p. 66). Com essa ferramenta, a aprendizagem flui mais naturalmente. A escola tradicional impede esse processo natural de motivação, já a educação humanista aproveita tal ferramenta; “cria-se, assim, na sala de aula, um espaço para a expressão de experiências vividas.” (Cavalcante Jr., 2003, p. 71).

São os idosos de volta a um contexto de aprendizagem, em busca de recordar o que se viveram, associando com o que estão vivendo em um trabalho de rememoração, buscando ainda mais, novas formas de experienciar uma nova vida. “É como se dezenas de milhões de pessoas houvessem simultaneamente decidido efetuar arriscadas experiências de vida, utilizando os únicos materiais que se lhes encontram à mão – suas próprias vidas” (Yankelovich, 1981 citado em Rogers, 1985, p.270). Educação para os mais velhos deve oferecer a oportunidade para o trabalho autobiográfico e a revisão da vida para fazer lógica ao que se vive e conexão com o que já se viveu.

1.4. Sabedoria que supera o sofrimento

“A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional” (Carlos Drummond de Andrade).

O idoso sábio é aquele que reflete seu saber viver nas suas experiências de vida. Ele que aprende por meio dos sentimentos e significados; ele que age de forma refletida e pensada, não julga seus cabelos brancos, sua pele enrugada ou sua falta de rapidez. Ele se contenta com sua vida e que saboreia a arte de viver. Orgulhoso dos seus tantos anos de vida, olha para si e vê o mundo de possibilidades a sua volta. Percebe-se disposto a continuar seus passos, sem temer o futuro, mas valorizando ainda mais o presente.

Contém em si tanto o velho quanto o novo. Assim, quando descubro uma pintura ou uma pessoa, a minha experiência contém em si as aprendizagens que acumulei de encontros anteriores com pinturas ou pessoas, assim como o novo impacto deste encontro específico. Da mesma forma, o momento da experiência contém, para o adulto maduro, hipóteses a

respeito das conseqüências: -Sinto agora que gostaria de tomar um terceiro drinque, mas aprendizagens passadas indicam que poderei me arrepender, amanhã de manhã"- “Não é agradável expressar francamente meus sentimentos negativos para com essa pessoa, mas a experiência passada indica que, num relacionamento continuado, isso será mais útil, a longo prazo. – O passado e o futuro acham-se presentes neste momento e entram na valorização. (Rogers, 1985, p. 279)

O idoso sábio acorda com a vontade de criar, produzir, se reinventar. Procura se ocupar. Busca ser útil, atualizar-se e, além disso, procura ser feliz. São idosos sábios, que transformam suas vidas e as de quem estiver por perto. Isto não depende de classe social, de sexo ou de raça. São eles, os pobres ou ricos, brancos ou pretos, mulheres ou homens, com 60 ou 80 anos, que buscam a razão de continuar vivendo.

Aqui, há redução desse auto-centramento, individualismo, o que transcende o negativo e projeções. Tende a se preocupar com o coletivo, problemas universais, mais do que o bem-estar individual. Capacita aos mais velhos a entender os limites da vida, incluindo o declínio físico e a morte. Uma pessoa mais velha e mais sábia tende em ser satisfeita com sua vida, independente das circunstâncias e obstáculos que ele encontre... A sabedoria não se torna ultrapassada, porque seu significado transcende o tempo e o espaço. É um conhecimento prático de como viver uma vida boa (Ardelt, 2000, p.782).

É impossível perceber tamanha sabedoria em idosos desencantados com a vida, que não buscam a razão de viver, que não se aceitam, não descobrem o novo e o outro; que desistiram de aprender as coisas simples da vida; que não querem mais lembrar suas experiências ou somente se baseiam nelas para viver; e que buscam na doença o principal motivo de sua tristeza. E aqui, também, independentemente de classe social, da idade, da raça ou do sexo, são encontrados idosos que carregam o peso da idade nas costas.

Encontramos muitos deles nos livros de Gerontologia e Geriatria ultrapassados. Naquela época em que, com sessenta anos, a pessoa já era estigmatizada como inútil à sociedade. Dores refletidas no corpo e olhar que não refletia mais a alma. Sofredores, assim impostos pela sociedade.

O idoso sábio aprendente valoriza o seu tempo livre, a sua aposentadoria, e sabe que, se for preciso recomeçar uma vida nova, faz isso dia após dia. Ora, como definimos sabedoria? A união de experiências vividas, apreendidas de forma

significativa e ação. O idoso sábio, então, conhece suas experiências, as emprega no seu cotidiano; pois sabe que elas são norteadoras de um futuro ideal. E, além disso, ele age, colocando em prática suas idéias e desejos.

Os que assim agem consideram-se muito felizes. Não se apegam às memórias do que já passou; sentem-se no sábio direito de esquecer. E, também, não se preocupam com o futuro, pois uma vida plenamente e longamente vivida não precisa de planos, ela já é vida no momento presente. Estes idosos vivem o que na meditação denominamos de "mindfulness", uma mente plenamente presente ao momento atual, tranqüila e livre da corrente de preocupações ou pensamentos. Estes são considerados os sábios e não mais se deixam afligir por pensamentos ou emoções destrutivas. Como vivedores plenos, também aprenderam com os cantores, a oração do tempo, o Senhor de todos os destinos (Cavalcante Jr., 2006, p.2).

Quero te perguntar, meu idoso sábio, que idade daria a ti próprio. Quantos anos terias se não soubesses quantos anos tem? Tenho certeza de que muitas vezes, te esqueces da idade. Agora te permito fazer uma auto-reflexão sobre as tuas idades cronológica, biológica e psicológica. Sei que como és sábio, terás uma idade cronológica avançada, mas a psicológica anda tão nova, tão jovem, que chega a influenciar teu corpo, tua mente, diminuindo as tuas doenças, o teu mal-estar, as tuas incapacidades, deficiências e dificuldades. Como alguém portador de uma sabedoria inigualável, tu és um idoso orgulhoso do teu tempo vivido e, sem sofrer com isso, contas teus anos por meio das tuas experiências e sabes que há probabilidade de que quanto mais as tiveres, mais sábio ficarás, "... desvendando-se assim, nas suas buscas, os seus valores orientadores e, finalmente, no valor que dá à sua vida: valor que tem aqui o sentido de uma vida que vale a pena ser vivida" (Josso, 2004, p.178).

Como superar o sofrimento com a sabedoria? Como conciliar a idade, o número de anos vividos sem o sofrimento e com sabedoria?

São Bethânias, Caetanos e Cavalcantes que nos demonstram ao atingirem as suas melhores idades (por alguns denominada de velhice, terceira ou quarta idades ou alguma outra que desejarem) que a sabedoria dos mais velhos não é fruto de conteúdo acumulado, mas de uma longa experiência da vida e que, nesta fase, aprendem a valorizar mais plenamente todos os seus momentos, modificando o conceito de tempo que norteiam as suas vidas - passam a ter todo o tempo para o que gostam de fazer e lhes fazem sentido -, dedicam-se plenamente a uma só atividade por vez (Cavalcante Jr., 2006, p.02)

“Envelhece-se como viveu” (Ajuriaguerra citado por Lunke, 1996, p.02). São histórias de vidas diferenciadas. Aqui entra a responsabilidade de uma infância, adolescência e fase adultas equilibradas. Leva-se em consideração, também, a personalidade da pessoa em questão. Um adulto triste, depressivo, negativo, possivelmente não será um idoso otimista, que buscará sabedoria na arte de viver. As experiências vividas têm um grande potencial de influenciar a nossa velhice. Assim, temos o resultado do presente sendo o acúmulo de experiências vividas e o nosso futuro sendo construído com base no presente.

Gosto da definição que Rogers (1985) deu ao homem. É ele quem busca a sabedoria e as suas experiências de vida.

O homem é uma máquina complexa. Movemo-nos todos os dias no sentido de uma compreensão e um controle mais precisos desse mecanismo objetivo que chamamos de homem. Por outro lado, noutra dimensão significativa de sua existência, o homem é subjetivamente livre; sua escolha e responsabilidade pessoais explicam a forma de sua vida; ele é, de fato, o arquiteto de si próprio e uma parte verdadeiramente decisiva de sua existência é a descoberta de seu próprio engajamento significativo à vida, com todo o seu ser (p. 298).

É simplesmente ele o responsável pelo seu caminho. Ele que deve buscar a plenitude até o fim de seus dias, sabedor de que o sofrimento faz parte da estrada, mas que também sabe utilizar todos os dados de seu sistema nervoso, empregando-os na percepção e vivências; ele que vive o momento e aprende que esse é o viver mais saudável para todas as situações. É assim o sábio idoso que supera o sofrimento.

Capítulo 2

PERMITA-ME CONHECÊ-LO NO ATELIÊ DA SABEDORIA

“Nos olhos do jovem arde a chama. Nos olhos do velho brilha a luz.”

(Victor Hugo)

A presente pesquisa é do tipo etnográfica (André, 2000), centrada no sujeito idoso aprendente (Wolcott, 1999). Utilizou a abordagem experiencial (Josso, 2004 e Rogers, 1970) articulada com contos de vida. Ela visou a interpretar e descrever um fenômeno de subjetivação (Touraine, 1999), mediante de observações participativas de pessoas de terceira idade em um contexto natural de aprendizagem, observando as significações e os eventos significativos da aprendizagem nesta faixa etária.

Já que a etnografia é uma descrição e uma interpretação de um grupo ou sistema cultural ou social, me propus a examinar os padrões de comportamento observáveis e aprendidos do grupo, os costumes, assim como suas formas de viver, buscando verificar o papel da experiência de vida em um âmbito de ensino-aprendizagem, focando o olhar sobre a aprendizagem significativa e a sabedoria. “A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem” (Mattos, 2001, p.45). Concordando com Mattos (2001), Creswell (2007) defende a idéia de que a etnografia é uma estratégia de investigação que estuda um grupo cultural intacto em um ambiente natural durante um período prolongado, coletando primariamente dados observacionais; ela é flexível e surge em resposta às realidades vividas encontradas no ambiente de campo.

Com a palavra etnografia (*etno* significa raça, nação, povo e cultura; *grafia*, por sua vez, trás o sentido de escrita), chega-se a uma escrita da cultura, a qual revela o povo por inteiro, mediante de descrições densas das observações. Sendo um método qualitativo, que busca pela observação participante de campo o registro de suas experiências, a etnografia permite ao leitor participar e sentir o que está sendo

revelado pelas descrições detalhadas dessas observações. A metodologia qualitativa permite, ainda mais, observar, investigar e analisar os fenômenos da subjetividade humana, tais quais: a percepção, a intuição, os gestos, a fala, a linguagem e a relação humana vivenciados pelo grupo de terceira idade estudado.

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa... A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal... Isso também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar as interpretações pessoais, na análise de dados qualitativos (Creswell, 2007, pp.186-187).

A etnografia me permitiu fazer uma imersão na realidade pesquisada, possibilitando que eu observasse mais claramente e de forma bem mais aproximada o meu sujeito-colaborador. A minha óptica investigativa sobre eles fez com que eu respondesse aos objetivos propostos desta pesquisa e seus verdadeiros significados diante de uma realidade vivida e experienciada. Tendo como meta principal a exploração do contexto de aprendizagem, assim como o comportamento do sujeito-colaborador durante os encontros, busquei explicações para o fato da importância da sabedoria dos idosos nessa ambiência de aprendizagem.

O objetivo da pesquisa etnográfica é obter um quadro holístico do sujeito do estudo, com ênfase na descrição das experiências diárias das pessoas, observando e entrevistando-as, além de outras pessoas relevantes (Fraenkel e Wallen, 1990, conforme citado por Creswell, 2007, p. 203). O estudo etnográfico inclui entrevistas de profundidade e observação contínua e constante de uma situação por parte do participante (Jacob, 1987, conforme citado por Creswell, 2007, p. 203) e, na tentativa de capturar o quadro completo, revela como as pessoas descrevem e estruturam seu mundo (Fraenkel e Wallen, 1990, conforme citado por Creswell, 2007, p. 203).

As observações desta pesquisa foram, então, focadas na influência da experiência de vida, aprendizagem significativa e sabedoria durante o percurso de aprendizagem do sujeito-colaborador. Assim, a pesquisa etnográfica compreende “o

estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas” (Mattos, 2001, p. 43).

A pesquisa objetivou estabelecer relações entre as experiências de suas vidas e as experiências de aprendizagem. “Essa dinâmica de pesquisa não ordinária impulsiona esse período de eclosão das histórias de vida em formação, como práticas multiformes de ensaio de construção de sentido por meio de fatos temporais vividos pessoalmente” (Pineau, 2006, p. 333).

A abordagem experiencial descrita e defendida por Josso (2006), a qual utilizei durante essa pesquisa, intenciona significar o:

processo de caminhar na direção de si mesmo apresenta-se como um projeto. Um projeto, de escala de uma vida, no qual a atualização consciente passa em primeiro lugar pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, daquilo que pensamos, fazemos, valorizamos e daquilo que desejamos na nossa relação consigo mesmo, com os outros, e com o meio ambiente humano e natural (cf. Josso, 1991, pp. 19-22).

Josso (2006) considera que falar sobre si próprio pela abordagem História de Vida significa uma descoberta do auto-retrato, uma procura pela arte de viver e uma busca pela sabedoria. O ato de ouvir a própria história fez com que o narrador se compreendesse tendo assim maior domínio do seu percurso, maior entendimento pelas suas escolhas e maior clareza dessa construção de si e permitindo

(...) ao autor da narração ter consciência de suas atitudes e comportamentos caracterizando sua maneira de se posicionar na vida como sujeito e tendo idéias que conscientemente ou não, estruturam e programam seu posicionamento. Este projeto de conhecimento conduz ao seu objetivo último um projeto de *si auto-orientado*, exige tomadas de consciências inerentes à passagem de uma compreensão da formação do sujeito ao conhecimento das características de sua subjetividade presentes em sua obra (Josso, 2001, p. 104).

Essa análise por parte do pesquisador e auto-análise do lado dos idosos aprendentes permitiram avaliar o desvio entre saberes adquiridos com base nas experiências de vida diversas e as competências a adquirir ou a desenvolver e permitiram a eles a utilizá-las para dar sentido aos contextos de aprendizagem. Essa consciência ajudou-os a mudar a sua concepção de aprendizagem, favorecendo também os educadores que trabalham com terceira idade, pois terão maiores

conhecimentos de como relacionar as experiências de vida dos aprendentes com os assuntos abordados nos contextos de aprendizagem dessa pesquisa, ressignificando, assim, suas próprias experiências educativas. “O relato de vida aponta para a importância da expressão do vivido pelo desdobrar narrativo”, afirma Pineau (2006, p. 340).

“E por que não aprender a partir das experiências da própria vida?”, relata Warschauer (conforme citado por Josso, 2004, p.10). As narrativas permitiram descobrir, via reflexão, a essência da singularidade do sujeito idoso aprendente, as suas experiências de vida, a temporalidade, a aprendizagem, o conhecimento, suas competências, sua identidade, o seu caminhar e sua formação em busca de uma sabedoria de vida. “Ela indica, assim, um dos caminhos para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (Josso, 2004, p. 41).

Esse trabalho permitiu, não somente ao sujeito-colaborador, um repensar sobre a sua história de vida, sobre suas aprendizagens, observando o poder da sabedoria dentro do seu viver, como me permitiu como pesquisadora, fazer uma auto-análise de prática pedagógica, assim como da minha vida. “O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo” (Creswell, 2007, p. 187).

Essa visão ampla e integrada do papel da aprendizagem significativa dentro de um percurso de vida permitiu ao educador, assim como ao aprendente e a mim como pesquisadora, percebermos tamanha importância e vínculo desta com a sabedoria. Observações como estas facilitaram a percepção do papel de uma aprendizagem significativa dentro de um percurso de vida.

A presente pesquisa etnográfica teve o propósito de analisar as narrativas das histórias de vida de um grupo de idosos aprendentes de faixa etária entre 60 e 83 anos, assim como observações participativas das suas aprendizagens. O foco recaiu sobre a experiência de vida e sabedoria nesse contexto, como recurso de apreensão de uma aprendizagem significativa. A descoberta do sabor que tem a aprendizagem significativa na terceira idade norteou essa pesquisa.

É a favor do trabalho sobre os processos de aprendizagem que se organizam as condições de possibilidade do surgimento de um sujeito co-responsável de sua formação, concebido como

um sistema de interações. Pois, neste trabalho, o momento decisivo é aquele da tomada de consciência que encontramos em toda experiência, compreendido nas experiências educativas formais. Só existe este momento de formação se o “*eu*” for engajado conscientemente com suas qualidades de ser psicossomático e com suas qualidades específicas de aprendiz (Josso, 2001, p.108).

O presente estudo não apresentou nenhum tipo de risco aos sujeitos colaboradores, que participaram do estudo por adesão voluntária, podendo dele se desligar a qualquer momento, de forma que a pessoa não fosse coagida à participação. Desta forma, todos os *princípios éticos* foram respeitados. Por ser intrusiva, a pesquisa etnográfica invade a vida do sujeito-colaborador e informações confidenciais podem ser reveladas; por isso, então, esta pesquisa necessitou proteger o anonimato das pessoas envolvidas. Nomes fictícios foram utilizados para a preservação de suas identidades. Sendo assim, foram utilizados codinomes para pessoas ou locais a fim de proteger suas identidades. Somente após a sua autorização, prossegui com o estudo da forma como foi articulado. O sujeito-colaborador foi informado sobre todas as atividades de coleta de dados, as transcrições literais, interpretações escritas e relatórios.

E assim, fui ao encontro do meu sujeito-colaborador. Aquele mais idoso, marcadas no rosto as próprias experiências da vida. Pedi permissão para conhecê-lo, para o que precisei caminhar por um percurso dentro da sua história de vida. Pedi permissão para conhecer os caminhos por onde andou, o que aprendeu, o que ficou de mais significativo e quais as importâncias destes. Permissão esta, que ao ser dada, me fez fazer uma viagem ao longo dos tempos, ao largo das marcas dos seus rostos, no correr de suas memórias.

Encontrei nessa visita, momentos inesquecíveis, ocasiões alegres, mas também dolorosos. Foram pedras, ou nós (Josso, 2006, p.376), como algo que o narrador não desejava comentar, preferindo assim o silêncio da sua dor, ou o prazer da sua privacidade. Respeitei, assim, tais momentos e soube dar o tempo necessário para o retorno à nossa viagem. E, assim, o respeitei a fim de que ele mesmo pudesse decidir o que desejava partilhar e o que preferia guardar consigo.

Nesse trabalho interior de posicionamento que, por vezes, é dito no grupo em resposta às questões às quais o narrador não deseja responder, instaura-se um elo particular consigo mesmo que poderia ser chamado de *nó de cabestan* ou *nó de atracação* (Josso, 2006, p. 376).

E ao repensar sobre esses “nós”, estaria ele visitando, talvez, algo que precisava ser visitado, ocorrendo, assim, melhor análise e importância deste em sua vida. Revisitando a história de vida com o idoso, demande a origem da sabedoria, procurando saber de onde ela veio e quais são os instrumentos ou estratégias por eles utilizados para a realização de uma vida sábia. “Outra maneira de perceber este *aller à la rencontre de soi* (ir ao encontro de si) visa à descoberta e a compreensão que a viagem e viajante são um só” (Josso, 2001, p.103).

O objetivo dos encontros, utilizando a abordagem História de Vida, descrita e defendida por Josso (2006), abrange três aspectos:

Apresentar o conhecimento da formação de si através de suas próprias lembranças relativas a atividades, contextos e situações, encontros de pessoas significativas, acontecimentos sociais, culturais ou políticos. Lembrar-se de si mesmo em uma partilha no âmbito da oralidade com outros, assim como na diferenciação e identificação com as lembranças de outros. Revisitar o *conhecimento deste ser* através do que é dito na sua história considerada em seu movimento geral e suas dinâmicas, seus períodos, seus movimentos de desdobramento (processo de formação) a fim de resgatar as características identificadoras e projeções de si, as valorizações que orientaram as escolhas, os elementos de um auto-retrato que dão os contornos de uma personalidade. “Re-questionar” este conhecimento de si “espontaneamente” enunciado nesse trabalho sobre as semelhanças/diferenças que engendram a comparação com outras narrativas escritas (Josso, 2001, pp.106-107).

Por meio de um convite, ao que chamei de Ateliê da Sabedoria, convidei idosos aprendentes entre 60 e 83 anos, que tencionassem compartilhar suas histórias de vida. Seres idosos que quisessem adquirir um passaporte ao passado, ao presente, e quem sabe, até visualizar o tão almejado futuro; que pretendessem também compartilhar seus dias já vividos para que possamos, os mais jovens, aprender com suas experiências; que me permitissem saborear e extrair dos nossos encontros os seus pensamentos que tanto contribuíram e contribuem para se tornarem o que realmente são, e assim descobrirem sobre eles mesmos, sobre o seu ambiente humano e natural, buscando, assim, melhor compreensão de si e do outro (Josso, 2006). Idosos, estes, que motivarão os leitores desta pesquisa a trilhar um caminho para uma vida sábia.

O convite, de forma escrita e oral, foi feito dentro de ambientes de aprendizagens. De forma livre e de espontânea vontade, a adesão foi feita. Foram

escolhidos oito idosos aprendentes, daqueles que fizeram uma adesão voluntária, já que um número maior impossibilitaria uma visita significativa aos seus percursos de vida. Comecei a pesquisa com a presença de todos. Após o terceiro encontro, dois sujeitos colaboradores desistiram, sem justificativa. No mesmo encontro, recebi outro sujeito-colaborador que pediu para participar da pesquisa, ocupando assim a vaga de um deles. Recebi também uma visita inesperada de uma idosa aprendente que necessitava da minha presença em um dos encontros. Ela escolheu o Ateliê da Sabedoria para desabafar um episódio que desestimulou sua aprendizagem. Recebi-a de braços abertos. Foi um encontro muito significativo para a pesquisa, que será posteriormente descrito na Cena em questão. E no último dia, na nossa festinha recebemos um convidado especial de 98 anos para falar de suas experiências. Totalizamos nosso Ateliê com narrativas e contos de vida de dez pessoas. Enfatizei, porém, os sete sujeitos colaboradores que participaram de quase todos os dias do Ateliê.

O objetivo da pesquisa, então, é basear-se o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação que está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, de forma que os participantes possam construir o significado de uma situação, um significado tipicamente forjado em discussões ou interações com outras pessoas (Creswell, 2007, p. 26).

Confirmadas a presença dos inscritos e a autorização destes, foi apresentado por mim, de forma sucinta o Projeto de Pesquisa, assim como o seu desenrolar; assegurando o anonimato e o sigilo das informações obtidas por parte dos colaboradores. Foram explicados, também, a metodologia e os planejamentos dos encontros. Pedi permissão para gravar em um gravador de voz e fotografar o nosso Ateliê da Sabedoria.

Chamei de Ateliê da Sabedoria os nossos dez encontros, realizados em uma sala de aula no Easy to Learn – curso de idiomas ou dentro de um ambiente motivador, que propiciou estímulos para que os idosos mostrassem a mim e/ou aos outros colaboradores demonstrações das suas aprendizagens significativas.

É no curso desta caminhada, onde o presente é articulado ao passado e ao futuro, que se começa de fato a ser elaborado um projeto de si mesmo. Projeto esse orientado pelo percurso

de sua história com uma consciência ampliada de seus recursos e fragilidades, de seus valores e representações, de suas expectativas, de seus desejos e projetos (Josso, 2001, p.105).

Pensei em um ateliê como um lugar propício para criar e recriar; em um local, onde os artistas se encontram, debatem, discutem e agem; em um ambiente favorável ao estímulo de novas criações; e também, na arte produzida ali dentro, nas cores e nas telas disponíveis para a produção de algo que me motive a fazer; pensei nas idéias e reflexões que trazem dentro de si cada um desses artistas. Pensei, enfim em um ambiente prazeroso, calmo, onde o tempo é esquecido e assim saboreado.

O Ateliê biográfico proposto por Delory-Momberger (2006) serviu como inspiração para a seguinte pesquisa. O ateliê biográfico, parte das histórias de vidas traçadas e escritas durante todos os anos de vivência. Parte de uma reflexão sobre o viver, acerca do caminhar, sendo capaz de criar outras experiências mediante esse repensar a própria vida. Delory-Momberger (2006, p. 366) conceitua o ateliê como “construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao projeto de si”; local que liga as dimensões de temporalidade: passado, presente e futuro. Foi nessa linha de pensamento que desenhei um ateliê como um lugar propício para caminhar dentro das histórias de vida dos idosos aprendentes.

O ateliê como um local propício para a busca das narrativas de vida é um procedimento que possui a história de vida do sujeito, que “visa fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si” (Delory-Momberger 2006, p. 359).

Após ter participado de uma demonstração do Ateliê Biográfico dentro de uma disciplina do mestrado, com base nas idéias de Delory-Momberger (2006), pensei na possibilidade de desenvolver um Ateliê da Sabedoria dos idosos. Percebi, participando do ateliê, que eu sou autor e atriz da minha própria vida. Descobri momentos formadores dentro de mim por meio das minhas narrativas. Notei-me mais calada e emocionada nos momentos mais dolorosos e percebi-me motivada a voltar à sala de aula para poder continuar a minha reflexão, feita por minhas vivências. Como sigo a mesma linha de pensamento de Dewey (1971), acredito que repensar minhas vivências proporciona a construção de experiências. Sentia-me, dentro do Ateliê Biográfico, criado na disciplina do mestrado, mais experiente.

Pesquisava nesse momento o papel das experiências de vida e da aprendizagem significativa dos idosos dentro de uma ambiente de aprendizagem formal. Acreditando que o ato de repensar sobre as minhas experiências desenvolve outras experiências, acreditando que somente ocorre aprendizagem quando conectamos o conteúdo à nossa vida, cheguei à conclusão que um ateliê biográfico traria um grande avanço para a minha pesquisa. Necessitava conhecer as narrativas de vida dos idosos para poder compreender essas experiências e essas aprendizagens. Como professora, também necessitava dessa trans-form-ação (Cavalcante Jr., 2001) dos meus sujeito-colaboradores. Nascia, então, o Ateliê da Sabedoria.

Elaborar sua história de vida para liberar os materiais de uma compreensão daquilo que foi sua formação, depois trabalhar a significação desse material construindo uma história, sua história, constitui uma prática do sujeito de autorizar-se a pensar sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, dentro das aquisições ou marcas do passado como nas perspectivas das apostas do presente, entre essa memória revisitada e um futuro desde já atualizado induzido pela perspectiva do tempo. *Em uma palavra, é colocar em cena um sujeito que se autoriza a pensar a si mesmo em sua existencialidade.* (Josso, 2001, p.105).

Os colaboradores participaram de um grupo formado por meio da abordagem experiencial de contos de vida, quando puderam dialogar acerca das suas próprias narrativas, os quais foram utilizadas como objeto de linguagem, sendo transitórias e vivas, sempre presas ao presente, que se reconstrói a cada uma de suas enunciações e juntamente com ela, o sentido da história que anuncia (Delory-Momberger, 2006). A tarefa aqui foi de mostrar que há uma história, e que esta tem um sentido o qual já possui o seu lugar, sendo o meu dever durante os encontros de reencontrá-los “por trás ou sob, aquilo que o dissimula ou o impede de vir à tona” (Delory-Momberger, 2006, p.362), mostrando aos idosos colaboradores que o que dá forma ao vivido, a cor da tela são as narrativas que eles fazem de si.

Educação para os mais velhos deveriam oferecer a oportunidade para o trabalho autobiográfico e a revisão da vida para fazer lógica a suas vidas e conexão com o passado... Essa combinação de reflexão, cognitivo e qualidades afetivas pode ser considerada uma das características básicas da sabedoria (Ardelt, 2000, p.781).

A idéia de pesquisar as experiências de vida dos idosos vinha das aulas do mestrado. As leituras concomitantes dos textos de Delory-Momberger (2006) e Josso (2006) me faziam acreditar que a construção do Ateliê seria uma forma de reaver suas histórias de vida, o refletir sobre elas, buscar a origem da sabedoria e observar o papel da aprendizagem significativa. Foram os dez encontros com os meus oito sujeitos-colaboradores durante trinta horas que nos transformaram, possibilitando a construção de si. Extraímos do Ateliê da Sabedoria nossos momentos formadores, constituindo uma dinâmica que conectou o passado, o presente e o futuro.

Concordo com a autora, quando diz que as narrativas não são jamais fixas e acabadas; elas se modificam, se completam, se reconstroem a cada nova experiência. Elas precisam fazer e trazer o sentido para o que vivo hoje, para a minha formação, para mim no aqui e no agora. “Há uma história e que esta tem um sentido ... o sentido já possui o seu lugar e a tarefa da formação consiste em reencontrar, por trás ou sob, aquilo que o dissimula ou o impede de vir à tona” (Delory-Momberger, 2006, p.362).

Rogers (1961) e Delory-Momberger parecem ter se conhecido. Foram épocas distintas, mas ambos trabalham (de forma diferenciada) com histórias de vida. Rogers na terapia e Delory-Momberger no ateliê biográfico de formação. Ambos militam com a construção de si, ambos acreditam na congruência entre o passado, o presente e o futuro. Ambos crêem no crescimento humano, no ativismo, narrativas e experiências. Talvez usem nomes diferentes, Rogers nomeia como tendência formativa e tendência atualizante. Delory-Momberger como o projeto de si e *formabilité*. Rogers usava as terapias. Delory-Momberger usa o Ateliê Biográfico. E eu, influenciada por eles, emprego o Ateliê da Sabedoria para verificar tal transformação.

Vias se abrem, não porque o passado foi reconhecido como tal e por si mesmo, mas porque a dinâmica prospectiva induziu uma história de si, que não está fechada sobre si, mas que dá lugar ao que virá, deixando emergir potencialidades projetivas (Delory-Momberger, 2006, p.365).

Nossos ateliês não seguiram a mesma metodologia, apesar de terem sido guiados pelo mesmo objetivo: busca das narrativas para uma construção do sujeito. Em ambos, respeitamos um número pequeno de colaboradores, por ser mais

favorável. Também antecipei os temas que iam acontecer nos próximos encontros, no entanto no Ateliê da Sabedoria, busquei nos relatos a origem da sabedoria. Pincei também o que foi formador e o que permaneceu nas suas linguagens, nos seus discursos depois de tantos anos de vida. Como ouvinte e pesquisadora, não pude deixar de me transformar e de reviver meu caminhar e, assim, participei das narrativas.

No Ateliê biográfico, Delory-Momberger usa uma tríade do escriba, do ouvinte e do narrador. Há uma pessoa que narra, outra que ao ouvir faz pautas, pausas e perguntas, e a outra que escreve usando a primeira pessoa o que o narrador está falando. Talvez com um grupo de terceira idade, essa forma de trabalhar não seja a mais adequada. Temo que o papel de escriba seja mais complicado, assim como a questão de um tempo controlado.

No Ateliê da Sabedoria, as cadeiras foram colocadas em forma de “U”. Todos participavam e opinavam quando lhes fosse conveniente. Trabalhamos com a escrita, por meio de textos-sentidos (Cavalcante Jr., 2001) confeccionados por meio de um repensar suas experiências em casa. Compartilhávamos nossas idéias de forma oral no outro encontro. Fizemos atividades manuais que representassem o tema a ser discutido ou repensado. Pintamos, recortamos, criamos e desenhemos as nossas histórias de vida.

No Ateliê Biográfico, o objetivo é a busca da formação do sujeito, trabalhando com pessoas mais jovens e profissionais, visando dessa forma, a um futuro mais rico e consciente. No Ateliê da Sabedoria, o objetivo foi a busca dessa formação, ou seja, como foi feito esse processo ao longo de tantos anos de vida. Buscávamos momentos formadores nesse decorrer, experiências levaram a sabedoria; trabalhamos com pessoas idosas, com um passado mais largo. Ambos os ateliês, acredito, por intermédio de reflexões trouxeram uma nova forma de ver o futuro.

O Ateliê Biográfico é dividido em momentos; já o da Sabedoria foi dividido em temas. Não houve dentro do Ateliê da Sabedoria tais divisões de momentos, como informações sobre o procedimento, a elaboração, a negociação e a ratificação coletiva do contrato biográfico, a produção da primeira narrativa autobiográfica e sua socialização, a socialização da narrativa autobiográfica e o tempo de síntese com a apresentação e exploração do projeto de cada sujeito-colaborador. No Ateliê da

Sabedoria, trabalhamos com divisões de temas e círculos dialógicos; os textos escritos eram pedidos para serem confeccionados em casa. No último encontro, apresentamos uma tela desenhada e pintada por todos e a exploração desta.

Vale ressaltar que não foi um exercício de fácil aplicação. Ressalto também que foi necessária a conscientização da importância desta pesquisa e do repensar suas histórias de vida para que o Ateliê começasse a fazer sentido para eles. Voltar ao passado, visitar caminhos já percorridos, principalmente os mais difíceis, não foram tarefas simples. Assim, também fica quase impossível descrever tamanhas emoções que presenciei quando falávamos de momentos felizes, proibidos, secretos e cheios de amor ou perigo. Foram trinta horas de viagem interna. O corpo falava, o hemisfério esquerdo tão responsável por nossas memórias e comunicação estava funcionando plenamente, a mente voava longe e muitas vezes nos percebíamos vivendo novamente de forma distinta momentos já vividos. Construíamos, a todo minuto, novas experiências.

Delory-Momberger (2006) assinala que são esses saberes internos que carregam o papel principal na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem e é por meio dessa consciência que permite definir novas relações com o saber e com a formação. É nessa formação do saber e nessa busca pelo sentindo que o sujeito se forma. Eu ouvia as narrativas de vida e percebia que eles também estavam se ouvindo. Suas expressões às vezes mostravam o quanto ainda não haviam se escutado, narrativas que eles não acreditavam fazer parte do seu caminho eram compartilhadas ao longo dos encontros.

Ao final do nosso Ateliê da Sabedoria, mostrei as transcrições de suas falas para que os colaboradores corrigissem, acrescentassem e/ou ratificassem dados transcritos, a fim de ter maior validação e fidelidade dos dados coletados. O texto-sentido também foi ferramenta que enriqueceu a pesquisa. Devolvi todos eles para que lessem novamente, acrescentassem ou mudassem algo que fosse necessário. Todas as observações coletadas no diário de campo do pesquisador, textos autobiográficos, as “obras de artes” feitas durante os encontros, assim como materiais confeccionados por eles, foram meios também de coletar dados, os quais foram relatados o mais próximo possível de sua ocorrência para que detalhes importantes não fossem perdidos. Vale ressaltar, também, que minhas análises como pesquisadora, assim como meus

sentimentos, percepções e observações, foram acrescentados para melhor descrição dos nossos encontros.

Enquanto a escrita obriga a introdução de uma lógica na narrativa, o oral permite mais fluidez, como a justaposição por associação simples, sem relação explícita. A reflexão sobre aquilo que foi formador na minha vida, e que me permite situar o que penso e faço, reforça o espaço do sujeito consciente capaz de se auto-observar e de refletir sobre si mesmo. Eu me formo, aprendo, conheço e não fui formado, fui educado, ensinado etc., isto é, todas as fórmulas que fazem do sujeito aprendente um continente dependentes. A comparação com as outras biografias permitiu-me definir melhor o meu ser social e cultural, a especificidade da sensibilidade que desenvolvi e trabalhei com minúcia sobre as semelhanças/ dissemelhanças (Josso, 2006, p.130)

Por fim, procedi a análise dos dados, acreditando que o nosso Ateliê da Sabedoria alcançou os objetivos e levando cada idoso aprendente a recriar suas obras da arte de viver, mediante reflexões da sua própria vida, do seu saber-viver. “Esses programas que tanto estimulam o intelectual quanto a sabedoria ajudam os mais velhos a localizar suas próprias vidas dentro de uma moldura maior da cultura humana” (Ardelt, 2000, p.783). Agradei, então, a oportunidade de visitar o percurso traçado por eles.

Capítulo 3

ABRINDO AS MALAS DE SABEDORIA

“... A sabedoria é a graça de saborear o mundo. Ela tem a ver com a felicidade.”
(Rubem Alves)

Todos os indicadores recolhidos durante a realização do Ateliê da Sabedoria, sejam gestuais, silenciosos, narrativos, escritos, observados através das filmagens ou captados pelo gravador, foram refletidos, compreendidos e analisados, dando sentido e interpretação aos fenômenos que emergiram nesse contexto. “Um dos principais elementos da coleta de dados é observar o comportamento dos participantes em suas atividades” (Creswell, 2007, p. 37).

Tentei descrever os detalhes, tão importantes para a compreensão do leitor. Pretendo que ele, ao ler a pesquisa, possa se sentir dentro do nosso Ateliê da Sabedoria e que baseado na leitura da história de vida do outro, se motive a ouvir e a repensar a própria história. É nessa troca de saberes, seja ela ouvida, lida, sentida ou saboreada, que encontramos a nossa própria sabedoria, pois é apoiada nessa troca que conseguimos dar significado as nossas experiências.

Portanto, sinto a imensa responsabilidade de relatar os dados com toda a precisão possível, de forma clara e convidativa ao leitor. Sei que foi com base na minha análise que pude dar sentido à pesquisa, e sabendo disso, tentei categorizar as narrativas para que possam facilitar o trabalho de análise e interpretação. “O objetivo do pesquisador, então, é dar sentido (ou interpretar) aos significados que outras pessoas têm do mundo” (Creswell, 2007, p. 26).

Por ser uma pesquisa etnográfica não tradicional (Behar, 2001, conforme citado por Giaxa, 2006), espero que esta pesquisa contribua para

(...) fazer da etnografia não apenas um gênero duvidoso na academia, mas também um método pelo qual o trabalho científico pudesse tocar os corações das pessoas, sem distinção, aproximando-as umas das outras, não apenas pelos dados relevantes obtidos em campo, mas

ainda pela beleza e força das palavras com as quais eles fossem pronunciados (Giaxa, 2006, p.53).

Sendo assim, tive a liberdade de expressar o modo como afetei e fui afetada por tais descobertas; minhas emoções, percepções e minha observação participante, as

quais fizeram parte das análises de dados. “Eles (os pesquisadores) também fazem uma interpretação do que encontram, moldada pelas experiências próprias e pela formação do pesquisador” (Creswell, 2007, p. 27).

Documentar o não documentado, sentir o não relatado e significar o que não foi interpretado fazem parte de uma pesquisa etnográfica, pelo simples fato de o pesquisador ser um sujeito participante e imerso no campo de pesquisa.

Para que a etnografia seja autêntica e bela, é imprescindível que o pesquisador esteja aberto à experiência, que permita ser escolhido pelo seu informante, procurando o distanciamento das idéias preconcebidas, das hipóteses por demais fundamentadas, das definições teóricas incansavelmente discutidas, e de todas as certezas improdutivas. É necessária a integração com o ambiente a ser explorado como se fizesse parte dele; são indispensáveis o estranhamento, o desejo pelo desconhecido, a dúvida inquieta, olhar atento, ouvidos curiosos e o exercício da capacidade de surpreender-se, muitas vezes perdida com a passagem da infância (Giaxa, 2006, p.54)

Com os resultados, torno públicos os achados dessa pesquisa, a fim de que possamos entender melhor o mundo da Terceira Idade, o que se passa nessa fase da vida; e que, assim, comecemos a entender a nós mesmos, já que a pesquisa qualitativa é bastante indutiva, com o pesquisador gerando significado com origem nos dados coletados no campo (Creswell, 2007).

Descobrimos, então, com base nos resultados quem é o idoso sábio aprendente. O que esconde por trás de tantos anos de vida? Tive a necessidade de observar além dos longos anos de idade, necessitei ir além disso. Perpassei, então, a fronteira da idade e cheguei à sabedoria da vivência.

Como alguém que eu respeito e, mais do que isso, admiro, busquei nele o percurso da sabedoria. História de vida com páginas já completas e mais algumas a serem completada, foi assim que encontrei sua experiência de vida. Agradeço ao meu sujeito colaborador por me permitir conhecê-lo um pouco mais, por me deixar caminhar por suas deficiências, mostrando com maior ênfase os caminhos das suas capacidades. E foi com esse objetivo que pesquisei a sua história de vida.

Concordamos, Delory-Momberger (2006) e eu, com a idéia de que o relato das histórias de vida dentro do Ateliê é sempre um trabalho de reflexão. Assentimos que eles permitem a compreensão de si e do outro, por meio da autobiografia realizada

sobre si-mesmo e da heterobiografia, mediante o trabalho de escuta/de leitura e de compreensão do relato autobiográfico do outro. Trabalhamos, assim, em ambos os ateliês, com a autobiografia e a heterobiografia. Concordamos que a transformação de si causa benefícios não somente para o sujeito-colaborador e pesquisador, mas para a consolidação de uma sociedade e para a sua transformação; fazendo com que sejamos indivíduos sociais. Saímos de dentro, das histórias que permanecem em nós, dentro do nosso corpo, da nossa mente e fomos em direção ao outro, no sentido externo, da sociedade, completamente transformados, totalmente renovados, prontos a fazer e traçar histórias. Repensar a nossa vida modifica não somente o nosso caminhar, mas o caminhar de uma grande sociedade, resultado este que transforma o interno e o externo, a vivência e as experiências, o eu e o outro, o nosso “mundinho” e o mundo que vemos além da nossa própria janela. É simplesmente uma abertura para novos ares. Voltamos, depois de um Ateliê, vendo a vida com outras lentes. Sem dúvida, houve mais clareza e nitidez. Não há negar que houve brilho. Indubitavelmente registrou-se mais vida.

3.1 O Ateliê Da Pesquisa: Pintando As Cenas

Ao leitor cabe uma explicação de como as cenas a seguir foram desenhadas. Por não seguir um capítulo tradicional de análises de dados, devo esclarecer como foram pensadas, criadas e descritas.

Cada cena é dividida em três partes. Fiz uso de caixas-texto. Queria que as cenas que aconteceram dentro do Ateliê fossem protegidas de alguma forma. Cada caixa-texto representa uma certa proteção ao que foi vivido naquele dia. Nada foi mudado, tudo foi transcrito, tudo foi sentido. É como se, mesmo avaliando meses depois, eu, como pesquisadora, não tivesse o direito de mexer naquela cena. O que tem ali dentro foi vivenciado e experienciado, foi retratado da sua maneira mais natural possível. As narrativas das personagens foram transcritas tal e qual me disseram. O que foi omitido foi a pedido dos colaboradores em razão da impossibilidade de compartilhar com o leitor tudo o que foi vivenciado. Totalizamos trinta horas de gravação, mais de trezentas páginas de transcrição, cerca de cinquenta

páginas trabalhadas manualmente entre atividades propostas e textos-sentidos. Acredito que essa foi uma das mais difíceis tarefas como mestranda: editar o texto. O quanto necessitei cortar para que se adequasse a dissertação final! Para mim, cada palavra, cada gesto, cada olhar tinha sido essencial. A vontade enorme em compartilhar o que vivenciei com o leitor esteve presente nessa parte da pesquisa; infelizmente assim tive que fazer.

Na primeira caixa-texto em **negrito**, estão escritas todas as minhas reflexões. Foram os meus textos-sentidos feitos por mim no mesmo dia dos encontros. Ali meu sentimento ainda genuíno, ainda não refletido, apenas sentido. Compartilhei cada um deles com os meus sujeitos colaboradores no encontro seguinte. Eles esperavam ansiosos pelo *feedback*. Eles aplaudiam em cada término da leitura. Sempre perguntei se queriam mudar ou acrescentar algo nos meus textos ou até se discordavam de algo que estava escrito. Não houve mudança, não houve acréscimo.

Nas outras caixas-textos, escritas em *itálico*, estão as transcrições, as narrativas e o que vivenciamos naquele encontro. Fora das caixas há sempre a relação entre a teoria e a prática e as minhas análises depois de um longo período de observação, escuta e transcrição. Deixei que esses pensamentos fossem livres. Neles (sem as caixas-textos) pude convidar os estudiosos como Josso, Freinet, Rogers, Ardelt, Delory-Momberger, Pineau, Dominicié, entre outros, que me acompanharam durante todo o processo. Aqui eles podiam ter voz; aqui tive apoio de pessoas que sustentam minha linha de raciocínio. Meu olhar se encontra em todos os espaços. Seja fora ou dentro das caixas-texto. Participei, vivi, experienciei, me trans-formei! E foi assim que descobri o valor de uma pesquisa qualitativa, a importância da etnografia e a relevância da História de Vida.

Meus sujeitos colaboradores são os personagens da história. Cada um, usando o seu codinome, participou de forma intensa os dias do Ateliê. Cada encontro foi chamado de Cena, e em cada um deles emergiu um tema, muitas vezes improvisado. Esse tema muitas vezes surgiu do imprevisto, foram os assuntos que mais emergiram durante as três horas. Abro, então, o nosso Ateliê da Sabedoria com a apresentação das personagens. Sintam-se em uma peça de teatro, onde as histórias são verídicas, vivenciadas e experienciadas. Respirem fundo e se preparem para conhecer as personagens dessa história. São trinta horas de emoções, são trinta horas de

caminhada. Espero que o meu leitor no final da peça possa também se sentir transformado, assim como fomos. Desliguem as câmeras, telefones celulares e se concentrem. Vivam os momentos plenamente. Faremos um percurso mínimo de sessenta anos de experiência.

3.2 Apresentação Das Personagens

No dia 06 de setembro de 2007, começou a nossa história. Do Márcio à Maria, do senhor e da senhora, dos 60 aos 83 anos de idade. E tinha a minha história também por lá. Mulher de 30, balzaquiana, no meio de grandes sábios, buscando entender a origem da sabedoria. Foi assim que as histórias deixaram de ser somente histórias e começaram a se cruzar. E foi assim que as experiências começaram a dar rumo às práticas novas que surgiam a cada dia de Ateliê. Então, não vou contar somente as nossas experiências, mas as que criamos ao relatar e ao ouvir. Assim sendo, o nosso encontro teve hora marcada e sagrada às 9 da manhã das terças ou quintas-feiras de cada semana.

Apresento as personagens dessa nossa história:

Márcio

No nosso primeiro encontro, ele declara: “Tenho 83 anos. Estou vivendo a melhor fase da minha vida! Em todos os sentidos, a melhor fase da minha vida é essa”. Ele define a sabedoria como algo que “é polida pela instrução, mesmo que as pessoas dizem que seja nata, a instrução dá um polimento na sabedoria das pessoas”. E quando pergunto se é sábio, ele afirma: “Eu procuro viver com sabedoria, hoje com 83 anos de vida, depois de aperreios, estou numa fase muito boa. Não me interessa pela vida de ninguém, nunca me interessei, a única pessoa que eu me interesse hoje é a minha mulher”. Apaixonado pela esposa, avô-pai presente e pleno na vida de seus familiares assim é o Sr. Márcio. Usa a frase de São Paulo para se definir “se faltar caridade, faltou tudo”. Esse é o lema que o faz seguir a vida.

Da infância... “E quem não teve infância? Eu não tive infância”. Do nada ao tudo, da limpeza das “privadas” à indústria de castanhas. Da aprendizagem a olho nu e da imitação ao mundo da realidade. Da ignorância ao conhecimento. Da perseverança às experiências e delas à sabedoria. “Se eu aprendo uma coisa, se eu me concentro, eu consigo, assim eu estou me aprofundando e me preparando para cada vez aprender mais”.

Considera-se jovem, mais novo do que sua idade biológica e relata: “Porque aos 58 anos de idade eu tinha essa capacitação que tenho hoje. Eu dirijo. Eu vou pra onde eu quero. Eu escrevo. Eu leio. Eu interpreto. Eu aconselho as pessoas. Eu dou orientações. Eu rezo. Eu falo com Deus. Não me falta nada de quando eu tinha 58 anos. Eu viajo”. Comparo-o a um tronco de árvore. Forte, de base larga e cheia de galhos e frutos. Fizemos uso dos seus frutos. Ficamos embaixo de suas sombras e assim o conhecemos. Suas frases ficarão conosco para sempre. Alguém um dia dentro do nosso ateliê falou: “Sr. Márcio, às vezes eu lamento certas coisas em minha vida, por exemplo, de não ter conhecido pessoas tão importantes, tão lindas quanto o senhor. Mas aí, eu fico pensando, “meu Deus, como seria bom se eu tivesse convivido com ele por pelo menos 20 anos... Mas todo tempo é tempo!”

Apresento, então, um artista da vida, que cria e se recria a cada momento, que busca e que vive assim... procurando. “Sempre consigo ir atrás de uma solução”, diz ele.

*Sr. Márcio, **um eterno pesquisador.***

Minha sensação ao descrever o Ateliê é como se o leitor não conseguisse entender o que está sendo descrito, já que foram experiências minhas, sensações que brotaram de mim e afloraram o meu ser. Lembrei-me de Rogers (1961, p.37) no livro *Tornar-se Pessoa*, quando ele diz: “Aconteceu-me diversas vezes que, ao falar com colegas ou com estudantes, ou ao escrever, me exprimia de uma maneira tão pessoal que tinha a impressão de estar a expor uma atitude que, provavelmente, ninguém compreenderia, porque era unicamente minha... descobri quase sempre que o sentimento que a mim me parecia ser o mais íntimo, o mais pessoal e, por conseguinte o menos compreensível para os outros, acaba por mostrar ser uma expressão que

encontra eco em muitas outras pessoas. Acabei por chegar à conclusão de que aquilo que há de único e de mais pessoal em cada um de nós é o mesmo sentimento que se fosse partilhado ou expresso, falaria profundamente aos outros. Isto me permitiu compreender os artistas, os poetas como pessoas que ousam experimentar o que há de único deles”.

Tentarei, de qualquer forma, tornar expostos sentimentos tão íntimos, tão meus; imagens captadas pelos meus olhos e repassadas através de lentes a você, leitor.

Ao ouvir o Sr. Márcio durante todo o Ateliê, descobri o que é viver uma vida plena, descobri que valorizar o outro é tão importante quanto valorizar a si mesmo. Descobri que sonhos são metas a serem alcançadas e que nada é impossível se houver coragem e disciplina. Ele traz consigo a sua fé. Viver sem fé é morrer para o Sr. Márcio. Muito da sua fé na vida, em Deus, em Maria (especialmente), em si e nos outros foi mostrado durante o Ateliê.

Kaká

Apresento a Kaká, a “comigo–ninguém-pode”. Chega um jardineiro e a derruba, ela vai e nasce de novo. Ai vem outro e a cultiva, e depois vem um outro e a tira do seu cantinho, e assim ela vai, circulando os jardins da vida. Afortunados fomos nós, porque ela permaneceu no nosso jardim. E daqui será impossível tirá-la. Suas raízes fortes com seu veneno de vida, já nos envenenou.

Ela brilha. Ela tem luz própria. Ela é a própria vida. Ela busca vida. Uma artista sensível a si própria, sensível aos outros. Plena, simplesmente plena. Uma personagem presente de corpo e de alma. Possuidora de uma sabedoria nata. Ela sabe ouvir, sabe cultivar o silêncio, sabe participar da vida do outro. Curiosa participou de todos os nossos encontros, e digo como foi bom percebê-la tão presente. Não tinha pressa com a hora do almoço, com a hora da saída, com a hora da entrada, com a hora em que o outro falava. Ela soube estar ali. Saber estar? Ferramenta fundamental da sabedoria.

Impressionei-me quando ela descreveu sabedoria: “A espiritualidade é uma aliada da sabedoria. É o seguinte: Eu acho que a sabedoria e a experiência de vida são parceiras. A gente não nasce sabendo, tendo sabedoria não. Eu acho

que não. Eu acho que a gente vai se aperfeiçoando a cada situação, a cada experiência de vida e com um senso muito forte, muita sensatez, muito tempo pra refletir, vai puxando a sabedoria e vai melhorando cada vez mais. Ai eu digo, fala-se que sabedoria é um dom, eu não acho que seja dom, não. É tomar consciência, e dali passar para melhorar. Eu tenho uma bagagem de conhecimentos vividos e enfrentados, eu senti a sabedoria do meu inconsciente a me orientar, como uma experiência de vida e assim poder partir dali, né? ... Eu sofri, eu venci pela força de vontade, pela aceitação da doença, e pela entrega e agradecimento a Deus que tudo pode. Então, sabedoria é a reflexão a que vivemos, é a reflexão a que viemos. O saber viver, o dar, o receber, os momentos têm que ser vividos, refletidos e passados ao presente e o futuro com que criatividade e esperança. Sofrimento é reflexão e aprendizado... ai tô ai... tô vivinha ainda, e pelejando para viver. Eu quero viver mais”.

É, essa é a Kaká... ah, se eu soubesse que ela já tinha todas as respostas. Se eu soubesse que o Ateliê lhe faria tão bem, já teríamos feito há muito tempo. Remexer na sua zona de proteção a fez ainda mais viva!

Kaká, uma eterna lutadora... A comigo-ninguém-pode!

“Cheguei onde estou por caminhos que não planejei” (Alves, 2004, p.14). Acredito que Kaká também não planejou ser cortada de tantos jardins. Não planejou sofrimentos que viveu, no entanto, sua alma foi lapidada, sua essência foi mantida e sua força engrandecida. As palavras de Kaká fazem eco às palavras de Ardel (2000):

a sabedoria é obtida através das experiências pessoais, da auto-reflexão, do atentamento próprio, e da transcendência da subjetividade e projeções. A aquisição dessa sabedoria leva tempo. Tempo só é realmente uma necessidade, mas não é uma condição suficiente para o desenvolvimento da sabedoria. Estar aberto a novas experiências, auto-reflexão e determinação e constância é também pré-requisito para que a sabedoria apareça. Nem a abertura para experiências, nem a auto-reflexão e determinação se declinam com o passar dos anos.

Maria

Ah, a Maria! Como defini-la? Uma artista forte, que escolhe cores claras, que se pinta a cada dia. Decidida sabe que pincel usar e que tinta mesclar. Cautelosa ao falar, com aquela voz que fala de dentro, sempre com um tom respeitável ao outro. Expressões faciais que consigo ver sem fechar os olhos.

Ah, Maria! Senhora que riu ao falar dos intervalos. Nunca iremos esquecer a sua viagem de trem. ... “já pensou um trem passando e atrás desse trem ia um sanfoneiro tocando essa música na madrugada, pensa, pensa... sozinho tocando essa música, no silêncio da madrugada... imagina um trem passando... Ah, que trem!”. Não acredito que essa cena possa ter sido tão linda quanto a que imaginei. Aquelas de filmes antigos, de amores intensos, que gritamos com toda a nossa alma para que os mocinhos fiquem juntos e vivam felizes até o final. Nunca mais hei de esquecer essa cena quando ouvir a música “Fascinação”.

Ah, Maria! Senhora responsável, acolhedora, simples e preocupada com o bem-estar do outro. De raízes fortes, de um pai que lutara para que a aprendizagem fosse sempre parte da sua vida. Lutou tanto que assim sempre foi. E buscando, também vive. Quer sempre mais; da Informática à Ginástica, ao Inglês e desse ao Espanhol. Quer ainda mais.

“Quem sabe o Italiano próximo semestre?” E completa: “a vida sedentária não é legal. Acaba deixando de lado o criar que é importantíssimo, de entrar em contato com os outros”. Desculpa a falta de modéstia, mas hoje eu me considero sábia. Eu sou uma promotora da União, aquele referencial da família nuclear, e me considero uma mulher forte, batalhadora, vencedora. Eu tive uma educação muito rígida, e trabalhei muito. Sou firme, centrada, concreta. Graças a Deus! Eu acho que tudo isso é sabedoria; sempre procurando viver e fazer o melhor. Tem que crescer... procuro não julgar as pessoas, isso é uma coisa muito séria... A vida e o tempo são aprendizados muito importantes.”

Ah, Maria! Ela sabe o quanto é válido reviver sua história. “Não podemos deixar morrer isso”, ela diz. E não vai morrer nunca, Maria! Sua história já foi contada, cruzada com a de outros e com a minha e assim ela permanecerá por muito tempo.

Maria, uma contadora de histórias.

Quando Rogers (1983, p.29) avalia a velhice e a sua própria vida, ele diz: “Mas para mim, estes últimos dez anos foram fascinantes – repletos de acontecimentos empolgantes. Fui capaz de me abrir a novas idéias, novos sentimentos, novas experiências, novos riscos. Descobri cada vez mais que estar vivo envolve riscos, significa agir com pouca certeza, significa compromisso com a vida”.

Maria pensa no presente, mas planeja o seu hoje para alcançar um futuro mais digno. Josso (2004) relata que, mais do que o passado, as histórias de vida pensam o futuro. Maria vai ainda além, ela estimula a si e aos outros. Aproveita o ócio para produzir. Cuida do corpo e da mente, participa de vários grupos de aprendizagens e sempre relata a importância de ter vínculos. Vive para o hoje, mas planeja o seu amanhã.

Maria me faz lembrar que estamos sempre crescendo, em progresso, constantemente em capacidade de conseguir algo. A capacidade de crescimento e aperfeiçoamento do ser humano, que Rogers denomina de tendência atualizante, é essencial à vida. Significa vida! “Tudo isso traz mudanças e para mim o processo de mudança é vida” (1983, p.29). Maria gosta de mudanças, de riscos e novas aprendizagens. Ela é aberta a novidades. Ela busca o novo e assim vive.

Tenho pensado nas nossas escolhas; que somos simplesmente o resultado da soma de todas elas. O resultado? Sou eu, eu por completo. Se somos o resultado das nossas escolhas, percebemos, então, quanto eles são importantes! O Ateliê da Sabedoria resultou nessa reflexão tão óbvia e tão ligeiramente esquecida por nós. A responsabilidade do que vou escolher hoje, desde a hora de me levantar até ao anoitecer, refletirão em mim nos meus dias futuros. Maria parecia refletir sobre isso. Rogers (1985) já comentava sobre a nossa liberdade de escolhas e dizia que essa liberdade “é a compreensão de que posso viver eu mesmo, aqui e agora, por minha própria escolha” (p. 292).

Maria tinha feito escolhas e ainda as faz. Parece viver plenamente na decisão de cada uma delas. Entende que muitas vezes elegemos o caminho equivocado, se é que ele existe, no entanto acredita que é nos erros que encontramos acertos. Ela fazia questão de lembrar a importância das nossas escolhas.

Lis

Ela ri! Ela ri! Ela se diverte! Com seu pezinho, mexendo de um lado para o outro, como se tivesse fazendo uma ginástica sentada, vai ouvindo as histórias. Disciplinada, sentada sempre no seu lugar, ela presta atenção aos relatos. Mais caladinha, às vezes permite que sua história se cruze com as nossas.

Lis se julga nova, disposta, e é assim que vive: com disposição a viver e a aprender mais. Dentro da modernidade, se recicla e adquire coisas novas. Seu relacionamento com os jovens afilhados faz com que Lis sempre esteja por dentro do que há de mais novo. Quando perguntado quantos anos teria se não soubesse quantos anos tem, ela responde: “Eu teria 35 anos. Pela disposição que eu tenho, pela vida que levo e pelos planos que faço para o futuro... pois é, eu aproveito (as filas preferenciais). As pessoas reclamam, acho que não tenho a idade, e aí eu falo ‘acha que eu não tenho não?’ Muito obrigada”.

*Ao contar sua história, reflete que o tempo passa e “passa tudo tão rápido.” Por isso, toma uma atitude na vida: Viver! Aproveita seu tempo como ninguém. Do teclado às aulas de Internet, ao **cooper** logo cedo pela manhã, à Ginástica em academia, ao Inglês e depois do almoço ainda tem o Espanhol. Lis também sofreu, mas sabe que é “no sofrimento que a pessoa aprende muito”. Passou por perdas; uma perda durante o Ateliê. Triste e forte, voltou a fazer parte da gente. E ainda assim tem ânimo para incentivar uma colega artista que tem dificuldades de expressar seus sentimentos. “Tem algum aniversário de algum deles (os filhos) agora? Ai você vai... e dar um beijo... um abraço”.*

Lis, alguém que aproveita as oportunidades.

Lis aprecia a arte de ocupar-se com tarefas que lhe tragam plenitude, e está sempre ocupada desenhando seu arco da vida. Cortelletti (2007, p.9) reflete sobre a importância desse arco. “O desenho que pode ser delineado do arco da vida de cada um é determinado por seu próprio protagonismo e por sua história. A vida se encarrega de impor desafios”.

Lin

Ai, Lin, tu não me guardas segredos, porque eu vim de ti.

Lin é a mais delicada flor que já vi. Suas pétalas pintadas e detalhadas por Deus. Ela é o amor! O amor. Essa foi a palavra escolhida por Lin para representar a sabedoria e o nosso ateliê. Será, Lin, que o amor é a sabedoria ou é o que tu sentes por mim? O amor é o que tu e eu trazemos nas veias e onde quer que estejamos uma perto da outra, só vai existir simplesmente ele: o amor.

E um dia a Lin me mostrou o que é ver a vida, o que é ver o amor até nas simples coisas: “Quanto tempo ela reclamava dos “my shells”, e eu apanhava aquelas conchas e dizia ‘olha, que coisa linda!’ (falando dos búzios que sempre apanha ao caminhar pela praia).

Um dia ela também me mostrou o que é ter idade dela. Foi a Lin a responsável por me fazer ver o que é viver uma vida mais plena depois da meia idade. Ela que antes corria sem poder ver o tempo passar e hoje que anda na praia e dança nos bailes contemplando o tempo, nosso senhor dos destinos.

Difícil te observar, porque te observo todos os dias. O que vejo em ti é o meu sentimento refletido. Impossível te pesquisar, porque sou pequena demais para isso. Minha sabedoria inutilmente limitada não me deixa observar nada além do amor.

Lin, uma artista co-observadora, co-pesquisadora; como mais te definir? Seus olhos vêem os que os meus ainda não alcançam, por isso preciso dos teus. Sua maturidade me ensina a ser sábia. Sua história de vida me encanta e me faz seguir os teus passos. Sua luz... ah, sua luz... aquela que jamais se apaga diante das dificuldades... é ela, que me guia nas escuridões. A voz que sinto dentro de mim quando tudo parece perdido, é a sua voz sabia que mediante suas experiências conseguem me alcançar. Quão grata eu sou!

Lin, minha co-pesquisadora. Lin, o amor.

Considero a Lin uma animadora. Ela deu sentido e vida ao Ateliê da Sabedoria. Fez-se presente e plena em nove encontros. Soube silenciar, respeitar e impor sua opinião quando necessário. Ela sentia prazer em estar ali e lutou desde o início para poder participar do nosso grupo.

O animador, figura comum nos grupos em formação e na liderança dos grupos em geral, tenta interagir e comunicar com cada um e com o grupo de tal maneira que a experiência do trabalho biográfico possa ser vivida como um momento de existencialidade significativo, lúcido, dinamizador e jovial... é uma espécie de artista que, pela sua capacidade de improvisação, procura a melhor forma de valorizar as sensibilidades, as personalidades, as formas de expressão e os interesses de conhecimento em presença (Josso, 2004, p.162).

Preciso e sinto necessidade de apresentar Lin, porque Lin não conseguiu ficar “caladinha” como prometera.

Lin é minha mãe, que insistentemente quis participar da pesquisa. Como minha companheira em todas as atividades, ela sentiu necessidade e vontade de fazer parte do Ateliê. “Deixa... eu fico bem caladinha”. Essa foi a frase que não consegui recusar. Pesquisar a própria mãe não foi uma tarefa simples e nem sei se foi possível. Seguem na dissertação minhas visões, observações. Cabe a você, leitor, contemplar se eu consegui tamanha tarefa.

Deixe-me explicar a história dos “my shells”... Estava eu ocupadíssima com minha vida, com os afazeres, com as responsabilidades, com os horários. Eu corria tanto que encontrei apenas dez minutos para almoçar. A comida que tão depressa tocava o meu palato alcançava o estômago em questão de segundos, deixando de ser sentida e saboreada. E, nessa correria, a Lin pede um minuto de minha atenção. “Venha cá. Deixa eu te mostrar. Olha que búzios lindos que eu peguei na praia! Parecem obras de Deus! Olha que perfeição! Parecem que foram feitos a mão. Só podem ser obras de Deus”. A Lin na sua calma, paciência e sabedoria, podia e tinha tempo para apreciar tantas obras. O que me importava se eram feitos a mão ou se eram tão belos? Para mim, naquela hora eram simplesmente búzios que atrapalhavam os meus “pobres” dez minutos. Agora eu deveria ter somente seis para terminar o almoço. Eu a olhava como se dissesse “pobre, Lin, não tem muito com que se ocupar!”. E assim segui minha direção aos afazeres. Dentro do carro, dirigindo a mil por hora, ainda consigo achar um tempo para refletir. “Búzios? Obras de Deus? Apreciar a vida?”. Eu percebi depois da reflexão que quem não estava vivendo não era Lin; quem não tinha tempo para viver, não era ela; quem nem mais apreciava o próprio alimento, não era ela e quem estava errada, não era ela. E é com essas “pequenas” lições de vida que eu comecei a apreciar o valor da terceira idade.

Eles (os sábios) sabem apreciar os detalhes, acordam para a vida, observam mais, descobrem mais, curtem e valorizam mais. Para que tanta correria na vida? Será que temos direito de apreciá-la somente quando tivermos sessenta anos? Precisamos de tamanha sabedoria para acordar para o hoje? Terei que esperar mais trinta anos para reconhecer o valor de um búzio? E quando eu ia saindo, ela olha para mim e diz: “como eu digo mesmo “búzios” *in English*? Era demais para minha pouca sabedoria! (Confesso que estou aprendendo a olhar mais para os búzios, embora ainda não seja uma tarefa tão fácil).

Didi

Didi renasceu aos 70 anos. Didi resolveu sorrir. Viajar. Resolveu respirar e dizer que existe. Didi decidiu pintar a casa, comprar as louças, limpar o guarda-roupa e expressar seus sentimentos. Didi quis abrir os presentes empoeirados, contar sua história de vida, e, sem muita vergonha, diz que agora é que está renascendo.

Didi é aberta, participativa, risonha e também plena. Didi, uma personagem que viveu (no sentido da palavra) todos os dias do Ateliê. Na escrita, falou pouco, e na oralidade falou muito. Nos risos, chorou e no choro também sorriu. Didi, sempre apaixonada, viúva e casada com o mesmo marido (nas lembranças) há tantos anos. Didi que carrega tanto amor que às vezes não sabe nem como se expressar.

Didi, que ressurge na festa dos seus 70 anos, que brinda os convidados com sua plaquinha de nascimento. E todos ganham um cartãozinho que brindava dizendo “Severiano Pompeu e Sâmara Pompeu participam o nascimento da sua filha Didi em 20 de Setembro de 1937”. E não é que eles brindavam mesmo a data do re-nascimento de sua filha?

O Ateliê veio na hora certa. Na hora da reflexão, no remexer nas experiências que facilitava o surgimento de outras. Oh, Didi, como já estava na hora! Sentimos falta das frases ditas hoje!

O hoje? Bom, ela resume: “Meu hoje está ótimo, agora eu digo assim. Mudou. Vi que não tenho nada a reclamar. A emoção mexeu, sacudiu, como é que chama? ... Foi o acordar”.

Didi, a flor que desabrochou...

Didi voltou com a vivacidade, com o brilho no olhar, com a coragem e a curiosidade de uma criança. Ela aprendeu até a ter alegria! T.S. Eliot um dia escreveu que, ao final de nossas longas andanças, chegamos finalmente ao lugar de onde partimos. E quando chegamos ainda temos a surpresa, é como se nunca o tivéssemos visto. E assim fez Didi, contemplar o lugar de onde tinha saído. Foi o renascer vivendo.

Estrela

Uma lenda, uma história permanente, uma mulher. Uma estrela cadente. Uma estrela que brilha. Simplesmente uma estrela.

Um dia perguntei: “O que você sabe fazer bem, Estrela?”. Ela riu e timidamente me respondeu: “Menina, eu sei fazer tanta coisa, mas nada bem...”. E aí quem riu, fomos nós.

Empreendedora. Nasceu para fazer os outros brilhar e com isso brilhou ainda mais. Os outros e ela, sempre muito bem entrelaçados. A simplicidade em querer fazer as coisas e de repente as coisas deixam de ser simples e se tornam mágicas. Um toque de ouro, aquele bastão da fada madrinha. Tchan...virou ouro, virou diamante, virou brilho.

“Queria ser assistente social, olha”. Olha? Estrela é alguém que assiste. Assistir é cuidar, é olhar, é socorrer, é auxiliar, é pertencer. Social é o coletivo, é o outro, é o próximo. Essa é a estrela, uma assistente social.

Deixa de ser uma senhora de 60 anos que poderia estar preocupada somente com os netinhos. Passa a ser alguém que tem vários netinhos. E isso é a sabedoria defendida por ela. É buscar simplesmente o sentido da vida. E, onde não houver mais vida, a Estrela não consegue mais ficar, perde o sentido. E por isso segue tantos caminhos... E por isso é uma empreendedora da busca pela vida.

A Estrela é regada pelo ar que respiramos. A sua inspiração já traz com ela algo de empreendedor. É criadora de si mesma e de tantos outros que andam ao seu redor. Parece não ser desse mundo. Criadora de mente fértil. E mente fértil cria, luta, vai em busca do que quer, não tem medo, porque no final é sempre vitoriosa. Mente fértil que não pára de produzir; e, além disso, está sempre se (re) produzindo. Estrela, uma motivadora de si e dos outros.

Estrela, a empreendedora.

Estrela me fez lembrar uma passagem de Lucas. “Havia um homem rico cujas terras lhe deram grande colheita. E pensava consigo mesmo: “O que vou fazer? Não tenho onde guardar a colheita”. Disse então: “Já sei o que vou fazer; vou derrubar os celeiros para fazê-los maiores e ali guardar todo o trigo e os meus bens. E direi à minha vida: Tens muitos bens armazenados para muitos anos. Descansa, come, bebe, regala-se”. Deus, porém, lhe disse: “Insensato! Ainda nesta mesma noite tirarão a tua vida. E para quem ficará tudo o que acumulaste?” (Lucas 12, 16-21). Estrela tem respostas para esta pergunta. Para quem, Estrela? Para tantos! Eu bem sei.

“A vida é assim mesmo. É sempre possível deixar o barco atracado ou só navegar nas baías mansas. Aí não há perigo de naufrágio. Mas não há o prazer do calafrio e do desconhecido”(Alves, 2004, p. 124). Estrela jamais gostou das baías mansas. Sua personalidade forte sempre buscou o desconhecido. E aos sessenta anos ainda navega em vários mares.

São estas as personagens do Ateliê da Sabedoria. Foram artistas durante essas trinta horas de convivência. Foram horas de trocas; trocas que permanecerão em nós por todo o sempre. Um pouco (ou muito) nosso foi doado e um pouco (ou muito) dos outros ficou. Isso é o que denominamos de experiência, uma ação passada e refletida, algo capaz de produzir aprendizagens; aprendizado que possa ser sentido e que tenha sentido. Uma aprendizagem significativa - aquela que simplesmente fica.

E outras personagens fizeram também parte da nossa história. Presentearam-nos com sua presença, com seus contos, com a reflexão do seu viver... E, assim, apareceram o Luar, a Soraya, a Têca e o Pescador.

Essas são as personagens da nossa história. Espero que você, leitor, possa ter a própria visão perante cada um deles. São histórias diferentes, em épocas também diferentes, mas são personagens que decidiram e optaram por viver. São autores e atores da sua vida. Eles têm voz. Eles sabem ouvir a voz interna. Eles querem mais. Eles acreditam em si. Eles valorizam suas idades e se orgulham do tempo vivido.

Peço compreensão quanto a minha forma de escrever. O que falo vem de dentro, vem da alma. E o que vem da alma não precisa de tantos artifícios. São sentimentos. São sensações brotadas de dez encontros. Temo ser confusa, já que foram reflexões tão fortes, vindas de mim. Tentarei, então, com que meus sentimentos genuínos sejam claros. Dizem que, quando o que lemos, entendemos, é porque o leitor e o autor são iguais. Talvez sejamos sim, mas respeitarei, caso não formos. Comparo o Ateliê a um jardim. Deixem-me ser um jardineiro. Deixem-me mostrar o meu jardim. Você verá quão belas são as árvores, as plantas e as rosas. Deleitem-se. Bem-vindos ao Ateliê!

IDENTIFICANDO OS PERSONAGENS

PERSONAGEM	IDADE	PROFISSÃO
Didi	71	Assistente Social aposentada
Estrela	61	Professora aposentada
Kaká	68	Professora aposentada
Lin	61	Dentista aposentada
Lis	61	Servidora pública aposentada
Luar	60	Defensora Pública aposentada
Maria	75	Farmacêutica aposentada
Márcio	84	Matemático aposentado
Pescador	98	Bancário aposentado
Soraya	65	Dentista aposentada

3.3 Tema: A Minha Mala É Maior Do Que A Sua!

(Sim, Eu Tenho História!)

Cena I

Rostos já antigos que me relatavam coisas tão novas. Um certo nervosismo ao frequentar um ambiente tão familiar. Uma pesquisadora em vez de uma teacher, uma sala de aula transformada em um "campo de investigação". "O que você quer saber? O que você quer pesquisar?", me perguntavam pessoas com tanta experiência de vida. Procuravam respostas para aquele Ateliê. E como sabiam que iriam falar sobre as experiências, ao ser pedido para que se apresentassem, pareciam ter somente aqueles poucos minutos para resumir tantas histórias de vida. Quinze minutos eram insuficientes para contar tudo o que se viveu. Como em tão pouco tempo poderiam revelar tantos passos, caminhos, histórias? E assim, quando começavam, não havia senão uma pausa. Queriam resumir, precisavam citar nomes importantes dessa caminhada, de exemplos, de heróis; precisavam falar de sentimentos, de comparações com a vida atual, de namoros e ao falar de amor, relatavam principalmente as "saídas às escondidas", os paqueras secretos, as danças proibidas. Ah, como eles riam quando falavam de tais momentos! Será que instantes assim são mais preciosos do que os outros? Avalio a minha vida na hora em que elas falam. Pareciam que as mais "certinhas", as que só tiveram um namorado, a que não casou, não tinham tanta "graça" ao contar suas histórias. Pareciam histórias mais sérias! Viajei com eles no tempo, pois me convidavam a re-viver aqueles momentos. Situavam-me em relação aos colégios, às viagens do interior à cidade grande. Consegui imaginar rostos, roupas, trens, estudos. Percebia que queriam contar tudo e que queriam ser ouvidas, ouvidas principalmente por eles mesmos. "Nem eu me lembrava mais disso. Que bom lembrar!", "me arrependi!", frases como essas os faziam refletir sobre o seu caminhar.

Ao mesmo tempo, começar a viajar ao passado causava um certo nervosismo. "Minhas mãos estão trêmulas", relatava uma delas. Outra regulava uma cunhada, "sim, mas não vamos falar sobre isso mais não", quando foi comentado sobre a perda do marido, ainda não recuperada. Tantos os anos, mas a dor ainda é imensa! Sei que viverei momentos dolorosos. Sei que cada um de nós carrega em si tais momentos. Ah, esses sim, vão nos deixar com mãos trêmulas! Presto atenção em cada um no momento da escuta. O poder de escutar, o poder de silenciar para respeitar quem nos convida a passear por suas histórias de vida. Ah, esse poder não foi usado! Como é difícil escutar os outros! E ao mesmo tempo como é bom ser ouvido! O relógio os apressava, o tremor nas pernas, o fechar e abrir das bolsas, os telefones celulares que tanto invadem nossas vidas privadas, escrever mensagens para a outra mostrando tamanha "agonia". Até mesmo regular o tempo para que reduzissem tamanhas viagens. A impaciência me deixou impaciente. Como eu, na qualidade de pesquisadora deveria agir nesse momento? Deveria deixar de ouvir histórias tão ricas para dar chances às outras? Esse não era o intuito do Ateliê. Não podia acontecer isso! Éramos para esquecer o tempo. Por que correr tanto nessa altura da vida? Refleti sobre isso. Pensava que eram mais plenas. Ou talvez não se interessassem por estar ali. Estariam eles ali por que queriam? E a sabedoria de saber viver cada vez mais plenos? Não eram sábios, então? A angústia nascia em mim, a coleta de dados já me trazia resultados inesperados. E quando lia nos livros sobre pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, percebia que nada era definido, nada era calculado e previsível. Já tinha lido isso inúmeras vezes, como não esperar isso? E, de repente, o mais idoso de todos, com 83 anos pede para ser o último, "sou o mais velho. Quero ser o último, tenho mais coisas para contar". Parecia que vinha de dentro dele aquela voz plena que eu

esperava, aquela sabedoria que eu buscava, aquela paciência, que mesmo com tantas câimbras por todo tempo sentado, não chegava a incomodar. Ele ria, se calava, e se concentrava em todas as histórias. Ele estava pleno. Ele não buscava as horas, não buscava a chave do carro e não buscava nem mesmo o papel que inúmeras vezes incansavelmente caía no chão. "Deixa!", para ele bastava estar presente. E, como todos os outros, tinha também que almoçar, tinha uma esposa esperando, tinha que voltar dirigindo para casa e ainda deveria ter o dia todo para realizar inúmeros afazeres. O único que não tive que explicar com todos os detalhes a minha pesquisa para que pudesse participar, o único que não bastou um minuto para aceitar o meu convite. "Estarei lá, na quinta, dez para às nove!".

Começava a minha pesquisa. Tinha que me basear nos conselhos de Josso (2004), ao acentuar que no primeiro momento surgem as dúvidas “exigindo do autor uma primeira resposta” a um conjunto de dúvidas:

Terei mesmo uma história? Vale a pena contá-la? O que os outros vão pensar de mim a partir do que vou contar? O que foi significativo na minha vida? O que contar de mim entre tudo o que é possível contar? O que desejo partilhar ou guardar para mim? O que vou fazer com as questões e com o olhar dos outros? Como vou dar conta do caminho interior que acompanho os fatos da minha vida? Como podemos falar de nós de forma que isso possa ser interessante para todo o grupo? A minha vida é como a de todos os outros? O que há de especial para ser contado?” (p.65).

Acredito que muitas ou todas essas perguntas passaram pelas mentes dos meus sujeitos-colaboradores. Não era fácil para eles. Era abrir a porta da sua vida. Era me dar as chaves e ainda me convidar para entrar. O “hóspede” entrava com certo estranhamento; o anfitrião estava ainda confuso se deveria convidar.

9:15 am. Eu estava toda atrapalhada. Aquele momento, não era mais a professora. Eu me tornava uma pesquisadora. Procurei a bata, tão comumente usada por mim nesses dez anos de profissão. Para que usá-la? Não havia necessidade. Queria e necessitava de uma aproximação maior, mais íntima, pronta para entrar em

vidas reservadas em salas de aula. O contato sempre foi grande e forte com cada um que estava presente, mas era um contato sala de aula, professor-aprendente, nada que não passasse de uma hora e meia de aula, dos corredores ou das festinhas. Naquele dia, não! Naquele dia, eu precisava colocar meu sintoma de segurança e embarcar na vida de cada um. Um frio na barriga. As mãos geladas. O medo de não saber ser uma pesquisadora. Professora tem que explicar tudo claramente, eu pensava. Pesquisadora tem seus segredos. Segredos? Como guardá-los?

Entrei na sala várias vezes. Fechei e abri a porta tantas outras. Esqueci o gravador e voltei. Esqueci a água (garrafinha que me acompanha nas aulas para um maior cuidado com a voz). Sentar ou ficar em pé? “Sentar, Danise... você não está dando aulas”. Não sabia ser eu. “Ser eu?”. Pronto, essa era a minha resposta. Descobri aos poucos, que a pesquisadora etnógrafa já estava dentro de mim. Lembrei-me de que os meus sentimentos já faziam parte dos dados a serem coletados na pesquisa. Pensei: começo então, a ser afetada.

E assim eu comecei o dia tão esperado. O Ateliê da Sabedoria abria suas portas, suas cortinas, eu começava a fazer parte deles e eles de mim. Éramos nove. Via cada um sentado a minha frente: Soraya, Luar, Lis, Lin, Márcio, Kaká, Didi, Maria e eu. Se eu pudesse fechar os olhos, imaginaria uma cena assim: todos com suas malinhas do lado das suas carteiras. Todos inquietos, querendo saber a que horas deveriam abri-las, ansiosos para mostrar o que havia dentro delas.

Comecei explicando o que podia ser explicado. Alguns papéis a serem preenchidos, os codinomes a serem escolhidos, o preenchimento das idades. “Coloca o ano ou a idade?”, eles perguntavam. Pedi permissão para ligar o gravador.

Percebia que não estavam tão à vontade, diferentemente das salas de aula. E como eles estavam se sentindo? Difícil também viajar para algum lugar sem destino. Difícil ser aluno e hoje ser um sujeito-colaborador. “O que ela quer saber?” deve ter passado por seus pensamentos naquele instante. Todos tensos. E não era esse o lugar que eu tinha pensado.

“Eu queria que vocês se apresentassem com o nome de vocês, o que sabem, o que gostam de fazer, por que acham que estão aqui. Não sei. Para a gente se conhecer, certo? Vamos ver se a gente se conhece para quebrar o gelo, né? ... Está gravando. Para a gente falar o que fazia, o que faz, o que gosta de fazer, de onde veio, por que

estão aqui, não sei... Alguém quer começar?” Essas foram as minhas primeiras palavras captadas pelo gravador. O nervosismo consegue ser demonstrado em cada uma delas.

As frases “não sei... não sei...” mostravam tamanha confusão. Como não sabia? Sabia muito, mas não sabia como me expressar. Tivemos uma voluntária, a Maria. Com base na minha explicação, começou a contar toda a sua vida em tão poucos minutos para tão “estranhas” pessoas. Não deve ter feito sentido para muitas. Para ela, que visitava seu passado desde a infância, começou a fazer sentido. E ela falava, falava e falava. E os outros começavam a se cansar, se cansar e se cansar. Ela não tinha pausas. Suas palavras enfatizavam a instrução, a educação, o esforço do pai em manter todos os filhos em um colégio particular em Fortaleza (proveniente de uma família de 11 filhos, Maria e sua família vinham do interior), e a sabedoria. Parecia querer mostrar “eu posso estar aqui. Eu sou sábia”.

Busquei em Creswell algumas dúvidas. Ele me respondia claramente:

(...) diversos aspectos surgem durante um estudo qualitativo. As questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. O processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham para a coleta de dados (Creswell, 2007, p. 186).

Será que a minha pesquisa já começava a mudar? Strauss (2008) também me ajudou e mostrava que a pesquisa qualitativa trazia surpresas, mas também benefícios, se eu conseguisse levar adiante. “Pesquisadores e alunos que usaram esta metodologia (qualitativa) sempre nos dizem que foram mudados benéficamente durante a experiência” (p. 18).

O diálogo entre os dois foi importante para o início da minha pesquisa.

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo. Essa introspecção e esse reconhecimento de vieses, valores e interesses (ou refletividade) tipifica a pesquisa qualitativa atualmente. O eu pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador. Isso também representa honestidade e abertura para a pesquisa (Creswell, 2007, p.187).

Strauss (2008) relata que o pesquisador é moldado pelos dados, assim como os dados são moldados pelo pesquisador. Havia sentido nas suas palavras. Era o primeiro encontro e eu já percebia como o meu papel era importante dentro da pesquisa. Eu afetava e era afetada pelos dados.

Ficava mais tranquila. Havia estudo sobre o meu sentimento. Strauss (2008, p. 53) me diz que

(...) o problema que surge durante esse processo de moldagem mútua é como alguém pode se imergir nos dados e ainda manter um equilíbrio entre objetividade e sensibilidade. A objetividade é necessária para chegar a uma interpretação imparcial e acurada dos fatos. A sensibilidade é exigida para perceber nuances sutis e os significados dos dados e para reconhecer as conexões entre conceitos.

Eu sentia nesse momento o sabor em pôr a teoria na prática. Eu buscava em mim essa sensibilidade e objetividade. Tarefa difícil.

Maria começa a se apresentar. Ela veio de uma família “bem de vida”, numerosa, do interior. O pai valorizava acima de tudo a educação dos filhos. Seus filhos vieram todos estudar na Capital. Com muito orgulho, falou do esforço do pai em educá-los. Acredito ter sido esta, a principal lembrança a ser retirada da mala. Dela tirou, porém, muita coisa também. Falou do seu casamento, dos filhos, da viuvez, da perda do marido por doença, da luta em educar os filhos sozinha, do seu trabalho e principalmente do orgulho que sente de si mesma.

Maria prolongou a sua resposta. Ela parecia querer resumir tudo que tinha vivido em tão pouco tempo. Os outros não a ouviam. Era difícil se concentrar. Enquanto isso, as outras histórias dificilmente se entrelaçavam. Começo a ouvir telefones tocarem e relatos como “me diga uma coisa... essa nossa história é da nossa infância até os dias de hoje?”. É como se dissesse “ela já falou muito e não resumiu sua vida” e a criticou “eu gostaria de saber um pouco sobre ELA... O nome dela eu não sei... o que ela faz... o que o marido dela faz.... se é vivo ou morto... Eu sou muito agoniada”. Soraya e Luar passam mensagens uma para a outra, mostrando tamanha impaciência em ouvi-la. Assim, Maria desiste de contar sua história e a resume enfatizando os pontos os quais considera importantes para a pesquisa .

Maria- *Eu me considero uma pessoa muito concreta, gosto da simplicidade do viver, é... porque tenho uma força interior... tenho outro grupo que eu participo que é a oficina de oração, que eu já tinha feito para eu poder estudar a parte da religião, espiritual e aprendi muitas coisas importantes, espirituais... aprendi a silenciar. Eu sou uma pessoa feliz. Eu tenho a paz interior, e procuro ser uma pessoa justa, e passar felicidade para as pessoas..., sempre procurando transmitir essa palavra felicidade, né? E isso é uma sabedoria, a felicidade que está dentro de mim, que eu possa passar através da convivência, né?”*

Lembrei-me de Amatuzzi (1989, p.52) quando ele descreve o que é um diálogo. Inicialmente no Ateliê houve pouco diálogo. “Quando as pessoas estão apenas preocupadas em falar e não escutam, quando estão portanto apenas preocupadas consigo mesmas, por mais inteligentes que possam ser os discursos, não há apropriadamente diálogo mas só palavras soltas”.

Onde estava a teoria de Josso (2004)? Como as histórias iam se entrelaçar? Onde está a socialização oral? Eu buscava respostas para o que estava acontecendo. “Ao longo dessa primeira abordagem começa igualmente a aparecer o auto-retrato: fragmentos de uma busca de si e da sua projeção, colocando em cena um sujeito que, ainda que não se reconheça sempre como tal, age sobre situações, reage a outras ou ainda, deixa-se levar pelas circunstâncias” (Josso, 2004, p.65). Por que isso não estava acontecendo?

E o Luar, a pessoa que a interrompe, começa a contar a sua história. Luar também esquece o tempo. Luar também precisa de platéia. Ela também quer ser ouvida. E relata pontos que não concordou, ou que se diferenciou da primeira. Por trás de suas palavras, havia um tom crítico e de julgamento. E depois de alguns longos minutos, resume a sua história:

Luar- *A crença em Deus na minha família é forte por parte da minha mãe, a minha não. Eu puxei ao meu pai. Eu acredito na evolução da ciência, eu acredito nos comandos cerebrais, e nos hormônios cerebrais, e sou uma pessoa privilegiada. Por que? Porque eu assisti todas as transformações, eu vi o amor livre, o uso da maconha inicial, o movimento feminista, a pílula anticoncepcional, que foi uma MARAVILHA para a libertação da mulher, e hoje estou já na Internet. Se eu fosse morrer agora, que eu não quero morrer agora, porque estou tentando tirando esses conceitos bestas, gente de preconceitos e querendo viver.*

Viver como? Acompanhando a cada dia mais esses ensinamentos científicos, e procurando esses ensinamentos para me atualizar, por exemplo: Você quer viver mais, coma menos. Você quer viver mais? Faça exercícios. Você quer viver mais? Ame seus pais. Quer viver mais? Ame seus amigos. A reprogramação. A saúde mental diz isso: anule o passado, viva o presente. Então, vou encerrar a minha história de vida com essas poucas palavras. O que eu quero dizer, é o seguinte, que cada vez eu estou procurando evoluir mais, porque eu NÃO QUERO MUCHAR, NÃO QUERO MUCHAR. Então, eu quero agora é ser FELIZ”.

Josso (2004) relata que há dúvidas dos participantes em relação ao método história de vida. Entre as quatro maiores dúvidas estão: De que se fala na narrativa se não falar de toda a vida? Que íamos fazer das narrativas na sequência da nossa pesquisa?” Meus sujeitos-colaboradores também perguntavam sobre isso e não entendiam muito bem o que estavam prestes a fazer. A abertura das malas no primeiro dia não tinha sido muito fácil.

Josso (2004) aconselha que teríamos de “se lançar à água para aprender a nadar”. E se diz perceber já nos primeiros encontros que as pessoas que já tinham feito um trabalho sobre si mesmos apresentam atitudes diferenciadas. Teriam eles já feito algum trabalho? Estávamos na água, eu estava me lançando sobre ela para colocar na prática o que aprendi na teoria. O Luar traz sua geração como assunto. Geração forte. Geração que lutou pelos tantos preconceitos; geração que venceu tantos obstáculos e tantas lutas. E agora ainda olha para frente com a missão de provar e mostrar que pode envelhecer bem e saudável. Ainda consegue provar que seus neurônios sobrevivem. Geração que apóia a Neurogênese e a Neurociência. É compreensível que eles não queiram “murchar”.

Convido Didi a participar.

Didi- *Eu não tenho nada o que dizer não.*

Luar- *Eu vou logo. Eu marquei um encontro.*

Ainda faltavam duas horas para terminar o nosso Ateliê.

Como não ter nada para dizer? Nos seus setenta anos de idade e não tem o que dizer ou como se apresentar? Mais uma vez eu percebia como o Ateliê não estava alcançando os seus objetivos. De então em diante, acho que dentro deles já vinha a sensação “Quem vai querer me ouvir? E isso interessa a alguém?”.

“O falar usando somente palavras seria mais ou menos como se duas pessoas estando juntas e falando muito, não se escutassem” (Amatuzzi, 1989, p.62). Não houve o entrelaçar das histórias. “Onde fica a palavra própria quando a alheia domina? Ela fica proibida e só sobrevive como semente” (Amatuzzi, 1989, p.75). Essas não eram suas palavras. Eu acreditava nas sementes. “Dar vida à língua não é coisa fácil”, relata Josso (2004, p.176).

Como permanecer ali, se não havia sentido para estar ali? Como ouvir o outro sem a plenitude e interesse? Amatuzzi (1989) relata que o falar para e não só diante de, aliado ao escutar realmente e não apenas receber os sons, é que cria o canto direto onde os mundos interiores das pessoas se comunicam e, só por meio disso, eles podem se conhecer. E essa comunicação era o objetivo do nosso primeiro encontro e assim, com toda a impaciência, não ia acontecendo. Não havia diálogo. Não havia comunicação, era tão-só baseada na transmissão de idéias, no resumo de experiências que não interessava a quem estava ouvindo.

A história de Didi, porém, nos emociona. Ela conseguiu prender a atenção de todos por meio de seus sofrimentos. A descrição de sua vida foi baseada neles. A perda do pai, a morte do irmão, o passamento do marido. Os três assassinados. O pai e o irmão primeiro e, no melhor momento da sua vida, a morte do marido. Todos ficavam surpresos com tamanho sofrimento. Suas frases nos levavam a saber sobre sua desistência em viver depois da viuvez, do “abandono” aos filhos, mesmo que presente e viva, e da doença psicológica que o filho teve após a perda do pai. Parecia-me que morrera, mesmo estando viva. Ela soube fazer com que o encontro de Luar esperasse.

As lembranças da Didi eram tristes. Sua vida baseava-se na dor. Isso prendia a atenção das outras. Começava a haver diálogo. Havia ao menos participação por silêncio.

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa

acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (Bosi, 1994, p.22).

Víamos na história da Didi, sentimentos revividos através da fala.

Nascia o diálogo. Será mais fácil ouvir histórias sofridas? Será que a piedade aumenta o poder do diálogo? Eles estavam presentes. Eles a escutavam com um tom de lástima ou apoio. Parecia, que pelo olhar, diziam: já passou, hoje você está aqui. “O trabalho da obra é criação de sua própria memória justamente porque a obra não está lá, nem aqui, mas em ambos. O pensamento compartilhado. Outrora, a filosofia o nomeava: diálogo” (Bosi, 1994, p.21).

Como era bom notar as histórias se entrelaçarem! Didi que não tinha nada para contar, trazia consigo dois momentos importantes: da piedade, que fazia com que o grupo estivesse pleno ouvindo, e outro comum entre eles (os amores escondidos). Começamos a criar diálogos. Começava a fazer sentido! Acredito que esse seja o momento charneira que Josso nomeia.

Apresentamos, para começar, a construção da narrativa oral. A primeira fase é a preparação individual para um primeiro desbravar dos períodos significativos do percurso de vida de cada um e dos momentos-charneira, bem como a listagem das experiências significativas de cada período (Josso, 2004, p. 64).

Momento charneira para autora acontece quando ocorre uma passagem de uma etapa para outra da vida. Do sofrimento aos momentos felizes.

Raramente permitimos a nós mesmos compreender precisamente o que significa para essa pessoa o que ela esta tem a dizer. Julgo que esta situação é provocada pelo fato da compreensão implicar um risco. Se me permito a mim mesmo compreender, na realidade, uma pessoa, é possível que essa compreensão acarrete uma alteração. E todos nós temos medo de mudar. Por isso, como afirmei, não é fácil permitir a si mesmo compreender outra pessoa, penetrar inteiramente, completamente e com simpatia no seu quadro de referência. É mesmo uma coisa muito rara (Rogers, 1961, p. 30).

Já começávamos a nos deparar o medo ou talvez a não-necessidade de conhecer o outro. Com que sentimento eu compreenderia o outro? Para quê? Por que não o ouvir? Como não conseguir estar pleno? Era como se dissessem “tá bom, agora

é a minha vez!”. Refleti sobre isso. Entendo Soraya, que não já conseguia mais ouvir a mesma história vivida por tanto tempo (Soraya é cunhada da Didi). Entendo Didi, que precisava contar como estava sua vida, o que tinha vivido, o que foi experienciado. Esse não era o intuito do nosso encontro?

Soraya a interrompe e começa a sua história, baseando seu início na criação dada pelos pais, na separação dos filhos quando tinham que estudar na Capital. Soraya é do interior do Ceará; veio de família pobre.

***Soraya-** É, eu nasci em Vila Nova, pois bem... como nós morávamos em uma fazenda, eu tive que sair de casa muito cedo pra estudar e isso eu acho que me traumatizou muito. Essa saída, com sete anos eu já estava fora de casa porque não tinha escola, né? Ai eu fui estudar com uma tia na cidade. Todo final de semana eu ia, quando eu voltava era um choro, quando eu ia, a coisa era tão agoniada, que quando eu cheguei na quinta série, o papai disse “tá bom!” O contrário do seu... (falando para Maria) “essa menina tá bom de parar de estudar”... Ai, lá se vai... não tinha científico em Vila Nova, só tinha o normal. Ai, eu não queria o normal, eu queria era o científico, aí se vem de novo... pra Fortaleza. Separou de novo. Separei de novo. Ai era outro chororô, nas férias, tudo... quando eu fiz vestibular ainda aqui, no segundo ano de faculdade os meus pais vieram morar aqui.*

Eu penso sobre a vida dessas crianças que tinham que deixar suas casas e família em busca de uma aprendizagem. Quantas não suportaram a dor dessa separação! Quantas deixaram de estudar por falta de escolas! Quantas outras meninas não iam para escolas porque os pais achavam que os estudos eram destinados aos meninos, aos homens? E concordo com o Luar, ao relatar que essa geração é vencedora. Passaram por tantas mudanças e hoje ainda carregam a luta de envelhecer capaz, bem e saudável. Mais uma das lições que a minha geração precisa aprender. E Soraya continua seu percurso

Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente do que outras de mais recentes datas. Soraya lembrava os detalhes de sua história: as roupas, os sentimentos, as companhias, a dor da separação. Parecia entender hoje que todo e qualquer

sofrimento tinha valido a pena. Hoje ela tinha a certeza de que a separação, a ausência familiar tinham doído, mas tinha trazido a sua profissão.

A reflexão não é simplesmente uma seqüência, mas uma conseqüência – uma ordem de tal modo consecutiva que cada idéia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apóia-se na antecessora ou a esta se refere. As partes sucessivas de um pensamento reflexivo derivam uma das outras e sustentam-se uma às outras; não vão e vêm confusamente... A correnteza, o fluxo, transforma-se em uma série, numa cadeia. Em qualquer pensamento reflexivo, há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um movimento continuado para um fim comum (Dewey, 1959, p.14).

Soraya refletia. Pensava. Comparava a sua geração com as de suas netas. A reflexão trazia saudade e trazia respostas. Lembranças. Ai, lembranças! O que seria de nós sem vocês? Fico a pensar...

Meninas, meninas-moças, mulheres... Quanta discriminação! Como que a mãe de Soraya poderia entender o valor de passar no vestibular? Como compreender a importância de estar em uma universidade, se para sua história isso não fazia sentido? A geração de Soraya já lutava por um mundo diferente. A geração dela já entendia o valor do conhecimento. A nossa, talvez, ainda mais. A necessidade hoje ainda é maior. É quase que uma obrigação a aquisição desse conhecimento. Buscar esse conhecimento é mudar, é crescer, é abrir outros horizontes. É sair do nada para um tudo, como lembrava o Sr. Márcio. É sair do interior do Ceará e encontrar caminhos infinitos. É saber pensar, é refletir, é capacitar-se. Não falo de acúmulo de conhecimentos, mas acúmulos de saberes.

Soraya namorou o mesmo homem por muito tempo. Casou escondida dos pais.

Soraya- *Foi pior do que o teu! Ai, eu tinha um vestidinho branco, todo de renda, o casamento às quatro horas da tarde, ai eu me arrumei toda e a mamãe “ih, vai pra onde toda arrumada?”, “ vou ser madrinha de um menino ali. Fomos pra igreja com dois padrinhos e lá mesmo nos casamos, quando chegamos em casa eu disse “mamãe nós nos casamos”. Ai a pobre!*

Didi- *Eu também casei, mas foi o seguinte... “Menina! Tu casou tão depressa! Casamento rápido? Dez anos de namoro! Mas Deus é tão grande que eu passei*

um ano pra engravidar...Eu ganhei uma viagem em lua de mel, nem contei, né? Minha filha, chiquérrima... Juscelino Kubitschek quem nos presenteou e quando eu voltei o povo dizia “menina, a Didi já teve menino!” “Vixi, Maria!”, ai a gente dizia assim: “Minha filha, é. São... 9 meses e 17 dias de casada”

Danise - *Os dezessete dias te salvaram!*

Kaká - *Contou os dezessete dias?*

Pineau, ao refletir sobre o método História de Vida, cita que “ele reflete a expressão direta dos atores sociais às voltas com o correr da vida ao darem uma forma e um sentido a ela” (2006, p.335). Era o que começávamos a ver no decorrer do nosso primeiro encontro. Embora não houvesse plenitude ao ouvir, começava a haver entrelaçamento. O Ateliê começava a ter sentido.

Delory-Momberger (2006) relata que a história de vida individual é o objeto de um trabalho de exploração e de socialização que passa por atos de escritura de si (autobiografia) e pela compreensão do outro (heterobiografia). E Josso (2006, p.87) completa dizendo:

Assim, a abordagem de Histórias de Vida pode não apenas provocar um conhecimento da sua existencialidade e do seu saber-viver como recursos de um projeto de si auto-orientado, mas convoca ainda o sujeito da formação a reconhecer-se como tal, a assumir a quota de responsabilidade no processo e, finalmente, a colocar-se numa relação renovada consigo, com os outros, com o meio humano e com o universo na sua vida em geral e no nosso grupo em particular.

Criávamos desde o entrelaçamento das histórias, um ambiente mais propício para tal formação.

Lis- *“Lá trabalhei mais de trinta anos, entrei como escriturada e terminei como diretora, viu? Gostava muito, eu era louca pelo meu trabalho. Me aposentei porque foi, tinha um rodízio de presidentes... ai quando foi esse presidente que tinha sido meu professor de matemática, (antes de ser presidente ia na minha sala conversava muito) e quando se elegeu, me chamou. ‘A senhora faça uma relação de cargos de comissão’ e ai eu fiz, quando eu cheguei e ai ele disse “é porque estou recebendo muitos pedidos, e quero ver qual é a situação”. Ai eu tava perto*

de completar os anos e ele falou “a senhora vai se aposentar? Eu digo “Eu não sei. Eu não sei se estou preparada para me aposentar”. “Não é porque eu estou fazendo...”, eu tenho TANTA raiva desse homem, porque nem trabalhou comigo, ele podia dizer “não, não eu não gostei do serviço dela”, se ele fosse inteligente...Ai, quando ele começou a me desprestigiar (desde quando eu entrei lá, eu era muito prestigiada, logo quando eu era muito nova, aí gostavam de brincar comigo, todos me prestigiavam muito. Eu disse “Por que eu vou ficar agüentando? Eu não preciso! Ai quando... me aposentei foi, foi ... quando dei entrada no pedido de aposentadoria e comuniquei a ele. “Eu não tenho culpa nessa história, não”, eu disse “o senhor sabe”, “bom, tá aqui o requerimento se a senhora mudar de idéia”, eu digo “eu dei entrada, vou entrar de férias e não pretendo mais voltar” e sai, mas aí tenho muita raiva dele”.

Elas começavam a falar. As malas iam sendo abertas. Eles pareciam surpresos consigo mesmos com o que tiravam de suas malas. Alguns traziam “objetos” diferentes, mas, quando traziam coisas parecidas... , ah, aí sim, começava a festa. “As histórias de vida são entrelaçadas a essas correntes do biográfico, autobiográficas e relatos de vida... o que se intitula história de vida para significar, primeiramente o objetivo perseguido de construção de sentido temporal, sem prejudicar os meios” (Pineau, 2006, p.341).

Muito bem lembrado por Dominicé (2006, p.347) quando ele relata que para viver precisamos passar por momentos não planejados e por mudanças. Essas são as fases difíceis de enfrentar, no entanto isso que é o que denomina se estamos vivos ou mortos. “Para conduzir sua vida, é preciso conformar-se com aprendizagens difíceis, que servirão de fundamento para as opções a fazer”.

A aposentadoria para Lis tinha sido um momento difícil. Já dizia Fraiman (2000, p.01) que “ao invés de propiciar aos idosos um tempo de colheita e fruição, alívio de tensões, de pressões, um tempo de aconchego familiar, a sociedade irracional transmite e amplia as suas dificuldades e nos levam ao "desespero da inutilidade", desocupação e marginalização; em outras palavras, sentimentos de inutilidade e solidão”. Uma pergunta comum quando se conhece uma pessoa é “Onde você trabalha?” ou “O que você faz?”. A pessoa é vista conforme o papel que ocupa na

sociedade. Ao se aposentar, grande número de pessoas perde seu ponto de referência. Horários, atividades, relacionamentos são determinados conforme exigências do trabalho. A maioria das pessoas não aceita o término da atividade de produção e começa, então, a fase do desespero em virtude da inutilidade. Lis tinha passado por isso e nos lembrava a dificuldade em passar por ela.

Agora a ansiedade para ir embora voltava. Mais uma hora já havia passado. Os olhares para o relógio começavam, o abrir e fechar as bolsas também. Havia ainda três malas a abrir. Eles calculavam o tempo e diziam “Não vai dar tempo de ouvir todo mundo não!”. E eu, impaciente com tamanha impaciência, respondia: “Dá, dá tempo. São onze horas. Mas quem quiser ir, pode ir. Deixem que as coisas sejam naturais. Porque ainda tem a Lin, a Kaká e o Márcio”. As mais plenas diziam: “Eu quero ouvir o dele!”, “E eu quero lhe ouvir também”, falavam ao Márcio.

Kaká, então, toma a decisão de abrir a sua mala. Sempre muito plena, muito atenciosa, começa a descrever sua vida. Sua família relativamente grande, com cinco irmãos. Ela a mais velha das mulheres. Não havia nobreza em sua família. Focou os estudos, a Escola Normal, o Liceu do Ceará, o Colégio Cearense. Como professora, prestou serviços e começou a trabalhar no Estado. Perguntam-lhe sobre os intervalos. Todas querem saber dos tais intervalos. “Ai deixa eu ver... de namorado... teve os intervalos”. Os risos voltam.

Kaká- *Eles me chamam de ‘cadeteira’, dizem que eu era cadeteira.*

(Mais risos)

Lin- *Cadete era o máximo naquele tempo! Teve uns intervalos até bom.*

Kaká- *Ai, eu tinha carro... Eu tinha um decavê, o bicho fazia mais zoada do que.... A gente esquece, né,? Esses momentos da vida. É, hoje eu estou me lembrando, sabia?*

O ateliê começava a fazer sentido. Era essa reflexão que eu esperava, era essa plenitude em ouvir que eu buscava. Kaká também tinha suas reflexões. Fazia muito tempo que ela não mexia em coisas tão boas. Sua vida ali dentro dela era como um recurso para caminhar mais firme. E ela havia esquecido muito do que havia dentro dela. Que ferramenta mais fácil de ser encontrada! E muitos procuram tão longe...

Começávamos a entrar na fase após a socialização oral. Josso (2004, p.65) diz que

(...) a expressão do que foi vivido dá testemunho das primeiras tomadas de consciência: - estou espantado comigo mesmo, não sabia que tinha tantas coisas para contar – Eu não me dava conta de que tinha feito e vivido tantas coisas na minha vida – Disse coisas de mim que eu nem sabia.

Entre essa minha reflexão, eu volto a ouvir a mesma história:

Luar- *Menina, eu tenho que ir...São 11:24... É, depois a gente se conhece mais, né?*

Kaká- *Calma, que tem o Márcio.*

Didi- *Ah, esse eu quero ver!*

E aqui começa a história de Márcio. Sua mala é bem pesada, bem cheia de detalhes, bem completa. São coisas interessantes, e cada uma delas traz uma certa lembrança. Ele tira coisas que eu nunca nem imaginei existir. Usa palavras que eu nunca ouvi. Às vezes emprega uma legenda para que possamos nos situar no tempo e no espaço. Um eterno aprendiz, um eterno professor.

Márcio - *Tenho 83 anos. Estou vivendo a melhor fase da minha vida!*

Todos- *Oh, oh! (todos ficam surpresos)*

(Aplausos e risos)

Soraya - *Tá namorando?*

Márcio - *Em todos os sentidos. Melhor fase da minha vida é essa.*

Márcio - *Então, comecei com uma situação muito difícil, porque era MUITO pobre. É meu pai tinha tido algumas coisas, mas depois ele era comercial e perdeu tudo e a situação foi difícil e eu era quase analfabeto, né? Tinha um grupo escolar, mas eu sabia que ia mudar. Eu sempre sonhava com alguma coisa, eu não tinha instrução, mas tinha aquela idéia.*

Soraya - *A visão.*

Márcio - *Pensava muito, não sabia o que fazer. Eu pensava se eu ficar aqui, vou ser comboieiro, vaqueiro. Aí eu sei que um dia alguém me disse “olha, tem um negócio muito bom, é a marinha!”, eu não sabia o que era. “É um negócio que tu vai pra lá, aprende alguma coisa, tem comida, tem roupa e dormida e ainda ganha algum dinheiro. Eu disse “é mesmo!”. Eu quero um negócio desse e fui pra lá.*

(Risos)

Lembrei-me de uma frase que diz que o Pai Tempo nem sempre é um pai severo, muitas vezes a sua mão desce de leve sobre aqueles que o trataram bem. Márcio tinha tratado bem o tempo. Ele tinha consciência disso. Márcio soube construir sua vida. Deu passo a passo, às vezes bem curto e outros tão enormes, mas, sempre com muita calma e paciência, soube chegar lá. Plenitude também é ferramenta usada até os dias de hoje. Ele tinha e tem metas, ele ouve a voz interna, ele acredita em si. Assim é mais fácil caminhar e construir. Márcio tem fome de vida. Aliás, ele viveu e vive faminto. Essa é a diferença entre o velho e o idoso sábio. Márcio se surpreende ao dizer: “Em todos os sentidos. Melhor fase da minha vida é essa”.

Casara, Cortelletti e Both (2006, p.23) davam conselhos que Márcio pareceu ouvir durante toda sua vida: “desafios em aprender a ser idoso, assim se ver e ser visto, valorizando essa etapa da vida, transformar as perdas em ganhos, continuar perseguindo os mesmos objetivos que deram sentido à própria existência e não ficar à margem dos acontecimentos”.

A vida de Márcio começa contra a vontade da mãe; ele entra na Marinha e descobre um mundo de aprendizagem. Tudo o que ele sempre buscou. Conhecimento e aprendizagem. “Eu embarquei em um navio-oficina, aí eu fui como mecânico, e aprendi a ser mecânico sem fazer curso e sem nada, mas como era muito esforçado, aprendi tudo aquilo que o pessoal sabia fazer. Ficou um negócio que todo serviço ruim mandavam pra mim”. E o Márcio se empolgava em contar sua trajetória na marinha. Alguns já não escutavam mais e precisam sair. Ainda não era o horário combinado. Ainda não era meio dia. Márcio tinha muita coisa para contar. Sua vida era rica em detalhes. Do marinheiro ao fresador e ao criador da máquina de castanhas. Ele precisava contar, mas poucos o ouviam. Já não conseguem mais ficar. Luar que ainda estava presente diz: “Com licença, vocês todos, foi um prazer”. Ele não dá pausas. Ele também quer contar. Nessa hora eu realmente já estava impaciente. Precisava ouvi-lo, precisava dizer como seria o nosso próximo encontro. Precisava finalizar. As pessoas já queriam sair e a única solução foi interromper o que não podia ser interrompido. Márcio não pode continuar. Lin não teve chance de falar.

Luar- *Outra vez a gente continua.*

Danise- *Gente, eu acho assim o que foi hoje foi maravilhoso. Só que no final fica assim, quem já falou já quer ir embora, quem não falou tem muito o que falar.*

Luar- *A gente quer ouvir, mas tem outros compromissos.*

Ainda não era o horário proposto para o nosso encontro. Tínhamos tempo.

Danise- *Fique bem à vontade. Na hora que quiser ir embora pode sair, a gente fica até o meio dia, que foi o horário que eu combinei, agora são 11h39min ainda, mas é assim, pode ir embora sem problema nenhum. No próximo, queria que vocês pensassem, não sou professora e nem é dever de casa, mas se pudessem escrever um texto em português sobre o que é sabedoria pra vocês, se vocês se sentem uma pessoa sábia, e aí peço também para trazer no próximo encontro uma foto que marcou a vida de vocês, ou algo ou algum objeto ou algum momento que a gente possa compartilhar no próximo momento. Uma foto, ou uma roupa, ou um objeto... alguma coisa pra gente conversar na próxima aula, aula na, próximo encontro, desculpa...*

Ainda era tudo novo para mim. A aula ou o Ateliê? A professora ou a pesquisadora? A professora cortaria os assuntos, a pesquisadora estimularia para que eles acontecessem. Também era confuso para eles. Eram alunos ou sujeitos-colaboradores? Tinham que responder o que a professora perguntou tal e qual ou responderiam sem hora, sem limites? Entendia o momento da apresentação das malas, mas não foi fácil vencer o primeiro dia.

Eu me senti muitas vezes, durante esse primeiro encontro, andando em círculos. Acredito ser um processo natural para um pesquisador que se depara a primeira vez com o campo de pesquisa.

É quase impossível preparar-se antecipadamente para todas as contingências que podem surgir antecipadamente para todas as contingências que podem surgir durante o processo de pesquisa em ciências biológicas e sociais. Na verdade, de várias formas, a pesquisa pode ser concebida como um processo circular, que envolve muitas idas e vindas e caminhadas em círculo antes de finalmente atingir um objetivo (Strauss& Corbin, 2008, p. 41).

Nessa hora, ainda quatro delas perguntavam ao Márcio sobre sua vida. Ele não se importava. Ele queria falar. Márcio falou sobre seus empregos, descobertas, seu desapego dos bens materiais, sua bondade em ajudar as pessoas. Termina falando de um assunto que mais o estimula a ir em busca para tantas respostas: saúde. Considera-

se um pesquisador sobre o tema. E assim vai contando. Eu já não estou mais presente. Meu sentimento em não ter atingido muito do que eu queria me decepcionava. Minha ansiedade também foi grande. A falta de experiência me fazia temer em ter feito algo errado. Minha sensação era de que estavam ali para me ajudar. Acreditava que não haveria continuidade. Acreditei que eles não voltariam. E foi assim que terminamos o começo da abertura das nossas malas.

Danise - *Deixa eu terminar . Hoje foi muito solto. Às vezes é melhor falar do que ouvir...*

Kaká- *Ah, eu adorei!*

Danise - *Na próxima vez a gente vai direcionando, porque vai ter a parte da infância, da adolescência, do namoro. Vai ser tudo direcionado...*

Lis - *É, tem que ser coordenado*

Soraya - *Senão a gente mistura muito*

Danise - *Mas pensem nisso... um texto sobre você se sente sábio? O que é sabedoria? Vou estimular a gente a escrever mais. E não esqueçam alguma coisa que marcou. Certo? MUITÍSSIMO obrigada*

Márcio - *Vou trazer aquela foto que montei num camelo na pirâmide.*

Danise - *Oba! Muito obrigada!*

Desliguei o gravador. Minha vida de pesquisadora começava.

Teria eu tido sensibilidade? Teria alcançado a objetividade? Eu não estava leve. Precisava analisar também meus sentimentos. Acredito que muitos foram tocados, mas tocados de que forma? Teriam as malas sido abertas por espontaneidade? Acreditei que muitos não voltariam.

“O que está acontecendo aqui? O que eu acho que vejo está de acordo com a realidade dos dados? Os dados em si não mentem.” (Strauss& Corbin, 2008, p. 55). Os dados não mentiam, mas eu só saberia o valor do primeiro dia no segundo encontro. Haveria o segundo? Quem haveria de voltar? E por que voltariam? Esses eram os dados que eu gostaria de saber... E assim eu esperei uma semana para começar a compreendê-los.

3.4 Tema: Minha Mala Já Pesou Muito!

(A Sabedoria Que Supera O Sofrimento)

Cena II

Penso nesse segundo encontro como realmente um ateliê, onde criamos, pensamos juntos e construímos algo. Esse algo foi prazeroso demais! Saí de lá diferente. Sensação boa, sensação de aceitação das dores que eu também levei para aquele encontro naquele dia.

As coisas não iam bem. E agora já penso que não iam tão mal. Poucos dias antes, meu namorado (um pouco namorado e um pouco marido), tinha perdido o emprego. Minha cabeça não parava de pensar. Queria soluções, queria não ter ouvido o que ele me disse na manhã. Não estava sendo fácil para ele, e eu o via todos os dias um pouco mais para baixo, sem muitas esperanças. Eu sei o que ele estava sofrendo, apesar de tantas máscaras. Ele também já não era mais o mesmo. E parecia que, quanto mais eu pedia luz, mais as janelas e portas se fechavam. O que acontecia para Deus não estar me ouvindo? Já não bastavam tantas coisas acontecidas com ele todos esses meses? Queria o ano de 2006. Por que esse não acaba logo? Como dar aulas, estudar, me concentrar, ler livros e preparar um Ateliê da Sabedoria naquele dia? Parecia tudo uma incongruência. Agora me lembrei de Rogers.

Lembro-me também da Josso. Tão engraçado quando certos autores vão fazendo parte de nossas vidas. Josso falava que esses encontros abordando histórias de vida são terapêuticos. Ouvir e falar, todo entrelaçados em sentir. E eu percebi isso durante todas as horas de conversa, e eu ouvi da boca de pessoas tão experientes, que isso é que é vida. "É um tobogã", e aprendi também que os sábios são os que passam por ela, e de cabeça erguida, dizem "eu queria viver! Não era a minha hora! Eu aceitei".

Um ateliê misturado de conhecimentos, elaborações de conceitos, por meio de olhares atentos e falas fortes, com muita espiritualidade. Falamos de escolhas, de preconceitos, de aceitação, de fé. Falamos de tudo isso e também do amor. "O amor vence tudo". E vem na minha jovem cabecinha, tão longe de enxergar através de lentes com tanto zoom, que eu também precisava aceitar que um dia ganhamos e que em muitos outros perdemos. E o melhor foi perceber, que, até nas perdas há ganhos; que inclusive nas escolhas erradas, há acertos; que nem que seja nos momentos tão difíceis (e o meu passou a ser supérfluo), há saídas e mais do que isso há aprendizagem. E parecia clara para mim a origem de tanta sabedoria: experiência de vida.

Como são tão fortes essas experiências de vida! Como são tão presentes em tudo o que vivemos, em tudo que sentimos. Simplesmente elas é que nos fazem responder pelo que somos. Elas é que falam mais alto, que vencem as máscaras, que desdizem o que realmente não pensamos. E somos assim, horas de bate-papos com legendas que traduzem o que realmente somos. E parece até um prêmio dizer que fomos fortes o suficiente para vencer as dores. É mérito dizer isso! E por mais triste que pareça a nossa história, sempre há pelo menos a vitória de um dia dizer: "passei por isso, vivi, venci, aprendi e hoje estou aqui". "Tô aqui vivinha e não quero morrer", disse um deles.

Engraçado ver tudo o que estudei sendo falado por pessoas que nem leram o que li. Como sabem tudo isso se nem fazem mestrado? Como sabem? Agora até eu ri. Ora, como sabem!!!

Eles tinham voltado. Estavam quase todos lá quando eu cheguei. Por um momento achei que não voltariam. A sensação do primeiro encontro não tinha sido tão boa. Eu estava também mais tranqüila. Meu papel de pesquisadora já estava mais definido depois de tantas reflexões. O fato de ouvir e transcrever o que vivemos me fizeram pensar em tudo o que falamos. E assim resolvi levar uma reflexão. Queria que

pensássemos sobre a importância do refletir sobre a arte de ouvir o outro, acerca da arte de silenciar. E assim começamos o nosso segundo dia de Ateliê.

Penso que o primeiro momento do nosso segundo encontro no Ateliê foi conscientização, uma reflexão sobre como ouvir o outro, o porquê da dificuldade de escutar, o porquê da preferência ao falar. Sinto isso nas salas de aula também e vejo como essa impaciência dificulta o aprendizado. Tenho comentado isso com eles quase todas as aulas. (Com exceção de uma, todos foram ou são meus alunos). E aí chego a pensar: o que seria da vida sem o diálogo? O que seríamos nós se somente falássemos? Como aprenderíamos se não escutássemos? Será essa uma dificuldade de escutar somente os outros ou a si próprio também? Por que a história de vida, as experiências de vida do outro não me interessam? Por que a dificuldade em estar pleno? Reflito sobre isso.

Penso também que tudo o que é significativo para mim, ou seja, que traz e tem sentido, estarei conectada a ele. Então, será que a história de vida do outro não me traz sentido? Talvez. Refletindo ainda mais, vejo que alguns assuntos, tais como os intervalos, as perdas, as dificuldades, ou os momentos mais raros e mais divertidos, foram as ocasiões de plenitude. Ai, então, talvez esteja o segredo da plenitude: o interesse em estar pleno e a significação, uma busca pelo sentido. Estou presente à medida que encontro sentido naquilo que busco.

Para alguns que estavam presentes ao Ateliê não havia significação. Ouvia através de frases, como “por exemplo, eu vim com todo prazer, e em especial a você, mas eu sou uma pessoa que tenho muitos horários, minha vida é um corre-corre...”, como encontrar sentido se estar ali é para ajudar a minha pesquisa. E a razão para esta pessoa? O que traria de benefício essa experiência formativa? E ela onde estava na história? Penso e agradeço o ato de estarem presentes por minha razão. O amor e o nosso contato são de tal modo fortes, que acredito mesmo que se chegue ao ponto de participar do nosso encontro de três horas para poder ajudar a minha pesquisa. Não havia, no entanto, um sentido próprio. E assim não propiciava uma plenitude. Sem essa plenitude, não havia diálogo. E sem diálogo não havia as histórias de vida. Será que Josso ou Delory-Momberger tinha passado por esse processo?

A necessidade deles para ter um *feedback*, me fez trazer todo início de encontro algo para que pudéssemos refletir, algo que nos trouxesse plenitude (onde

encontrássemos sentido para o nosso encontro) e também um repensar os nossos atos e falas. Josso (2006, p. 116) relata que há sim uma certa dúvida por parte dos colaboradores quando perguntam “que íamos fazer das narrativas na seqüência da nossa pesquisa?”. A autora descreve, no entanto, a importância de uma grande concentração para que ocorra a narrativa da história de vida, no que diz:

(...) com efeito, entrar na lógica do outro e apropriar-se de sua narrativa exige, em si mesmo, uma grande concentração, pois em contraponto, o trabalho interior em torno da própria biografia prossegue, sendo necessária uma atenção global para o que se passa no exterior e no interior de si. Mudar de narrativa sem a pausa necessária para clarificar as idéias tem um efeito empobrecedor (p.119).

Eu tinha uma missão no segundo encontro. Este precisava ser rico, faustoso em pensamentos, reflexões e plenitude. Esse era o meu maior desafio. Sabia como começar. Tudo necessitava simplesmente do sentido, da busca pela significação da resposta à indagação “por que estou aqui hoje”?

E, com o pensamento, com uma música instrumental de fundo, começamos o segundo encontro falando sobre aprender a silenciar. Entreguei umas revistas para cada sujeito colaborador. Pedi para que cortassem alguma figura que simbolizasse a palavra sabedoria.

E uma atividade com uma simples folha de papel trazia lembranças. Era gostoso viajar com eles através do tempo. Era como sentir o vento que soprava e trazia essas emoções. Na sala de investigação, iam aparecendo as brincadeiras infantis, as diferenças escolares, a educação dada pelos pais, as aprendizagens significativas da infância - “eu nunca mais roubei”, era como se dissesse “aprendi a lição”. E isso para mim era diálogo que estava acontecendo. Era ouvir e escutar e era refletir também. Estávamos segundo Dewey (1971), construindo experiências.

E foi com essas atividades de relembrar os momentos significativos, muitas vezes de modo espontâneo como essa atividade do papel, que levaram aos sujeitos-colaboradores foram conduzidos a repensar a sua vida e a experimentar momentos tão guardados. Josso (2004, p.130) diz que

(...) a reflexão sobre aquilo que foi formador na minha vida, e que me permite situar o que hoje penso e faço, reforça o espaço do sujeito consciencial capaz de se auto-observar e de

refletir sobre si mesmo. Eu me formo, aprendo, conheço e não fui formado por, fui educado, ensinado etc., isto é, todas as fórmulas que fazem do sujeito aprendente um continente dependente.

Com isso, a autora mostra que somos sujeitos ativos, pessoas que agem e aprendem com as experiências de vida, na prática. O Luar trazia sua história como exemplo. Não foi na escola dentro de quatro paredes, não foi nos livros, pois a tal aprendizagem veio com a escola da vida. Pequena, ainda sem noção do perigo e de ética, nos contou que “roubava” coisas na loja. Sua lição: “eu fiquei com medo, nunca mais roubei”. E hoje, depois de tantos anos, a história ainda permanece dentro de si.

(Didi chega. A turma vibra)

Didi- *Resolveram pintar minha casa depois de 25 anos.*

Danise- *Pintar a casa, Didi? Que coisa boa!*

Didi- *Daqui a 25 anos, eu já to morta, pronto! Quem quiser que pinte!*

(Risos)

Didi tinha pintado sua casa. Algo começava a mudar. Sabíamos que isso era uma novidade. Didi há muito tempo não cuidava do seu lar, desde a morte de seu marido. Com surpresa, a turma vibra. “Pintou a casa depois de 25 anos?”. Era novidade! O que tinha levado a essa mudança? E o que a levava a chegar no segundo encontro já contando essa novidade? Sr. Márcio agregava a esse o fato de estar fazendo a auto-hemoterapia (recomendada por ele, Didi recebia as injeções com o seu próprio sangue para se alegrar mais, ter mais imunidade e uma série de benefícios que o levava horas a nos explicar). E ela parecia acreditar, porque “nem alergia a tinta tive”, dizia. Perguntei quem tinha conseguido tal mérito, porque, quando começou a nos contar, usou sujeito indeterminado: “resolveram”, disse ela. Suas filhas falou. A felicidade foi tanta, que nessa hora já não conseguíamos definir o que e quem estava falando. Didi, mais uma vez, trouxe diálogo ao nosso encontro. Com ela, os sujeitos-colaboradores conseguiam se concentrar e se emocionar.

Danise- *Eu entreguei essa revista e peço para que vocês cortem em dez minutinhos algo que represente a palavra sabedoria. Essa é a nossa primeira obra de arte.*

O que significa a palavra sabedoria?

Márcio- *Já cortaram a sabedoria todinha daqui!*

(Risos)

Kaká- *Tem a sabedoria artificial e a natural, não tem?*

Maria- *Risos*

Kaká- *Tem, não tem? Eu acho que tem, o conhecimento é artificial.*

Maria- *Sabedoria é sempre conhecimento.*

Kaká- *É não!*

Luar- *Por exemplo, meu pai era um gentleman, correto, polido, e era analfabeto.*

Tá vendo?

Maria- *Era uma sabedoria nata!*

Luar- *Ela estanca, se você não prosseguir. Você não tem o conhecimento stricto sensu, o lacto sensu.*

Kaká- *Eu só mais o lacto sensus.*

Cada um tem sua forma de trabalhar uma atividade. Cada um traz consigo seu ponto de vista que vai sendo trabalhado desde o ponto de vista dos outros. Então, as histórias se misturam, há trocas de experiências e afloram outras. Há reflexão. O que então é sabedoria? Para uns, a sabedoria é nata. Para outros, é associada ao conhecimento. Para outros, ela é o próprio conhecimento. Uns acham a atividade fácil de ser realizada, e não são necessários nem dois minutos para que terminem, enquanto outros pedem mais tempo para que possam finalizar. Há dúvida entre a sala de aula e a sala de investigação, entre o comportamento de aluno ou de sujeito-colaborador quando perguntam “posso fazer isso?”, “devo fazer isso?”, “coloco o nome?”. Josso (2004) observa isso também no seu grupo, quando relata haver podido observar que cada um tem uma maneira específica de se pôr em atividade, desde como toma notas até como se comporta no intervalo para o café, pela maneira de sentar-se na cadeira, de esfregar olhos e de passar a mão pelos cabelos. E que bom que somos diferentes! Assim temos um Ateliê rico, com experiências de vida diferenciadas e conseqüentemente com diversos pontos de vista. E o que é mesmo a sabedoria para eles?

Luar- *Eu começo logo, porque eu quero sair um pouco mais cedo, né?*

(Risos altos)

Luar- *A sabedoria requer muita reflexão, porque sabedoria é uma palavra muito profunda. Todo mundo é portador de sabedoria, como já foi dito tem a sabedoria nata, né? E tem a sabedoria adquirida. A sabedoria nata é aquela que você trás e alguns estudiosos, cientista, eles explicam ser hereditária, psicológica. Dentro dos avanços da medicina, mostram que nós temos vidas passadas, vidas passadas de geração, mas o que tenho de conceito de sabedoria aquela externa, que não é aquela interna, porque internamente temos dupla personalidade, aquela que somos, aquelas mentirosas que nós somos, as fantasiosas que nós somos, e existe aquela personalidade pública em querer ser boas, que realmente não se é. Não somos pessoas más, e realmente não é, mas os nossos defeitos são escondidos em nós mesmo. Com esses ramos da Neurolinguística e o cripton, nós trazemos a hereditariedade dos nossos antepassados. Mas como eu não quero prolongar muito, dando uma conferência... E... lá se vem o lapso, isso é falha de esquecimento por causa da idade... (Risos)*

Maria- *Muita informação tem no seu cérebro, ter um lapso de memória isso é normal.*

Lembro-me bem de que quando Luar foi explicar a origem da sabedoria, a expressão dos colegas era como se fosse “não estou entendendo onde ela quer chegar”. Luar, sempre muito inovadora, cheia de conhecimentos, gosta de ler assuntos científicos, se interessa por Neurolinguística e Psiquiatria, mas acaba por não pôr colocar todos esses conhecimentos em ordem. E de onde vinha mesmo a sabedoria? Com toda a informação, não muito ingerida ou digerida pelo seu cérebro, ela não consegue definir de onde ela vem. Penso que depois, com a foto tirada de uma revista de um casal casado há 44 anos, ela consegue colocar em palavras o que é sabedoria. Para ela, a arte de viver juntos e felizes por tanto tempo é um exemplo de sabedoria.

Lembrei-me de um texto imperdível de Jorge Larrosa Bondía *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, falando desse acúmulo de informação que temos atualmente. De forma crítica, ele julga que ter muita informação não significa ter

sabedoria. O saber exige reflexão. A informação, por outro lado, cancela nossas possibilidades de experiência. Para ele, informação está completamente separada da experiência. “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p.21).

Luar era informada, buscava sempre essa informação. Somente pôs em palavras, porém, o que é a sabedoria quando relatou a própria experiência; e experiência que vive na pele casada há 35 anos. E por isso esse esquecimento: “O que eu estava falando?”. Não culpo a idade, não culpo a falta de memória, mas o acúmulo de informação que nos faz perder de vista o nosso próprio ponto de vista. Cientistas e cientistas irão dizer isso ou aquilo todos os dias, mas onde está o que eu sinto, o que eu acho, o que eu penso? O que realmente fica no nosso cérebro depois de tanta informação? O que de significativo resta? Que sentido vai trazer para minha vida? Consigo passar aos outros o que ainda não digeri? Acredito que a reação é essa mesmo: esquecer e se perder. Então, chego à conclusão de que o ponto de vista de cada um em relação a essa atividade (como exemplo) é simplesmente a tradução das experiências das suas próprias vidas. Então, tudo o que eu acredito, penso e repasso, são as minhas vivências que depois de refletidas, se tornaram experiências. Sou simplesmente o reflexo de cada uma das minhas experiências.

Soraya- *Sim, agora sou eu... A minha figura, o que eu acho sobre sabedoria não é a mesma opinião do Luar, não. Risos. Eu não li nada. É a minha opinião! Sabedoria é uma das coisas mais importantes do ser humano, e que não se adquire, já nasce com ela.*

Luar- *Não é a mesma opinião, mas é. Eu falei que tinham duas, a nata e a adquirida.*

Soraya- *Mas eu acho que não se adquire. Eu acho.*

Luar- *Você acumula, minha filha.*

Didi- *Ai, é cultura.*

Soraya- *Ai, é conhecimento.*

(Zoadá)

Danise- *E o que é, Soraya, sabedoria?*

Soraya- Sabedoria é o discernimento, é a pessoa ter o jogo de cintura, é saber compreender as coisas, de saber se defender das coisas, de saber orientar alguém, saber perdoar, saber pensar, ter um jogo de cintura muito grande... Sabedoria é isso, é saber se dar com o colega, é saber ouvir o colega, orientar, e vir que o colega tem um problema, é chegar e saber o que está havendo, é isso sabedoria. Sabedoria para mim, é isso... Sim, esse rapaz eu acho que é sábio porque ele era aluno de uma instituição, ele hoje é professor, ele orienta criança, a se divertir, a brincar. Para mim, ele é uma pessoa sábia.

Soraya defendia seu ponto de vista. Era a sua opinião, não importava se estava correta ou não. Ela era o reflexo da sua experiência. Ela pensava assim, porque talvez isso já tinha sido refletido por ela mesma, porque esses tantos anos de vida a fizeram pensar assim sobre esse determinado assunto. Não acredito que esse ponto de vista não possa mudar, que ele é fixo, permanente. Pelo contrário, desde o momento que outra idéia fizer parte dela, fizer mais sentido para ela, havendo pensamento, provavelmente terá outra forma de pensar. Acredito que cada dia é propício para que algo nos toque, que algo nos aconteça e, se assim for, seremos pessoas mais experientes.

Bondía ainda fala (2002, p.23), “depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça”.

Para Soraya, diferentemente da minha experiência, a sabedoria era sim, nata. Nascia com a gente e assim permanecia. Era isso que pensava e refletia o meu sujeito-colaborador.

Danise- Lin, Lin... o que é sabedoria?

Lin- Para mim, a sabedoria resume em uma palavrinha bem pequenininha... é no amor, a pessoa tendo amor, eu acho que ela sabe perdoar, ela sabe achar a saída de tudo, entendeu? Se a pessoa amar a outra, o seu próximo, isso foi gente lá de cima, que ensinou, foi a primeira pessoa: foi o nosso Jesus Cristo. Eu acho que a

gente procura discernir, procura como resolver as coisas, se for pelo amor. Pronto é só isso. Eu escolhi essa foto, que é o amor, que renasce outras pessoas, é a origem, né?

Engraçadas as palavras dos meus sujeito-colaboradores. “Em ordem”, “pronto é só isso. Pronto!”, “não vou ter tempo para falar, o tempo é curto”, “bom, agora é a minha vez”, “deixa eu dizer rapidinho”, são frases ouvidas nos nossos primeiro e segundo encontros. O tempo e o medo de causar impaciência aos outros. Não queria que fosse assim. Era o nosso tempo, era o nosso lugar, eram as nossas reflexões. Como ter tempo marcado? Ah, essa história de tempo! Estamos sempre a olhar o relógio. Isso me causava dor. Digo dor, porque para mim não faz muito sentido correr para chegar. Chegar onde? Onde vamos chegar? No fim? E o processo? E o caminho? Esse não é aproveitado? E para mim, no meu auge das correrias com as aulas, com o mestrado, com a vida em si, chego a pensar que depois da minha aposentadoria irei curtir o meu tempo, a minha não- vontade de ter um relógio. Penso nisso. Terei o meu tempo e ninguém poderá dizer “você está atrasada para isso ou aquilo”, “o almoço está tarde” e quem disse que preciso almoçar às doze? E aí, voltando para as minhas reflexões, por que ainda corriam? Não estão nessa fase do processo? Julgo-me também. E por que esperar para curtir esse processo. Ah, “*my shells*”!

Para Lin, sabedoria é amor. Amor, o sentimento mais sublime! Amor, o sentimento mais puro! O amor, o sentimento mais genuíno! Quando assistíamos aos desenhos animados, onde havia o mestre dos saberes, ele sim, era velho, puro, limpo, usava roupas que lhe davam um ar de poder; era sublime. Respeitava os outros e era muito respeitado. O amor refletia a sua experiência. Para ela, a sabedoria vem de um saber viver, quando diz “... *a pessoa tendo amor, eu acho que ela sabe perdoar, ela sabe achar a saída de tudo. Eu acho que a gente procura discernir, procura como resolver as coisas, se for pelo amor*”. Para saber viver é preciso ter amor. Foi esse o sentido que eu dei ao que a Lin nos falou.

Danise- Sr. Márcio, o que é sabedoria?

Márcio- A sabedoria é polida pela instrução, mesmo que as pessoas digam que seja nata, a instrução dá um polimento na sabedoria das pessoas, né? Agora o que eu penso sobre sabedoria e o que eu pratico está escrito nesse papel aí. Por favor, leia aí.

Danise- Deixa eu ler. “Sabedoria, a pessoa é sabia quando procura aproximar-se de Deus cada dia mais e pratica os meios de viver muitos anos além da tentativa de sempre inovar. Justificativa – Se a vida é uma dádiva de Deus, devemos procurar o máximo que for possível porque Deus se alegra com esse tipo de comportamento nosso”.

Márcio- Isso é o que eu penso de sabedoria. Isso aí está englobado o amor, tudo o que se aproxima de Deus pode ser tudo bom.

Sr. Márcio associou a sabedoria a Deus, ao divino, ao que vem do puro, ao que vem do amor. Suas experiências de vida sempre relatam a presença de Deus; sabedoria para ele não poderia estar longe da sua fé.

Gosto quando ele fala “*pratica os meios de viver muitos anos além da tentativa de sempre inovar*”. Ele aqui fala de si próprio. Ele procura essa vida sadia, vida dentro dos limites e sempre procura se inovar. Com 83 anos, ele busca a tal inovação, seja nas leituras, nas pesquisas, nas viagens, no computador, nos cursos e na própria vida. Para o Sr. Márcio, isso é sabedoria.

Sabedoria para ele também está associada ao conhecimento quando diz “*a instrução dá um polimento na sabedoria das pessoas*”. Conhecimento e educação formal são ferramentas da sabedoria para Márcio. Creio que seja por isso que sempre lutou desde quando tinha uma vida muito simples para aprender coisas novas, a ter uma vida mais digna, sempre buscando tal conhecimento.

Didi- Bom, eu tenho um exemplo de um amigo, que todos vocês conhecem, né? Ele era casado com a Pois bem, e uma vez ela disse, minha filha você é muito sabia. Eu digo “não, senhora, sábias, inteligentes, são suas filhas”. Porque todas realmente são, né? E ela disse assim: “não, sabedoria é a sua, que sabe segurar o seu casamento”. A minha sábia não soube, entendeu? Ela não tem, como é que se chama, jogo de cintura, como é que se diz. Não tem flexibilidade, porque para tudo tem que se ter flexibilidade, né?

Soraya- Para mim, é isso mesmo, a mulher sábia é aquela que sabe segurar o seu marido.

Didi- Seu lar.

Lin- Para mim, já não é isso.

Luar- Eu também... Depende.

Revolta nos que não concordam.

Lin- Eu acho que eu me sentia uma pessoa muito forte, muito sábia, não fui deixar de ser sábia... Por que? Porque eu fui deixar meu marido? Eu passei 20 anos com ele e não soube levar meu casamento? Eu fui uma pessoa que vivi depois... tirou um monte de peso, a primeira coisa que a minha filha disse quando tinha doze anos “mamãe, foi a melhor coisa que a senhora fez na vida”, a gente podia dormir em paz.

Soraya- Você se considere uma mulher sábia, porque você cuidou dos seus filhos. Isso é sabedoria sua.

Luar- Hoje você está comemorando. Hoje as pessoas casam de novo de véu e grinalda e tudo é maravilhoso. Agora nós passamos por uma transformação profundíssima, surgiu com o movimento feminista, a mulher nem sequer votava, e as mulheres deixavam seus filhos e iam lutar clandestinamente por uma liberdade. Por que? Até os grandes sábios, por exemplo, que Sócrates dizia uma vez que a mulher não era para ter prazer sexual, era apenas um instrumento de geração e ainda mais, nós passamos por tantas transformações. As mulheres já andaram muitos degraus, a mulher separada antes era rejeitada, hoje já não é. Ela participa integralmente da família e da sociedade, tudo isso ela conquistou, ainda

falta conquistar mais porque os direitos ainda estão desiguais. Eu vou dizer uma coisa, nós ainda sofremos uma imposição seríssima pela mídia. Nós ainda temos que ser magra a força. A plástica está aí, o sabão está melhor do que o outro, aí você corre para o supermercado e compra, induzida. Você se sujeita a mutilar o seu corpo, para mostrar para as outras que também estão concorrendo.

Elaborações de diálogos. Não tinha como não estar pleno. Estavam todos em volta de um assunto: afinal, o que é sabedoria? Cada um define o termo com a própria forma de ver a vida. Sabedoria para um está ligada com a religião, porque ele está associado com a religião. Sabedoria para a outra é estar casada, é agüentar um casamento, porque para ela a importância do casamento é muito grande. As que concordam são bem casadas. As que não concordam sentem na pele que não é justo essa definição de sabedoria. Lin sabia, sentia e tinha experienciado o sabor de um casamento sem sucesso. Por que ela não seria sábia? Sabedoria era agüentar, então o casamento? Fácil essa experiência para quem tem um bom relacionamento, teoria esta nunca utilizada por alguém que sofre, que depende do marido, que apanha, é violentada, ou por alguém que nunca encontrou um amor. Pessoas assim não seriam sábias, então?

Elas refletem sobre isso. Cada uma vai contando sua experiência. Todos escutam e avaliam. “É realmente, nos equivocamos”, pareciam dizer. A sabedoria não seria agüentar um marido. “Tem o outro lado que não conhecíamos”. E esse outro lado é o que sempre deveria ser visto. O meu lado, a minha experiência de vida, as minhas vivências, podem e geralmente são completamente distintas do outro. Nem por isso tenho a verdade. Sabedoria também inclui o “outro lado”. E como inclui!

Via nascer perante a mim várias experiências. Havia reflexão. Havia o toque. Para Dewey (1976), toda experiência humana envolve contato e comunicação. “Toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer o queiramos ou não, a qualidade das experiências subseqüentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências” (p.26). Esse era o objetivo do Ateliê: compartilhar experiências de vidas formadoras e com base nas quais pudéssemos ter outras experiências.

Lin mostrava seus sofrimentos diante uma sociedade machista. Luar a compreendia porque sua experiência de vida mostrou dentro do seu trabalho milhares de mulheres que sofriam na relação. Com as duas narrativas, as outras ouvem e refletem, assim formam também uma nova experiência e vêem a existência do “outro lado”. Luar faz todo um levantamento e resumo do que a geração deles passou e toda a sua trans-form-ação (Cavalcante Jr). O preconceito, a luta pelo voto, a luta pela liberdade, pela participação dentro de uma sociedade, o direito de entrar e sair de um casamento quando quiser, mas relata que ainda sofrem em razão da “tal ditadura da beleza”. Como investigadora, me senti nesse momento realizada. Eu ouvia os diálogos e as formulações de idéias. Eu sentia cheiro de experiências formativas.

Maria- *E então, sabedoria é discernimento da sua própria vida. Ser sábia na minha vida foram as minhas escolhas, eu acho importantíssimo as escolhas. Eu escolhi ser independente, ter qualidade de vida, da saúde espiritual, de muita espiritualidade, e eu fui passando para os meus filhos. A sabedoria vencendo as situações difíceis da vida, de despesas.*

Didi- *Em que ano você ficou viúva, Maria?*

Maria- *Faz 30 anos, viu? E tudo isso eu consegui manter, essa qualidade. Porque eu tinha quer estar de pé para levar meus filhos, de ser pai e mãe, e eu me tornei uma pessoa altamente independente, ao ponto de ser, nas escolhas até na escolha de um marido depois, eu passei a ser uma pessoa exigente, e independente. Fui trabalhar, batalhar tenho o nível superior, tenho uma bagagem muita grande que me segurou e me segura. Por isso essa foto aqui. Ele vem exatamente numa cidadezinha para juntar todas as lembranças, principalmente ele diz aqui “com ele eu aprendi o significado da fé”.*

Kaká- *A espiritualidade é uma aliada da sabedoria.*

Maria- *As suas escolhas são muito importantes na vida, né? Porque aí eu dou continuidade na minha vida. Eu escolhi. A minha escolha é uma coisa importante.*

Lin- *Eu penso assim, as escolhas... tem certas coisas que eu tenho que escolher, mas aí o que eu vou escolher?*

Maria- *É a sabedoria, meu amor.*

Lin- *E se eu escolher errado? Você tem 2 ou 3 escolhas, por exemplo o marido, você tem aquele, aquele, ou aquele para escolher. Você vai e escolhe um errado.*

Maria- *Na minha cabeça era a certa*

(Barulho)

Lin- *Muito bom se eu escolher o certo, mas se eu escolher o errado?*

(Muito barulho)

Danise- *De uma escolha errada, sai uma certa.*

Aos poucos, os sujeitos-colaboradores iam percebendo o valor da sabedoria. Sabedoria seria continuar casada? Sabedoria seria fazer escolhas certas? E como saber se as nossas escolhas são certas? Como fazer escolhas certas todos os dias? Sabedoria seria sinônimo de não errar?

Essas perguntas permaneceram em suas mentes e aos poucos nos diálogos e nas próprias experiências de vida, as idéias iam se modificando. Elas percebiam que sabedoria era fazer escolhas. As escolhas erradas conduziam reflexões, traziam também dentro delas acertos e escolhas é que são as responsáveis pelo que somos hoje.

Já havia refletido sobre isso. Penso que tenho de fazer escolhas assim que abro meus olhos ao acordar. Escolho no meu dia o que devo fazer, o que devo comer no café-da-manhã, se faço ginástica, corro ou durmo um pouco mais, se leio um livro ou assisto televisão, se estudo depois dos sessenta anos de idade ou se não me interessa mais aprender, se caso ou se fico solteira, se tenho filhos ou não, se volto a trabalhar depois de uma aposentadoria ou não. Tudo é opção; tudo é escolha. Sou ao final de minha vida reflexo de uma vida que escolhi. Meus pensamentos, idéias e atitudes refletem a minha forma de escolher na vida. Quando converso com uma pessoa de 90 anos de idade, a sensação que tenho é de estar conversando com as suas escolhas, é

uma sensação ser convidada a conhecer um mundo de escolhas. Quão importantes são elas!

Lin reflete sobre isso quando diz: “mas talvez eu tenha aprendido mais e talvez eu tenha mais sabedoria do que muitas pessoas”. Não penso que o sofrimento sozinho traga experiência de vida. Não penso que nos momentos mais difíceis; aprendemos mais. Penso que, tanto na felicidade ou na tristeza, há aprendizagem. O que influencia é como estar pleno dentro de tais sentimentos. O que influencia é refletir sobre esses sentimentos também. Infelizmente na maioria das vezes, só conseguimos nos afastar do mundo, refletir sobre um sentimento nos momentos de tristezas. Há, sim, aprendizagens significativas nos casamentos felizes ou tristes, nas separações, na vida de solteira, nas escolhas certas ou erradas. Basta haver plenitude.

Meus sujeitos colaboradores iam percebendo isso. Eu como observadora participante via suas escolhas expostas às suas idéias e opiniões. Era fácil perceber que a opinião de cada uma dependia das escolhas que tinham feito ao longo de suas vidas. E percebia ainda mais claramente que quando havia essa exposição e que o outro o ouvia então, refletia, havia uma troca de experiências, a construção de uma outra forma de pensar a escolha (ou vivência) do outro; assim, eles começavam a abrir possibilidades para vivenciar também outros saberes, vivências e escolhas. Entende? Deixa eu tentar me explicar melhor. Se alguém, que é casado e feliz, diz que sabedoria é manter um casamento, é fácil pensar dessa forma. Essa pessoa não passou por um processo de separação, não teve razões para pensar nisso; mas se uma outra pessoa divorciada diz que não concorda porque se sente sábia mesmo sem ter um marido, e expõe suas escolhas, suas experiências, a pessoa que é casada passa a ouvi-la e passa a entender que essa pessoa viveu momentos que ela mesma nunca pensava que existia e percebe que existem outras vivências, um outro lado ainda não experimentado por ela. Nessas trocas é, que percebo a feitura de um saber. É lindo observar tais momentos! São aprendizagens significativas sendo observadas da primeira fila, bem de perto.

Danise- *Kaká, vamos dizer o seu. O que é sabedoria?*

Kaká- *É o seguinte: Eu acho que a sabedoria e a experiência de vida são parceiras, a gente não nasce sabendo, tendo sabedoria, não, eu acho que não. Eu acho que a gente vai se aperfeiçoando, a cada situação, a cada experiência de vida, e com um senso muito forte, muita sensatez, muito tempo pra refletir, é aí vai puxando a sabedoria e vai melhorando cada vez mais. Ai eu digo, fala-se que sabedoria é um dom, eu não acho que seja dom, não. O dom da sabedoria que une*

a paciência, a sensatez, a intuição, a humildade, a vontade de acertar, é igual a sabedoria, pelos momentos vividos, refletidos, o que a gente não pode deixar o tempo passar como se não estivesse passado, né? É tomar consciência, e dali passar para melhorar, no sentido de perdoar, não é perdoar uma pessoa que você tá vendo que não vai pra frente, né? Eu tenho uma bagagem de conhecimentos vividos e enfrentados, eu senti a sabedoria do meu inconsciente a me orientar, como uma experiência de vida e partir-se dali, né? Passou para sabedoria, foi quando eu sofri um câncer, eu venci pela força de vontade, pela aceitação do câncer, e pela entrega e agradecimento a Deus que tudo pode. Então sabedoria é a reflexão a que vivemos, é a reflexão a que viemos, né? O saber viver, o dar, o receber, os momentos têm que ser vividos, refletidos e passados ao presente e o futuro com que criatividade e esperança.

Luar- *Eu posso perguntar que tipo de câncer você teve?*

Kaká- *Eu tive um câncer na parte inferior da língua, sub lingual, tipo uma afta e não foi melhorando, não foi melhorando e aí fui não pessoa que fez uma, aquele médico que fez comigo, ele é um dos melhores cancerologistas de boca. Pode não ser nada, mas vamos fazer uma biopsia... Embaixo da língua. Incomodava, sabe? Eu não podia comer... É um bem agressivo, eu tive que operar imediatamente... Ai tirou 7cm da língua, ainda dobrou, fez um enxerto, faz isso faz aquilo. Faz 13 anos. Fui fazer radioterapia fora. Foi um tempão de muito*

Luar- *Sofrimento*

Kaká- *Sofrimento, é , e reflexão e aprendizado. Aí to aí, tô vivinha ainda, e pelejando para viver, eu quero viver mais. Todo seis e seis meses eu faço um check-up. Mas depois dessa cirurgia, fizeram um secamento dos gânglios para prevenir. Nem me indicaram nada e em março comecei com uns gânglios inflamados, passaram um antibiótico e se melhorasse é porque era uma inflamação, se não... “vamos fazer um ultra sonografia”, mas não adiantava, pois tinha 20% de falha ; “não, vamos fazer no laboratório de novo e fazer dos gânglios do outro lado”, fizeram e foi só o que deu: era outro. Já era metástase. Nos gânglios do outro lado, que é raríssimo de acontecer; e aí tiraram todos os gânglios.*

Luar- *E a imunidade como é que fica?*

Kaká- *(Ela ri). A imunidade? Sei não. Os médicos disseram que era muito raro a pessoa chegar até o fim da radioterapia, novamente não conseguiram. (Ela dizia que eles erraram mais uma vez, pois ela sobreviveu a radioterapia)... Ai, ele fez a rádio e deu certo...*

Entrávamos nos *nós* de Josso. Falávamos de sabedoria e essa nos levou a pensar nas experiências e essas nos conduziram a pensar nos momentos de aprendizagens significativas e aí chegamos ao sofrimento. Ocasões tristes, dolorosas, jamais imaginadas no que diz respeito à superação. Momentos de angústia, de separação, de dor e de muita solidão. Instantes que ao seres lembrados, a fala enfraquecia, os olhos e as expressões corporais refletiam o seu viver. Parecia que a fala de Kaká nos direcionava para o conceito de sabedoria. Ela é sábia, ela entendia o porquê. Ela nos convidava a entrar no percurso traçado para mostrar de onde vinha tamanha sabedoria. E eu a escutava escandalizada pela sua capacidade espontânea de descrever sabedoria, um assunto tão difícil de definir; um tema tão comumente discutido entre os filósofos. Kaká achava as palavras certas; afinal, elas se originavam de suas aprendizagens significativas.

Kaká sabia que não nascíamos sábias. Kaká sabia que antes era preciso viver, escolher e experienciar. Kaká sabia que era preciso caminhar pela vida para aprender. Kaká entendia os pré-requisitos básicos da sabedoria. E tão sabiamente disse “sofrimento, é reflexão e aprendizado. Aí to aí, tô vivinha ainda, e pelejando para viver, eu quero viver mais”. Kaká já tinha experienciado o medo de morrer de perto. Sabia, então, valorizar a própria vida. Ela entende o valor dela, porque antes já tinha feito a escolha de viver e assim continua todos os dias optando por esse viver. Foi escolha. É uma escolha. Viver é uma escolha.

Vibro quando ela diz “*A imunidade? Sei não*”. Acredito nessa vida, nessa escolha. Kaká teve câncer. Kaká sofreu. Kaká peleja para viver, e assim acredita na sua capacidade de vencer obstáculos. A imunidade? E o que importa? Importa que hoje ela vive com o que é oferecido a ela. Com uma boa parte da língua retirada, ela se comunica. E o que importa? Ela se comunica, ela é entendida, ela sabe mostrar que a sua comunicação vai além de órgãos físicos e a imunidade se fortifica com sua

forma de viver e de caminhar pelos bosques da vida. Essa Kaká sabe caminhar pelos parques. Sabe contemplar o que tem. Fortificavam-me suas palavras. Eu me transformava por meio da sua vivência. Eu via o valor da sua força. Não era um câncer vencido, era uma forma de ver a vida diferenciada. “*Então sabedoria é a reflexão a que vivemos, é a reflexão a que viemos né?*”. É, Kaká, é isso mesmo!

Perguntei a cada um se eles se consideravam sábios. Um pouco. “É, até que me sinto um pouquinho”. O peso da palavra sabedoria é muito grande. Considerar-se sábio é falta de modéstia. É sentir-se muito poderoso, muito além dos outros. É uma qualidade de alguém insuperável, insubstituível, sublime, dotado de uma elevação excepcional, de estilo nobre, alguém que já atingiu uma grande perfeição intelectual. Como se sentir sábio depois de tantas qualidades? Humildemente, eles dizem “um pouco”. Soraya prefere acreditar que a busca é eterna. Sr. Márcio diz que procura assim viver e Kaká se considera “é, até que eu sou um pouco”.

São os indivíduos tocados pelo gênio ou pela sabedoria diferentes do resto de nós de algum modo fundamental e inerente? São feitos de um material qualitativamente diferente, quero dizer, como a estátua de mármore de David de Miguel Angel que é qualitativamente diferente da multidão de turistas de carne e osso que a admiram maravilhados? (Goldberg, 2007, p.94)

Meus sujeitos colaboradores pensavam um pouco assim. Era muito se considerar sábios. E assim, quando eu repetia suas próprias definições de sabedoria, eles começavam a perceber que se encaixavam nelas e assim usavam o “pouco”. Considerar-se sábio na nossa sociedade ocidental é um dos maiores elogios e qualidades que uma pessoa pode ter. Será que aprender significativamente, ter suas experiências de vidas (vivências refletidas) e colocá-las em prática são atitudes para poucos? Será que a definição de sabedoria defendida aqui nesta pesquisa é tão simples comparadas aos grandes mestres sábios?

“A busca é eterna”. Reflito sobre isso. Penso que, se buscarmos viver de forma sábia durante toda a vida, já é um grande passo, porém, não acredito que nunca a alcancemos. E também concordo com Josso (2006), ao dizer que se percebeu sábia e que a sabedoria não é qualidade de seres extraordinários. Não há perfeição na sabedoria. Há erros, há acertos, há felicidade, há sofrimento, há escolhas certas e erradas. Há vida, há perdas e há ganhos. Há de haver, no entanto, plenitude, muita

plenitude. Há de haver consciência, muita consciência. Há de haver reflexão, muita reflexão. Há de saber para onde se está indo, tem que haver contemplação do caminho; muita contemplação.

Soraya diz que *A ignorância é a mãe da felicidade*. Reflito sobre isso. Se há ignorância, há desconhecimento. Há o não-conhecer. Há o não-saber. Há o não-se-dar conta. Há o não-refletir. Felicidade é então o não pensar? O não-refletir o viver? Então, não há plenitude na felicidade? Só há vivência? Então, não há aprendizagem significativa na felicidade? Então a felicidade não traz sabedoria? Então, somos seres que só aprendem no sofrimento? Não, não concordo com isso. Não posso pensar que os meus momentos felizes não me transformaram. Ora, como não? Eles fazem parte de mim. Ora, como fazem! Meus olhos brilham, meu coração bate mais forte, eles falam, eles estão presentes, eles me tornam mais humana. São de tal modo significativos que consigo lembrar deles com todos os detalhes. A gargalhada dada, ela está dentro de mim. Eles me ensinaram! Ensinaram muito. Ensinaram tanto que me deixaram rastros para que eu tente encontrá-los e tê-los novamente. Não foi a minha ignorância. Assim pensaríamos que o viver a vida sem reflexão é o que nos faz feliz. É pensar que pessoas que só vivem “no deixe a vida me levar” são mais felizes do que as que são conscientes do seu caminhar. Digo então que a reflexão e a plenitude são os grandes aliados da felicidade.

Lin – *O filho dela teve encefalite quando era pequenininho. É isso que ela está falando.*

Kaká– *Ele teve encefalite com 2 anos e 10 meses, então de lá pra cá existe uma paciência eterna, e paciência ensina muito a gente, né? (Zoada)*

Kaká refletia alto sobre a sabedoria. Ela chegava à conclusão de que o sábio não se exhibe, de que para o sábio só basta ser. Lembrava, indo buscar dentro do seu hemisfério esquerdo, recordações de pessoas sábias. E as lembranças vinham tão rápidas, e sem pedir licença, iam sendo expostas de uma maneira que, se não fosse a irmã para pontuar, não entenderíamos sua linha de raciocínio. Ela estava plena. Ela necessitava ficar, não tinha pressa para ir embora. Ela necessitava escrever. Eu entendia aquela sensação. E assim, entres essas reflexões, encontra mais um momento difícil da sua vida: a doença do filho. Ela chegava a perceber que a paciência está

também associada à sabedoria. Didi já havia falado sobre a aceitação. Aceitar com paciência, talvez isso que ela quisesse dizer. Mais uma vez, via que os momentos de sofrimentos haviam ensinado muito a ela. Acredito que com base nestas memórias, havia uma voz dentro dela mesmo que dizia “é... eu sou sábia!”.

Didi- *Eu digo que se eu fosse uma pessoa que passasse tudo o que eu passei e aceitasse... porque minha vida foi um tobogã. Quando nos meus 15 anos, quando eu ia tirar uma foto, eu não conseguia tirar um retrato séria. A vida era só risos! De repente com 17 anos perco o meu pai, né? Brutalmente. 17 anos em plena adolescência. Dois dias depois perco o meu irmão, que foi baleado na mesma hora. Agora veja a mamãe, com o marido morto na cama e um filho muito doente na outra...Aí vem meu marido... na hora, mataram na hora na minha frente.*

Kaká- *Mataram?*

Didi- *Foi. Foi um assalto.*

Lin- *Ah, meu Deus do céu.*

Kaká- *Aonde foi?*

Didi- *No Porto do Mar. A gente tinha vindo jantar e oferecer, para comemorar o negócio que ele tinha ganho, a concorrência. E aí chamou todo mundo lá para casa de manhã. Aí foi todo mundo. Foi saindo, foi saindo, foi saindo e quando ficou só um, aí eles chegaram: os assaltantes.*

Kaká- *O que eles roubaram?*

Didi- *Eles queriam jóias e dólar. Onde é que tinha? Aí, a Rita, minha filha*

Danise- *Eram quantos?*

Didi- *Dois. Eles estavam com isso aqui amarrados (mostrando o rosto), mas só com os olhos. Eu ainda hoje eu sonho. Tinha naquele tempo muito estupro... Minha filha tava assim do lado... todo sábado acontecia uma coisa. Por isso que aquele homem reagiu daquele jeito. A menina foi se afastando, se afastando, e ele pensou “vão pegar a minha filha, né?”, e eu que estava do lado de cá, eu vi que tinha outro lá do canto, mas o Vládio só viu o primeiro, e ele pulou no revolver, ele ia derrubar o revolver, mas quando ele ia, o outro viu e ele atirou, aí ele caiu, e aí o outro deu outro tiro e pronto.*

Didi- *Aí a minha vida ficou assim, eu não acreditava mais em nada...Pois bem, minha vida depois disso perdeu o sentido, né? Não ligava pra nada, nada, nada, nada. Pois bem...Eu soube da história. Só sabe quem passa. Você tem a impressão que você não vai resistir. Ai, eu fiquei, eu não queria saber de Deus. Minha vontade era só morrer, morrer, morrer. Egoísta, né? Tinha dois filhos pequenos e eu nem pensava. E aí Deus respondeu assim: aí apareceu um nódulo na minha mama, entendeu? Ai eu tinha que operar, pois bem, o médico pediu outra ultrassonografia antes de operar. Pois bem, quer dizer a outra já estava comprovada, todos pensavam que era câncer. Não deu nada, sumiu, sumiu, tinham sumido, pronto. Quer dizer, eu não tinha que morrer, né? Mas aí quando eu tive uma bactéria no cérebro, que eu caí como morta, porque eu continuei pedindo para morrer, para morrer, continuei.*

Kaká- *Foi?*

Didi- *Foi. Rezava muito a Deus para que Ele me levasse. Eu não tinha sentido mais para viver. Quando eu caí morta, na hora eu pedi assim “ai, meu Deus, eu não quero morrer não, meus filhos são tão pequenos”,quer dizer, na hora Ele mostrou e eu nunca mais pedi. Aí, comecei a procurar a aceitar as coisas...*

Kaká- *Eu nunca pedi pra morrer, não. Mas eu tive um aviso. Quando eu fiz a radioterapia nos EUA, eu ia muito ruim, eu ia tirar os pontos da segunda lá...*

Lin- *Ela não falava, ela era professora de inglês, ela precisava da voz*

Kaká- *Foi. Fiquei em fono muito tempo. Sim, eu fui e cheguei lá, eu ia para a radioterapia com minha nora, que era recém casada, né?.... Aí, uma das vezes que a gente ia indo, eu vi que o sinal estava aberto para ela, né? Ela ia dirigindo um carrinho pequeno que só cabem duas pessoas, só dá os dois, né? Eu vi de repente, o sinal estava aberto pra ela, quando ela entrou, entrou uma camionete velha, daquelas de caçamba, pois bem, pegou o carro aí de frente.*

Didi- *Quer dizer que podia ter morrido aí?*

Kaká- *Olha esse cara deu uma porrada tão grande, que o carro ninguém acreditava que podia sair alguém vivo. Eu saí...*

Danise- *Tinha saído de uma cirurgia, com pontos, passando por radioterapia.*

Kaká- *Eu fiquei doidinha, e eu pensei “vou sair desse carro”, e saí, e ainda saí atrás do homem, do homem que bateu. Ambulância, me mobilizou, me botaram dentro da ambulância. Aí, fui ao hospital para tirar radiografia da cabeça aos pés. Eu sabia que não tinha nada. Dentro da ambulância, o cara que ficou comigo lá trás, eles tiraram a pressão e diziam assim “it’s impossible! Impossible!” Aí, eu pensava “ah, meu Deus do céu, o que é que ele tá vendo?”. Aí, eu ouvi uma voz, uma voz e até hoje ainda me arrepio, uma voz bem mansa “viu, se eu quisesse te levar, eu te levava agora”. “Se eu quisesse eu te levava, te levava agora”. Ah, menina eu tinha certeza que era voz de Deus.*

Vida yo te amo...! Tráeme lo que quieras, alegrías, sorpresas, días de sol, fugaces relámpagos de felicidad, conocimientos profundos, penas, desgras, desprecios, horas grises. Nunca me encolerizaré contra ti! Jamás te haré un reproche! (Stekel, 1967, p.09,)

Stekel (1967) fala que podem vir alegrias, surpresas, dias tristes, dias felizes, mas que ainda assim é fácil amar a vida. Eu escutava meus sujeitos colaboradores falar de suas dores. Dores intensas. Nada muito fácil de viver, nada muito fácil de superar. Os detalhes são ditos e lembrados, cada momento, cada fala, cada sentimento. Quantas vezes já devem ter sido lembrados! A dor foi grande. Foram, em ambas as histórias, perdas. Perder não é uma tarefa simples. Perder um amor, perder uma família, perder a saúde, no entanto, não perderam a esperança. Agarram-se a ela, na busca pelo viver. Na hora que se chega no final do “poço”, na hora do movimento mais achatado da mola, ainda houve vontade de viver. Querer viver foi o passo mais firme que deram. Elas tiveram escolhas. Suas vidas podiam ter sido diferentes. Podiam hoje não estar contanto tais histórias com o olhar de “eu venci!”. Podiam ter escolhido cores diferentes para pintar suas vidas. Quantas pessoas, por tão pouco, entregam suas vidas e decidem não mais viver. Uma morte, mesmo que viva, quero dizer. Elas têm vida, elas sabem contar a sua história. Mulheres fortes. Mulheres que optaram por viver. Uma escolha ainda mais sábia.

Havíamos em poucas horas elaborado diálogos, cumplicidade, respeito à história do outro, aprendíamos a escutar. Suas histórias se mesclavam com as nossas e, muito provavelmente nessa hora, pensávamos “Meu Deus, eu nunca passei por

isso!”. E eu que tinha entrado naquela manhã com um problema tão mais fácil de ser solucionado. Minha dor já não mais fazia sentido. Minha dor agora nascia das histórias delas. Ao mesmo em tempo que era difícil participar de todos os relatos (porque doía, eu sofria com elas), havia dentro de mim uma vontade enorme de dizer que vivessem, que carregassem essa história dentro delas, e que fossem capazes de construir outras mais felizes; uma vontade de abraçá-las e de parabenizá-las por tamanha atitude, desejo de chorar ouvindo as cenas, ao mesmo tempo que eu refletia sobre minha vida e pensava: “como há muito o que ainda viver!”. A sensação era de estar ainda no começo do caminho. Eu estava sendo alimentada por suas histórias de vida; um alimento estranho, ainda desconhecido por mim, mas rico e cheio de sabor, porque nele vinha a vontade de viver.

“Ai, meu Deus, eu não quero morrer não, meus filhos são tão pequenos”, quer dizer, na hora Ele mostrou e eu nunca mais pedi. Ai, comecei a procurar a aceitar as coisas (Didi). Didi percebia o valor da sua vida. Notava que tinha medo do desconhecido, que ainda havia muito o que viver, que havia ainda o amor pelos filhos. Tudo que parecia sem sentido começava a fazer. E sua sabedoria dizia e pedia que aceitasse sua nova vida. Ela possuía escolhas, escolheu viver. Kaká nunca tinha pedido para morrer. Entendia já antes, com provas ou sem provas, que sua vida vale muito. A aceitação veio do início. E assim também optou por viver. Ambas ouviam a voz de Deus. As duas se agarraram a Ele na hora do sofrimento; a fê como ferramenta dessa busca pela vida.

Há uma voz. Acredito nessa voz. Essa voz é sábia. Nasce da experiência de vida, mas há sim, sem dúvida, uma voz. Acredito que os seres sábios são aqueles que conseguem distinguir os sons dessa voz. Eles escutam mais forte e mais claro. Eles dão ouvidos a ela. Ela vem e vai. Nos sábios vêm com maior frequência. Já ouvi essa voz, sinto-me bem quando ela vem falar comigo. Parece que vem em forma de energia. Quando eu a escuto, tenho vontade de agir. Agir melhor! Agir pensando! Ação é o que me dá de presente. Essa voz pode ser Deus para uns, pode ser o inconsciente para outros, pode ser a mola de Rogers, pode ser a experiência, pode ser espiritual, pode ser a força da natureza. Não importa. Ela existe. Que pena que somente os sábios lhe dão sua devida importância. É ela que mostra que estamos vivos.

Kaká sempre escutou sua voz. Didi tinha aprendido depois de dois sustos. Eu, depois de escutá-las, procurarei ainda mais essa voz. Tenho espaço reservado para ela dentro de mim.

E no final do nosso encontro, ainda escuto falas tão plenas:

Didi- *Hoje foi bom!*

Maria- *Essa conversinha no final foi FOI BOA.*

Danise- *Foi bom, né? Um beijo.*

Eu terminava às 2 horas e 43 minutos sentindo-me realizada. Eles tinham vindo, eles estavam lá e até o último momento ainda refletiam sobre o valor e a origem da sabedoria. Saíram de lá ainda se avaliando, “serei eu sábio?”.

Tivemos diálogos. Tivemos os nós. Aprendizagens. O amor. A escuta. Tivemos a compaixão. Reflexões. Aprendizagens significativas. Tivemos sabedoria.

Eu fui embora; fui embora diferente. Minha vida também começava a ser mudada. Eu estava leve, apesar de histórias tão densas. Eu percebia que gostamos de contar a nossa história e que a história do outro nos ensina também. Eu aprendia o valor ainda maior da reflexão. A minha voz naquele dia permaneceu comigo até a hora de dormir. Eu buscava ansiosa o nosso próximo encontro. É, Maria, a conversa FOI BOA!

3.5 Tema: Minha Mala É Nova!
(Quantos Anos Você Teria Se Não Soubesse Quantos
Anos Tem?)

Cena III

Foi mais fácil começar o nosso terceiro Ateliê. As quintas-feiras vão tendo outro sabor. Acordo leve, chego calma, parece que vou preparada a fazer uma viagem rumo ao mundo dos outros; mundos estes que me fazem perceber o meu mundo. Vou só, ao encontro deles, mas não me sinto só. Vou cautelosa, mas pronta para enfrentar passeios turísticos mais rústicos, mais turbulentos, mais radicais. Levo pouca roupa; sei que serei acolhida. Sinto um clima bom, mesmo nos momentos mais escuros. São mundos que conheço superficialmente, mas sei que portas estão sendo abertas cada vez mais, para que eu possa entrar sem bater (sempre, lógico, com o cuidado de limpar o pé no tapete do lado de fora).

Venho de outro mundo, mundo este ainda pouco desenvolvido, comparado ao primeiro mundo que estou freqüentando. Falo suas línguas, porque, enfim trago comigo anos de experiências aos seus lados. Ainda carrego, porém, o sotaque do meu povo, da minha tribo; este perderei mais adiante! Mas eles gostam dessa tal diferença, eles gostam também da minha cultura, gostam de ouvir o que se fala nesse terceiro mundo, já fizeram parte dele também. E como gostam de relembrar o tempo que viveram por aqui!

Às vezes não me reconhecem, olham-me como se eu fosse uma marciana, aquela bem verde. Outras vezes riem do que trago ainda tão pouco em minha bagagem, mas, em outras, juro que também se surpreendem com o mundo de onde venho. Eles não imaginam tamanha mudança! E são tão simples e humildes, que vocês acreditam que eles acham que podem aprender com a gente? Como aprender com a gente, se estão a anos-luz de diferença?

Sinto-me assim até confiante na minha capacidade de ensinar-lhes. Vocês acreditam que eles escutam o meu mundo? Ouvem tão pacientemente que chegam a aprender. Eles também se incomodam com o que se fala por aqui. Tão sábios são! Até acham que somos sábios também.

Gosto da viagem, aprecio principalmente quando piso territórios antes completamente desconhecidos. Fico, a admirar tantas coisas no nosso Terceiro Mundo não há. Eles são mais livres, mais plenos, mais completos. Eles estão colhendo e nós...ainda plantamos. E eles têm paciência, e eu que já queria estar colhendo. Viu? Percebo, que aqueles são mundos onde ainda não posso habitar. Como poderei, se não tiver paciência? Preciso estagiar mais, aprender mais essa língua, e ser capaz de aceitar as nossas diferenças; mas, sabe o que me deixa mais feliz? É a capacidade de aprendizagem de ambos os mundos. Sabe o que ando descobrindo? Que sabedoria não se aprende, mas se acumula. Sabedoria não nasce com a gente, mas que é algo atingível. E eu estou todas as quintas viajando para descobrir de fato de onde ela vem e para onde ela vai. E juro que, ansiosamente, espero minha próxima viagem! Ah, já sei... preciso ter paciência. Oh, palavra difícil de ser pronunciada no meu mundo!

Atrasada, Luar entra na sala toda operada (fez uma cirurgia plástica no rosto. Chega cheio de bandaid's, e esparadrapos)

Luar- *Eu vim assustar vocês. Meu marido viajou e eu "Tim-bum" no cirurgião plástico.*

(Risos altos)

Danise- *Foi ontem isso?*

Luar- *Foi antes de ontem. O médico me passou um antibiótico e eu não me dei bem. Chamei minha irmã para o hospital, fiquei toda vermelha.*

Danise- *E pode estar aqui?*

Luar- *Eu quero lá saber! Falta o resto, minha filha. Depois eu vou puxar o pescoço. Porque o outro médico queria abrir numa janela, por aqui. Eu digo, não! Fui para um mais moderno.*

Luar- *Ele tira bem pouquinho.*

Soraya- *Tu quer logo é esticar, né?*

Reflico sobre a atitude do Luar. Penso em dois aspectos. Primeiramente, no medo de envelhecer. O rosto com rugas, a pele mais seca e flácida, o corpinho mais magrinho vai sendo substituído por um mais cheio, mais lento. Será difícil se olhar no espelho nessa época da vida? Será difícil essa aceitação? Não experienciei isso com tanta intensidade ainda. Já tenho cabelos brancos e agora o pintar já se torna meio que uma obrigação. Lembro-me do primeiro que descobri, para mim um motivo de orgulho. “Estou ficando velha”, pensei. Já não tenho meu corpinho de quinze anos e vejo que envelheço também todo dia. É um processo natural. Acredito que vai se passando tão lentamente, e a gente vai se acostumando com uma marquinha ali outra aqui, que elas já começam a fazer parte da gente.

Vem a insegurança com o casamento. “Meu marido pode se apaixonar por uma mais nova” - escuto essas frases. Algumas não têm a energia necessária para fazer uma ginástica, uma andança, uma corrida. E, assim, partem para cirurgias plásticas e dietas mirabolantes. Vejo que muitas de minhas alunas acima dos sessenta anos de idade chegam com rostos modificados. Como seria se acostumar com a nova face diante do espelho?

E por que tantas outras não sofrem com isso? E por que tantos aceitam o envelhecimento e até se orgulham de suas marcas? E por que tantos outros buscam de forma sadia como no esporte e a alimentação para ter uma vida mais sana e saudável? E por que a confiança em si em alguns está mais alta nessa idade? E por que tantos passam a se valorizar e a se conhecer melhor nessa etapa da vida? E por que em vez de se sentirem frágeis comparados ao meu mundo, se sentem mais fortes e capazes?

O que diferencia tais comportamentos? Penso que suas histórias de vida são diferenciadas, que suas experiências ensinaram coisas diferentes, que suas escolhas foram outras. Penso que a reflexão de hoje também conta, que a voz que falamos na

cena II é ouvida mais atentamente, que ela os impulsiona a buscar algo mais sábio. O corpo envelhece, a mente se sobressai, como o título do livro de Goldberg (2007), o paradoxo da sabedoria. Bom que a mente sana controla um corpo sano. Como não se acostumar com um corpo que vem sendo modificado ao longo dos anos? Um companheiro de tantas jornadas, de tantas histórias. Difícil é julgar ou saber, quando o meu só me acompanhou por 31 anos. Talvez um dia eu possa entender quando eu pertencer ao mundo deles.

Lembrei-me do livro de Guimarães (2007), quando fala do espelho e da importância da auto-admiração e da aceitação da idade. Isso para ele, produz saúde, bem-estar. Talvez seja esse o comportamento diferenciado: a aceitação da imagem refletida no espelho, a aceitação de si, a reflexão das experiências por meio de um organismo.

O espelho é o maior identificador do nível da auto-estima. Neste momento solitário a imagem que se vê agrada? Satisfaz? Alegria? Merece elogios? Ou, pelo contrário, é difícil encarar? Quem gosta de si mesmo ou tem autoconceito elevado na maioria das ações adiciona pontos ao capital de saúde. Quem se relaciona mal com a imagem que se vê refletida no espelho não enxerga as oportunidades da vida nem, tampouco, as possibilidades de envelhecer com sucesso. Baixa auto-estima convida aos amargores da vida, à impossibilidade de ver um futuro bom ou mesmo melhor (p.50).

Eu me lembro bem de que nesse dia refleti bastante sobre o que me disseram. Parecia que a alma, o emocional, a sabedoria, a plenitude estavam todos enaltecidos; por outro lado, o corpo não acompanhava. Nesse contraste muitas achavam que deviam procurar uma cirurgia plástica. Sentiam-se jovens, mas o corpo mostrava que envelhecia. Outras, porém, não sentiam tal necessidade. Havia a aceitação desse corpo. Para estas, a cirurgia surgia somente em caso de correções, mas agora vejo o porquê de tantos senhores que buscam a plástica. Necessidade talvez de que o corpo acompanhe a mente. Sentir-se bem até como uma forma de respeitar a si e ao outro.

Não quero entrar mais profundamente nesse assunto. Trouxe-o para que pensemos como os idosos sábios aprendentes se sentem a respeito de seu corpo. Acredito que aceitá-lo faz parte da sabedoria. Mantê-lo jovem demais como era antigamente seria negar ou esconder os tantos anos vividos. Sentir-se jovem mental e fisicamente não implica ter um corpo de 25 anos de idade. Fazer uma ginástica,

correr, fazer yoga, implica e gera saúde e não somente uma busca por um corpo perfeito. Creio que aceitar-se faz parte de uma vida melhor.

Julgo que aprendi isto junto dos meus pacientes, bem como através da minha experiência pessoal – não podemos mudar, não nos podemos afastar do que somos enquanto não aceitarmos profundamente o que somos. Então a mudança parece operar-se mesmo sem termos consciência disso (Rogers, 1961, p. 29).

Meu segundo pensamento: Luar estava ali. Ela veio. Ela quis participar. Operada, com esparadrapos e curativos, mas ela estava com a gente. O que a traria ao nosso Ateliê naquele dia? A força de vontade em participar do nosso encontro, em compartilhar sua história; história essa compartilhada desde o momento que vimos seus curativos, mesmo sem palavras. Ela assim já dividia a sua história.

“Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais, socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicomático”(Josso, 2004, p.48). Luar talvez necessitasse naquele dia de ouvir suas experiências e compartilhar com tantos outros. Alegrei-me ao vê-la ali expondo seus medos, suas angústias e sentindo a necessidade de saber se alguém também se sentia assim. Fizemos trocas. Ouvimos trocas. Refletimos sobre elas.

Danise- *Bom, eu vou passar uma pergunta para vocês e vocês colocassem a resposta e depois a gente fala.*

Soraya- *Precisa copiar a pergunta?*

Danise- *É para refletir.*

Luar- *Deixa eu pegar meus óculos*

Danise- *Quantos anos você teria se não soubesse quantos anos tem?*

(Tempo para responder)

(Música está no fundo desde o começo da atividade)

Danise- *O Márcio é pei e bufo (ele terminou super rápido)*

Márcio- *É para escrever?*

Danise- *É para escrever e dizer o porquê.*

(Tempo para a atividade)

Eles escreviam, pensavam. Pensar na possibilidade de não ter registrado a sua idade não era uma tarefa simples. Estamos sempre tão acostumados com números! Parece que a idade de 70, 35 ou 80 diz muito da gente. Mantemos um padrão de comportamento semelhante àquela idade. Não podemos fazer isso ou aquilo, porque o meu registro diz que ainda sou nova ou velha demais para isso. Fico pensando naquela época em que registrar alguém em um cartório com a idade que quisesse era muito fácil. Quantas vezes encontramos pessoas que dizem “meu pai me registrou com 2 anos a mais ou 2 anos a menos”? Sempre brinco com meu avô de 98 anos, dizendo que seus pais devem tê-lo registrado com uma idade mais avançada. Ele não segue os padrões de comportamento de sua idade. Sua idade psicológica não consegue seguir a cronológica.

Lembro de Saint Exupéry no Pequeno Príncipe, ao dizer que:

(...) as pessoas adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, as pessoas grandes jamais se interessam em saber como ele realmente é. Não perguntam nunca: “Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas?” Mas perguntam: “Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?” Somente assim é que elas julgam em conhecê-lo...Mas, com certeza para nós, que compreendemos o significado da vida, os números não têm tanta importância... Para aqueles que compreendem a vida, isto pareceria sem dúvida muito mais verdadeiro (1945, p.20).

E aí como uma grande criança eu perguntava aos meus sujeitos colaboradores que idade teriam caso não soubessem a sua. Na realidade, eu queria descobrir qual é a sua idade psicológica; como se sentem, que padrões de comportamento seguem; e queria lhes mostrar que podemos ter a idade que quisermos, que os números muitas vezes não dizem nada. É cômodo demais culpar a idade. Vejo meus alunos dizerem que aprendem mais lentamente porque não têm mais idade, que esquecem as coisas por causa da idade, que não conseguem aprender por causa da idade, porque não dançam, não fazem exercício por causa da idade, que têm vontade de viajar, de fazer isso ou aquilo porque a idade não permite mais. Será mesmo? Penso que muitas vezes não estudam, não se interessam tanto, não fazem o esforço para conseguir o que almejam. Será mesmo que o número de anos vividos deve ser culpado por tanta coisa? E com essa pergunta, tivemos a oportunidade de refletir sobre isso.

Como seria a vida se de algum modo não tivéssemos meios de marcar a passagem de anos? Que idade pensaríamos ter e não fizéssemos idéia da idade que temos? Não poderíamos nos comportar de acordo com a nossa idade se não soubéssemos a nossa idade. Não poderíamos nos classificar em grupos uniformes de interesses uniformes e aptidões uniformes. Seríamos muito mais o que realmente somos: indivíduos de variação infinita em qualquer idade. A conformidade automática acabaria (Nuland, 2007, p.18).

É, Nuland, essa conformidade certamente acabaria. Seria mais fácil ensinar os mais idosos que tardam entender suas capacidades. Seria mais fácil perceber que aprendem o que querem e quando querem, se houver esforços. Seria mais fácil aceitar as rugas, as vontades, os sonhos e as dificuldades. A idade certamente seria assim mesclada com a sabedoria, porque suas experiências seriam certamente mais ouvidas. De certo haveria mais prática, mais ações; por certo haveria mais aprendizagem significativa, se não houvesse tamanho preconceito. É Nuland, infelizmente tantas vivências não são transformadas em experiências. Infelizmente ainda não provamos que a sabedoria aumenta com o número de anos. Mesclada a ela está com o valor e a intensidade de momentos vividos plenamente. Quanto mais pesquiso, menos vejo a importância da idade cronológica.

Nuland (2007) sabiamente descreve o que penso sobre os números. Ele, que já se vê envelhecendo, mas ele que também aprecia suas experiências.

Cada um de nós existe, portanto, em uma individualidade física, mental, espiritual e social moldada por tudo o que ocorreu antes e é agora trazido para este momento da nossa vida. Cada um de nós é o produto de uma sequência de momentos de vida, cuja soma está em cada encontro que participamos. Cada um de nós é a sua própria década. Nenhum número pode nos ser definidos por aquilo que nos tornamos. Seja o que for que o envelhecimento possa representar para nós, ele é antes de tudo um estado de espírito (Nuland, 2007, pp.18-19).

Danise- Bom, vamos... quer começar, Luar?

Luar- Quero! Então... 30 anos! Ao longo dos anos vividos, 30 anos é a idade meio termo. Você é jovem, porém amadurecida. Seu ciclo biológico completa assim como o emocional, está preparada profissionalmente para enfrentar com racionalidade tudo de bom e de ruim no percurso da vida

Danise- Estou nessa idade!

Luar- Aproveite!

Soraya- Para mim, é a idade mais bela da mulher dos 30-40 anos. A mulher fica linda nessa idade, já sabe o que quer... Bom, hoje se eu não soubesse quantos anos tenho, eu estaria com 35 anos. Porque me sinto muito bem, sem culpas, sem revoltas, sem mágoas, estou livre, leve e solta.

(As pessoas vibram e batem palmas)

Luar- Mas é porque eu pensei que a pergunta...

Kaká- Mas a sua está ótima

Luar- Entendi que quantos anos você queria ter.

Danise- E ai, mrs. Luar?

Luar- Pois é... eu digo, 30 anos. O ciclo completo biológico e emocional, você está preparada para prosseguir.

Danise- Lin?

Lin- Eu teria 24 anos.

Todos- Vixi, bem novinha.

Lin- Porque eu gosto de férias, de praia, de novas conquistas, de passear, e gosto muito de estudar, eu acho que é nessa idade. Então me sinto jovem, aqui dentro, né? Porque fora, tá...

(Risos altos)

Luar- Então vai fazer plástica

Kaká- Já tem o médico, olha aí.

Soraya- Ele facilita em várias vezes

Danise- Márcio?

Márcio- Nós temos duas idades: uma idade cronológica e a biológica. A cronológica se refere ao complemento dos anos a partir do nascimento, e a biológica se refere à capacitação de nossas habilidades. Baseado nesta última alternativa, acho que minha idade seja 58 anos. Estou com 83, tenho 25 a menos.

Danise- Por que, Márcio?

Márcio- Porque aos 58 anos de idade eu tinha essa capacitação que tenho hoje. Eu dirijo, eu vou pra onde eu quero, eu escrevo, eu leio, eu interpreto, eu aconselho as pessoas, eu dou orientações, eu rezo, eu falo com Deus, não me falta nada de quando eu tinha 58 anos. Eu viajo...

Soraya- Hoje com a idade que eu tenho eu me sinto como se ... eu me sinto melhor do que com 35 anos, mas nem se compara...

Luar- Só tem medo da morte.

Soraya- Com 35 anos minha vida era muito dura.

Danise- Era dura, na fase de procurar, de busca.

Soraya- Tendo que orientar filho.

Danise- Essa idade te dá plenitude, você tem tempo, você quer.

Kaká- Você está completo

Danise- Você ver as coisas de outra forma, vocês têm tempo, vocês vêem um cinema diferente, vocês usam a Internet diferente. Eu entro para entrar e sair.

Márcio- É questão de amadurecimento. Eu tenho amadurecimento

Danise- Usar uma Internet pra mim é um outro trabalho.

Kaká- Não é eu quero, né?

Luar- É porque você está ainda na fase de produção, aí quando você terminar essa fase, você vai colher os frutos e você vai só revisar

Danise- E aí é que entra essa fase boa de vocês, né? E ainda se sentir com 24, 30, 35 anos!

Lis- Eu teria 35 anos também. Pela disposição que eu tenho, pela vida que levo e pelos planos que faço para o futuro.

(Todos batem palmas)

Danise- Maria, quantos anos?

Maria- Eu juntaria assim, a inocência da infância de 10 anos, o vigor da juventude na faixa dos 20 anos, né? E a fase mais madura de 30, 40 eu chegava aos 60 anos que é um coroamento de tudo. Já se criou, já tem netos, e é uma sabedoria que se completa. Eu estou feliz como estou hoje. Hoje você já produziu; é muito bonito daquele lastro, de saber lidar com as perdas, de você estar bem, cuidando das minhas flores, do jardim espiritual, do jardim da minha vida, isso é importante, sabedoria chegar até aqui. Nunca fiz uma plástica ainda. Com 18, 20 anos eu não tinha a experiência de hoje.

(Inaudível. Todos falam na mesma hora)

Danise- Kaká, quantos anos você teria?

Kaká- Eu teria na minha cabeça 60. Foi quando eu comecei a melhorar.

Danise- Melhorar em que sentindo?

Kaká- Melhorar em todos os aspectos. Eu era muito dependente emocionalmente, sabe? Ai, eu tô, de lá para cá, eu estou mais solta, mas eu preciso mais.

Danise- Mas a gente sempre precisa mais, né? Ótimo, ótimo. Então 60, 58, 35 e ...

Lin- *A mais nova era eu. Sem responsabilidade.*

Danise- *Oxe, eu com 24 já tinha um monte.*

Soraya- *Eu sempre digo para minha netinha “minha filha, viva sua vidinha. Não se preocupe não!” As crianças de hoje são tão preocupadas. “Vózinha, eu acho que hoje eu acordei com olheira”...*

Meus sujeitos-colaboradores são mais jovens. Eles se sentem capazes. Eles se acham completos, maduros. Falam de sabedoria, de plenitude, de passeios, da não responsabilidade, de colheita, disposição, planos, futuro, novas conquistas, enfim, de suas experiências. Então por isso crêem assim como Rogers (1961) que o valor das suas experiências os transformam; suas experiências os guiam.

Experiência é, para mim, a suprema autoridade. A minha própria experiência é a pedra de toque de toda a validade. Nenhuma idéia de qualquer outra pessoa, nem nenhuma das minhas próprias idéias, tem a autoridade que reveste a minha experiência. É sempre à experiência que eu regresso, para me aproximar cada vez mais da verdade, no processo de descobri-la em mim (p.35)

Os idosos sábios aprendentes querem mais vida. Eles buscam essa vida. Eles se sentem melhores do que quando eram mais jovens. Eles vêem o lado positivo de envelhecer, eles aproveitam esse lado. Sentem-se bem. Avaliam suas vidas quando mais jovens e ainda assim, refletem e dizem que o melhor é o agora. E ainda aconselham dizendo que minha fase é da busca, da produção e que um dia irei colher e aproveitar os tempos que ainda virão. É como se dissessem como o rabino Ben Ezra (citado por Nuland, 2007, p.16): “Envelheçam junto comigo! O melhor está ainda por vir, o fim da vida, para o qual o começo foi feito. Não olhem para baixo, e sim para o alto!”

Sempre pensei nessa idade. Pensei na plenitude que ela traz. A não “responsabilidade” possibilita o pensar mais, o ler mais, o curtir mais a vida. Permitiria contemplar “my shells”. Permitiria conversar mais, ter mais tempo para observar e para ter tantos planos que ficam dentro das gavetas empoeirados por falta de tempo. Sinto-me nessa fase da vida, muitas vezes sem fôlego. A busca diária cansa. Cansa tanto que muitas vezes me faz parar e pensar que nesse ritmo não chegarei à

idade sonhada. Comporto-me dentro dos padrões que há pouco criticava. “Não tenho idade para isso, não posso isso ou aquilo”. Sei que posso. Sei que viver buscando eternamente não me trará paz de espírito. Não seria melhor antes contemplar o que já se tem? Aprendo com eles. Aprendo com minhas reflexões. Tenho começado a separar minhas horas para contemplar meus búzios e bem cedo de manhã tenho tido o prazer de estar em minha companhia. O quanto tenho aprendido! Aprendi também que meus números de anos não querem dizer tanto sobre mim.

Termino a Cena III com uma citação de Nuland (2007) que tanto nos mostra a importância de envelhecer com arte.

Chegamos a um ponto na nossa vida em que devemos nos estudar como nunca o fizemos antes, cuidar de nós mesmos e estar em sintonia conosco de formas que são novas para nós e às vezes fatigantes. Isso exige atenção, reflexão e ação, em relação não só a nós mesmos, como igualmente ao mundo ao nosso redor. Nesse aspecto, todos nós, homens e mulheres mais velhos, devemos nos tornar filósofos (Nuland, 2007, p. 20).

3.6 Tema: O Que Carrego Dentro Da Minha Mala? (Experiências De Vida)

Cena IV

Vejo um sujeito colaborador desabrochar. Quantos dias a quis ver assim! Quantas vezes molhei sua terra com água, regando com o otimismo, com a plenitude de todo o meu ser. Jamais cansei de molhar sua terra. Jamais cansei de colocar mais e mais adubo. Dizem que conversar com plantas ou com flores faz bem. E mesmo quando estava cansada de vê-la sem crescimento, algo dentro de mim ainda me fazia tentar. Lembrei-me de Rogers novamente com suas batatas no porão.

Ateliê passado ela não tinha vindo. Acreditei que tinha perdido minha plantinha. Também não fiquei triste, porque sempre procurei entender o seu tempo. Já estava no script essa desistência.

De repente, hoje a vejo. Ela voltou - pensei. Minha florzinha queria mais adubo. Muito bem vestida como sempre, seus olhos brilhavam diferentemente. Sentou no seu mesmo cantinho (tão disputado por outros que também o escolhem. Será porque é mais escondidinho?), e começou de repente a fazer usos de discursos que nunca mais tinham feito parte dela. Ela já tinha vindo adubada? - Pensei. E quem havia feito isso? Suas folhas mais verdes, suas pétalas com cores mais deslumbrantes e seu adubo fortificado. As batatas de Rogers em direção ao sol! Ao sol!

Logicamente, ainda havia folha ressecada, uma pétala ainda pouco desidratada, mas o jardim com ela certamente ficaria muito mais bonito. "Meu hoje está ótimo, agora eu digo assim...vi que não tenho nada a reclamar. A emoção mexeu, sacudiu... 25 anos que eu moro ali e nunca tinha tido uma mãozinha de tinta, minha filha... contanto que eu já vou viajar, né? Agora e em dezembro.

Foi o acordar .. quantas oportunidades perdidas na vida, né?" Ouvi essas frases ditas pela minha florzinha. Sei que ela não é minha, ela veio para enfeitar o mundo. Pena que ela não sabia disso! Mas que bom que agora já começa a perceber. Seu discurso mais fúnebre, mais pesado, aquele das folhas secas e das pétalas murchas vai sendo usado com os verbos no passado. E ela nem tinha prestado atenção. Eu, como uma boa jardineira, presto atenção em tudo. "Eu pretendia não receber...Positiva, não sei se eu era mais para negativista que eu não via meus dotes positivos em mim, sabe? Mudou". As pétalas mais vivas disseram isso. E não é que ela nem percebeu? E ela começa a refletir sua vida, dizendo "uma coisa que eu tava pensando, é que se eu fosse rica, mas todos os meus sobrinhos me querem muito bem, vocês viram, né?" e na outra frase quando pergunto sobre as coisas ruins da vida, ela diz: "Se não houvesse essas coisas, Danise, como é que a gente ia comparar? E quando é pedido para conhecer a pintura nova do seu apartamento, ela preocupada em nos receber, diz: "Deixa eu colocar os quadros primeiro! A decoração renovada, o guarda-roupa mais limpo, o desapego às lembranças mais tristes, a renovação na própria vida, o auto-adubo (e este o mais importante). Ela resume:" pois bem, hoje estou tentando me centrar. Saber porque que eu vim, para onde eu vou... Fica tudo tão pequeno perante o que passei, tão pequeno, que eu sinceramente não sinto, não me atinge mais".

Acreditar no pontecial humano; que cada um tem seu tempo; que tudo é possível; na mudança; crer no renascimento em plena festa de 70 anos. Ainda é tempo, ainda é hora. E o melhor: acreditar na auto-adubagem. Sou sincera, dizendo que é difícil na minha posição de jardineira deixá-la se adubar sozinha. Vou ainda regar todo o tempo possível sua terrinha, mas aí já vejo que esse é problema meu. Preciso deixá-la ir, ela já tem luz própria; então, preciso acreditar que, enquanto houver equilíbrio entre o sol e a chuva, ela há de

viver e há de dar frutos. É verdade...percebo mais claramente que, enquanto não houver essa auto-adubagem, não haverá mudanças. O jardineiro existe, o clima ajuda, mas a plantinha não cresce, não dá frutos. Hoje eu vi crescimento e isso me deixa feliz.

Foi um encontro prazeroso. Vi plantas, árvores, flores, vi frutos, troncos fortes, cores, uma roseira nova; frutos estes que dão sabor a minha vida. Veio-me à mente agora... sabor, que vem dos frutos, que vem do saber apreciá-los, que leva à sabedoria. Colhi frutos da sabedoria. Vou comê-los, quem sabe, eu também não fico mais sábia e assim descubro que sabor tem essa sabedoria?

Descobri que tenho um jardim nas quintas-feiras.

(Risos, porque comentamos que era o Dia Nacional do Idoso)

Lis- *Vamos dar os parabéns para as nossas mães, porque aqui nós somos jovens!*

(Risos)

Danise- *quem quer receber os parabéns?*

Lin- Não

Kaká- *Eu quero.*

Lin- *Ela assume os 60 anos dela, eu tenho só 24.*

(Risos. Chega uma nova participante Estrela. Todos olham e a recebem muito bem)

Soraya- *What is your name?*

Danise- *Estávamos comentando que hoje é o Dia do Idoso e ninguém quer receber os parabéns. Quer Estrela?*

Estrela- *Eu quero! Porque quando estamos na fila dos idosos, nós queremos. Agora tem que ter o outro lado.*

Lis- *Pois é, eu aproveito. As pessoas reclamam, acho que não tenho a idade, e aí eu falo “acha que eu não tenho não? Muito obrigada”.*

Soraya- *Outro dia eu tava no mercantil e de repente uma pessoa gritou “tem gente que parece que não sabe ler”, porque tinha uma placa lá.*

Lis- *Outro dia eu tava numa fila enorme, e eu perguntei se não tinha a fila preferencial. E aí eu fui e aí gritaram “olha a fila! Olha a fila!” e aí eu falei “não é a fila dos idosos? Vocês estão achando que eu não tenho a idade? Oh, coisa boa!”*

Danise- *Tem que aumentar lá para os 90 porque os de 80 estão muitos novos.*

Dia Nacional do Idoso. Quanta desigualdade! Tantos os que sofrem, os que não têm saúde, os que vivem em lar abandonados, quantos sem assistência médica, quantos incapazes de usar sua sabedoria. Penso neles também, esquecidos pelo tempo, esquecidos por nós. Eu pesquisava um grupo de idosos capazes, saudáveis, aproveitando o lado bom de envelhecer, possuidores de lugares propícios para desenvolver atividades intelectuais, espirituais e psicológicas. Idosos que se exercitam e exercitam o cérebro. Os outros não! Eles não possuíam tais espaços. E aí o cérebro ia com a idade, o valor da quantidade de números vividos por eles pesava. As experiências de vida, apesar de tão presentes, iam sendo levadas com o tempo. A harmonia entre corpo e mente para eles já não existia.

Os idosos pesquisados não. Eles faziam parte de uma classe social A e B de Fortaleza. Eles se capacitavam e sabiam mediante leituras de pesquisas que tinham que se exercitar. Mente e corpo constituídos de modo mais harmônico. E, como disse Soraya, em um dos encontros: “Não existe velhice; existe doença”. Foquemos então nos idosos sábios aprendentes e saudáveis.

Parecia ilógica a fila de idosos, apesar de bem aproveitadas. Suas aparências não refletiam aquela quantidade de números vividos. Eles, na sua maioria, não queriam os parabéns. A idade avançada era associada a mãe. E eles se divertiam com isso. Parecer mais jovem fisicamente parecia mostrar que suas mentes também estavam mais jovens.

Danise- *Bom, vocês fizeram o livro da vida? Didi, pode refletir agora, mesmo sem ter escrito. Começa pelo meu hoje. Como está o meu hoje?*

Didi- *Meu hoje está ótimo, agora eu digo assim.*

(Aplausos)

Soraya- Márcio, é a primeira vez que estou ouvindo minha cunhada dizer isso, porque sempre dizia que estava sempre mais ou menos.

Didi- Mas eu me lembro muito de você. Eu perdi a voz, né? A festa foi no sábado, a festa começou na sexta. A minha filha disse que vinha sábado e quando eu cheguei vi muitas malas, quando eu olhei saiu foi tudo. Neta, namorados, filhos, estavam todos escondidos. Na festa no sábado, eu fui levar a mamãe porque estava pintando lá em casa, quando eu cheguei saiu a outra. Bom, de manhã, eu acordei normal de hobby, e tinha um violino de manhã, um café. Na véspera foram logo ajeitar a louça e quando foram arrumar, não tinha mais louça, eu tinha dado tudo. Fiz a mesma coisa quando o papai morreu, eu dei tudo. E repetiu, né? E aí, saíram para comprar a louça de noite, e de manhã, a música cantando ... arrumaram tudo no silêncio e eu não percebi nada.

Danise- Só uma pausa, Didi... por que você dava tudo?

Didi- Não sei. Eu não pretendi receber...

Maria- Nem viver

Didi- É. Aí, eu dei, fiquei só com as coisas da diária, né? Só com as coisas, até aqueles copos de requeijão. Pois bem, de noite, combinamos de comer uma pizza, e elas me apressando... “não estou com fome”. Aí, eu disse: “pizza para o lado de cá?” e aí o meu genro falou que tinha recebido uma promoção lá no hotel e caiu bem direitinho e tinha dado tudo certo porque ele se hospedava sempre lá. Quando eu cheguei, deu um branco. Todo mundo lá. Você viu que só tinha família, né? Só não a Paula e a Danise.

Danise- Eu sou família! (brincando)

Didi- Se lembraram de tudo, e fizeram tudo a distância.

Danise- Que família linda! E depois disso mudou, foi?

Didi- Mudou. Vi que não tenho nada a reclamar. A emoção mexeu, sacudiu, como é que chama...

Soraya- Ela não tem nada a reclamar mesmo. O resto já passou. Os filhos delas são ótimos, filhos bons

Didi- É e eu me achei muito omissa. Não tenho filho drogado, não tenho.

Maria- Comigo aconteceu isso também, meu marido morreu com 45 anos.

Danise- E depois que pintou o apartamento também, né? Mudou tudo!

Didi- Ah, sim. Vocês nem foram olhar! Por isso que eu nem desconfiei, o apartamento já seria o presente. 25 anos que eu moro ali e nunca tinha dado uma mãozinha de tinha, minha filha... Pois é, eu comecei. A minha neta (eu tenho até vergonha), mas aqui a gente tem que dizer a verdade, né? Meu guarda roupa, na parte de cima, nunca tinha sido mexido. Ai a minha neta, que é muito ativa, lá vem com a foto de casamento que eu nem sabia que tinha e com um presente todo embrulhado, com o presente que o meu marido tinha comprado antes de morrer, que eu tinha que dar e todo dia tinha que dar, acabei sem entregar, todo embrulhado do mesmo jeito.

Todos- Meu Deus!

Danise- Quanto tempo, Didi?

Didi – 23 anos!

Soraya- Mas você se sente mais leve mesmo, né?

Maria- Sente. Chama-se esvaziar-se de si próprio.

Danise- Então, Didi, o meu hoje está bem melhor do que o ontem, né?

Didi- Está. Foi o acordar.

Didi acordava. Começava a sonhar. Entendia que ainda estava na vida. Foi um repensar sobre suas atitudes. Foi a volta ao nosso Ateliê. Foi ter vontade de reviver a sua história. Ela observou seus passos. Ela precisou de estímulos. Começava a perceber o quanto deixou de viver. Era uma auto-análise. Era perceber a si mesma. Era remexer nos guardas-roupa de sua vida. Era desembulhar o que estava guardado há 23 anos. Eu estava feliz com o fato de que o Ateliê da Sabedoria acontecia nos seus 70 anos, não importava o tempo, importava que era agora.

Josso nos fala sobre essa experiência de pensar a própria vida. “Vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (2004, p.48). Didi refletia. Didi agradecia seu hoje.

Danise- *Márcio, como é que está o seu hoje?*

Márcio- *Está escrito aqui.*

Danise- *Todo organizado, olha!*

Maria- *É fora de série!*

Lin- *É uma lição de vida.*

Márcio- *(Ele lê) O meu hoje é um aprendizado do meu ontem. O meu ontem foi um desenrolar de erros e acertos, como geralmente ocorre com todas as pessoas esclarecidas. Aham que sabem de tudo, que não precisam de conselhos de ninguém. Mas o meu discernimento selecionou, para me posicionar no meu hoje. Nós viemos ao mundo através da vida e devemos a ela uma atenção especial, mas poucas pessoas pensam assim e desperdiçam muito do seu capital de vida, achando que estão no caminho certo. Comigo também aconteceu o mesmo. Até aos meus 45 anos eu esbanjei o meu capital de saúde. Reconhecendo que estava errado, passei a fazer uma poupança de saúde. Com o passar do tempo me conscientizei que devemos preservar a vida em primeiro lugar. Hoje eu me considero possuidor de um bom capital de saúde e adotei o lema: aproximar-se de Deus cada dia mais e seguir um modo que me dê mais anos de vida, para que possa sempre louvar a Deus, Senhor de todas as coisas, visíveis e invisíveis.*

Soraya- *Márcio, pera ainda, o senhor não aceitava conselho de ninguém e hoje aceita?*

Márcio- *Eu no começo era contra tudo, era comunista, era radical. Era tão radical que na marinha americana eu queria ensinar português para os americanos. “Você está no Brasil, você vai aprender o português!”. E quem perdeu fui eu. Passei 1 ano e 8 meses com os americanos, e hoje eu que perdi a oportunidade de aprender o inglês.*

Didi- *Quantas oportunidades perdidas na vida, né?*

Danise- *Quantas oportunidades!*

Márcio- *Porque achamos que sabemos de tudo.*

Sr. Márcio tinha consciência das suas experiências. Ele precisava delas para constituir o seu hoje. Aprendeu sozinho que a vida que levava não era a vida melhor. Mudou seus hábitos, seus costumes e assim fez seu hoje. Valorizando sua esposa, sua

família, buscando comer de modo mais natural, fazendo exercícios, aprendendo coisas novas e louvando a Deus são as coisas que completam seu hoje. Ele fez um repensar da sua história por meio de textos-sentido (Cavalcante Jr., 2001). Chorou muitas vezes contando o que se passou na sua vida. Estava sempre aberto a exhibir seus sentimentos. Mostrava que um senhor idoso também demonstra emoções, seja por lágrimas, risos ou palavras. Ele explicava que sua infância veio do nada e que lutou para conseguir um hoje mais digno. Os outros sujeitos colaboradores se impressionavam com a riqueza da sua vida.

Márcio sabia que “ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que a viagem e o viajante são apenas um”(Josso, 2004, p. 58). E que viagem fazíamos com ele!

Dan- *Lis, e o seu hoje?*

Lis- *O meu hoje é bem simples, vista disso não queria ser depois dele.*

(Risos)

Márcio- *Você tem sempre o seu valor.*

Lis – *(Ela lê) Graças a Deus é tranqüilo, com as preocupações normais que sempre se tem com a família, principalmente quando é uma família numerosa. Nada de extraordinário. Hoje, dentro do possível, faço o que quero: estudo, viajo bastante, passo fins de semana fora (nas casas de veraneio dos sobrinhos), tenho ótima convivência com a família e as pessoas amigas. Por isso, agradeço diariamente a Deus o que ele me proporciona.*

(Aplausos)

Danise- *quer um hoje mais bonito que esse?*

(Risos)

Soraya- *(Começa a ler) Felizmente, hoje sou pessoa tranqüila, segura, respeitada pela família e amigos, fazendo quase tudo que gosto, na medida do possível, com liberdade para viver uma vida quase plena, como ela deve ser vivida.*

Danise- *E o seu, Kaká?*

Kaká- *O meu ficou tão feio.*

Danise- *Seu hoje está tão feio?*

Kaká- *(Ela lê) Está dividido em responsabilidade com casa (filho, marido, empregada) além das compras e de tudo que se refere à ela. Desdobramento em atendimento à casa do meu pai (perto da minha) que ficou viúvo (mora só) com uma empregada e atenção dos filhos e netos, além de tudo o que se refere a compras gerais e remédios que são comigo. A meu favor, faço terapia psicológica, encontro semanais com amigas de longas datas, aula de computação, horário para médicos e dentista. Depois no fim do dia o cansaço que requer o sono tranquilo, aliviado e sem remédios.*

(Aplausos)

Danise- *Que lindo!*

Kaká- *Cansa, mas a cabeça está boa.*

Danise- *Vai, Maria.*

Maria- *Desculpa a falta de modesta, mas hoje eu me considero sábia. Eu sou uma promotora da união, aquele referencial da família nuclear, e me considero uma mulher forte, batalhadora, vencedora.*

Danise- *Você juntou o que sou e o meu hoje?*

Maria- *Foi, fiz os dois. Eu tive uma educação muito rígida, e trabalhei muito hoje e não sou mais, sou firme, centrada, concreta. Graças a Deus! Eu acho que tudo isso é sabedoria, esse viver. Sempre procurando viver eu e fazer o melhor. Tem que crescer. E... procuro não julgar as pessoas, isso é uma coisa muito séria. Porque a vida e o tempo são aprendizados, muito importante, então...*

Danise- *O hoje...*

Maria- *A minha fé, isso para mim, é um suporte especial. Vida simples, consciente, que vem da minha formação espiritual. Hoje tem o acompanhamento das oficinas de oração. Sou dinâmica, me valorizo. Gosto de estar sozinha comigo, gosto muito. Tem pessoas que gostam de sair, que não conseguem ficar sós, eu gosto muito.*

Danise- *Que bom!*

(Todos batem palmas)

Lin- *Meu hoje? Hoje me sinto bem. Tenho paz, tenho mais tempo para ouvir mais, rezar mais, conversar mais, principalmente com meus filhos. Eu passava o tempo trabalhando e não tinha tempo. Hoje eu vou vendo tudo, tudo devagarzinho.*

Me sinto como se eu já tivesse cumprido a maior parte do meu dever. Passei a vida toda trabalhando e hoje vejo tudo, tudo. Agora eu digo assim “I don’t care”.

(Risos)

Lin- *Mas antes eu me preocupava, agora eu não tô nem vendo. Ontem roubaram as 3 calotas minhas. E eu disse, eu não vou nem ligar, não vou ficar nem um pouco chateada, vou tirar é a outra pra ficar tudo igual.*

Kaká- *Muito bem. Parabéns!*

Lin- *Bonito é carro sem calota!*

(Risos)

Lis- *Agora é moda.*

Maria- *Eu não to nem aí. (Risos)*

Estrela- *Como eu sou novata no grupo, e não estava preparada, eu vou dizer o que estou sentindo hoje: Estou muito feliz em pertencer ao grupo, apesar da gente dizer que não preciso dessas coisas, que eu vou sempre aprendendo com a vida mesmo, mas sempre é bom ouvir as outras coisas, e aí a gente ouve, ouve e pensa “ah, aquele problema que eu tinha não é tanto quanto eu tava pensando, né?”. Minha vida também foi como a da Lin. Eu sempre trabalhei muito e me separei depois de um tempo de casada. Quase não tive tempo para os meus filhos, mas são todos ótimos. E agora nessa nova etapa da minha vida, o que estou fazendo é isso “dar mais atenção a minha família”, agora mesmo viajamos e passamos o meu aniversário, eles já querem de novo. Meu filho me disse nos meus 50 anos que eu tinha alcançado a metade da minha vida que foi divertida e espero que continue. E meu lema de vida é esse: ser feliz, então eu estou sempre nessa luta, para melhorar e estou muito feliz em estar aqui.*

(Aplausos)

Admiro as palavras da Lin. “I don’t care” usando a expressão em inglês, que aprendeu na sala de aula. Acho que se chega um tempo da vida que se usa o “tô nem aí” para muitas coisas que não devem ser levadas a sério. Acredito ser uma sabedoria enfatizar o que precisa ser enfatizado e descartar o que não precisa ser tão levado a sério. É sabedoria pensar assim. É sabedoria começar a observar as coisas

“devagarzinho” (termo utilizado por ela); saber “curtir” o que se está vivendo. Saber valorizar o presente, o momento.

Quase todos os hojes estão completos de atividades: aulas de Computação, Inglês, Espanhol, Ginástica, visitas às amigas, obrigações do lar, família, leitura, viagens e rezas. O não fazer nada felizmente não faz parte de suas rotinas. Em muitos hojes também encontramos a reflexão de como houve mudança. “Eu era assim, agora não sou mais”. A vida tranqüila, o sono leve, a paz e a satisfação completam o seu dia-a-dia. Preocupações fazem parte, mas eles entendem o valor de cada uma delas. Um hoje simples, livre de obrigações passadas, reflete a colheita.

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que o reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida (Josso, 2004, p.58).

Danise- *O que aprendi de especial e como?*

Didi- *No conteúdo geral ou aqui?*

Soraya- *Na vida.*

Didi- *O sofrimento me ensinou tanta coisa.*

Danise- *Uma coisa*

Didi- *Tão difícil, Danise, enumerar, uma coisa... o perdão. E me sinto feliz, tudo o que leio, eu gosto de partilhar, se tenho um livro bom, eu gosto de passar para o outro.*

Danise- *E aprendeu isso com o sofrimento?*

Didi- *É porque eu era muito egoísta. Eu fui criada muito mimada, entendeu? De exageradamente mimada, acho que se eu tivesse passado pelo que passei, eu era uma péssima pessoa. Eu era a mais bonita, a mais educada, e eu não era nada disso, me fizeram pensar que eu era, e o sofrimento me fez colocar o pé no chão. Na minha foto dos 15 anos foi difícil eu tirar uma foto séria, só rindo. O mundo era riso para mim, eu tinha tudo e eu era a pessoa mais feliz do mundo. E quando eu caí no chão...*

Lis- *Vida de princesa, né?*

Didi- *Só que o principado durou pouco!*

Danise- *Kaká, e você?*

Kaká - *Aprendi a amar o próximo, a ter confiança em mim e em Deus. Trabalhar a fé e a esperança realizando o melhor para o HOJE. Aprendi com as observações de erros e acertos, pequenas e grandes coisas realizadas – vivência, caminhada diária por 66 anos. Lutando atrás da sabedoria com confiança que Deus está ao meu lado pois é Dele que vem a certeza que tudo o que vivi, alegria e tristezas aconteceram para me proteger de males maiores.*

Danise- *E você, Soraya?*

Soraya - *Aprendi que nunca deve se fazer algo a alguém esperando recompensa ou que este alguém lhe seja grato o resto da vida, às vezes acontece, mas nem sempre. Querer que as pessoas sejam como você quer. Nem com os filhos consegue isso. Temos que aceitar as pessoas como elas são. Aprendi isso vivenciando, observando, olhando o comportamento das pessoas e sempre corrigindo meus erros, meu comportamento, minha maneira de agir, de falar... Os filhos são uma grande fonte de aprendizado. Como tenho aprendido com eles!*

Kaká- *E com netos que a gente aprende mesmo!*

Danise- *E o senhor, Márcio?*

Márcio- *Aprendi a fazer o bem com alegria. Quando eu pratico uma boa ação principalmente beneficiando uma pessoa humilde, eu me sinto regozijado. Aprendi que não é necessário gastar muito para fazer alguém feliz. Geralmente as pessoas humildes ficam felizes com muito pouco. O aprendizado é sempre adquirido por força das circunstâncias. A vida vai nos ensinando como fazer as coisas. Os livros, as revistas, os jornais, as conversas com pessoas cultas e amadurecidas e até a televisão podem nos trazer oportunidades de aprender muitas coisas. Mas temos que separar o bem do mal. Para uma pessoa de boas intenções, não é difícil fazer essa separação, conforme o meu modo de entender as coisas. É uma boa prática de aprendizado seguir os bons exemplos.*

Maria- *Errando,né? Antes eu era exigente, e agora não sou. Eu tinha uma funcionária que jogou isso na minha cara, disse que ia sair que era exigente e tal. Eu mudei. Eu sou mais leve, mais compreensiva, não sou mais exigente. Foi um aprendizado.*

Danise- Uma crítica construtiva, né?

Maria- Muito construtiva.

Estrela- Acho que todo mundo tem um dom. Cada um tem o seu. Por exemplo, vivi 10 anos no mesmo prédio do Márcio e nunca tinha o descoberto. Era só bom dia e boa tarde. Hoje eu liguei para caminhar na praia com a Lin e ela disse que não ia não, que tinha a reunião da Danise, “oh, meu Deus, deixar de ir na minha praia, podia ser no outro horário”.

Lin- Valeu?

Estrela- Valeu. Tô aqui aprendendo e acho que todos têm sempre algo a transmitir. Se eu disser que eu fui para uma reunião de terceira idade, muita gente vai dizer que terceira idade só faz colocar a gente de baixo astral, né? Mas não, todo mundo tem, até os humildes. Eu também sofri, sofri problemas de saúde, e foi nessa imperfeição que eu vi uma fábula muito bonita, que era um moinho, queírodava, rodava, rodava a 180 quilômetros por hora e um dia ela passou a rodar menos e com isso ela começou a ver as coisas que ela não tinha tempo de olhar, passou a ver as coisas em volta, a natureza. Ela nem olhava, só fazendo o trabalho para dar conta. Realmente, quando temos um sofrimento, uma imperfeição, a gente começa a ir mais devagar. Por isso que acho que nada é perfeito na vida, então foi nisso que eu aprendi a andar mais devagar. Me diziam quando eu tinha casado, que eu não olhava pra primas pobres, e também fui morar fora, e depois quando cheguei com um problema de saúde e não tinha tempo pra nada... mas foi na imperfeição que a gente começa a olhar para os outros e ver que cada um tem um dom para dar. Se eu soubesse que o senhor tinha esse dom, eu ia abrir uma clínica com o senhor, só de prevenção...

(Risos)

Maria- A vida é um abrir e fechar de portas.

Lin- Quanto tempo ela reclamava dos “my shells”, e eu apanhava aquelas conchas e dizia “Danise, olha que coisa linda!”.

Estrela- Só para ilustrar, eu tenho um amigo lá na Suíça que ele diz que ser rico nesses países é ter tempo agora. “Ser rico é ter tempo para fazer o que quer”.

Danise- *E você, Lis?*

Lis- *Aprendi que preciso saber aproveitar os momentos e as coisas boas da vida, distinguindo o que realmente é importante no meu presente e o que será útil no futuro. O tempo é uma lição de vida e muito nos ensina. Fica difícil saber exatamente como aprendi, mas acredito que com o exemplo que tive da minha mãe (era uma pessoa extraordinária) considerada por toda família e amigos, aprendi muito; aprendi a valorizar a vida.*

Danise- *E você, Lin?*

Lin- *Que a vida é como um filme, que passa rápido. Por isso eu acho que o amor é tudo. Neste amor acompanha o perdão, a caridade, a amizade e etc. Aprendi que o dinheiro não é tudo. Ele ajuda mas atrapalha bastante, trazendo o egoísmo, as inimizades, a distância entre as pessoas. Como aprendi? Aprendi errando. Eu acho que com os erros, vamos acertando.*

(Aplausos)

(Inaudível)

Danise – *Bom, um beijo e muito obrigada por hoje.*

É tão prazeroso falar das nossas aprendizagens significativas! Elas que nos formaram e nos trans-formaram. Elas que dizem muito do que sou hoje, o que penso, o que sinto, o que elejo, o que sonho... Elas são as lentes usadas no decorrer do percurso. Elas ficaram, marcaram, provaram que **eu aprendi**. Elas podem ter vindo da escola, da família, dos intervalos, dos sofrimentos, de um filme, de uma situação, mas meus idosos aprendentes sábios disseram que elas vieram da vida. Elas nasceram desse percurso do caminho, do observar as pessoas que nela passam, do diálogo entre tudo o que passou por nós e de todo o bem ou mal que aconteceu nele. Como seria bom se tudo o que nos viesse acontecer fosse uma aprendizagem significativa!

Quantos momentos não permaneceram em nós! Quantos instantes não nos tocaram, não nos disseram nada, simplesmente passaram sem deixar nenhuma marca... Penso nessa minha vida balzaquiana, que tantas vivências não se transformaram em experiência. Passei por aquele colégio, conheci aquela pessoa, me relacionei com aquele outro, ouvi aquele amigo, estudei aquela matéria e nada ficou. Por que não foram significativos? Penso em que esqueci de refletir sobre eles, que

deixei de observá-los, que deixei de sentir algo mais intenso quando passei por eles. Eles não me atraíram, não dizem quem sou hoje. Eles não me ensinaram, não estão escritos nas páginas da minha história nem completam as horas do meu relógio. A pessoa que sou hoje não carrega nada deles.

Rogers (1961) explica que a aprendizagem significativa vai além. Ela marca, ela faz história, permanece na vida.

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a uma aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente toas as parcelas da sua existência (p.253).

Como meus idosos aprendentes já sabiam da importância desse tipo de aprendizagem! Eles já traziam em seus discursos muito da fala de Rogers. Uma aprendeu com o sofrimento, a outra com a observação dos seus erros e acertos, a outra aprendeu vivendo, o outro com a relação com o outro e com a vida, a outra com a doença, a outra com os erros.

Termino esse encontro com o texto-sentido de Paulo Mapurunga (co-pesquisador da Relus), que estudando a aprendizagem significativa escreveu um texto-sentido comparando-a a um jardim. Lembro novamente Rubem Alves que diz que quando uma leitura toca o leitor é porque o autor e ele são iguais. O texto de Paulo me tocou. Era como se ele tivesse vivendo os momentos no Ateliê da Sabedoria. Ele também vê planta. Ele também as admira e reconhece o poder da auto-adubagem.

A única coisa que pode realmente crescer, fincar raízes e se desenvolver no jardim de um homem é uma semente. A única coisa que pode permanecer em um homem é algo que cresce nele mesmo e por ele mesmo. Só existirá algo realmente enraizado em mim se for algo que nasceu em mim e se desenvolveu em mim e por mim. Nisso uma árvore crescida em mim, que já estabeleceu suas raízes em seu lugar determinado, não pode ser transferida a outro jardim. Cada árvore ou flor nascida dentro de um homem é única, não existe igual em lugar algum, por mais que seja da mesma espécie. O formato que ela se deu, a forma que ela cresceu, o jeito e a profundidade em que se enraizou não é igual em homem nenhum. A forma de um jardim, as suas árvores flores e beleza depende exclusivamente do próprio homem em que

nele habita. Só quem pode entrar no jardim de um homem é ele próprio. Só quem pode cuidar desse jardim é ele mesmo. Quem pode arar a terra, preparar o adubo, dar os nutrientes, cuidar. Só ele mesmo. Um homem pode dar alguns dos instrumentos, recursos, que ele utiliza para o seu jardim a outro homem. Mas o trabalho de um homem em seu jardim é só ele quem pode fazer. (Paulo Mapurunga, 2008, Relus)

Em resumo, eu digo: É a vontade de aprender, a nossa grande ferramenta. É a reflexão a nossa significação. É a prática o nosso desafio. É a vida o nosso grande mestre. E são esses os caminhos da sabedoria.

3.7 Tema: A Leveza Da Minha Mala

(Os Intervalos)

Cena V

Foram os intervalos que saltaram aos meus ouvidos. Foram as gargalhadas que saltaram aos meus olhos. As lembranças é que me fizeram repensar a minha própria vida. As lágrimas me tocaram. O cheiro de nostalgia misturado ao cheiro do café, regado a uma música instrumental do piano ao fundo. Mais um encontro com o meu jardim.

Intervalos! Ai ai... os intervalos. Eles me mostraram quão tamanha é a sua importância. Momentos inesquecíveis, vividos plenamente, cheios de detalhes; foram eles simplesmente os responsáveis por construções de experiências há tantos anos. "Eu adorei os intervalos", disse uma delas. Tanto tempo, mas que ainda causa arrepio na pele de quem senta próximo a mim e também causa olhares brilhosos (ah, que olhar!) de quem está um pouquinho mais distante. Pensamentos que vão longe! "Nossa! Música e perfume, passam 40 anos e você não esquece", disse uma delas. "E as músicas vão nos levando para momentos jamais esquecidos, bem guardados talvez". "Ah, era a coisa melhor do mundo!". Lembranças lindas, que causavam sorrisos sinceros, gargalhadas gostosas.

As anáguas, o sutiã com preenchimentos, os vestidos costurados com fazendas vindas de fora, o cavalo pedrês como meio de transporte, as tertúlias nos clubes (ai, as tertúlias), as danças proibidas. "Papai era muito alto, quando ele chegava, a gente ficava bem quietinha". "Papai nem sabia que eu já dançava antes dos 15 anos". Figura do pai, figura esta autoritária, respeito perante os mais velhos. O proibido desde muito tempo já existia, proibição que hoje é motivo de lembranças felizes. Felizes, meu jardim, felicidade que brota de suas falas, de seus olhos, das suas peles. Terei eu tantos intervalos? Foram meus

intervalos assim tão importantes? Estou construindo-os no meu hoje?

Amores tão banais comparados aos que foram registrados em cartórios, tão simples e menos complicados comparados ao tempo vivido ao lado de alguém. Amores tão rapidamente curtidos, e tão lentamente sentidos. "Me lembro os amores antigos, me lembro no baile dançando com muito amor e as tertúlias do Náutico". "Me lembrei daquele tempo de 20 anos, as declarações ao vivo, dançando aqui no ouvido". "Não esquece nunca, né?" "Do primeiro amor.... *secret!* Ainda existe, *secret*. Não posso explicitar porque são coisas que estão dentro de mim e dele, né?".

Ai, que gosto bom da nostalgia! Descobri que os intervalos não se apagam. Eles fazem parte de todo o sempre. Vocês já pensaram que vocês também podem ser o intervalo de alguém hoje? Vocês também devem causar tamanho sorriso, e maiores nostalgias!

Fui caminhando no jardim e ouvindo aquelas músicas levadas ao ateliê naquele dia, e encontrei uma cena que eu imaginaria ser de um filme. E assim começou a ser descrita ... "já pensou um trem passando e atrás desse trem ia um sanfoneiro tocando essa música na madrugada... pensa, pensa... sozinho tocando essa música, no silêncio da madrugada". A outra concentrada na história pergunta : "e vocês pediram para tocar?" E a história continua... "não, coincidência". Coincidência? Ora, coincidência...e existe tal coincidência? As lembranças se tornam mais fortes e ela já não consegue controlá-las, imagina um trem passando... Ah, que trem! Não acredito que essa cena possa ter sido tão linda quanto ao que imaginei. Aquelas de filmes antigos, de amores intensos, que gritamos com toda a nossa alma para que os mocinhos fiquem juntos e vivam felizes até o final. Nunca mais hei de esquecer essa cena quando ouvir a música "Fascinação".

Lembrarei também das lágrimas de uma delas que chorava ao lembrar da mãe. Evocação gostosa, parecia ser. Vontade simplesmente de tê-la novamente. Sentimento bom, "é um romantismo que dói. Que se foi!". A outra mais próxima de mim chorava por dentro também e a dor era grande, a vi sofrendo e senti também esse sofrimento porque aquela música ficou na minha mente muitos dias além. Formas diferentes de demonstrar tamanho sentimento, o mesmo talvez, ambos causavam a dor de não tê-los mais, mas ambos também causavam felicidade por um dia tê-los tido.

Ah, saudade.... como ter saudade se não tivermos tais intervalos, tais momentos de amor? Amor a um príncipe encantado, a Deus que transmite a paz e que dá a mão quando mais precisamos, à mãe que um dia fora mais do que uma mãe, a um amor eterno que vive pendurado no pescoço. E assim fomos, bailando pelas tertúlias das memórias. Falamos três horas. Falamos simplesmente de amor.

Sabidamente, uma respira e inspira toda aquela nostalgia e diz "as lembranças que mantêm as pessoas vivas, né?"... "Ah, eu tive tantos amores!"

Pedi no nosso último encontro que trouxessem uma música que tivesse marcado suas vidas. Kaká, muito alegremente, me perguntou: "Pode ser a música dos intervalos?". Eu, distraída, perguntei: "Que intervalos?". Depois de uns segundos, digo: "Ah, os intervalos!". Risos e risos completavam os minutos restantes. Tínhamos também combinado no último Ateliê em conversar hoje sobre o sofrimento. Pedi para que escrevessem sobre os momentos mais difíceis de suas vidas, pensar sobre o que ficou deles, o que aprenderam e como superaram. O tema não tinha sido muito aceito. "Para que falar de algo ruim?" "Ah, eu não vou falar não!", disse Soraya. "Já falamos demais", disse Didi. "Eu não tive momentos difíceis", disse Márcio. Pensei, dentro de mim, que muitas iriam faltar. Falar sobre o sofrimento não seria uma tarefa simples, apesar de que cenas difíceis de suas vidas já tinham sido mencionadas sem antes serem pedidas. Elas faziam parte de quase todos os nossos encontros. Esses momentos tinham sido significativos.

Começamos então o nosso quinto encontro. O tempo tinha passado rápido. Já estávamos na metade da minha pesquisa no Ateliê. Tinham sido prazerosas todas as horas ao lado dos meus sujeitos colaboradores. Começamos com poucas pessoas presentes. Será que meu pensamento quanto a não querer falar do sofrimento tinha sido correto?

Danise- *Bom, vamos começar as nossas músicas. Vou dar um papel para vocês e ao ouvir a música que cada um trouxe, vocês vão colocar o sentimento, opinião de vocês sobre a música que vocês vão ouvir.*

Lin- *A dos outros também?*

Danise- *A dos outros também, quem não trouxe vai ter que cantar.*

(Risos)

Danise- *Vou mostrar a música da Lin, vocês vão ouvir, e vocês vão escrever o que a música lhe fez sentir, se recordou isso ou aquilo.*

1 MÚSICA – Querida (trazida por Lin)

Kaká- *Essa é a tua cara!*

(Lis chega atrasada)

Danise- *Essa é a música. A atividade é ouvir e escrever se essa música para mim tem importância, se essa música me fez lembrar isso, se essa música não me fez lembrar nada.*

(Didi chega atrasada)

Danise- *Vou colocar a música novamente.*

(Algumas cantam. Pensam na versão em inglês You'll never Know)

Danise- *Bom, essa foi a música da Lin. Depois a gente comenta, tá? Márcio, você achou a sua música?*

Márcio- *É, eu pensava que não tinha, mas na missa eu descobri uma.*

Danise- *Escutem a música do Márcio.*

Kaká- *Ah, não tenho a minha música. Eu vou já comprar, hoje mesmo. Como é que não tenho a minha música?*

2º MÚSICA – *Paz de Cristo (música católica – Márcio)*

Todos- Linda!!!

3º MÚSICA - *Lis canta “Segura na mão de Deus”*

(Todos cantam. Todos batem palma).

(Inaudível)

Danise- *Maria, o seu cd?*

4º MÚSICA – *Fascinação (trazida por Maria)*

Maria- *É de arrancar o coração.*

Kaká- *Oh, por que tu botou essa?... A cara da minha mãe.*

Todos se calam. Lin chora, Kaká se emociona. (Lin e Kaká são irmãs, a música Fascinação lembra sua mãe)

Mexe comigo também. Silêncio total. (Consigo sentir o silêncio e as memórias até agora transcrevendo isso. Lembro da minha avó)

Maria- *Mexeu.*

Danise- *A música da Kaká não tem. Então vamos ter que cantar. (A música é ONLY YOU). Elas cantam em português. A versão é em inglês.*

(Aplausos)

Kaká- *Esqueci, oh! A gente esquece, minha amiga, a gente esquece... (não lembrava mais a letra).*

6º MÚSICA – *Besame mucho (Trazida por Didi)*

Todos adoram. Todos cantam. Didi chora. Seus pensamentos já não se encontram mais na sala.

Kaká- *Eu deixei de gostar dessa música, depois do deputado, lembra?*

Pedem para eu tirar, porque percebem a dor da Didi.

Danise- *Música leva a gente, né?*

Kaká- *Nossa! Música e perfume, passam 40 anos e você não esquece.*

Didi- *Toda e qualquer interpretação ele comprava pra mim. Todas.*

Danise- *Sua música!*

Didi- *Eu tenho várias versões.*

Danise- *Kaká disse que eu quero mexer com os corações, mas é porque música traz lembranças que estavam bem escondidinhas.*

Didi- *Mas dói muito.*

Kaká- *É porque mexe demais.*

Esse era o intuito do exercício: mexer com o que estava “escondidinho”. Mexer nas memórias significativas. Algo de meu ficou naquele momento, algo daquele momento ficou em mim. Que momentos eram esses? Que memórias guardavam eles? Por que algumas permaneciam e por que outras já não existiam? Encantava-me quando ouvia reflexões do tipo que a Kaká fez “como eu não tenho a minha música?”. Como não ter aqueles momentos de volta? Parecia ela dizer. Por que o deixei ali escondido? Por que muitas vezes mexer na nossa história traz sofrimento, além de saudade? A música, nesse encontro, tinha sido a ferramenta para estimular tais memórias. Ouvi histórias. Revivi com eles os momentos. Desejei participar de alguns. Comparei com os que estou vivendo. O meu mundo se mesclava com o deles. A sensação era gostosa, as risadas e as lágrimas vinham de dentro.

Os intervalos para Didi eram as paixões passageiras, os momentos de amores proibidos, os momentos entre namorar e casar. Ah, aquele amor que durou por muito tempo e não se concretizou! Ah, as experiências amorosas que fazem os olhos brilharem, o coração bater mais forte e a pele de quem está sentada perto de mim se arrepiar! Paixões da adolescência, lembranças permanecidas que trazem risadas na alma. Palavra criada por Didi, quando relatadas suas mais escondidas emoções. Emoções fortes, talvez nunca divididas, guardadas em segredo por todos esses anos! Vontade agora por meio do Ateliê em compartilhar. Quase todos traziam um intervalo escondido nos relatos. Quase todos conseguiam deixar escapar o brilho do olhar e sorrisos. Vi o quanto foram importantes. Orgulhosas memórias, estes intervalos!

Josso (2004, p.43) nos diz que “as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”. Eu necessitava conhecer suas experiências, precisava saber o que tinha ficado durante todo esse caminhar. Eu pensava, assim como Josso (2004), que recordar o “escondidinho” ofereceria a oportunidade de uma tomada de consciência do caráter.

Relembrar esses momentos significativos e formadores “são quadros que colocam em cena um ou vários protagonistas em transações numa dramaturgia singular”(p.45). Essas narrativas nos fazem levantar um balanço do que fizemos em nossas vidas, nos permitindo tomar consciência das nossas fragilidades, de desejos, sonhos, da realidade, enfim, do nosso caminho.

Quando Kaká diz “como não posso ter a minha música?”, parece perguntar a si como não pode querer relembrar a sua história. Parece lembrar-se de que ela tem, sim, uma história. Parece dizer “como posso ter esquecido de mim?”. E aí vem novamente a Josso (2004), que fala em repensar nossos momentos formadores, nessas narrativas usadas ao longo do Ateliê; a pessoa se pergunta “como conto para mim mesmo a minha própria história? Como dou sentido à minha própria história?” (p. 54).

É, Didi, dói mesmo. Dói saber que memórias tão significativas tinham ficado para trás. E, assim, cada um foi dividindo um pouco sobre si por intermédio de músicas esquecidas ou lembradas com o tempo. Era gostoso escutar o som de suas músicas.

Maria- *A música da Lin... quantas recordações, relembrações, a época do bolero, a década de 60, dançando bem juntinho com meu marido, grandes bailes no Náutico, no ideal, as festas de miss. Ah, as festas eram de arromba!*

Didi- *Lembra do Céu, não?*

Kaká- *Ah, o Céu!*

Maria- *Das tertúlias... era o máximo tudo o que podia acontecer.*

Kaká- *Era a dança coladinha.*

Danise- *Hoje em dia nem tem mais isso,né?*

(Inaudível)

Lin- *Ah, era a coisa melhor do mundo!*

Didi- *E quando a gente era chamada para dançar, a mais solicitada...*

(Risos)

Didi- *Eu não parava de dançar.*

Danise- *E quando era ao contrário? Quando ninguém chamava...*

(Pausa. E depois muitos risos)

Lin- *Vixe, ficou esquentando cadeira.*

(Risos)

Danise- *E tinha dança sozinha?*

Todos- *Não.*

Didi- *E quando a mulher chamava pra dançar?*

(Risos)

Didi- *Tava se oferecendo.*

(Risos)

Maria- *A gente era do interior, tinha que dançar escondido do pai.*

(Muitos risos)

Maria- *Quando chegava o cavalo pedrês, o carro da época, o coronelzão, lá vem o papai e aí... continuava com a festa, mas não dançava. Isso era escondido.*

Danise- *E o vestido?*

(Risos e inaudível. Todas encantadas em lembrar o passado, os momentos bons.

Márcio calado)

Maria- *Colocava na goma a noite toda.*

Didi- *O sutiã tinha enchimento, todo pontudo.*

(Inaudível . Risos)

Danise- *Márcio, você não dançava não, nas festinhas?*

Kaká- *Ah, pode contar, aqueles marinheiros...*

Márcio- *Eu era um marinheiro diferente, eu só fazia estudar, não fazia outra coisa.*

Lin- *E as paradas?*

Márcio- *Depois que eu terminei de estudar, aí fui me preocupar em namorar.*

Danise- *A sua primeira namorada foi sua primeira esposa?*

Márcio- *Não, foi não. Foi a segunda, porque a primeira viajou, foi uma coisa assim... eu não namorava, porque eu não queria enganar ninguém.*

Didi- *Mas o meu marido se gabava “eu fui o primeiro namorado dela” e eu dizia “mas teve os intervalos”.*

(Risos)

Kaká- *Eu adorei os seus “intervalos”*

(Inaudível)

Kaká- *“La vie em Rose” é a cara de sabe de quem? Do Samuel*

Lin- *O Samuel era um paquerinha lindo da Kaká, mas o bicho era tão rabo de burro que ...*

Kaká- *Era tão danado!*

Danise- *O que é rabo de burro?*

Maria- *Era playboy*

Danise- *Playboy porque era bestinha?*

Maria- *Não, era danado*

Danise- *Playboy hoje não é isso não.*

Kaká- *E o que é playboy hoje?*

Danise- *É aquele besta, só anda chique, só quer marca. É besta, uma pessoa besta*

Kaká- *Ah, não era isso não!*

Lin- *Ele era danado. Danado*

(Inaudível)

A escolha de um verbo sublinha que se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e só diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que a viagem e o viajante são apenas um (Josso, 2004, p. 58).

Gosto de pensar que a viagem e o viajante são somente um. É fácil perceber isso dentro do Ateliê. À medida que vamos ouvindo as narrativas, percebemos claramente que a viagem e o viajante seguem bem juntos, inseparáveis. Então, percebemos a importância de escolher as nossas viagens, o lugar que queremos visitar, como devemos explorar; porque assim estamos assim escolhendo a nós mesmos. As lembranças hoje são as minhas decisões passadas. Se dancei ou não, se conheço o clube ou não, se tive intervalos ou não, dizem muito do que sou hoje. As

minhas memórias significativas nos fazem rir, chorar, nos conhecer, nos arrepender, mas elas estão ali, fixas, porque não podem mais deixar de existir. Elas são simplesmente nossas decisões.

Prazeroso é ver histórias se entrelaçarem. Precioso é ver a diferença de nossas gerações. Dançar juntinho, não dançar por muito tempo, esconder-se para não dançar, o rabo de burro, a dança escondida. Aí começava a história do intervalo.

Se fosse definido por eles, diriam que foram os instantes bons da vida, o momento do perigo, da descoberta, do primeiro amor, dos beijos, dos paqueras, das danças. Ocasões por eles nunca esquecidos, lances formadores porque foram vividos plenamente. Os detalhes são contados inúmeras vezes. Acho que quando fecham os olhos recordam e sentem na pele o que viveram há décadas. A pele se arrepia, os olhos brilham. Sim, foram os intervalos!

Vou contar alguns intervalos inesquecíveis vividos por ela. Vejam os detalhes, fechem os olhos, acho que somos capazes de nos imaginar por lá.

Didi- *Foram os intervalos, né?*

Lin- *Deixa eu te contar uma coisa... Tinha um rapaz lindo, lindo, lindo e aí me tirou para dançar, toda quarta ele me tirava para dançar, eu tinha horror que o rapaz me pedisse para eu parar de dançar, aquilo era uma desfeita, então eu só dançava uma ou duas músicas e pedia para parar. Aí, ele me pedia para continuar. Aí, escute aqui... quando, aí terminaram as férias de julho ou de dezembro sei lá, eu já fazia o vestibular, cursinho e todo dia eu pensava no rapaz, “será que ele se lembra de mim?”, e aí o rapaz foi embora e eu fiquei, quando chegaram as outras festas, me lembro da minha irmã aqui do lado, quando coloquei os olhos pro canto, lá vinha ele entrando. Kaká, eu me tremia todinha, a minha irmã dizia “é ele!”, e eu com os olhos nele e olhava e baixava e aí ele veio e bateu aqui, chega eu não sabia nem como falar, quando o rapaz me pediu pra dançar e disse “oh, Lin, eu passei o tempo todo pensando em você” e sabe o que eu disse “é, eu não tô me lembrando de você, não?” Vocês acreditam que eu fiz isso? Eu falei “é, eu não sei...”. Eu ainda dancei um pedaço, ele depois me tirou de novo. Botei o homem pra, pra, expulsei. Ele aí começou a dançar com uma*

menina, dançava, dançava, namorou com ela...

Kaká- Bem feito! Ora...

Lin- Eu era burra, burra, burra, burra

Kaká- Me lembrei daquele tempo de 20 anos, as declarações ao vivo, dançando aqui no ouvido.

Danise- E o que eles falavam?

Kaká- Essas coisas aí da música.

Maria- Não esquece nunca, né? Do primeiro amor.... secret! Ainda existe, secret. Não posso explicitar porque são coisas que estão dentro de mim e dele, né?

Danise- Do primeiro amor????

Maria- Não podemos deixar morrer isso.

Danise- Ele é vivo?

Maria- É, é, é.

Danise- Tá casado?

Maria- Tá!!!. E tá aí, eu tenho que respeitar a situação dele, né? Eu não. Sou livre.

Danise- Se lembra dele com a música, é?

Lin- As lembranças que mantêm as pessoas vivas, né?

Maria- Já pensou um trem passando e atrás desse trem ia um sanfoneiro tocando essa música na madrugada, pensa, pensa... sozinho tocando essa música, no silêncio da madrugada.

Danise- E vocês estavam no trem?

Maria- Sim.

Danise- E ele também?

Maria- Sim.

Didi- E vocês pediram para tocar?

Maria- Não, coincidência.

Danise- Ai, que coisa linda!

Didi- Marcou?

Danise- Imagina um trem passando.

Maria- Secret... dois dias de trem, e dormíamos em Maravilhas.

Kaká- Para mim o Samuel era o La vie en rose.

(Risos)

Lin- Ah, eu tive tanto amor na minha vida!

Kaká- Ah, eu tive!

(Inaudível)

Maria- Esse amor forte... Ele foi para uma cidade estudar medicina, né? E eu fiquei. Aí eu tinha ficado de férias, que eu tinha um primo, também estudante de medicina, universitário, pensa... e aí começamos a dançar, e dançamos muito, e eu namorando com outro, né? Passei o dia todo dançando com ele, deixa que o amigo mandou dizer para o meu namorado que eu estava dançando com outro. Eu simplesmente acabei o namoro. Nesse intere, eu comecei a namorar o meu marido, e aí ficou o amor, mesmo.

Kaká - Teve o uruguaio que eu namorei no Rio. Não, eu não namorei. A gente ia pra praia, eu ia minhas amigas lá no Rio.

Danise - Só ficava, era?

(Risos altos)

Kaká - Naquele tempo não tinha ficar não

Danise - Vocês perderam a época do ficar.

(Muitos risos)

Kaká - Pois é... perdemos. Ai esse tal de ... esqueci o nome dele, ó! A gente esquece, meu amigo... mas o cara era LINDO, LINDO... e aí começou a se corresponder comigo, e nisso eu já tava me correspondendo com o meu marido...Eu lá sabia se ele ia voltar... uma vez ele me escreveu dizendo que já me conhecia muito, o bastante pelas cartas e que um dia aparecia por aqui, mas aí eu fiquei noiva e parei de escrever e nisso eu casei. Até hoje. (Mais risos)

Kaká - NUNCA TRAI, NEM por pensamento. Quarenta anos de casada eu já fiz, sim... mas depois eu soube que depois que eu já estava casada, já tinha saído de casa, a empregada disse “Kaká, veio um rapaz tão bonito aqui. LINDO!”

Acompanhado de um amigo, ai chegou aqui perguntando pela senhora, ai eu disse que a senhora não estava mais aqui não. Casou!”. Disse que ele ficou amarelo. Pois rapaz, não ERA ELE! Só podia ser!

Todos - Era?

Kaká - Porque ele era realmente, ELE CHAMAVA A ATENÇÃO

Danise - Se arrependeu?

Kaká - Eu? (pausa) Me arrependi.

(Risos)

Kaká - Pois é... tô ai até hoje. Tive quatro filhos, um nasceu com 9 meses e poucos dias

(Risos)

Danise - Todos contando os dias!

Nessa hora o meu mundo já fazia parte deles também. Pensava na minha história. Pensava como e o porquê desses intervalos serem uma das coisas a serem tiradas das suas malas. Como esses momentos os fazem felizes! Como o amor faz parte das nossas histórias! Fiquei feliz por esses intervalos. Eles os faziam lembrar, a sorrir e a estar plenas. Eu brincava, como sempre brinquei em sala e, assim, também mostrava um pouco do meu mundo para eles. Das correspondências, ao acompanhá-lo na praia ao “ficar” hoje. As danças proibidas... e o que é proibido hoje? Nada mais nos assusta. Não há mais essa proibição nos intervalos. Hoje tudo pode. Será que perdeu a graça?

A vida vai nos levando para caminhos tão inesperados! Parece uma energia que vai nos guiando para este ou aquele lugar. Como seria a vida de Kaká com esse uruguaio? Estaria ela hoje nesse momento no Ateliê? Será que hoje o intervalo a ser falado com tanto amor não seria o seu marido? Engraçada a vida! Temos vontade de ter o que nunca tivemos. Os intervalos nos levam a essa reflexão. O gostinho de tempo que não vai nunca mais voltar.

Sentia-me bailando com eles, sentia-me sendo convidadas a viajar e fazer também parte do viajante. A música penetrava em mim. As lembranças deles eram cheias de detalhes. Eu via o quanto é importante viver. Viver e experienciar. Não sabia que o primeiro amor realmente era para sempre. Não sabia que o momento mais

loucamente vivido era o que mais me fazia rir. As roupas, o carro, o comportamento dos pais, deles, das meninas e dos meninos que bailavam, tudo era revelado. Houve inúmeros diálogos. Eles tinham vivido intervalos semelhantes.

É no decurso desta situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidade (Josso, 2004, p.61)

Eles saíam diferentes do nosso V Encontro. Eles sorriam até chegar ao carro. E acho que, dentro deles, eles pensavam: Sim, eu tenho uma história! Acredito que Kaká sentiu a necessidade de comprar a sua música. Tinha entendido nos intervalos, que a melodia e a letra faziam parte dela. Sentiu, assim, necessidade de ir em busca de si. Fui também embora, pensando na minha própria música!

Danise- Bom, vamos terminando por aqui. Peço que na próxima semana seja na terça, onde vamos falar sobre o sofrimento.
(Mudamos a data essa semana em razão de uma viagem minha a um congresso).

3.8 Tema: A Parte Da Mala Que Eu Não Gostaria De Abrir.

(Os Nós)

Cena VI

Meu ouvido sangrava. O "cotonete" usado para limpá-lo, trazia sangue naquele dia. A cor era viva. Um vermelho sangue vivo. Acordei assustada. Senti falta da minha terapia. O que haveria de ser um ouvido sangrando? Por que meu ouvido sangrava depois dos depoimentos sobre sofrimento?

Tenho certeza de que aquele não tinha sido um dia fácil de enfrentá-lo. Lembro-me bem quando foi pedido para que trouxessem as músicas. As lembranças trazidas por elas podiam até remoer coisas que também faziam sofrer, no entanto aquela tarefa tinha sido bem recebida.

Preciso que vocês hoje escrevam sobre os seus nós (Josso, 2004). O que aprenderam com as lembranças dolorosas? "Ah, agora vamos falar de coisas mais difíceis", pedi. "Ah, não vou falar não!", disse uma delas. "Já falamos demais", disse uma outra. "Por que é difícil falar de sofrimento? E o que aprendi com o meu momento difícil?" foi levado à reflexão.

Não foi fácil, bem sei. O dia não trazia o sorriso dos intervalos. Três sujeitos-colaboradores faltaram. Será que era difícil assim pensar nos sofrimentos? As lembranças tristes faziam a mais fina pele do meu lado se arrepiar. As mãos tremiam, as pernas balançavam nervosas, a inquietação na cadeira constante, e a respiração... ah, a respiração! Esta era bem prolongada, como se inspirar e expirar fossem usados como uma técnica de alívio às lembranças. Por que mexer onde estava lá no fundo, onde estava o presente embrulhado há tantos anos em cima do guarda-roupa? Era mexer na poeira, era sujar o quarto, era principalmente acordar para a necessidade de um dia limpá-lo.

Percebi o porquê do sangue no meu ouvido. Parecia também uma limpeza que vinha de dentro, a mexida do cotonete em cantos tão privados, tão íntimos, tão profundos. Era tocar no tímpano, era produzir um som, e era sentir a mais fina dor, em um dos órgãos mais delicados. Lembro-me um dia em que meu professor de Otorrinolaringologia dizia: "limpe os ouvidos com os cotovelos, nada de "cotonete". O ouvido precisa de cera como proteção", dizia ele. Sem a cera, não há proteção. Faz sentido. Sem sofrimentos, não há o acabamento da vida. Não há o preparo para estar nela. Não há o escudo. Não há os "pés atrás". Não há escada; é como sempre andar na linha reta. Não tem graça, fica tudo muito simples, passamos a não ter objetivos. O mais idoso do nosso ateliê, na graça dos seus 83 anos, diz "a doença da minha mulher, me estimula a ir atrás das respostas. Pesquiso para isso". Como haveria o uso do computador, as inúmeras horas na Internet em busca de aprendizados, os inúmeros livros comprados e lidos? Como haveria isso se não houvesse o sofrimento?

Sujeira, não. Falo de cera. Cera fica e deve ficar. Sujeira, não. Sujeira é para ser limpa, com cotovelo, com cotonete... vá ao médico, ora! Sujeira não deve fazer parte da gente. Essa sim, deve ser limpa! Sujeiras são os nós, que ainda podem ser desatados. Sujeiras prejudicam o nosso crescimento, bloqueiam a auto-adubagem, permanecem em nós sem propósito algum. Para essas, recomendo água, bastante água; somente água para purificar, para destruir qualquer sujeira.

Sonhei com o sangue. Sangue é vida. E é isso que devemos encontrar dentro dos nossos mais íntimos esconderijos secretos: vida. Vida é a purificação da nossa alma, de toda e qualquer sujeira, é uma poupança de ceras, que simbolizam vitórias, como a proteção da armadura para os próximos dias, como a leveza de uma pedra lapidada, como o resultado da nossa própria moldura e como o reflexo do nosso próprio ser.

Obrigada, minhas plantinhas, por me fazer em perceber em suas histórias que o guardado dentro de mim é simplesmente o valor de uma vida. Obrigada por me fazer em perceber que o valor de cada um de vocês é dado pelo alcance de suas vitórias. Quantas vitórias! Parece que eu escolhi a dedo pessoas tão vitoriosas. Não vi caminhos simples de serem traçados, e por isso ouvi frases lindas "eu estava dentro do nada quando tudo surgiu e tudo foi acontecendo numa sequência em que todas as oportunidades surgiram e eu as aproveitei sem perder uma só". É vida, é cera, é vitória. Não é uma planta, é uma árvore, daquelas de tronco bem grosso e de base bem larga.

E ele continua "o meu hoje é um aprendizado do meu ontem. O meu ontem foi um desenrolar de erros e acertos, como geralmente ocorre com todas as pessoas esclarecidas. Mas o meu discernimento selecionou para que eu pudesse posicionar o meu hoje".

Que galhos mais fortes, troncos mais largos e folhas mais verdes! Quem te rega todos os dias, minha árvore? E tu com certeza me responderás: "É o Espírito Santo". E eu te digo: "é vida que brota de dentro de você".

Os nós de Josso tinham marcado encontro com a gente. Hoje era o dia em que falaríamos da "minha lembrança dolorosa". Já havíamos falado sobre ela. Ela estava sempre associada aos nossos discursos. Influenciava as nossas escolhas e era sempre contada com um certo orgulho, como se dissessem "já passei por momentos ruins, mas venci". Apesar disso, pedi para que pensassem e escrevessem sobre a lembrança dolorosa em casa e que me trouxessem algo escrito hoje. Sei que sentiria falta das gargalhadas e dos brilhos nos olhos, mas queria perceber o valor dessas lembranças. Será que seriam parte de seus momentos formadores? E o que me restou depois desses momentos? O que ficou e o que ainda está dentro da minha mala? É um peso que eu continuo carregando? Ou é um peso que resolvi deixar pelo meio do caminho? Ou é um peso que virou leveza?

Como os sábios se comportam ao se deparar com o peso da sua mala? Da onde vem a força deles? Eles carregam sozinhos, sem fazer cara feia, mostrando toda capacidade física e mental? Ou eles carregam sofrendo, pedem ajuda e chegam até o final? Como descrevem esse ato de carregar da mala?

Kaká- *Eu tive um sonho bem comprido e tudo sobre o que veio acontecendo comigo desde de moça, e de lá para cá os passos que aconteceram, e fazendo reflexões sobre o que tinha acontecido. Já pensou? Impressionante, eu nunca tinha tido esses sonhos. Acho que porque estão mexendo com isso, né?*

Danise- *Porque são águas paradinhas dentro da gente, né?*

Kaká- *Eu faço questão de não lembrar mesmo.*

Danise- *Quantas coisa a gente faz questão de não lembrar, né? Será que essas reflexões não nos fazem amadurecer? Crescer? Aprender?*

Kaká- *Ah, mas maltrata, né?*

Maria- *Aprende a ter mais condições de superar, né?*

Kaká havia me contado uns dias antes do nosso encontro que teve um sonho como se fosse um *videotape*. Ela me contava tudo o que tinha visto no sonho. Era como se a sua vida fosse passando desde quando era criança até os dias de hoje. Contava-me que nesse sonho havia reflexão. Refletia e se avaliava quando os momentos iam acontecendo. Gostei de ter ouvido isso. O Ateliê estava mexendo nas histórias de vida, nas nossas histórias de vida, e a noite, ao descansar, ainda íamos dormir pensando no nosso caminhar. Aprendíamos também no Ateliê a ouvir o outro, a dialogar e a nos questionar. No sonho ela se questionava. Isso era bom. Havia reflexão até no fenômeno de sonhar. Mais uma vez a certeza de que estávamos fazendo experiências significativas.

“Eu faço questão de não lembrar mesmo?”, dizia Kaká, quando perguntado sobre os momentos mais difíceis. Será que ela fazia mesmo essa questão de não se lembrar do que viveu? Será que essa necessidade não vinha por meio dos sonhos? É a nossa história. Como não lembrá-la se estamos fazendo todos os dias?

“Porque ao pensar você dá a pensar, porque seu livro é um campo de pensamento, ele faz com o leitor exatamente o que você nos diz que a memória faz

com os recordadores: fica o que significa. O que em mim fica? O que em mim significa?” (Bosi, 1994, p.22). O que Kaká sonhou é o que ficou e o que ficou teve e tem importância. Nada melhor do que lembrá-lo. O que ficou faz com que ela seja o que é hoje.

Bosi (1994, p. 20) diz que “lembrar não é re-viver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. Kaká começava a sentir com maior intensidade o que tinha vivido. O Ateliê ia além das nossas três horas de encontro.

Didi- *Mamãe tinha horror a viuvez e colocou isso na cabeça da gente. Outro dia ela com raiva disse assim “eu não disse que não se casasse; se não casasse não tinha perigo de ficar viúva”.*

(Risos)

Maria- *Mas eu tive com a viuvez, uma GRANDE oportunidade na minha vida. Me tornei uma pessoa, decidida, independente. Foi tão importante, viu Didi? Eu não troquei por nada, nem por um outro casamento.*

É melhor não viver para não correr o risco de não sofrer? É melhor não arriscar, eleger e decidir para não sofrer? Existe esse campo de proteção na vida que dentro dele não é permitido sofrer? Que campo é esse? Pessoas que andam sempre para frente, com medo das curvas, talvez. Lembro-me de Saint-Exupéry ao dizer que andando sempre para frente, não podemos mesmo ir muito longe. A mãe da Didi falou que era melhor não se casar para um dia não ficar viúva. Maria discorda. Maria tira da sua viuvez uma das maiores lições da sua vida. Mais tarde relata que foi o seu maior sofrimento, mas também a sua maior lição. Acredito que esse seja mesmo o comportamento de um sábio perante um sofrimento. O peso do momento está ali, mas ele sabe é que preciso ser vivido para dar um passo adiante. Ele entende o valor das curvas. Ele sabe que depois vem um caminho mais reto e plano, mas que curvas sempre irão existir. E foi com essas reflexões das falas da Didi e Maria que começamos a refletir sobre os nós.

Falamos do nó coulant ou nó do enforcado descrito por Josso (2006, p.378) como o nó

(...) que evoca os elos que apresentaram alguns perigos a nossos próprios olhos ou ao de nossos próximos. Essas relações que nos distanciam de nós mesmos- por um tempo mais ou menos longo, com as quais aprendemos nosso caminho – poderia se perder em um impasse ou levar a uma escarpa.

Kaká – *Minha lembrança dolorosa... Essa foi dolorosa mesmo! Eu com 29 anos tive meu segundo filho e com 30 chegou outro bebê, o terceiro. Antes dos três aninhos, o segundo, garoto lindo, forte, sabido, já na escolinha, dentro de 12 horas entrou numa convulsão, resultado: encefalite. Pré-coma, coma e um mês de hospital com tudo o que era doloroso para uma criança, atendimento médico de primeira; toda alimentação especial, feita pela mãe, dentro do hospital. Alta, com criança espástica, nos quatro membros, sem conseguir se mexer, só os olhinhos. Expectativa de recuperação zero. Daí para frente, luta, muita luta da família, com fisioterapeutas, fonoaudiólogos (não falava) e tudo quanto possível para recuperá-lo; terapia ocupacional, fisioterapia (oito horas por dia com três pessoas trabalhando), hidroterapia, brinquedos, praia, água do mar, música, conversa, brincadeiras com os irmãos, acompanhamento psicológico, pedagógico... Conclusão do ginásio e segundo ano científico. Resultado, hoje com 36 anos, andamento com bengala de cabelo por falta de equilíbrio, deficiência de fala. Inteligente, participativo, alegre, muita vontade de viver. Infelizmente sem coordenação motora, não escreve, continua com hidroterapia e é a alegria da casa, amado pelos pais e irmãos, tios, primos e muitos amigos. Não admite cadeira de rodas. O momento mais difícil foi saber da gravidade do seu problema e possível óbito dentro de poucas horas.*

Danise- *O que é andamento de bengala de cabelo?*

Kaká- *Bengala de cabelo, tem que ser a pessoa e não a bengala. Falta de equilíbrio dele maior é nos braços, mais do que nas pernas. Ele não quer mais nada, ele podia estar melhor. A inteligência dele é normal. Não escreve, mas ele quer escrever. Vocês não viram lá, na hora que o rapaz vinha com a nota para ele assinar, ele não deixava não, ele queria assinar. (falando de uma viagem feita com a escola de idiomas)*

Danise- *Foi difícil, Kaká, escrever isso?*

Kaká- *Foi.*

Não foi fácil para Kaká relembrar tais momentos. Sua fala estava trêmula, sua pele arrepiada. Também noto o orgulho e alegria em relatar como seu filho está hoje. Havia ela vencido. Eles tinham vencido na sua maneira, dentro das possibilidades oferecidas pela vida.

Logo após algumas reflexões e discussões sobre as curiosidades de outros sujeitos-colaboradores, nos relata outro sofrimento dentro do matrimônio. Um casamento sem diálogos, sem apoio e sem se dar conta traz um sofrimento mais recente para a “sua lembrança dolorosa”. Ela desabafa, os outros ouvem e opinam e se revoltam também com o comportamento de seu marido, sempre apático, sempre ausente da sua vida. Relata que a terapia psicológica está ajudando a cuidar mais de si, a olhar mais para si. E assim vai, soltando sua vida, como se precisasse desabafar no Ateliê. Tínhamos aberto espaços para isso, tínhamos pedido para mexer no que estava doendo. Percebíamos pela sua fala o quanto dói. Incomparável ao sofrimento com o filho, mas esse era o sofrimento recente. Esse era o que doía. Classifico-o como o nó górdio (Josso, 2006, p. 378) como sendo aquele mais presente em todos os relatos, que diz respeito ao laços que não podem ser desatados para falar francamente, que foram criados sem nosso conhecimento com pessoas que tiveram ao nosso lado por muito tempo e que acabamos por viver com eles por não sabermos desatá-los. Kaká aprendia a se ouvir mais; quem sabe, ainda não encontraria um meio de desatar esse nó?

Mas Kaká relata o quanto tem aprendido com todos esses nós. “Paciência, fé em Deus, aceitação e agradecimento”. Ela aprendeu a agradecer a vida, a esperar com fé e aceitar seus nós. Kaká aprendeu nesse encontro que as histórias ainda fazem parte dela e que é importante mexê-las para poder se postar perante a caminhada. Ela precisava ser ouvida. Via que hoje tinha outro nó, mas sabe também o valor da paciência. Então, dentro de uma terapia e do Ateliê, ela percebia o poder da reflexão e ação. A consciência da necessidade de desatar esse nó já fazia parte do seu discurso ao visitar sua história de vida. Esse já era uma grande manobra em uma curva.

Didi- *Meu problema é com meu filho... eu sou insegura em relação a ele. Ele teve problemas depois de 5 anos da morte do pai. Ele tem 32 anos. Ele tem, mas eu vi o quadro horrível, não só a decepção, mas a loucura também. Ele entendeu que o pai não tinha morrido, por não ter vivenciado o luto. Vivia passeando, todo mundo preocupado, ele pegava os papéis higiênicos lá de cima da clínica “papai venha, papai venha!” e ele sem deixar ninguém dormir também no avião, ele ia em todo mundo e aí dizia “ah, não é meu pai não!”... acho que ele tinha já uns 13, 14 anos... não cuidei deles, deixei o negócio correr... para mim, não foi difícil não, foi impossível escrever. Eu disse “lá eu digo as minhas lembranças dolorosas”.*

Danise- *Se arrepende?*

Didi- *Me arrependo (suspirando), eu me arrependo. Eu sou muito trancada, não sou carinhosa...Eu fico presa, eu tenho vontade de dar um abraço no meu filho, mas não dou. Eu só dou quando viajo.*

Lis- *Vai mudando.*

Didi- *Lá em casa, já tá todo mundo seco.*

Lis- *Vai mudando, vai dando um abraço.*

Danise- *Vai chegar hoje em casa e vai dizer “eu te amo”*

Didi- *Eu era carinhosa com o pai deles*

Danise- *Mas ele não está mais aqui. Vamos, veja que não é difícil, diga “eu te amo!”.*

Didi- *Eu te amo!*

(Aplausos e risos)

Para mim, mais um nó górdio, aquele difícil de desatar, aquele que está presente em todas as falas. Didi não esquecia seu marido, Didi relembrava todo momento ao seu lado e percebia hoje o quanto deveria ter feito depois da sua partida. Doía nela a falta de forças para suportar as perdas. Via nos seus discursos a vontade de mudar, a voz a dizer que ainda há tempo. Ao mesmo tempo, as lembranças diziam o quanto é difícil mudar. Tinha a reflexão, tinha a aprendizagem significativa, mas faltava a ação. Ela possuía a consciência disso. Ela já começava a agir, mas foi no seu aniversário de 70 anos que descobria o valor de uma ação. E os pequenos passos já eram sábios.

Cito Josso (2006, p. 379) para nos contar um pouco da sua experiência com pesquisa-formação por meio das histórias de vida.

Pode ser que um dos desafios da vida seja ser capaz, tal qual Penélope, de nos desligar e nos religar de forma criativa e tão autêntica quanto possível para desfrutar nossos frágeis e raros espaços de liberdade... Ainda que nossa vida esteja presa por um fio, não significa que sejamos obrigados a aceitar qualquer fio nas patas... Aliás, vinte anos de experiência de pesquisa-formação mostram que esse trabalho de des-ligamento e de re-ligamento oferecido nos procedimentos de histórias de vida em grupo engendram, ao mesmo tempo, um espaço-tempo de liberdade nas vidas dos narradores e dos convoca a fazer uso de sua criatividade para habitar diferentemente sua existência.

Didi foi para casa com vontade de abrir seu coração, de dizer “eu te amo” para as pessoas que mais ama nessa vida. Seria fácil tal lição? Parece fácil, para mim, tão acostumada a declarar meu amor. Para ela, um passo, uma ação, uma volta ao momento crucial de sua vida, re-viver, des-ligar e re-ligar, como diz Josso. Torcíamos juntas para que passo fosse dado. A auto-avaliação de sua história de vida já mostrava os caminhos a serem traçados.

Márcio- *Minhas lembranças dolorosas... Como eu sempre fui uma pessoa conformada com a situação momentânea, depois de pesquisar em minha mente, o que poderia designar por “minhas lembranças dolorosas”, encontrei um período que, por algumas ocasiões, me tirou o sono. Foi o período da minha adolescência, em que não encontrava uma expectativa que me desse uma segurança de uma vida digna para o meu futuro. Isto aconteceu e somente teve fim quando eu consegui entrar para Marinha do Brasil. Fui para a Marinha com o objetivo de estudar e saldar meu compromisso militar. Realmente, consegui as duas coisas e hoje estou colhendo os frutos semeados por mim, com a graça de Deus. Apreendi que devemos fazer o melhor em tudo que depende de nós. Procurar ajudar alguém que necessita da nossa ajuda, ser solidário com as pessoas carentes, ser paciente e caridoso com o próximo e exercitar as nossas boas virtudes. Mas quando a situação não depende de nós, nunca devemos desesperar. Eu descobri, desde o tempo que eu era marinheiro e eu dizia para as pessoas amigas: Não corra antes do bicho chegar, porque o bicho pode não ser tão mal como você pensa que é.*

Esse é o nosso sábio, Márcio. Ele dizia que conseguiu um momento difícil para nos contar. E eu sabia que sua estrada não tinha sido tão reta. Tinha tido muitas curvas e ainda as tem, no entanto, ele lança outras visões a elas. Não as vê como sofrimento. Vê como necessidades da vida. Aceita-as calmamente e assim age para mudá-las. Muitas vezes me impressiono com a leveza com que Márcio leva sua mala. Parece um saco de supermercado com pães dentro, de tão leve que é. E eu sei que dentro tem muito mais do que pão, e eu sei que não é um saco de plástico. Vejo um baú daqueles bem cheio. É sua maneira de andar pela vida. Ele não faz cara de quem está carregando. Ele usufrui a caminhada. Ele não vê os nós. Ele vê laços. Ele nos diz que gosta dos nós porque assim encontra meios de desatá-los. Quanto mais apertados, maior o desafio. Ele gosta disso. Ele brinca com isso aos seus 83 anos. E aí, ele os transforma em laços. E na sua leveza diz “atualmente o que me faz mais crescer é a doença da minha mulher”. Sábria maneira de levar sua mala!

Para mim, Márcio é um ser de atenção consciente, como anota Josso (2006, p. 380), ao dizer que, sem essa dimensão, nenhum desenvolvimento é possível e tampouco nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. Diz também que essa atenção resulta de trabalho, vontade e disciplina. Márcio entendia esses pré-requisitos. Márcio se construía dia após dia. E aí, eu pergunto a ele: “é sua Matemática, né?” e ele me diz “sempre consigo ir atrás de uma solução”.

Maria – *Minha lembrança dolorosa foi quando perdi meu marido com 45 anos e eu com 42 anos, três filhos menores para educar, estávamos no auge da vida, dificuldades, fazendo as coisas sozinhas... Comecei a viver outra etapa da minha vida, fui mais independente, mais exigente em relação a outro companheiro. Era, comecei a me policiar, me valorizar... ninguém é insubstituível... chamei cada um dos meus filhos e disse que tinha que estudar, não ia pedir favor a ninguém, cada um tem que lutar, tem que ter sua profissão... e acho que se ele tivesse vivo, ele não teria dado tantas condições que eu dei: curso no exterior, todos falando inglês, fui pai e mãe.*

Danise- *É difícil escrever sobre isso?*

Maria- Não, porque eu fui vencedora. Gosto da maneira de ser independente. Sinto falta. Ele era uma pessoa muito especial, a convivência com os amigos, sempre brincando, festas monumentais... era a coisa mais linda do mundo! Tivemos uma vida linda e maravilhosa, e apesar de um ano e meio de doença, tive forças suficientes. Não existe ninguém insubstituível.

Maria para mim é também um ser de atenção consciente. Ela sabia refletir o que viveu e associar com o que vive. Ela agradecia os momentos mais difíceis e era consciente do impacto que ele causa hoje em suas vidas. Assim como Márcio, aceitava as curvas da vida. Aprendera a não andar sempre em linha reta. A consciência e a reflexão sobre tais momentos não trazia dor. Talvez já tivesse refletido sobre eles muitas vezes. Foi uma etapa vivida e vencida, um ciclo fechado em sua vida.

Eu desejo pôr em evidência a importância da atenção consciente como presença a si mesmo no aqui e agora. Ser presente a si mesmo no tempo do que é vivido constitui um trunfo suplementar, não apenas para aprender, mas também para guardar uma pista que poderemos solicitar na época de fazer um balanço, um questionamento, uma reflexão, uma escuta do que emerge em nós (Josso, 2006, p.381)

E quando pergunto o que Maria aprendeu depois de tudo isso, me resume em apenas uma palavra: experiência. Se experiência aqui defendida é uma reflexão sobre a ação, resta claro que Maria já havia pensado muito sobre o que acontecera em sua vida e hoje conseguia viver tranqüila com tantos laços e nós. Ela soube desatá-los e trans-formá-los em experiência. Acredito que a sabedoria é uma ferramenta usada para afrouxar ou desatar os nós.

Lis- É difícil saber, exatamente, qual foi o momento mais penoso. Na nossa vida são vários os momentos difíceis, como doenças graves na família e com os amigos, o falecimento deles que é ainda pior e mais difícil de aceitar e se conformar. Eu considerava o momento mais difícil a morte da minha mãe, mas a morte trágica do meu irmão em um incêndio no seu apartamento deixou-me dúvida, como também a do meu sobrinho bisneto de 4 anos após muito sofrimento... Foi um pouco difícil escrever, porque lembro o que passei... aprendi a ter fé em Deus.

Acredito mesmo que os momentos mais difíceis da vida são aqueles em que temos de aceitá-los, porque não temos forças para mudá-los. Uma doença ou a perda de um ente querido, esses são os piores momentos da vida. Para Márcio, um pouco diferente, porque seu pior momento foi a não-expectativa, foi a não-possibilidade de crescimento. Acredito que essa doa também, embora tenha havido tal possibilidade de mudança.

Vejo que cabe mesmo aos sábios aceitar as curvas, os buracos e as dificuldades da estrada. Sabedoria é levantar a cabeça, refletir sobre tal momento e agir; colocar esse acontecimento dentro da mala, saber que ele existe, ter consciência dele, saber que ele vai pesar um pouco ou muito, mas que é a força que vamos fazer para carregá-lo que vai nos dar suporte ao longo da vida. Essa força que nos proporciona experiências, que liga e re-liga a nossa história. Ela serve com um *airbag* para as futuras curvas, para os futuros choques.

Termino essa cena com a reflexão de Josso, que para mim resume a importância dos nossos nós e reflete os quilos que estamos carregando em nossas malas. Para mim, ela reflete a importância das ligações das histórias de vida, porque nos faz ser um ser de atenção consciente e o nos faz criar laços indispensáveis a nossa sobrevivência coletiva e individual.

Em um mundo tão sofredor de laços impossíveis, rompidos, recusados, traídos, maltratados, entre os seres e os povos, eu só posso enunciar uma esperança e uma convicção. Minha esperança é que os procedimentos histórias de vida se multipliquem afim de que todos aqueles e aquelas que os utilizam e os vivem possam encontrar, por meio dessa forma particular um novo laço social, um caminho de humanidade partilhada. Minha convicção é que os procedimentos, conduzidos com essa intencionalidade, alimentarão pouco a pouco uma outra maneira de nos religarmos a nós mesmos e aos outros em um partilha respeitosa de nossas singularidades, em um diálogo intenso porque tocam as questões essenciais de existência, na interpelação recíproca de nossos a priori, de nossos pressupostos, de nossos preconceitos (Josso, 2006, p. 383)

Todos nos abraçamos no corredor e dissemos “eu te amo”, cada um, olhando olho no olho. É o melhor de mim e dos outros, que faz com criemos novas histórias de vida. É um processo de recriação do nosso ser.

3.9 Tema: Qual O Sentido Da Minha Mala?

(Aprendizagens Significativas)

VII CENA

Não precisei transcrever para poder sentir a emoção daqueles dias. O olhar, a pele, a expressão facial, o movimento das mãos, todos eles já me haviam marcado. Como aprendi? Como aprendo? Por que sei fazer isso bem? Essas foram as perguntas levadas à reflexão.

Foi o grude feito há mais de dez anos que trazia a receita escrita nas mais simples e complexas páginas da memória. Foi o arranjo de rosas naturais tão delicadamente planejado pelas mãos de uma plantinha. Foi uma máquina projetada pelo simples olhar, o olhar raio-x, que copiava na mente a capacidade de fazê-lo. E não é que ele o fez? A escola de idiomas criada na descoberta de um câncer; uma pousada construída nas ladeiras de uma cidade do interior para aliviar tantas pressões e obrigações carregadas na vida; uma simples pousada representada pela busca do sentido da vida que gritava naquele instante e que depois a honrou como sendo um dos maiores albergues brasileiros. E depois do resultado, a pousada ficara simples, ela queria mais, ela buscava mais e assim através de uma luta por uma causa digna, nascia uma fundação que cuida das crianças nativas da cidadezinha, preocupação social trazida nas veias desde a mocidade. "Que futuros elas podiam ter? Os gringos que faziam o que queriam com elas!". O nascimento do Arte Criança, hoje uma associação filantrópica, patrocinada pela Funart, que acaba de ganhar ingressos para que as crianças aprendam na prática com o Circo De Solet, em Belo Horizonte. Uma luta para conseguir ingressar 80 participantes que descalços andavam nas praias; uma luta de alguém que podia estar simplesmente preocupada com seus netinhos nos seus 60 anos de idade, ou com a novela das oito ou com o

trabalho mal feito pela empregada doméstica. Não era mais "fácil"? Artistas criados de sonhos juvenis. "Eu queria ser assistente social". E ainda tão simples começa a sua história: "Menina, eu sei fazer tanta coisa, mas nada bem..." Ai, se tantas soubessem fazer um pouco do que tu sabes, minha plantinha! Tu és regada pelo ar que respiras. Tua inspiração já traz contigo algo de empreendedor. Tu és criadora de si mesma e de tantos outros que andam ao teu redor. Tu não vens desse jardim, acho que tua raiz veio de um mundo onde aqui poucos nascem. Talvez o nosso solo não seja tão propício para tuas crias. Ou será que os jardineiros mais famosos têm medo de ti? Por quê? Porque tu és criadora de mente fértil, e mente fértil cria, luta, vai em busca do que quer, não tem medo e é vitoriosa. Mente fértil não pára de produzir, e, além disso, está sempre se reproduzindo. Parece um mato, daqueles que não precisamos regar para que nasça e que quando se dá conta, já tomou tudo. E no entanto, um mato verde, bonito, benéfico, forte e produtor. Tu és uma motivadora de ti e dos outros.

Impressionaram-me tantas histórias e todas as aprendizagens. Da simples sobremesa à arte de enfeitar o mundo, da prática de fazer, e do dom de motivar, todas nasceram do verbo querer. Eu quero! Vocês devem ter dito isso ao aprender pela primeira vez. "Não gosto de cozinhar, mas esse grude por ter vindo de alguém especial, esse eu vou fazer!". E assim fez por tantos anos! "Quando eu tinha a casa lá na serra, eu via todas essas flores e passava o dia fazendo arranjos. Tu não lembra não?". E depois de tantos anos, mais um arranjo. E a outra pergunta: "Isso é técnica de quebana?". "Sei não, eu fiz!". Que técnicas! Esse era a vontade de fazê-lo. Alguém pode ter até dado o nome, mas, para ela, era simplesmente uma aprendizagem significativa. Aprendeu porque queria fazer, gostava de fazer e tinha objetivos para cada arranjo feito.

E aí vem a história, história com H, daquelas verdadeiras, que a cada repetição até a mesma entonação é usada. Nada inventado, apenas sentido. Até parece ficção. Dá até vontade de pensar que muito ali é fantasia, de tão difícil de se imaginar. "Eu fui encarregado pela privada". "Privada de banheiro?" Como aquele senhor tão culto do meu lado limpava privada?". Vinha do nada, do nada, do banheiro, e alcançava um dos cargos mais altos dentro de uma empresa. De uma oportunidade em fazer um cinzeiro a produção de uma máquina de descascar castanhas. "Ganhei 52 dias na Europa". As histórias (com H eu lembro) pareciam ser diferentes, pareciam não se cruzar, mas não é que são as mesmas?

E foi assim que as plantinhas sempre caladas no seu cantinho, só se balançando calmamente através do balancear dos outros, começaram a falar e falou e falou e ela a plantinha que nada sabia fazer descobriu-se falando e falou e falou, e eles falaram e falaram. Falaram porque aprendizagem era tema deles, era assunto que eles dominavam.

Qual o segredo de uma aprendizagem? "Só esforço mesmo!", disse ele. "Vontade!", respondeu a artista delicada. "O amor ao fazer as coisas. Sempre fazendo bem feitas", reflexão minha. A humildade em saber começar de baixo, aprendendo passo a passo, sem pressa de chegar a algum lugar, porque dentro de si já se sabia que ia chegar. "Eu lia livros. Só eu estudava na Marinha, os outros não acreditavam. Eu ficava queimando as pestanas". O esforço estampado nas palavras. Determinação. "Persistência", disse a minha plantinha com a voz rouca que a gripe causava (e mesmo assim ela estava no meio de nós). A busca. Uma busca pela aprendizagem até os dias de hoje. Buscar porque se quer, porque se tem um objetivo, porque acredita em si. Será que são esses os segredos de uma aprendizagem? Será que é assim que definimos uma aprendizagem significativa?

Como uma receita de um grude pode permanecer na mente por tanto tempo sem fazê-lo? Como ao fazê-lo se revive a lembrança de uma grande amiga? Estavam lá os números de ovos, de colheres de sal, de açúcar e de leite de coco.

E depois dizem, minhas plantinhas, que os neurônios desaparecem e que papagaio velho não aprende mais a falar. Falar? Papagaio consegue tudo, logra muito mais. Chega a cozinhar, enfeitar, criar, cantar e motivar. Ah, só mais um detalhe...e esse papagaio não quer repetir mais não. Ele agora inventa a sua própria linguagem. E problema de quem não entender!

Nesse encontro, deparo-me com uma aluna de Inglês. O que ela estaria fazendo na escola pela manhã? – Pensei. Ela havia sido minha aluna e agora, em razão do mestrado, sua turma tinha um novo professor. Ele me substituiria pelo período de um ano. Fazia já um tempo que eu não a via. Não entendi o porquê da sua presença na escola, já que naquele horário somente havia o Ateliê em funcionamento. Ela, uma senhora nos seus sessenta e poucos anos, me chamou para um cantinho da sala e me indagou “posso participar hoje?” Fiquei feliz, achava que a presença dela iria enriquecer o nosso Ateliê. Como pesquisadora, porém, não sabia se deveria deixar que alguém entrasse no nosso sétimo encontro. Iria inibir algum sujeito-colaborador? Teria sentido para ela somente aquele encontro? A minha curiosidade em saber, porém, o que a trouxe ali foi maior. A minha vontade de que ela participasse calou minhas dúvidas e, mesmo sem saber se seria um dado a mais para a minha pesquisa qualitativa, eu, como etnógrafa, não pensei duas vezes em observá-la de perto. Sabia que seria afetada por sua presença. E, assim, uma nova rosa foi acrescentada ao nosso jardim. Tive muito cuidado em apresentá-la e, depois da permissão de todos, ela entrou e marcou presença.

Hoje acredito que ganhei um presente para a minha pesquisa. Algo a trouxe para falar de aprendizagens significativas. Coincidentemente (já disse que não acredito em coincidência), ela veio para nos falar sobre o nosso tema principal, sem que soubesse.

Têca - *Eu vim com objetivo de ouvir mais e já estou falando. Mas a gente acaba fazendo o que a gente não quer... Eu vou dar um exemplo... Eu ontem vim para aula de inglês aqui e éramos somente 3 pessoas. A aula estava um saco e eu pensei aqui comigo “Meu Deus, eu vou embora, eu não venho mais não!”. Mas depois eu pensei aqui comigo “eu vou desistir”. Eu tava sofrendo com aquilo. Eu disse que estava com saudades. Era verdade! Eu tava sofrendo, porque eu gosto tanto de estudar, e inglês é uma coisa boa pra mim, eu não tô entendendo... eu tô chorando...*

(Fizemos uma pausa. Têca chorava)

Danise- *Faz parte... Chore! Esse é o nosso espaço. Tava com saudades de mim, não era Têca?*

(Risos)

Têca- *Era. Eu disse... eu vi que era besteira. Eu vou voltar, eu sei que é um desafio pra mim. É um estímulo para memória, mas depois eu disse “eu não vou mais não!”. Eu não estou gostando... aí coincidiu que ele colocou um filme bem ameninado, bem longe de um filme de 16 anos. Está bem longe do que vivemos, e eu não sei se meus preconceitos vieram à tona e eu achei o filme bobo, imbecil. Foi mais preconceito do que qualquer outra coisa. E o preconceito não me deixou aprender. Mas o linguajar era como na gíria, fulero. E eu não tinha interesse naquele linguajar, e o filme não era bonito, e terminou numa sucessão de coisas sem sentido. Eu podia ter pensado que na juventude era assim mesmo, que fazíamos coisas proibidas e tal, mas naquele filme americano, só me deu uma desordem, sabe? Valores que a sociedade americana transmite para os jovens daqui, mas até procurei os pontos positivos, mas os daqui estão se comportando da mesma forma. Era uma bebedeira, pegar umas calcinhas e desrespeitar os mais velhos, os imigrantes, o chinês que estava lá... Ele talvez não fizesse nesse objetivo não, mas foi o que eu senti e aí eu detestei aquele filme, porque pensei nos valores vazios da sociedade que estavam lançados hoje e que a sociedade americana tem um peso muito grande na sociedade daqui, e nós sabemos que a dificuldade muito grande é saber o sentido da vida, não é? E aquilo mexeu muito comigo. Eu detestei*

o filme, mas você está aqui e seu objetivo é aprender inglês... e aí eu queria pelo menos que o professor tivesse visto, tivesse pego alguns diálogos, e colocado aqui, como você faz, para a gente pelo menos ser incentivados a aprender. Mas ele se limitou a passar o filme, fez no outro dia uma discussão... a gente não consegue vibrar. Porque toda vida quando você coloca um tema, você reage aquilo... E na aula seguinte só tínhamos nós três e ele levou uma música. E eu pensei “qual é o processo de escolha dessas músicas?”, eu também não gostei... você precisa ter um contexto. Você não recebe nada. Não que não seja interessante, mas você pode até aprender... Pois bem, naquele momento eu tive um sofrimento. Eu procuro uma coisa, e recebo isso. E aí eu pensei “eu nunca fugi de nada, por que vou fugir?” Não gosto de conversar as coisas por travessas, eu acho que inconscientemente eu vim aqui para isso, porque senão, não passou isso na minha cabeça, porque o objetivo não é criar um problema, o objetivo não é esse. Quero dar um exemplo de um mini sofrimento, vamos dizer assim... como sair desse sofrimento? Ele cria possibilidades, não é? Então qual é a possibilidade que criamos? [...] pois aí eu resisti. Fiz uma redação de como eu sentia. É um período. Vai passar, não é?

Têca falava de aprendizagens significativas e sofrimento. Têca tinha vindo desabafar. Precisava saber se somente ela se sentia dessa forma, precisava saber se era normal estar se sentindo assim. A ausência do sentido nas aulas fazia com que sua aprendizagem tomasse outra direção e ela não queria isso. Têca sempre foi muito estudiosa. É uma aluna curiosa, que estuda e busca em casa assuntos associados ao que está aprendendo. A internet, as redações, as leituras extraordinárias feitas auxiliam sua aprendizagem. Ela vai além das aulas. É prazeroso ser sua professora. Ela busca o sentido no que está aprendendo. Não estuda para passar o tempo, ela estuda porque necessita saber mais, conhecer mais. Ela curte os caminhos abertos pela aprendizagem. E o que acontecia no semestre na minha ausência? Os caminhos foram fechados. Ela já não passeava mais. Seria ela? Seria sua incapacidade? Seria a idade que aumentava? Seria o novo professor? Ela sofria, queria respostas.

Era simplesmente a ausência do sentido. Nada fica, se não há sentido. Ela nos deu dois exemplos: um filme e uma música. Que sentido aquele filme trazia à sua

vida? Que associações ela pode fazer ao filme? Que lembranças, mensagem, aprendizagem ficaram ao ver o filme? Ela tentava, buscava nas críticas ao filme a resposta. Nem mesmo as críticas a faziam aprender. Ela ainda pacientemente esperava do professor, uma atividade que a fizesse aprender o idioma em questão. Nem as novas expressões faziam parte do seu vocabulário de vida. E depois uma música. A música não rimava com suas experiências. Não era para ela, não vinha dela, não fazia sentido. A música da moda, a música da novela, não fazia parte da sua história. Nada se encaixava. E ela gritava um grito de socorro, quase que implorando ao professor e dizia com a alma “eu estou aqui, eu quero aprender, mas isso não me traz sentido”.

O professor não era ruim. São anos de experiência em salas de aula. Outras turmas não tiveram problemas com ele, mas ele jamais havia dado aulas a uma turma de terceira idade. Um jovem professor, com domínio da língua, ainda não havia escutado as histórias de vida de seus aprendentes. Ele aplicava o conteúdo da aula. Ele entregava os relatórios, estava presente, assíduo, um professor responsável. O conteúdo. Somente ele. Ele não conseguia se encaixar em uma turma tão acostumada a ter educação e vida em sala. Onde estava a vida? Onde estava o sentido?

São anos de experiência em salas de aula que carrego dentro da minha mala. Tenho aprendido que se não houver vida em sala, não há sentido. Se não houver interligação do que se está aprendendo com o que se viveu ou o que se está vivendo, não há aprendizagem significativa. O sentido de tudo que eu ponho na minha mala é pré-requisito para a continuação de uma viagem. Só entra o que eu significo. O resto fica do lado de fora, não ocupa espaço. Têca vinha essa manhã para falar disso.

Sempre ouvi dos meus aprendentes da terceira idade quando entram na escola uma frase que diz assim: “se aperrear meu juízo, eu vou embora”. É como se dissessem, “já estou vindo na minha última tentativa, já acredito que não pertenço a uma carteira, mas eu vou tentar porque carrego dentro de mim ainda a vontade de aprender. Quase ninguém me apóia. Eles acham que já passei da idade, mas eu vou ver quem está certo. Eles ou eu?” Parece que metade deles acredita mesmo que já passou o tempo. Ainda bem que há a outra metade.

Para mim, o papel do educador, seja ele professor de crianças ou da terceira idade, é mostrar o valor dessa outra parte. O querer aprender é um dos maiores responsáveis da aprendizagem significativa, porque dentro dele já existe a

significação. O bom professor é o que traz antes, durante e depois do conteúdo o sentido de aprendê-lo. É o que faz com que o aprendente reflita sobre o valor do que foi aprendido dentro da sua vida, é o que mostra como situá-lo na mala. De certa forma, acredito que o professor é um grande responsável por muito do que carregamos conosco. Ele ensina como arrumar uma mala. Logicamente, acredito que somente o viajante vai saber o que levar ou não. O sentido é próprio do sujeito. Ele é relacionado com o que se viveu.

Não tenho como não me lembrar de Duarte Jr. (2006, p.135), ao nos dizer que “não há saber humano sem a participação ativa, consciente ou velada, de nossos processos sensíveis, processos esses tipicamente somáticos e peculiares à nossa encarnação”. Ouvindo isso, percebemos a longa distância entre conhecer e saber. O saber está relacionado à vida, à significação, às experiências, ao sensível, à sabedoria; o conhecimento relaciona-se ao conteúdo, às informações, à inteligência, aos raciocínios lógicos e também racionais. Os aprendentes de terceira idade buscam o saber. Necessitam dele conectado ao conhecimento. Para a maioria deles, só há o conhecimento se houver o saber. Só existe espaço na mala para o conhecimento que perpassa o saber. Uma educação anestesiada (Duarte Jr, 2006) não é significativa. A terceira idade busca a estesia, “faculdade do sentir, como sensibilidade e, secundariamente, como percepção do belo” (p.136). A educação contemporânea que “carrega hoje um enorme poder anestésico e, por isso, produz um bloqueio quase deliberado de nossa capacidade sensível” (p. 175). Engraçado, parece que Têca conseguia expressar em suas palavras o que Duarte Jr. defendia: a educação do sensível, o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. O campo soprava nos meus ouvidos o que antes autores já me falavam. Tudo fazia sentido para mim. A minha mala como etnógrafa estava bem pesada.

Têca- *E agora na vida, é exatamente o que eu quero, não quero ficar prisioneira da razão.*

Didi- *Como é o nome daquele livro?*

Danise- *Sense and Sensibility da Jane Austen*

Descobri o motivo da vinda de Têca. Ela veio simplesmente para desabafar. Ela precisava falar, encontrar o sentido para seus sentimentos. Eles faziam sentido

também para mim, pois busquei dentro da minha sala de aula trazer a significação aos conteúdos ensinados e aprendidos. E aqui terminava a breve passagem da Têca no nosso Ateliê. Breve, curto, mas muito significativo. Suas palavras soavam como eco aos autores que defendem a aprendizagem significativa.

Atualmente voltei a ser professora da sua turma. A sala tem sete aprendentes presentes cada semana. O livro foi deixado um pouco de lado durante esse semestre. Estamos lendo O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupery, em inglês. Ontem discutíamos o peso de um baobá em nossas vidas (capítulo V), o porquê da dificuldade em cortá-lo quando nasce, e por que parece tão inofensivo quando pequeno. Falamos sobre vida. No final da aula, Têca me perguntou: “Teacher, você está muito ocupada para corrigir minhas redações?” Recebi simplesmente seis folhas escritas em inglês sobre a significação dos capítulos do Pequeno Príncipe em sua vida. Na última página, ela escreveu uma carta ao “Little Prince” (nome em inglês do Pequeno Príncipe) explicando seus sentimentos e reflexões às suas palavras. Tenho recebido dela redações freqüentes, textos-sentidos, vindos do coração. Tenho recebido suas presenças. Têca não falta aulas; Têca encontrou novamente o prazer em aprender.

Danise- *Hoje vamos falar do que sabemos, como aprendemos e por que aprendemos. Quem não trouxe traga na próxima, tá? Que história essa do grude! Fale pra gente, Lis.*

Lis- *Esse grude foi ensinado por uma amiga do trabalho, que era freira. Tudo que ela levava era perfeito, bem feito, bem gostoso e ela me ensinou “um quilo de goma, 3 cocos ralados, 2 colheres de manteiga e 4 de sopa de açúcar e 1 um de sobremesa de sal. Você mistura a goma com o coco”...*

Danise- *E como foi lembrar fazer de novo?*

Lis- *Eu me lembrei muito dela, eu gostava tanto dela. Eu queria tanto bem a ela. Ela era uma criatura tão boa. A gente aperriava a pobre e a gente gostava tanto dela.*

Danise- *Foi fácil lembrar?*

Lis- *Foi fácil. Só não me lembrava assim... me lembrei dos cocos, da manteiga, 4 colheres normais de açúcar, aí você mistura o sal com a água.*

Danise- *Tinha copiado?*

Lis- *Não, eu tenho de cabeça. Fiz tudo. Mesmo sem ter feito há muito tempo.*

Danise- *E foi bom lembrar?*

Lis- *Senti bem. Lembrei dela, nem me lembrava mais que sabia fazer e agora com essa “história de fazer o que sei”, fui fazer.*

Danise- *Bom, e agora vamos passar para Kaká... Eu não sabia que a senhora fazia esses arranjos.*

Kaká- *Eu fazia no sítio, com as hortênsias. Eu sempre tive uma mão boa, igual ao papai, tudo que planta, dá...Eu gosto de colocar a mão na areia. Quer me ver louca, é deixar uma planta morrer, eu fico em cima, em cima e ela não morre...Minha paixão é hortênsia, cada coisa linda.*

Danise- *A senhora acha que é um dom?*

Kaká- *Eu não. Eu acho que a gente tem que gostar. Eu tenho uma mão boa também, igual a do papai.*

Danise- *Ninguém lhe ensinou?*

Kaká- *Não, ninguém. Eu que fui aprendendo.*

Têca- *Uma pessoa ter pintado, sem nunca ter aprendido, a pessoa tem um dom. Esse seu arranjo é de uma técnica de quebana.*

Danise- *Vocês acreditam que cada um tem um dom?*

Lis- *Eu acredito. Tem uma tendência, né?*

(Têca ri).

Márcio- *Tem.*

Danise- *qual é o seu, Márcio?*

Márcio- O meu é da mecânica. Eu aprendi a ser torneiro mecânico sem nunca ter pego numa máquina. É uma profissão difícil. Eu era ajudante da aeronáutica e eu ficava olhando eles fazendo, só olhando, se me dessem eu fazia tudo aquilo. Nunca tinha oportunidade de fazer nada. Como Deus é muito bom para mim! O comandante pediu para fazer um cinzeiro e disse que queria levar sexta para dar de presente para um amigo meu, e ele disse “não tem ninguém para fazer e nenhuma máquina”. O rapaz tava 10 dias de licença, eu olhei e disse “eu sei fazer”. Ele ficou tão satisfeito, que eu era para ser repreendido, mas me botou para fazer. Eles ficaram com medo d’eu fazer, e aí eu dizia “eu sei, eu sei fazer”, e aí eu fui lá fui fazendo a peça devagarzinho... foi o dia todinho só para colocar a peça para cortar... e ele dizia “parece que vai sair”. “Vai sair”, eu disse. Quando foi na quinta a tarde saiu, e aí ele ficou contente, entusiasmado e me levou lá no comandante e mostrou a peça e ele disse “quem fez, foi esse menino?”, “foi”, “então, leva ele lá para a máquina”, e eu que era marinho fui colocado lá. Todo serviço ruim eles me mandavam, e eu fui aprendendo tão rápido, tão rápido que o pessoal tinha inveja de mim, sem ter cursado nada, só com o meu dom. Eu passei a ser o melhor torneiro do Brasil, aí nós viemos para Recife, e aí em pouco tempo me mandou lá para os americanos e passei um ano e 8 meses. Eu como marinho tava comandando muita gente, 4 ou 5 pessoas e eu ia acumulando mais conhecimento, ganhei muito conhecimento, foi uma coisa maravilhosa pra mim.

Danise- Só olhando o senhor conseguiu?

Márcio- Eu fui fazendo umas coisas muito rápido, um dia com o americano não sabia fazer uma bola, e ele não sabia, e aí eu disse “daqui a pouco eu venho fazer essa bola”, eu fiz bem redondinho, e eles me perguntaram “como você aprendeu isso”, “com a prática”.

Danise- E depois, o senhor com essa experiência, fez a máquina da castanha, né?

Lin- Era uma máquina pequeninha?

Márcio- 1 metro x 1 metro x 1 metro.

Têca- Ela que corta a castanha?

Márcio- Ela não corta, ela abre. Todo mundo tem a idéia de que corta a castanha, a minha máquina vai abrindo e sai toda inteira, caem as duas bandas. Todo mundo usa essa máquina agora. Todo o processo era feito por nós, tinha mês que

ia duas ou três vezes para Rio ou SP, tudo era muito sigiloso, ninguém podia saber, tinha vezes que eu fazia uma parte num canto e outra parte no outro. Todo mundo perguntava como é que guardamos esse segredo por 7 anos. É coisa complicada!

“Eu me educo através de minhas experiências vividas inteligentemente”, disse Dewey (1978, p.18). Eu me educo quando seleciono o conteúdo e o saber e coloco na minha bagagem de vida. Eu me percebo educada quando, com o passar do tempo, um tempo até largo, depois de dez anos, consigo lembrar o aprendizado. Até os detalhes de como fazer eu lembro. Às vezes, a falta de prática dificulta mesmo a ação, talvez não saia tão bem feito como antigamente, mas a receita de como fazer permanece na memória. É um relembrar gostoso. No final, o aprendente se sente realizado.

Vi um grude ser servido a todos com gosto de lembrança. Lis servia com orgulho. Relembrava a sua amiga que lhe ensinara com nostalgia. Lembrava-se da receita, estava tudo em sua memória. Kaká trazia na nossa manhã um arranjo natural lindíssimo. A flor escolhida parecia ter sido pintada a mão. Aprendeu só, observando as plantas. Lembrava também com nostalgia o sítio que pertencia a sua família antigamente. Explicava-nos o amor ao fazer o arranjo; sua criatividade em produzir um arranjo tão lindo representando sua aprendizagem significativa e nos presenteando naquela manhã. Kaká não acreditava que sua aprendizagem era proveniente de um dom. Para ela, querer e gostar eram mais importantes. Márcio aprendera olhando, observando, querendo e desejando aquele aprendizado. Acredito que foi como uma paquera, um amor que foi crescendo e que ele de longe somente observava e achava que podia fazer sozinho; a produção de um cinzeiro, como a possibilidade de crescimento na vida. E ele fez e mostrou que podia fazê-lo baseado nas observações e desejos. E assim sua vida mudou.

Avalio a aprendizagem significativa. Aprendemos, de acordo com meus sujeito-colaboradores, pelos atos de querer, gostar e experienciar. Experienciar vem de refletir, vem das práticas. A reflexão parte do pressuposto de que aquilo que estou aprendendo tem sentido, significado. E, assim, vou selecionando e colocando dentro da mala. Na terceira idade, esse aprendizado é mais consciente em razão do número de experiências vividas. Eles têm consciência do que pode ser significativo ou não, por isso resolvem voltar às salas de aula para aprender coisas novas, para buscar

sonhos não realizados anteriormente e para estimular o cérebro. Eles aprendem por meio do gostar. Eles curtem a aprendizagem ainda que mais lenta.

A educação não se faz por um tempo restrito, mas é permanente para o contínuo temporal; uma educação ampliada para o sempre, comprometida com o presente e com o futuro, e que traga perspectivas a uma essencial melhoria para a vida e que abrigue a esperança da felicidade e “da qual nada está isento” (Casara, 2006, p.07).

Essa é uma educação que a terceira idade busca. Algo que seja para sempre, que seja válido aprender, que faça e cause melhoria de vida. Busca um caminho novo, uma nova forma de pensar, outros vínculos, outros prazeres; aliando o desenvolvimento moral e cognitivo voltado para a qualidade de vida e para o envelhecimento ativo.

O enfoque na pedagogia social prioriza a aprendizagem de habilidades, valores, atitudes relacionadas com a vida cotidiana, com as relações sociais e com elementos que podem ajudar a melhorar a participação social e a qualidade de vida. Na ação educativa são prioridades: o idoso como agente do processo e que ainda possui capacidade para acréscimos e trocas; a bagagem de experiências que traz, ressignificando-as a partir de outro referencial de vida; as relações interpessoais e a busca por conhecimentos; a integração teoria e prática combinando com momentos de convivência e lazer e a socialização do idoso (Casara, Cortelletti e Both, 2006, p. 29)

É nesse ambiente de aprendizagem que podem acontecer as significações. Volto a lembrar de Têca, que não encontrava em sala de aula estímulos e sentidos dentro do conteúdo aprendido. Penso que não somente temos aprendizagens significativas em salas de aula, pelo contrário, os grandes aprendizados que permanecem em nós durante toda a vida foram aprendidos no caminho, na vida. Esse processo de ensino-aprendizagem leva os aprendentes a constituir o conhecimento e a recriar o já existente, numa dinâmica dialética reflexiva. É essa a vantagem da aprendizagem na terceira idade, pois o já existente na vida deles tem a probabilidade de ser muito maior do que qualquer pessoa mais nova. A significação e o sentido dado ao que se aprende tem também uma maior probabilidade de ser já posto dentro de suas malas e de ser usado ao longo do processo em razão da sua maturidade e sabedoria. Por outro lado, não aceitam aprender o que não querem, o que não buscam.

A inflexibilidade nesse processo muitas vezes dificulta o contato com o novo. O fato de dizer “não quero aprender porque nunca irei usar isso na minha vida” é muito presente nesse período, diferentemente da criança que experimenta mais, tenta mais, o idoso aprendente já seleciona o que intenta ou não aprender.

Volto ao grude, ao arranjo e à máquina. Eles quiseram aprender; para eles fazia sentido. Eles buscaram sozinhos ou no outro, fórmulas para aprender e não mais esquecer. O não-esquecimento vem da significação, que, se não estimulado pela prática, pode até ficar um pouco mais difícil de realizar, no entanto, ainda se encontra ali pronto para ser usado a qualquer momento.

E esse foi o intuito do sétimo e do oitavo encontros: encontrar o que ficou de aprendizado especial dentro da mala e buscar o porquê dessa significação e descobrir o processo que levou a essa apreensão. Resumo em vontade de aprender, em querer aprender e no sentido de aprender, as razões primordiais para uma apreensão da aprendizagem significativa.

Dewey (1978, p.33) parece resumir o que é tratado nesses dois encontros sobre a aprendizagem significativa. Termino com uma citação sábia de um educador:

Vejamos pois o que é aprender e como se aprende. Se o nosso interesse fundamental é pela vida, aprender significa adquirir um novo modo de agir, um novo comportamento (behavior) de nosso organismo... Aprender para a vida significa que a pessoa não somente poderá agir, mas agirá do novo modo aprendido, assim que a ocasião que exija este saber apareça.

Meus sujeitos-colaboradores souberam mostrar suas aprendizagens significativas, não somente nesses encontros, mas nas trinta (30) horas que passamos um ao lado do outro. Tenho aprendido que a vida é uma escola aberta pronta para ensinar quem intenta aprender.

3.10 Tema: Precisei Caminhar Para Encontrar Minha
Mala. (Continuação Da Aprendizagem Significativa -
A Busca)
VIII Cena

Tente Outra Vez

(Raul Seixas)

Veja!

Não diga que a canção

Está perdida

Tenha em fé em Deus

Tenha fé na vida

Tente outra vez!...

Beba! (Beba!)

Pois a água viva

Ainda tá na fonte

(Tente outra vez!)

Você tem dois pés

Para cruzar a ponte

Nada acabou!

Tente!

Levante sua mão sedenta

E recomece a andar

Não pense

Que a cabeça agüenta

Se você parar

Há uma voz que canta

Uma voz que dança

Uma voz que gira

Bailando no ar

Queira! (Queira!)
 Basta ser sincero
 E desejar profundo. Você será capaz
 De sacudir o mundo
 Vai!
 Tente outra vez!
 Uma voz que gira
 Bailando no ar
 Queira! (Queira!)
 Basta ser sincero
 E desejar profundo
 Você será capaz
 De sacudir o mundo
 Vai!
 Tente outra vez!
 Tente! (Tente!)
 E não diga
 Que a vitória está perdida
 Se é de batalhas
 Que se vive a vida
 Tente outra vez!...

A letra da música fala de voz. Temos uma voz que dança, uma voz que gira. Penso na voz interior, para mim a sabedoria. A poesia se refere a tentar, em experienciar, em não aceitar não viver. A letra fala dos nós, batalhas, dificuldades. Ela diz que basta ser sincero (e aí considero ser sincero consigo mesmo, em refletir o que quero nessa fase da minha vida, para onde estou indo e o para que vou). Ela fala que basta desejar. Desejar viver, desejar aprender. Ela relata a importância da fé em Deus e na vida, a fé em si. “Beba, a água viva AINDA está na fonte, você TEM dois pés para cruzar a ponte. NADA acabou”. E o conselho mais sábio de Raul Seixas: “Não

pensa que a cabeça agüenta se você parar”. Uma música significativa para todos nós dentro desse oitavo encontro. Completávamos 24 horas juntos no Ateliê. Vinte quatro horas de histórias de vida. Começávamos o Ateliê com essa música. Refletimos sobre ela. E, ao refletir, mais aprendizagens significativas apareceram. Hoje, em continuação ao encontro passado, ouvíamos as histórias de Márcio e Estrela. Resumo o nosso Ateliê hoje com a palavra: busca.

Márcio- *Quando eu fui para a escola de marinheiros, eu fui encarregado da privada.. Me incumbiram da privada. Na hora do recreio eu ficava lá.*

Danise- *Privada do banheiro?*

Márcio- *Privada do banheiro. Eu limpava todas as privadas do banheiro, a pia sanitária. Eu tinha o maior cuidado para ninguém sujar, eu ficava olhando o tempo todo. Tinha um almirante que foi fazer uma visita e eu fiquei lá do lado de fora. Quando ele saiu, ele apertou a minha mão... (pausa) “serviço bem feito!”... Na Marinha, eu aprendi muita coisa, estudando e eles perguntavam “rapaz, onde que você aprendeu isso?”. Estudando, eu respondia.*

Danise- *Resumindo, qual o segredo em ter aprendido tudo isso?*

Márcio- *O esforço mesmo.*

Kaká- *Vontade.*

Maria- *Esforço.*

Lis- *Esforço e determinação.*

Kaká- *Coragem.*

Estrela- *Força de vontade.*

Danise- *Para mim o amor, desde limpar uma privada a uma máquina que ele estava deslumbrando. Amor em realizar as coisas.*

Kaká- *A humildade, de dizer até para gente.*

Márcio- *As pessoas diziam “papagaio velho não aprende a falar mais não”, lá na marinha. Quando as pessoas me viam queimando as pestanas na marinha, tentando estudar. Eu nunca fiquei reprovado. Eu sabia ler só pelo grupo escolar. Toda hora que eu tinha, era para estudar.*

Danise- *A gente vê ainda essa busca nos seus 83 anos de idade. Sempre em busca de mais aprendizagens.*

Márcio- *Eu tenho mais de 200 fitas cassetes gravadas sobre os programas de globo repórter. Hoje eu comprei um gravador de DVD e gravo meus programas. Tenho tudo, uma opção de disco gravado, tudo sobre o corpo humano, processos de produção, tempestades... meu tempo é ocupado o tempo todo. O tempo todo. Às vezes não tenho tempo nem de conversar com os meus amigos. Combinei com um para ir na sexta, que está começando a colocar uma fabricazinha de castanha. Eu vou a Caucaia, depois do banco, depois vou lá falar com ele, paro no estacionamento por perto, paro lá e depois vou no Banco do Brasil, chego em casa por volta de 1:30. Mas estou assim o tempo todo.*

Danise- *É o cérebro ativo o tempo todo.*

Senhor Márcio não tinha medo do novo, ele não participava da inflexibilidade. Ele testa a tecnologia, absorve novas informações, lê muito e hoje se define com um pesquisador de Alzeihemer. Ele enfoca o esforço como ferramenta da aprendizagem. Seria a aprendizagem significativa apreendida sem esforço? Creio que não. Muitas vezes ela decorre de momentos naturais, instantes rotineiros da vida, mas em outras vezes é necessária uma dose maior de esforço, de força de vontade. Dewey (1978) relata que a aprendizagem apenas é realmente aprendida para a vida quando ela se torna fixa intrinsecamente no organismo. Se depois de anos, esse aprendizado continua, porque já faz parte dele mesmo, faz parte de um lugar bem especial dentro da mala.

Para Dewey (1978), há cinco condições para a aquisição de uma aprendizagem significativa: só aprende o que se pratica. A intenção de quem vai aprender tem singular importância. Aprende-se por associação, não se aprende nunca uma coisa só e toda a aprendizagem deve ser integrada à vida. Vejo todos esses processos na aprendizagem do senhor Márcio. Ele praticava, treinava, estudava. Buscava o sentido, necessitava ir mais longe com aquela matemática, com as observações das construções de máquinas, buscava novas saídas, não ficaria muito tempo limpando

banheiros. Toda matemática foi associada às construções, à sua vida. Ele sentia orgulho de si próprio porque soube aproveitar as oportunidades que a vida lhe ofereceu. Com isso, ele foi ser torneiro, aprendeu a ler, conseguiu um bom emprego, criou uma máquina para descascar castanhas que até hoje é usada, construiu uma família e hoje aos 83 anos ainda busca ir além. Uma busca incansável e constante pelo saber. Sua mala é pesada de tantas significações.

Dewey (1978) ainda fala que o que aprendemos refaz e reorganiza a nossa vida. A mudança do comportamento é nítida quando o aprendizado incorpora à nossa vida. Nos transformamos. Acredito tanto nesse processo, que hoje vejo meu sujeito-colaborador contar sua vida com base nas suas aprendizagens.

Tal ensino divorcia-se de todas as condições de uma verdadeira aprendizagem. O aluno, não vendo nenhuma relação da matéria com sua vida presente ou qualquer empreendimento em que esteja empenhado, não pode ter motivo para se esforçar; não tendo motivo, não pode ter desejo ou intenção de aprender (salvo motivos artificiais ou falsos); não tendo a intenção de aprender, não pode assimilar ativamente a matéria, integrando-a a sua própria vida (Dewey, 1978, p.36).

Márcio tinha passado por todos esses processos. E continuava até o último semestre em que foi meu aluno. Suas histórias sempre foram entrelaçadas com as matérias de Inglês. Foram inúmeros textos-sentidos em Inglês muito bem escritos em plenos 81 anos. Prazeroso é observar essa busca constante pela aprendizagem.

Estrela- *Menina, eu nem sei... Eu sei fazer tanta coisa, mas nada bem. Não, eu sei... as coisas que eu faço, eu tento fazer bem. Mas não tem uma coisa em especial. De aprendizagem, né? Começou mesmo quando eu fui para os Estados Unidos. Eu tinha 18 anos, aquilo marcou minha vida. Uma nova cultura, uma nova aprendizagem. Naquela época me perguntavam o que eu queria ser, eu dizia que ia ser assistente social. Eu não sabia nem o que era... hoje eu digo que eu sou, né? Às vezes, você não precisa ser médico para colocar um hospital. Você precisa ser interessado e ir em busca de saber as coisas... Se você não souber, você sempre vai ficar dependendo dos outros... Meu diploma é deste tamanho e não serve de nada.*

Danise- *A terceira idade hoje busca dentro da aprendizagem algo que tenha*

sentido para a vida. Ai eu ouvi o choro da Têca no ateliê passado, desabafando e dizendo “eu gosto tanto de aprender, gosto tanto do inglês, que eu estou me sentindo assim”. Para ela não fazia sentido aprender aquela música ou ver aquele filme. A sabedoria de vocês não admite mais isso, vocês querem aprender o que tem sentido para vocês, o que tenha objetivo. O que vejo aqui é isso, é a persistência, é a busca. Dentro do avião a mamãe estava copiando as coisas em Inglês. Perguntei pra quê? “Para aprender”.

Estrela usava as palavras “interesse e busca”. Acredito mesmo que seja nessa ordem. Primeiro o interesse, depois a busca juntamente com o esforço. Não há dúvidas de que há aprendizado, seja ele intrínseco à vida ou extrínseco (mais relacionado à aprendizagem formal).

Estrela contou sua vida. Começou dizendo que o que aprendeu nos Estados Unidos foi essencial para sua vida. A nova cultura e o novo comportamento fizeram que ela mesma conseguisse trabalho até na cidade pequena onde morava. Engravidou nessa época e teve que parar de ensinar em razão da descoberta de um câncer ainda nova. Voltou para sua cidade natal e resolveu abrir uma franquia da escola onde ensinava anteriormente. Uma das primeiras escolas de Inglês começou em Fortaleza. Iniciou dentro de uma pequena sala e agora a franquia possui várias unidades. Deixou tudo para os filhos e foi morar em uma cidade do interior do Ceará para descansar. Não havia mais sentido tanto corre-corre na sua vida. Chegando lá, abriu uma pousada. Comprou um terreno e assim construiu o segundo melhor albergue no Brasil. Frustrada com a situação das crianças dessa cidade, resolveu abrir uma fundação focada na Arte, na produção de aprendizagens significativas. No dia do nosso encontro, a fundação havia ganho um projeto de 20 mil reais para investir no circo-escola.

Essa é Estrela, uma pessoa de 60 anos, uma assistente social nata, uma pessoa que sempre acreditou na educação, nas aprendizagens significativas. Com essa crença, muda a vida dela e dos outros. Com tal fé, busca e esforço, passa a ser uma grande colecionadora de experiências de vida. Sua mala também é pesada. Brincamos, dizendo que onde ela toca as coisas viram ouro.

Para mim, um exemplo de vida. Para mim, uma pessoa que incansavelmente, depois de tantos nós, adquire uma atitude de desenvolvimento progressivo e

permanente perante a vida, sendo essa a essência do viver. Uma vida em funcionamento pleno, que busca luz, não mede esforços, que luta pelo social. Acredito que com o sentido da nossa própria vida somos capacitados a orientar, a estimular e a guiar os caminhos conquistados pelo saber e experiência.

Agora entendo quando ela diz “as coisas que eu faço, eu tento fazer bem. Mas não tem uma coisa em especial”. Realmente não tem uma coisa em especial, são várias as coisas especiais.

Saí do nosso encontro ainda com minha mala mais pesada. Descobri os caminhos da aprendizagem significativa. Relevei o que fica dentro da mala depois de tantos anos. Saíram coisas empoeiradas, pouco usadas, pode ser, mas saíram coisas que ficaram guardadas na alma. Encontrei os momentos conscientes, vi alguns em prática e me delíciei.

Observei a aquisição das suas aprendizagens, hoje observo como seus comportamentos são provenientes delas. Como deveríamos ter somente escolas que proporcionassem crescimento verdadeiro e eficaz! Talvez assim aos 90 anos de idade, teríamos não somente uma mala, mas inúmeras repletas de aprendizagens significativas, lotados do saber.

Lamentavelmente nenhuma das aprendizagens significativas demonstradas e trazidas ao nosso Ateliê veio decorrente das experiências escolares. A escola nem sequer foi citada nesses dois dias. Senhor Márcio estudou Matemática, mas frisa bem quando dizia que estudava sozinho “queimando as minhas pestanas”. O que mais me entristece é ler esses autores que tanto acreditam na mudança da educação. Foram tantas as pesquisas, tantos os estudos, datados em 1950, 1940, 1980. As fórmulas, os segredos de uma educação para a vida, já haviam sido apresentados, no entanto, ainda assim não temos muitos resultados. Quem sabe se não teríamos mais idosos aprendentes em salas, se houvesse tido um peso maior na educação quando crianças? Quem sabe muitos chegariam sem medo, sem traumas, com uma atitude mais leve diante da educação? Afinal, não “se envelhece como se viveu”? Precisamos de uma fórmula tão simples: o sentido na educação.

3.11 Tema: A Arte Do Nosso Ateliê (A Significação Do Ateliê Da Sabedoria)

Cena IX

Era o nosso penúltimo dia. O Ateliê, para mim, já deixava saudades. As quintas-feiras eram dias especiais; era o meu encontro com o outro, o outro que me levava às suas vidas. Era como se pegasse na minha mão e dissesse: "venha conhecer essa parte de mim". Fiz passeios maravilhosos. Conheci locais nunca antes imaginados, fotografei lugares que nunca irei esquecer. Havia sentido em tudo aquilo que eu vivia.

Hoje conheci artistas. Hoje recebi as telas de suas vidas. Fui presenteada com uma cidade do interior, com uma mandala colorida, com o balançar das ondas e um barquinho, com um coração enorme cheio de vida e com um cajueiro e seus frutos. O Ateliê não poderia ter ganho mais do que isso.

Sentamos no chão, pegamos pincéis, mexemos nas cores e escolhemos quais deveríamos usar. Veio na cabeça a lembrança das escolas, de um exercício de pintar não profissional usado na sala como atividade psicomotora para um estímulo físico. Eu não queria estimular essa parte física do corpo. Eu queria mexer com o coração. Eu queria mexer com a parte esquerda do cérebro. Observar dentro de suas malas e descobrir o que ficou de significativo nessas 27 horas de convívio. Eram as lembranças que ficaram que eu desejava descobrir.

Descobri o mar da sabedoria, o valor de raízes fortes. Visitei o interior de uma cidade e atingimos com uma flecha um coração. Por fim, pintamos uma mandala e escolhemos cores alegres para representar o nosso Ateliê. Os artistas ao

final, tinham aos seus lados um tripé e sua obra de arte. Tirei fotos da arte e dos artistas. Tirei fotos com a alma. Fotos tirada por ela jamais são esquecidas.

A arte da sabedoria se encontrava hoje representada por telas e cores. A criatividade de pintar uma vida era o que determinava o nosso caminhar por ela. A firmeza da pincelada era o que traçava os nossos passos. As cores e os detalhes envolviam as nossas escolhas. A tela: simplesmente o ofício de viver.

Danise- *Quero começar com uma reflexão. Por que vieram em busca de uma aprendizagem? Maria estuda Inglês e Espanhol? Lin está estudando Inglês? Márcio por que veio pra cá? Lis, por que está no Inglês e no Espanhol? Kaká, por que está sempre em busca, por que está na Computação? O que faz alguém ir atrás dessa aprendizagem?*

Lis- *Eu vim porque queria vir. Ninguém me incentivou. Vi que tinha uma oportunidade de adquirir mais conhecimento e não queria perder. Eu que gosto de viajar, comecei no Inglês e depois no Espanhol, uma maneira de facilitar minhas viagens. Vim porque quis. Sozinha...E não me arrependi não. Devagar e sempre! Tendo uma oportunidade, tem que aproveitar. Qualquer conhecimento sempre é útil. Para você, para sua vida, para melhorar a sua vida.*

Márcio- *Eu nunca estudei Inglês fora daqui do curso, quando eu viajava tinha certas dificuldades em me comunicar. E então eu não me comunicava. Eu quando vim para cá achei muito bom, e só saí por causa da minha mulher. Pela doença dela, ela precisa de toda minha atenção... Foi muito bom o tempo que passei aqui. Aprendi muito, hoje eu me comunico sem dificuldades.*

Lis- *Ficar dentro de casa é muito ruim, aí que adoece*

Lin- *Vim, porque eu tenho uma filha que empurra, sabe? Que empurra! Não, estou brincando. Eu sempre gostei muito de estudar, nunca peguei nada de panela, de comida. Sempre gostei de estudar muito, muito, muito mesmo. Hoje eu estou mais*

safada, não faço muitos meus deveres. Na escola, na universidade eu fazia tudo. A vontade de estudar inglês veio de muito tempo atrás. Era muito diferente “chair”, a gente dizia tudo diferente, “children”, a outra que é singular... “é child”, a gente não dizia assim. Eu gosto muito de ler, de estudar. Eu não vou parar nunca.

Maria- *Eu sempre gostei de estudar língua. Fazia piano, fazia inglês. Pagava tudo para mim e para minha filha. Depois estudei com um americano. Depois estudei em uma outra escola por um ano, a professora me elogiou o que eu fazia... Depois descobri esse curso aqui e me deu vontade de vir, porque eu não queria que a minha vontade morresse, essa vontade de aprender. Meus filhos estudaram no exterior. Eu queria ser capaz. E aí nisso, era uma necessidade de conviver em grupo, muito bom. Nunca me acomodei. Aqui é uma terapia para mim, eu não penso em jamais me acomodar. Quero ter essa experiência em conviver, em ouvir notícias, principalmente agora na época da computação, que tem que se atualizar. Tem que se sentir instruída.*

Kaká- *Sempre eu busquei, mesmo nos maiores apertados do mundo, sempre com muita coisa para fazer, por causa do filho. Além de empurrar eles, eu também fiz. Fiz cursos de Neurolinguística, fiz tantos que não lembro mais nem o nome. Sempre gostei. E estou aqui fazendo mais. Pintura, eu parei desde que a mamãe morreu.*

Danise- *Todos disseram aqui que buscaram os cursos sozinhos. É importante o empurrão?*

Lis- *É, quando se está na dúvida.*

Kaká- *Ah, para eu fazer parte do grupo, uma amiga me empurrou. O médico também estimula. “vá para um cinema, vá nem que seja só”, mas eu nunca vou. Não vou só.*

Márcio- *Eu não sei porque nunca precisei de empurrão, sempre tive minha determinação.*

Maria- *Precisa de muita determinação.*

Lis- *Eu que quis aprender computação. Comprei um computador e depois que fui aprender.*

Vontade. Estímulo próprio. Capacidade. Determinação. Esperança. O fato de querer. Esses foram os aspectos associados à busca pela aprendizagem na Terceira Idade. Afirmo que, com esses pré-requisitos, o trabalho do professor fica muito mais fácil. Os aprendentes chegam à sala de aula querendo buscar, aprender, mostrar que ainda são capazes. E são! Simplesmente porque esses fatores fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. Eles crêem que as aulas são terapêuticas. O contato com o grupo, o novo vínculo, a percepção da sua capacidade, a nova aprendizagem, o novo comportamento perante o mundo, fazem com que as aulas sejam classificadas como terapia. É prazeroso participar desse processo. Também acredito na força dessa terapia. Meu comportamento também é modificado por suas falas e atitudes. São quase quinze anos em contato com pessoas que buscam por si o aprendizado da Língua Inglesa. (Acabo de receber um telefonema da Lin, hoje domingo, dizendo que a Lis lhe telefonou para perguntar como fazia o dever de casa. Prazeroso ver toda essa determinação).

Acho que daqui a alguns anos, não deveremos dar tantas explicações para essa nova busca, para esse novo aprendente. O número de aprendentes após 60 anos de idade em salas de aula, seja nos cursos informais ou nas universidades, cresce a cada dia. Acredito que será um fator comum na educação. Eles não serão mais os alunos “especiais”, eles serão simplesmente pessoas que buscam a aprendizagem, assim como qualquer outro de qualquer outra idade. Acredito, porém, que eles se diferenciam dos outros mais jovens, por não aceitarem aprendizagens que não sejam aprendizagens significativas. Para eles, precisa haver o sentido. Acredito que, para qualquer aprendente também precisa haver o motivo de todo e qualquer conteúdo, porém, nas idades mais jovens, ainda se aceita o aprendizado que não seja para a vida. A concorrência, os currículos profissionais exigem mais. Os mais idosos não necessitam disso. Eles querem, sim, um aprendizado para a vida. Eles buscam o real sentido da educação.

Uma aprendente, Regina Zaccaron, escreve uma carta para a sua professora, publicada por Cortelletti, Casara e Both (2006, p.37) dizendo:

Incorpo aos novos conhecimentos os anos vividos que não deixam de ser também a universidade da vida. Já disse alguém que o homem só envelhece quando perde a curiosidade

intelectual. Enquanto pulsar em mim essa curiosidade, aqui estarei buscando, na palavra e na linguagem corporal, o meu veículo de comunicação.

Essa conexão aos anos vividos ao conhecimento é o que traz significação à vida. Para ela, a universidade da vida, cursada por tantos anos e somente terminada no fim dos nossos dias; uma universidade sem certificados, sem fim, sem graduação, simplesmente uma formação ao longo da vida.; uma universidade a que todos têm direito, mas que somente alguns dão o real valor. Parabenizo aos aprendentes que sabem chegar ao seu fim de maneira sábia. É nesse tipo de universidade que o saber está muito além do ato de conhecer.

Cortelletti, Casara e Both (2006, p.43) criticam a educação que não seja voltada para a vida e clamam para que haja mudança.

Os professores não se perguntam sobre o significado desses conteúdos para a vida, e, portanto, os alunos não os assumem como proposições de condutas e atitudes. Isso significa que os conteúdos não são propostos como atividades que venham a contribuir para um aprendizado existencial carregado de virtudes interessantes.

Um idoso aprendente não permanece em sala de aula por muito tempo, caso não encontre nesse espaço aprendizado significativo. Márcio, Kaká, Lin, Lia e Maria tinham encontrado esses espaços. Eles tinham encontrado uma pedagogia voltada ao envelhecimento ativo; escolas e espaços que fazem “parte efetiva de uma rede de promoção e proteção do processo de envelhecimento e da velhice”(Cortelletti, Casara e Both, 2006, p.38).

Danise- *Não precisa ser profissional não. Use tintas, os pincéis, pinte as “canvas”. Bom, agora eu vou pedir que vocês representem nessa telinha em branco o que significou o ateliê para vocês.*

Lis- *Faz tempo que eu não pinto.*

Coloco uma música instrumental de fundo e entrego dezenas de cores. Adaptamos a nossa salinha de encontro, em um ateliê.

(Lis ri. São risos e risos).

Lis- *É, coisa de... desenho de menino amarelo.*

Kaká- *É a criança que existe dentro de você.*

Lis- *Ainda bem, né?*

(Risos)

Silêncio e concentração. 40 minutos depois...

Lis- *Ficou bonito o do Márcio.*

Danise- *Ele é um artista.*

Lis- *É um cajueiro.*

Lin- *Vocês já viram um coração que voa? Pois o meu voa. Esse é o nosso Ateliê da Sabedoria.*

Maria- *Virou uma oficina de pintura.*

Lin- *Eu sinto falta da minha aula de pintura.*

E aos poucos eles iam se concentrando, pensando no que ficou depois de tantas horas juntos. Eram 27 horas na presença deles. Eram 27 horas de histórias de vida. O que tinha ficado? O que dos nossos encontros ia permanecer neles? O que levariam do Ateliê na sua mala? O dia era significativo para mim e para a minha pesquisa, teria sido formador como nos grupos de Josso e Delory-Momberger? Era o *feedback* àquelas inúmeras horas.

A atividade parecia que mexia também nas suas histórias. O ato de sentar no chão, melar as mãos, sujar a sala, pegar no pincel e numa tela branca para pintar o que quisessem eram atividades que traziam risos gostosos, olhares brilhantes, lembranças de quando eram crianças. Como pesquisadora, observava seus movimentos e me pegava rindo também, lembrando do meu tempo de escola.

Parece aprender-se a arte de viver na medida em que se explora a formação como arte do tempo: arte de viver o seu tempo, arte de utilizar o seu tempo de vida realizando experiências que nos demos a viver ou que nos foi dado viver com ou sem o nosso consentimento: a arte do tempo como uso hábil e pacífico do conhecimento das temporalidades específicas, singulares, convencionais. Um artista que não soubesse ser um bom gestor tanto do seu tempo como das suas energias, poderia criar a sua obra... (Josso, 2004, p. 209)

Danise- *Vamos falar um pouquinho do que vocês fizeram. Por que escolheram esse tema pra desenhar? Kaká, por que uma mandala?*

Kaká- *Eu sei que esse ateliê me levou a pensar mais. A mandala leva a pessoa a pensar. Mandala é aquela pintura que leva você a refletir. Eu nunca fiz mandala*

em cores e agora fiz. Coloquei porque quis representar a alegria aqui dentro. Me fez pensar em casa, sonhar, chegar e pensar. Reflexões.

Danise- *Lis?*

Lis- *Todo interior tem uma igreja. Eu gosto muito de rezar.*

Danise- *E por que se lembrou do Ateliê?*

Lis- *Trouxe a paz, sempre falo da igreja.*

Kaká- *No dia da música, colocou a música da igreja*

Danise- *Lin, e seu coração?*

Lin- *Ah, o meu coração representa o amor. Eu tenho muito amor para dar. Para ser sábia tem que saber amar, tem que amar até as pessoas chatas com a gente. Todo mundo tem coisa ruim, todo mundo tem, mas a mesma pessoa tem tantas qualidades, que a gente pode relevar. E por que no ateliê? Eu achei que aqui eu tirei muito amor. Aqui foi tanto amor. Isso aqui (a flecha) representa o sofrimento, todo mundo tem que ter sofrimento para amar na vida, se não houvesse passaria despercebido. Esses corações voando representam a liberdade, com muito amor podemos voar e sair do sofrimento. O arco-íris representa a luz, que reinou nesta sala. Foi uma luz muito grande. Queria fazer um túnel e não consegui. Me tirou muita coisa daquela escuridão ouvindo as pessoas que reagiram e que conseguiram vencer. Para mim, mexeu muito. Eu lembrei das histórias da Kaká, da Maria e da Lis que também sofreu muito esse ano, hoje ela sabe soltar gargalhada. Ela vê que precisa haver aceitação, ela pode melhorar, mas voltar o tempo não. Eu acho que aprendi muito. Eu também quis dar mais atenção ao meu pai.*

Lis- *É, a história da Didi, né? Mexeu também.*

Danise- *Maria, e o seu barquinho?*

Maria- *Sempre que eu vou para praia, vou para meditar. Esse barquinho representa a minha vida ou as das pessoas. A areia é onde eu estava. E essas coisinhas brancas são as ondas que estão quebrando... ela vai e volta, vai e volta. Eu me identifico com a persistência das ondas. É um mistério de Deus, né? Eu acho que a sabedoria da vida é exatamente essa persistência, essa determinação ela vai e volta e não sai do seu ritmo, não importa os meus limites, da convivência humana, do sofrimento e de, tudo que acontece. Então, um barquinho vai indo de*

qualquer maneira, ele vai se adaptando ao balanço das ondas. É assim que eu me sinto sempre. Com o firmamento do ser humano e o espiritual que é Deus. Ele dá a capacidade de identificar as maravilhas, que estão aqui nas minhas mãos, para você meditar e fazer muita reflexão. Depois do Ateliê, você volta pra casa cheia de reflexão positiva, de energias boas que você consegue levar isso para o resto do seu dia. Consegui organizar o meu tempo e dar um tempo para cá... Saber agradecer as coisas boas. Persistência e esse mistério. Há sempre o sabor dessa onda no mar.

Parecia que eu conseguia ainda ouvir os meus sentimentos do primeiro dia de Ateliê. “Não sei se eles vão voltar” - era o que eu pensava a todo instante, parecia que não havia significação naquele nosso encontro. Ouvir a história de vida do outro não interessava. Hoje depois dos nossos nove encontros, eu tinha a certeza de que ouvir o outro causava trans-form-ação. No nosso penúltimo encontro, eles me diziam que ouvir o sofrimento ou a alegria do outro já fazia parte deles. Muitas vezes voltava para casa também pensando como alguém poderia ter forças para suportar tudo aquilo que tinha sido vencido. Essa reflexão me fazia pensar na minha vida.

Eles também chegavam diferentes em casa. Percebiam que cada um tinha a sua história. Cada um carrega a sua mala. E que é de nossa responsabilidade arrumá-la como queremos. Carregamos nela o que significamos. O significado quem dá somos nós. E assim, cientes dessa nossa responsabilidade, percebíamos o nosso poder de limpá-la ou arrumá-la quando quisermos. Foi um remexer gostoso, muitas vezes doloroso, mas acredito que organizamos muito do que estava fora do lugar. De acordo com eles, carregar a mala ficou mais prazeroso. Ao final, descobrimos que temos orgulho de ter uma mala.

As telas significavam o nosso Ateliê, o nosso encontro. Perante a mim, estavam cinco artistas. Para Kaká, a reflexão. A mandala que a fazia refletir, chegar em casa diferente, sonhar com a sua própria história de vida. Ela havia descoberto o valor da sua história. Ela experienciou cada momento do Ateliê. Sei que foi doloroso mostrar algumas partes de sua mala. Parece, no entanto, agradecer-nos por ter tido a chance de visitar o que já tinha vivido. O Ateliê da Sabedoria fazia sentido para ela.

Eu ouvia novos discursos, eu via sua plenitude em cada um de nossos encontros. Uma mandala colorida para demonstrar reflexão com alegria.

Lis desenhou uma cidade do interior com uma igreja, um céu azul, uma terra clara, uma árvore verde. E assim desenhara sua vida. Um remexer no seu interior, uma igreja representada pela grande fé em Deus e sua espiritualidade, um céu claro, vida estável de cores alegres. Sua vida na tela do Ateliê. Fazia sentido para mim como pesquisadora. E o que estávamos pesquisando? Histórias de vida.

Lin pintou um coração enorme, bem vermelho, cheio de vida, bem no centro da sua tela em branco. Ao lado colocou inúmeros corações pequenos voando, um arco-íris no meio, um céu ao lado e uma flecha no meio do coração maior. E ela mesma explicava. Para Lis o Ateliê buscava a origem da sabedoria; para ela sabedoria é amor. O amor necessita de liberdade, o arco-íris iluminava a vida e a flecha representava os nós e os sofrimentos de que tanto falamos. Era realmente o Ateliê demonstrado em forma de coração. E ela nos mostrava como tinha sido importante ouvir a história de vida do outro.

Maria escolheu um barquinho navegando por entre as ondas. Um mar de águas claras, um céu iluminado, muitas ondas e uma areia clara. Genuínas palavras de Maria explicando a sabedoria. Adaptar-se ao balanço das ondas: isso para ela é sabedoria. Lindas e sábias palavras. O Ateliê tinha sido realmente essa viagem pelas ondas da vida. Às vezes pelas gargalhadas, falávamos de intervalos, amores, costumes, lembranças prazerosas, coisas escondidas. Outras no nível mais baixo das ondas, estávamos falando de nós, de sofrimentos, lembranças dolorosas. E a sabedoria? Ah, ela estava no fato de adaptar-se a subida e a descida das ondas. Também sempre gostei do mar; ele também é minha terapia. Determinação e perseverança para viver cada movimento da onda. “Há sempre o sabor dessa onda no mar”, disse Maria. Há sempre o sabor da sabedoria, pensei no meu título de dissertação. Falávamos a mesma língua.

Sr. Márcio pintou um cajueiro. Ele não esteve presente para dar sua explicação, tinha necessitado sair um pouco mais cedo. Ele escolheu não pintar. Sua tela era simples, feita de lápis, sem o uso do pincel. Desenhou um cajueiro grande, com raízes fortes agarradas ao solo. O cajueiro tinha frutos, os cajuas eram grandes. Sr. Márcio escolheu uma planta. Quantas vezes os chamei de minhas plantinhas! Ele

escolheu algo que representasse a sua vida. A importância da castanha-de-caju, das máquinas e das descobertas eram marcantes, eram presentes em muitas páginas do seu livro da vida. Tinha frutos. Como não haveria de ter! Não precisava de cor, Sr. Márcio nascia da simplicidade, do “nada ao tudo”. Ele já brilhava por si só. Para ele, já bastavam os frutos. Suas raízes fortes, demonstradas em todas as horas do Ateliê.

Tivemos no penúltimo encontro, uma apresentação de artistas, uma exibição de vida. Pelo desenho e a arte, cada um soube expressar o que significa caminhar pela sua história de vida. E com orgulho e felicidade digo que alcançamos os nossos objetivos. O Ateliê da Sabedoria trazia consigo uma aprendizagem significativa e eu, como pesquisadora, conseguia ver melhor o percurso da sabedoria. Eu entendia melhor a origem dela. As palavras de Maria ainda soavam no meu ouvido:

E essas coisinhas brancas são as ondas que estão quebrando... ela vai e volta, vai e volta. Eu me identifico com a persistência das ondas. É um mistério de Deus, né? Eu acho que a sabedoria da vida é exatamente essa persistência, essa determinação, ela vai e volta e não sai do seu ritmo, não importa os meus limites, da convivência humana, do sofrimento e de tudo que acontece. Então, um barquinho vai indo de qualquer maneira, ele vai se adaptando ao balanço das ondas. É assim que eu me sinto sempre.

A narrativa do “nosso mundo”, da “nossa história”, da “nossa mala” é proveniente de nossas escolhas. Nesta aprendizagem da vida, sob a nossa herança sócio-antropológica, descobrimos que o ofício de viver requer o sabor das nossas experiências, a prática de nossas ações e o sentido de todo nosso conhecimento.

3.12 Tema: É Preciso Saber Viver!
(Sabedoria É Compreender Os Percursos De Nossas
Vidas)
Cena X

É PRECISO SABER VIVER
Roberto Carlos

Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver

Toda pedra no caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver
É preciso saber viver
É preciso saber viver
Saber viver, saber viver!

Maria- Para mim é uma benção, sair do seu lugar comum e ter esse momento de convivência aqui. É inédito! Quantas pessoas gostariam de ter esse momento que temos aqui. Não têm a capacidade, não têm a vez, são acomodados, não têm saúde...

(Aplausos)

(Risos e risos).

Maria- Em 1962 na Rui Barbosa só havia sítios.

Pescador- Se eu soubesse que a Beira Mar fosse valer tanto, tinha comprado um monte de terreno.

Márcio- Ficávamos sentados nas calçadas conversando. Cheia de cadeiras, tudo sentado.

Pescador- A prefeitura vai desapropriar a Praia de Iracema.

Maria- É, vão reformar tudo.

Pescador- Eu nasci, batizei, crismei e casei naquela Igreja da Parangaba, pois agora está completamente diferente. Eu nasci e morava numa casa de porta e duas janelas, agora passou uma avenida. 100 anos, minha filha!

(Risos)

Lis- Lúcido, normal, ativo.

Pescador- Eu tenho 97 e já vou para 98. Ainda estou aqui. Eu sou imorrível. Eu tinha 10 irmãos, só tem eu. Eu não morro não!

Danise- Qual é o segredo?

Pescador- Qual é o segredo? Risos. Eu não sei! Eu sei que eu vou vivendo.

Maria- Isso é sabedoria.

Danise- O senhor é sábio?

Pescador- Eu sou, porque as experiências da vida me fazem assim.

Danise- O senhor se sente com que idade?

Pescador- Eu me sinto com 50!

(Risos e aplausos).

Pescador- Eu entrei no banco com 15 anos de idade. Banco de Londres. Eu estava de férias do Liceu. Quando eu cheguei, a mamãe passou no gerente do banco e

pediu um emprego. Aí o meu chefe era muito exigente, pedia para eu trabalhar a noite. Cheguei a ser subgerente, que antes era somente de inglês. Eles não falavam português. Ah, tempo bom que não volta mais!

Hoje era um dia diferente, pois tínhamos uma visita especial. Convidei o Pescador para o nosso último dia, para que falasse um pouco da sua experiência de vida. Fizemos as perguntas significativas do nosso Ateliê e ele respondia a todos.

Deixe-me apresentar o Pescador, um cearense, nascido em Parangaba em 1910, com 97 anos de idade, cheio de vida, cheio de histórias para contar. Foi engraçado vê-lo entrar em uma sala de aula. Ele olhava para as carteiras que há tanto tempo não via. Ele observava cada detalhe da sala, ele lia as mensagens, olhava e admirava como se fosse um turista. Escolheu um lugar para sentar, pediu licença e ali começou a se adaptar ao nosso Ateliê. Os sujeitos-colaboradores, admirados com tanta lucidez, perguntavam, queriam descobrir o segredo de tantos anos de vida tão bem vividos. Ele respondia: “eu sei que vou vivendo!”

Parecia uma prece podermos estar ali. Uma prece que agradecíamos a Deus, pela a capacidade, pela saúde, pelo vínculo, pela oportunidade, pela vontade também. Maria já começava o nosso dia agradecendo e olhando para o Pescador parecia pensar: “vou chegar lá um dia!”.

Nosso último encontro foi marcado por frases lindas, de músicas cantadas no violão e de muita voz. Foi lindo escutar todos cantando ao som de um violão que levamos para sala. No meio nossa mesa de comidas, no canto, os presentes (um jarro de flores lindas) que eu queria dar a cada um com a carta de agradecimento e ao redor todas as pessoas que ajudaram a fazer o Ateliê da Sabedoria.

Era um dia de despedidas. A sensação de “obrigação cumprida” da pesquisa do mestrado e por outro lado o fim ao vínculo com aquelas pessoas reunidas compartilhando suas histórias de vida, deixavam-me um pouco confusa. Era felicidade e melancolia. Era alegria e nostalgia. Teria quase todos eles novamente nas aulas de Inglês, no entanto, em situações diferentes.

O Pescador chegou para mostrar que é possível viver tantos anos com tanta lucidez. O Pescador falava com um tom de alegria e orgulhosamente nos disse que se sentia com 50 anos de idade. Ele nos contou como a cidade mudou e como tudo no

seu tempo, era diferente. A diferença na profissão de bancário, as contas feitas à mão, os livros onde eram anotados todos os depósitos e saldos por ele, tão dificilmente entrava na minha cabeça, geração marcada pelos caixas-rápidos, pagamentos por telefones ou internet. Tentei imaginar, mas não consegui. E bem atualizado ainda nos informa que leu nos jornais que a nossa prefeita está querendo reformar a Praia de Iracema. Todos muito perplexos com tamanha lucidez, tentam escutar qual é o seu segredo. Ele não tinha nenhum e depois de uma pausa nos disse que a ele só bastava viver. Sempre com um humor incrível, nos falou que é “imorrível”. Não usou a palavra imortal para simplesmente fazer com que nos divertíssemos. Ele se sente sábio e para ele, senhor sem estudos universitários e pós-graduações, sabedoria está simplesmente relacionada com experiência de vida. Tantos anos experienciados, como não seria um sábio? Com nostalgia, relembra os nomes dos amigos do banco, dos chefes, nomes e sobrenomes. E exclama como se sentisse uma dor no peito: “Ah, tempo que não volta mais!”. Não volta mais! Fica como uma mensagem como se dissesse: “Aproveita, porque depois não volta!”. Essa era a mensagem que ele nos deixava no décimo encontro.

Eu aproveitava o último dia do nosso Ateliê. Para mim ficou a vontade de fazer um Ateliê da Sabedoria fixo, como se fosse uma oficina oferecida aos meus aprendentes. Senti mudança nas salas de aulas, vi abertura para novas amizades, vi um espaço de trocas, percebi inúmeras trans-form-ações, observei aprendizagens significativas. Não podíamos parar por aí. Quem sabe um projeto para depois do mestrado? Eles adoravam a idéia.

Percebi no Ateliê a importância da nossa história; notei que buscamos um sentido nas nossas experiências; procuramos a arte no ofício de viver; tivemos um comprometimento tanto no plano reflexivo como nas práticas individuais e coletivas; buscamos valores e assim encontramos orientações de vida. Compreendi que sabedoria não é viver todos os dias sem cometer erros, de maneira divina; sabedoria é compreender os percursos de nossas vidas, vidas de pessoas comuns que tentam viver de maneira plena, inteira e lúcida, que aprendem com base nos próprios erros, que sabem que experienciar é melhor do que simplesmente viver, que refletir é ferramenta básica para ir mais além e que agir de acordo com nossas escolhas, com nossos objetivos e capacidades nos faz encontrar o sentido de carregar a nossa mala.

Com orgulho cada um canta a música “É preciso saber viver” de Roberto Carlos, festeja e lamenta o nosso último dia, recebe sua carta de agradecimento e é presenteado com um jarro de flores naturais, representando as plantinhas do nosso Ateliê. Peço para que não esqueçam de aguar e que não esqueçam da importância da auto-adubagem. Depois de escolher a sua plantinha, eles me abraçam, agradecem tantos momentos significativos, pegam as suas malas que já se encontravam fechadas e, prontos para partir, seguem suas vidas. Com o coração apertado, como se eu não os fosse ver mais, digo: “Sentirei saudades. Cuidem da sua plantinha. Muito obrigada”.

E assim encerramos o Ateliê da Sabedoria.

Capítulo 4

FINALIZANDO, O QUE EU CARREGO DENTRO DA MINHA MALA?

Lembro-me do dia em que essa pesquisa começou. Tinha chegado na minha primeira orientação e falava ansiosa sobre o meu tema de estudo: a aprendizagem da terceira idade. Já havia lido muitos livros sobre o assunto, já carregava em mim muitas experiências das salas de aulas. Meu orientador somente me olhava, me escutava e, por meio do seu olhar, eu via que meu tema não tinha sido bem aceito. “Por que você não pesquisa sobre sabedoria?” Sabedoria? Saí pensando sobre essa possibilidade. Era um começo, era pesquisar algo com que eu nunca tive contato, era buscar na filosofia toda a origem da minha pesquisa. Dentro de mim, algo dizia que era percorrer um caminho jamais visitado. Nunca esqueci um comentário de um amigo, dizendo que eu era corajosa demais para adentrar esse tema.

Comecei a ler a respeito, a encontrar suas origens, a desmistificar o tema. O olhar perante a sabedoria iniciava mudança. Li muito, encontrei diversos autores e diferentes olhares. Comecei a encontrar a minha própria definição. Olhava para os meus aprendentes de modo diferente após as leituras. Era capaz de filtrar tudo o que me dizia e associar aos mais diversos autores que eu achava. Encontrava nas minhas salas de aula vários exemplos de sabedoria.

Com o passar do tempo, descubro a inter-relação da sabedoria com a aprendizagem. A aprendizagem mudava, recebia outra perspectiva; a significação junto a ela. Essa significação mudava meu conceito de aprendizagem, e então, dentro do meu próprio “laboratório” (sala de aula), percebia que, independentemente da idade, o ser humano aprende melhor quando há relação entre conteúdo e vida. Esse era o ponto primordial da aprendizagem significativa, a relação que eu faço do sentido com o conteúdo. Via que as experiências de vida trazidas às salas de aula poderiam ser usadas como ferramenta para essa aprendizagem. Notava ante a mim cada mala de experiências que meus idosos aprendentes levavam e percebia que durante esse quinze anos de profissão eu já usava nas aulas a aprendizagem significativa; por isso, talvez, o aumento da população idosa na escola de idiomas onde leciono. O segredo: mesclar

o conteúdo novo com as experiências de vida. Então, a aprendizagem recebia o nome de aprendizagem significativa. Concomitante a essa descoberta, encontrava autores que pensavam da mesma forma. Josso (2004), Cavalcante Jr. (2003), Rogers (1961), Duarte Jr. (2006), Dewey (1971), todos eles acreditavam na aprendizagem significativa.

Mais adiante, com maiores leituras e exemplos práticos no convívio dos meus idosos aprendentes, percebo que os mais sábios são os que põem em prática o que acreditam e o que aprendem. Os mais sábios são os que aceitam suas idades, limitações e aproveitam o que há de melhor no envelhecimento para alcançar maior qualidade de vida. Noto que a aprendizagem significativa é o que fica dentro das malas que carregamos. Percebo que o pré-requisito para que essa aprendizagem fique é o sentido que damos àquilo que aprendemos. Somos os responsáveis pelo que empacotamos em nossas malas. Quanto mais aprendizagens significativas temos, mais experiências de vida também. Descubro, então, que experienciar não é somente viver, e sim refletir sobre essa vivência. Desvelo o fato de que, quando há reflexão sobre aquilo que vivemos, há aprendizagem, seja ela informal ou formal, seja ela na escola ou na vida. Experiências de vida estão mescladas com a aprendizagem significativa. Penso, então, que há pessoas que experienciam muito, que aprendem muito, mas não são consideradas sábias. O que falta então para alcançar a sabedoria? Concluo, nessa elaboração de conhecimento, que a ação é primordial nesse processo. O que adiantam tantas experiências, tantas aprendizagens, se nada é praticado? O que levaria um senhor de 80 anos a saber tanto, conhecer tanto, ter vivido tanto, se não vive mais, se não age mais e se não encontra ou procura espaços para dividir tamanha aprendizagem? Falta a ação; falta a prática.

E foi assim, em tantas caminhadas, que comecei a entender e definir melhor a sabedoria. Sabedoria é, então, as minhas experiências, a minha aprendizagem significativa e a ação. Por outro lado, começava também a abrir minha mala. Iniciava para mim um momento de reflexão e de aprendizagens significativas. Minha pesquisa já fazia sentido. O conhecimento que a filosofia trazia estava um pouco longe da minha realidade da sala de aula. Os livros, os diversos autores, filósofos, perdiam um pouco a voz quando meus idosos aprendentes começavam a falar. Eles me mostravam o caminho da sabedoria. O sentido maior da minha aprendizagem se encontra neles. O

campo começava a me chamar. E aí eu percebia o valor da minha pesquisa, o valor das palavras sábias do meu orientador “por que você não pesquisa a sabedoria?”. Ele já percebia em suas malas pesadas o que eu tinha em sala de aula, um campo repleto de sabedoria. Meus olhos agora começavam a brilhar. Via com nitidez a minha própria definição de aprendizagem significativa se encaixar com a minha experiência.

O campo já gritava. Eu já não podia mais deixar de ouvi-lo. Agradeço aos inúmeros filósofos, educadores, cientistas, autores, artigos e livros lidos antes da minha entrada no campo de pesquisa. Encontrei a fala de cada um deles sendo descrita e falada pelos meus sujeitos colaboradores. Diferentemente de muitos que vão para o campo e descobrem outra realidade, eu via ante a mim, cada um dos colaboradores falar o que eu havia descoberto por meio de outrem. Parecia que muitas vezes eu conseguia colocar as aspas e dizer de acordo com o fulano de tal, ano tal, meu sujeito colaborador também compartilha desse conceito, dessa idéia, desse olhar. Tudo fazia sentido, tudo estava relacionado.

As histórias de vida de Josso (2004), o sentido de Duarte Jr (2006), a aprendizagem significativa e experiência de Dewey (1971), o funcionamento pleno e tendência atualizante de Rogers (1961), os textos sentidos de Cavalcante Jr. (2001), o ateliê de Delory-Momberger (2006), o tempo de Sêneca (2007), a aprendizagem na terceira idade de Cortelletti (2007), a sabedoria tão sabiamente definida por Ardel (2000) e por Goldberg (2007) completavam a minha pesquisa e falavam dentro do Ateliê. Eu me deliciava com suas falas. Era como se uma voz gritasse dentro de mim dizendo “eu já li isso. É verdade”. A teoria era então comprovada pela prática.

E foi assim que a minha mala também ia sendo preenchida. Foram 30 horas ao lado de cada um deles, percebendo, ouvindo, inter-relacionando, sentindo, pensando, criando e fazendo sentido para mim. Era como se eu fosse escolhendo dentro de palavras ditas por eles, “isso é importante para a pesquisa, isso é experiência, isso foi aprendizagem significativa”. Do primeiro ao décimo encontro, essa coleta foi feita.

Tudo isso desembocou em uma mala que estava devidamente aberta para ser completa nessas 30 horas. Eu fui arrumando à medida que fui fazendo tais reflexões. Fui separando o seu lugar - isso é experiência, isso é vivência, isso não me diz nada, já isso teve bastante sentido. Fui percebendo que, cada dia que eu deixava o Ateliê, muito tinha sido acrescentado. Eu sentia a cada volta para casa um peso diferente da

minha mala. E eu a carregava com maior orgulho e satisfação. O peso teve a intenção de transformar os sujeitos colaboradores e de me transformar como pesquisadora. Trago em mim a proposta da Josso (2004): a formação de si. Percebia dentro do Ateliê o que já dizia Delory-Momberger (2008, p.35): “O ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de *contar* essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna *sua* vida e ele só se torna *ele mesmo* por meio de *figurações* com as quais representa sua existência”.

Percebo o valor da etnografia dentro de uma pesquisa. Digo em bom tom que fui afetada e trans-formada por meio do meu estudo. Não consigo ver a Danise antes do dia 06 de setembro de 2007, quando começou o Ateliê da Sabedoria. As histórias de vida que ouvi, vivenciei e experienciei já fazem parte de mim. Uma mescla da minha história de vida antes da minha pesquisa e, agora, diz o que eu realmente sou: uma pesquisadora etnógrafa que teve o privilégio de ouvir a sabedoria falar por meio das histórias de vida. Não consigo me ver e me conhecer no dia 05 de setembro, pois, um tanto foi mudado. Meus ouvidos sensíveis às histórias de vida, mesmo após o término da pesquisa, não conseguem mais se comportar como antes. Minha fala usa vocabulário novo, meu olhar busca outro foco, encontro-me muitas vezes dividindo tudo o que aprendi. Está em mim o Ateliê, está em mim em todos os dias, em todos os locais. Um livro lido, um filme assistido, uma história compartilhada, nada deixa de passar pelo filtro da minha experiência. Minha mala tem mais vida, minha mala tem mais cor, minha mala traz dentro dela histórias ouvidas com a alma.

Compreendi que o exercício que fizemos durante esses dez encontros e 30 horas de convivência, resgatou as memórias situadas nas lembranças que trouxemos e possibilitaram a (re)construção de um futuro melhor. O passado sendo escutado e resgatado, localizado dentro de um presente e possibilitando a vinda de um futuro de maior qualidade; esse foi o objetivo alcançado no Ateliê. E, assim, permitimos que as histórias deles se mesclassem com a minha história, sempre mediadas pelos textos-sentido apresentados no início de cada cena. Minha necessidade de escrever o que em mim tinha mudado, o que em mim tinha ficado, pulsava nas veias e impulsionava a escrita ao chegar em casa. Foi assim que aconteceram as trans-form-ações dos sujeitos-colaboradores; foram assim que ocorreram as minhas trans-form-ações; Formação de si e do sujeito; nossas formações. E hoje, cada vez que eu encontro um

idoso aprendente novato buscando a aprendizagem, eu dou boas vindas às suas experiências. Muitas vezes não me refiro a eles, prefiro na maioria das vezes falar com suas malas. Elas me dizem mais a respeito deles. Prefiro ir direto ao assunto.

Assim, minha experiência de ser inclusa no grupo de idosos aprendentes com toda a minha existência possibilitou que eu fosse eu mesma à medida que o tempo passava; propiciou que eu também abrisse minha mala e mostrasse, apesar de tão humilde, o que eu trazia e trago dentro dela. Esse abrir lhes trouxe sustos, descobertas, risadas e curiosidades. Eles muitas vezes perguntavam: “E você o que traz aí dentro?”. Essa curiosidade me trazia alegria. Eu sabia que se nossas histórias se mesclassem poderíamos construir outras histórias. Agora lembrei-me de Josso (2004), já citada ao acreditar que, quando mesclo o melhor de mim como melhor do outro, faço e crio novas histórias de vida, histórias melhores. E assim fizemos no nosso Ateliê. Suas palavras fizeram eco, levando-me a confrontar meus próprios eus. Descobri o caminho da sabedoria; descobri para onde devo ir; que ela tem sabor; bem antes da minha terceira idade a estrada que deverei percorrer. Creio que sou e fui privilegiada em pesquisar com tanta profundidade a habilidade mais desejada do ser humano: a sabedoria.

Sinto-me mais sábia. Sei que posso percorrer esse caminho antes de chegar aos 60 anos. Descobri que o pré-requisito não é o tempo que vivi, mas o tempo que experienciei. Tento hoje experienciar, mais do que viver. Pensar, mais do que deixar que a vida me levar. Vejo mais claramente os nós da vida e tento desatá-los toda vez que me deparo com eles. Uso minha sabedoria para transformá-lo em um laço se não posso desfazê-lo; assim, pelo menos dou graça e alegria à minha vida. Já não temo mais esses nós; sei que fazem parte do processo e sei que serão transformados em experiências. Hoje já aprendo as coisas com maior intensidade, e, mesmo nos momentos de aprendizagens formais, dentro de algo a que estou exposta, sem mesmo ter interesse, tento relacioná-lo com minha vida. Assim, sei que estou transformando em aprendizagens significativas. Aprendi que o tamanho e o peso da minha mala dizem muito do que sou. Aprendi a me apresentar ao outro com a abertura da minha mala. Aprendi que o modo como a carga é moldado pela sabedoria. Sei que preciso levá-la de forma leve, com sutileza no andar, com postura ereta e com olhar focado para frente. Aprendi que devemos levar coisas coloridas, e não somente preto e

branco; que devemos levar coisas que parecem menos necessárias também, porque ninguém nunca sabe quando deveremos precisar; que cada compartimento da mala tem um motivo especial, que são as minhas significações. E aprendi, acima de tudo, que devemos sim abrir nossas malas todos os dias. Devemos mexer nela, tirar o que não usamos, limpá-la, mesclar com a dos outros, emprestar e pedir emprestado, ficando a certeza de que os outros também fazem parte da minha história. Aprendi que devemos levar a nossa mala para onde quer que formos. Aprendi também que nunca é tarde para fazer a limpeza, para modificá-la e para preenchê-la. Deparei-me com alguém que percebeu que tinha uma mala na festa dos seus setenta anos.

Assim, ao analisar as experiências vividas pelos meus sujeitos-colaboradores, pude me reconhecer como portadora de uma história de vida. Ficou a certeza de que os outros também fazem parte da minha mala. E foi com as narrativas advindas deles que estes puderam se autobiografizar como autores e protagonistas de suas histórias. Essa experiência possibilitou-lhes a encontrar o sabor da sabedoria na sua própria vida. E foi assim que também me movimentei em busca de novos conhecimentos e saberes. E foi assim que fui me deparando com os objetivos desta pesquisa.

Desconstruí a idéia de que seres sábios são seres excepcionais, dignos somente de acertos; seres perfeitos em ações e pensamentos. E fortaleci a crença de que seres sábios são aqueles que experienciam, aprendem e agem de acordo com sua consciência. Seres sábios são aqueles que buscam viver o *Kairós* (tempo poético) e desmistificar o *Chronos* (tempo cronológico). São aqueles que buscam viver mais plenamente e que buscam contemplar os búzios da vida, assim como fez um dos sujeitos-colaboradores. São aqueles que olham para frente, que saem do nada e se transformam em um tudo, assim como Sr. Márcio. Aqueles que transformam os nós em laços, aqueles que sabem rir dos próprios erros, que sabem chorar com suas vitórias, e, principalmente aqueles que olham para trás e dizem: “eu vivi e ainda vou viver muito”. Sabedoria, para mim, é a “conscientiz-ação” da existência de nossas malas. O sabor vem de como saber usá-la. Vislumbrei assim cada história. Fechava os olhos e me via vivendo com eles a cada momento. Descobri que o meu “eu” assim como nenhum outro “eu” se constitui sozinho. Nesse processo do Ateliê, experienciamos os encontros e os desencontros da vida.

O Ateliê contribuiu para o meu processo de amadurecimento. Percebi que não preciso estar na terceira idade para experienciar e arrumar a minha mala. Tornei-me mais consciente da minha própria história, avaliei meus passos e me dei conta daquela frase que diz “envelhece-se como se viveu”. Desejo viver uma vida digna. Desejo começar a partir de agora. Também avaliei melhor minha relação com o *Chronos*, como o tempo do tempo, como o tempo cronológico, aquele que passa correndo, aquele que nos oferece 24 horas por dia. Desejei mais o *Kairós*, como aquele tempo do não-tempo, aquele vivido na plenitude, aquele vivido em contemplações. A falta de maturidade nesse processo ainda faz com que eu peque contra ele, mas o mesmo já se torna, dia após dia, mais consciente. Busco o mesmo. Quem sabe não o encontro antes dos 60 anos?

Vejo o valor da minha pesquisa de poder atingir uma parcela da população desvalorizada: a terceira idade. Digo desvalorizada por tamanho preconceito. Digo ainda mais por ser uma população considerada ainda “especial” em salas de aulas. O idoso aprendiz é temido nas escolas. Professores não sabem como agir, como se posicionar perante a ele; o respeito oscila entre a inexperiência e o preconceito. É muitas vezes tratado como quem não aprende ou que tem lentidão em aprender, o que leva a aprendizagem somente como uma brincadeira, um *hobby*, o que está em sala de aula por não ter nada o que fazer. Desmistifico todo esse blá-blá-blá. Espero que esta pesquisa conscientize o professor de que há, sim, muitas pessoas que buscam além do acúmulo do conhecimento, do saber dentro de salas, aqueles de 60 anos que se sentem jovens o suficiente para não parar, aqueles que precisam praticar suas experiências, aqueles que, conscientes de suas malas, querem completá-las, mexê-las, desarrumá-las e reorganizar tudo o que está dentro. Aqueles que vão para a aula por amor, amor ao conhecimento, amor à sabedoria. Aconselho os professores a se reciclarem, a buscarem o entendimento desse novo aprendiz. Sugestiono no sentido de se habituarem a esse senhor ou senhora de cabelos brancos sentados a sua frente, pois ele (a) será cada vez mais comum nas carteiras de salas de aulas. Sugiro a acrescentar ao seu plano de aula, mais vida, para que assim possam ficar. Proponho a perceber que educação sem vida não é pacote a ser levado dentro de uma mala. Aconselho a admirar as experiências dos mais idosos. Aconselho a falar menos e a ouvir mais. Aconselho a estar preparado a aprender tanto quanto ensinar.

Aos idosos, aconselho a se espelhar nos idosos sábios, porque eles sabem agir. Aconselho a abrir suas malas e a limpá-las de vez em quando. Aconselho a se relacionar com os mais jovens, pois há tanto o que aprender, há tanto o que ensinar. Meschem o “terceiro mundo com o primeiro mundo”. Há tantas coisas diferentes! Aconselho a ouvir sua própria história e ir além disso: busquem compartilhar. História parada não produz mais histórias. Busquem a aprendizagem significativa, seja nas escolas formais, seja na vida. Não deixem de aprender. “Curtam” o *Kairós*, ele está mais perceptível aos seus olhos do que aos meus. Busquem os búzios, a beleza da vida, a sabedoria das suas idades. Experienciem mais do que viver. Sintam-se mais jovens mediante os estímulos cerebrais. Confiam em vocês, mais do que esperem que os outros confiem. Apreciem suas rugas, seus cabelos brancos, suas limitações, suas contemplações, pois elas fazem parte do sabor da sabedoria. Considerem-se eternos aprendentes.

Aos jovens, espero que essa pesquisa mostre a beleza do envelhecimento, demonstre que nosso envelhecimento depende do que fazemos hoje. Então, que vivam uma vida mais digna, que respeitem quem têm mais a nos dar, que contemplem o tempo, antes mesmo de chegar a aposentadoria. Respeitem as malas mais pesadas, as malas maiores; elas têm muito o que ensinar. Deixem suas histórias se mesclarem com às outras; percebam que sozinhos não faremos histórias. Pesquisem mais sobre a terceira idade, sobre o idoso aprendente, sobre o idoso que também sofre, mas que pesquisem também o idoso que vive feliz. Acredito que temos inúmeras pesquisas sobre o idoso enfraquecido, suas doenças, sobre suas incapacidades, sobre suas limitações; precisamos de pesquisas novas, avaliar e descobrir esse idoso novo, ele que tanto busca seu espaço na sociedade, ele que quer saúde, que busca qualidade de vida, ele que se recicla, ele que entende a importância do outro e assim, não se isola. Sei que numa sociedade sofrida, pertencente de um país de Terceiro Mundo, hoje considerado nação em desenvolvimento, que maltrata a criança e o idoso, que não fornece educação necessária à população, dentro de um Estado que proporciona pouquíssimo bem-estar à população idosa, que tem preconceito e desrespeito ao cidadão que envelhece, que apóia a utilidade, o trabalho, a população que produz, mas que não qualifica e nem investe nos aposentados é mais fácil falar dos que têm essa vida sofrida, é mais fácil pesquisar sobre eles. Sei sim, tenho consciência de tudo isso

e não esqueço dos idosos que sofrem, mas imploro para que os pesquisadores, mesmo dentro de uma sociedade como a nossa, pesquisem as qualidades e capacidades da terceira idade. Acredito que, se assim continuarmos, vendo o idoso como uma pessoa frágil e que sofre, estaremos contribuindo para uma propagação dessa imagem; imagem esta em que, até mesmo, eles acreditam; imagem esta cuja mala pesa e que por isso muitas vezes é jogada no meio do caminho. Precisamos de forças, de caminhar, de aberturas para esse novo idoso. É assim que os vejo, pessoas qualificadas, lapidadas pela vida. Quero-os nas minhas salas de aulas; assim, teremos atitudes reflexivas, retomando a conscientização das práticas escolares e pedagógicas. A doença tarda, o isolamento termina, o cérebro funciona e a vida ganha novos sabores. Abrimos espaço para a sabedoria!

Acredito que alcancei, através do campo, meu objetivo geral no qual sugeria a compreensão dos referenciais, estratégias e recursos utilizados pelo idoso na procura de um “saber-viver” a sua própria existencialidade. Os diálogos foram elementos importantes do método História de Vida aplicado dentro do Ateliê para que houvesse a compreensão dos caminhos traçados pelos idosos, assim como as observações participantes e as reflexões biográficas foram meios de produção e coleta de dados. A etnografia me deu condições, junto ao Ateliê da Sabedoria, de ver com lentes maiores os idosos aprendentes, de perceber suas vidas, ouvir suas histórias e conhecer os caminhos da sabedoria. Essa lente focou também o meu próprio ser, avaliei-me diversas vezes; avaliei também o meu “saber-viver”.

Acredito que o maior beneficiado desta pesquisa foi o próprio pesquisador. Senti-me transformada, renovada. Achei-me sendo capaz de envelhecer ainda nos meus 31 anos. E digo, com todo orgulho, que apreciei o valor do envelhecimento, descobrindo como diz Nuland (2007) “a arte do envelhecer”. Cheguei lá antes dos trinta anos que ainda tenho que caminhar. Encontrei minha própria existencialidade. E, para descobrir tudo isso, perpassei meus objetivos específicos, identificando o papel da experiência de vida na aprendizagem significativa, definindo esse papel na Terceira Idade e analisando as construções da sabedoria mediante as narrativas das histórias de vida dos idosos aprendentes. Tive sim que perpassar a aprendizagem significativa, pelas experiências de vida, para poder chegar ao caminho da sabedoria.

E eu nem percebia que tudo isso já fazia parte das minhas aulas, dos meus aprendentes. Tanto tempo ao lado deles, a sabedoria ainda não era clara para mim. Sabedoria antes vista como acúmulo de inteligência e perfeição na ação, agora fazia parte de uma outra perspectiva. Agora entendo meu orientador, que desde o primeiro dia em que me viu, já sabia o que eu ia pesquisar. Agradeço a ele por haver me dado tão bela chance de caminhar esse percurso da sabedoria, de me proporcionar uma busca de um saber-viver mais pleno, de me deixar conduzir à abertura de malas dos meus sujeitos-colaboradores, de me deixar perceber que eu também tenho a minha.

Trabalho com vidas há 15 anos em salas de aula. A vida está nos conteúdos ensinados por mim desde muito nova, bem antes de perceber a importância disso. Trabalho com pessoas que necessitam mostrar o quanto viveram. É terapêutico esse processo! Dou abertura a uma escola que busca experiências, que estimula a percepção destas, por isso acredito que atraímos tantos idosos aprendentes; por tal motivo, tenho a chance de assistir, de cadeira privada na primeira fila, ao palco de expressões de ações sábias. Assisto à peça da sabedoria. Descubro que o saber não vem dos conteúdos, o saber vem da vida. O campo foi um *back vocal* dos autores que me acompanharam nesses dois anos de estudo. Orgulhosa, digo que, durante esses 15 anos como educadora, tenho encontrado sabedoria.

Difícil é finalizar o último parágrafo. Custoso é não ouvir a pesquisa falar dentro de mim. Complicado é dizer que esse é o fim, se não acredito que há um fim. É como deixar que as vozes dos meus sujeitos colaboradores fossem parar de falar por meio dessas páginas em brancas do Word no meu computador. Quantas vezes temi tais páginas! Saber eu explicar tudo o que experienciei? E agora vejo o quanto é difícil parar de escrever. A voz não quer calar. Sinto-me, todavia, na obrigação de finalizar um trabalho feito com tanto amor, com desvelada dedicação. Temi não ser capaz de trabalhar um tema tão polêmico, pertencente a tantos filósofos de tantos séculos atrás; tive medo de ser imatura demais para mexer em tantas histórias de vida; receei não ter a capacidade de falar suas línguas, de escutar o que não queria, de vivenciar precocemente o que ainda deverei viver; o medo de sofrer precocemente, o temor de curtir precocemente. Cada um tem seu tempo. Cada um tem seu *Kairós*. Acredito que esse foi o meu. Tive maturidade para ouvi-los e para me ouvir também.

Experienciei o *Kairós* deles e sei que o meu ainda está por vir por completo. Entendi os nossos mundos. Espero um dia chegar ao mundo deles de forma sábia.

Sinto-me mais segura ao caminhar pelos caminhos da vida. Gosto do meu novo vocabulário. Aprecio os meus novos olhares pela vida. Saboreio a minha mala. Respeito o seu peso, sei que ele ainda será maior. Afirmo, porém, com toda segurança, que a minha forma de levá-la é bem diferente. Eu passeio com ela, eu não a carrego. Às vezes a sutileza do peso me faz desaparecer que ela está ao meu lado.

Encontrei a sabedoria. Tenho dentro da minha mala 30 horas de aprendizagens significativas e dois anos de pesquisa. Elas têm um lugar especial e serão mexidas, transformadas, completadas, avaliadas e aceitas até enquanto eu existir. É verdade sim, eu tenho uma mala!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Meus caminhos percorridos)

- Alves, R. (2004). *Se eu pudesse viver minha vida novamente...* Campinas, SP: Verus Editora
- Amatuzzi, M.M (1989). *O resgate da fala autêntica*. Campinas, SP: Papyrus.
- André, M. (2000). *Etnografia da prática escolar*. Ed. Papyrus
- Ardelt, M. (2000). Intellectual versus wisdom – related knowledge: The case for a different kind of learning in the later years of life. *Educational gerontology*, 26, pp. 771-789.
- Bondía, J. L. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. pp. 20-28
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. (4ª Ed.) São Paulo: Companhia de Letras
- Casara, M. & Cortelletti, I.A & Both, A. (2006). *Educação e envelhecimento humano*. Caxias do Sul, RS: Educs
- Cavalcante, F.S., Jr. (2001). *Por uma escola do sujeito: o método (con)texto de letramentos múltiplos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- Cavalcante, F. S., Jr. (2003). *Por uma escola do sujeito: O método (con)texto de letramentos múltiplos* (2ª. ed. rev. e ampl.). Fortaleza: Demócrito Rocha.
- Cavalcante, F.S, Jr. (2006). *À Sabedoria do Vivido*. In *Jornal Diário do Nordeste*. Caderno Viva. Fortaleza.

- Cortelletti, I.A & Casara, M. B & Toni, I.A.M. (2007). *Aprender depois dos 50*. Caxias do Sul, RS: Educus
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa – Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª. Ed., L. O. Rocha, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Delory-Momberger, C. (2006). *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32. pp. 359-371, maio/agosto.
- Delory-Mombeger, C. (2008). *Biografia e educação Figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus
- Dewey, J. (1938). *Experience and education*. New York: Collier.
- Dewey, J. (1971). *Vida e educação*. (7ª ed., A. S. Teixeira, trad.). São Paulo: Melhoramentos
- Dewey, J. (1976). *Experiência e educação*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Dewey, J. (1978). *Vida e educação*. (10ª ed., A. S. Teixeira, trad.). São Paulo: Melhoramentos
- Dominicé, P. (2006). *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico*. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.32. n.2. pp.345-357
- Duarte, J-F., Jr. (2006). *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. (4a. ed.). Curitiba: Criar Edições.
- Ferreira, A. (1988). *Dicionário Aurélio*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A
- Fraiman, A. P. (2000). *Os problemas sociais do idoso*. [on line]. Disponível em: http://www.fraiman.com.br/faculdade/artigos/os_problemas_sociais_do_idoso.pdf

- Freinet, C. (1996). *Pedagogia do bom senso* (5ª ed.). São Paulo: Editora Martins Fontes Ltda.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giaxa, R.R., (2006). *Aprendendo a ser cientista-artista: viagem etnográfica ao universo de Sérvulo Esmeraldo*. Dissertação de mestrado – Universidade de Fortaleza, Ceará.
- Goldberg, E. (2007). *La paradoja de la sabiduría- Cómo la mente puede mejorar con la edad*. Crítica: Barcelona
- Guimaraes, R.M. (2007). *Decida você como e quanto viver*. São Paulo: Editora Saúde e Letras
- Josso, M-C. (1991). *Cheminer vers soi, L'Age d'Homme*. Lausanne, Paris.
- Josso, M-C. (2004). *Experiências de vida e formação*. (J. Claudino e J. Ferreira, trad.). São Paulo: Cortez
- Josso, M-C. (2006). *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, Deformadoras e transformadoras*. Educação e pesquisa, v.32. pp- 373- 78
- Katz, L. & Rubin, M. (2000). *Mantenha o seu cérebro vivo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Kekes, J. (1983). *Wisdom*. *American Philosophic Quartely*, 20, pp. 277-286.
- Kitchener, R. S & Brenner, H. G. (1990). *Wisdom and reflective judgement: Knowing in the face of uncertainty*. In R. J. Sternberg (Ed.). *Wisdom: its nature, origins ,development* (pp. 212-229). New York: Cambrige University Press.
- Longman group Ltd. (1995). *Longman Dictionary of contemporary English*. (3a. ed.). England: Pearson Education Limited

- Lunke, C. (1996). *Atendimento psicológico do idosos* [on line]. São Paulo.
Disponível em: <http://www.psicology.hpg.ig.com.br/textos/idoso.html>
- Mattos, C. L. G. (2001). A abordagem etnográfica na investigação científica. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 16, pp. 42-59, Jul/Dez.
- Michel, A. (2001). *Éducation et sagesse – La quête du sens*. Marc de Smedt.
Comission Paritaire 54.752.
- Morin, E. (2005). *Amor, Poesia, Sabedoria*. (7a. ed. E. A. Carvalho, trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Nuland, S. B. (2007). *A arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Pineau, G. (2006). *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial*. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.32, n.2. pp-329-343
- Puente, M. (1978). *O ensino centrado no estudante*. Cortez & Moraes
- Rogers, C. (1970). *Grupos de Encontro*. Lisboa: Moraes Editores, 1986.
- Rogers, C. (1973). *Liberdade para Aprender*, (2a. Ed.). Belo Horizonte: Inter Livros de Minas Gerais.
- Rogers, C. (1983). *Liberdade para aprender nos anos oitenta*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. (1985). *Liberdade para Aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C. (1992). *Tornar-se pessoa*. (5ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. (1961). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.

Saint-Exupery, A. (1945). *The little Prince*. The Great Britain. William Heinemann Ltda.

Séneca (2007). *De la brevedad de la vida – De la constancia del sábio- De la vida feliz - Del ocio – De la providencia – De la tranquilidad del ánimo*, (1ª Ed.). Buenos Aires: Losada.

Stekel, W. (1967). *La voluntad de vivir*. Argentina: Ediciones Libera

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa – Técnicas e procedimentos para desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2ª. Ed). Porto Alegre: Artmed

Takahashi, M. & Overton, W.F (2002). Wisdow: A culturally inclusive developmental perspective. *International journal of behavioral development*, 26 (3), pp. 269-277.

Touraine, A. (1999). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. (J. A Clasen e E. F. Alves, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Wolcott, H. F. (1999). *Ethnography: A way of seeing*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press.

REFERÊNCIAS

(Minhas visitas)

- Behar, R. (2001). *The vulnerable observer: Anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press
- Bonet, O. (2004). *Saber e sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomédica*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ
- Brandão, V.M.A.T. (2008). *Labirintos da memória: Quem sou eu?* São Paulo: Paulus
- Bruns, M.A.T & Del-Masso, M.C.S. (2007). *Envelhecimento humano – Diferentes Perspectivas*. Campinas, SP: Editora Alínea
- Chang, J.(2006). A transcultural wisdom bank in the classroom: Making cultural diversity a key resource in teaching and learning. *Journal of studies in international education*; 10;36, pp. 369-377
- Dewey, J. (1959). *Como pensamos*. (3ª. Ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Souza, J. D. (2004). *Me conte a sua história – histórias reais de quem viveu a vida*. São Paulo: Febrapharma – Federação Brasileira de Indústria Farmacêutica.
- Souza, E.C (2006). *O conhecimento de si – Estágio e narrativas de formação de Professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB
- Staudinger, U.M. (1999). Older and wiser? Integrating results on the relationship between age and wisdom-related performance. *International Journal of Behavioral Development*. 23; 641, pp. 641-664
- Vila Boas, S.(2007). *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP
- Vives, J.L (1963). *Introducción a la Sabiduría*. Buenos Aires: Aguilar

ANEXOS

Anexo A- Requerimento para tramitação da Qualificação



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

QUALIFICAÇÃO DE PROJETO

REQUERIMENTO

Do: Professor Doutor e Orientador Francisco Silva Cavalcante Junior
Para: Coordenador do Mestrado em Psicologia

Solicito a V. S^a., o procedimento da tramitação oficial da Qualificação do Projeto de Dissertação do mestranda Danise Grangeiro Gondim, intitulado **“O SABOR DA SABEDORIA: PERCORRENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS APRENDENTES NO ATELÊ DA SABEDORIA”**. Declaro que o projeto em questão encontra-se apto ao exame a ser realizado em 27/06/2007, às 9h, pela banca a ser convocada, no que se refere a: justificativa, delimitação do problema, objetivos geral e específicos, metodologia e análise dos dados.

UNIFOR, Fortaleza, 25/ 07/ 2006.

Professor Orientador
De Acordo.

Mestrando

Obs: O projeto deverá ser entregue em 3 vias juntamente com este requerimento

Anexo B – Carta de Informação



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

CARTA DE INFORMAÇÃO

Fortaleza, 6 de Setembro de 2007.

Caro Aluno,

Estou realizando a pesquisa para minha dissertação do mestrado em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sob o título: “O SABOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE”. Por isso, venho solicitar a sua colaboração voluntária para participar da referida pesquisa que tem como objetivo compreender a relação entre as experiências de vida e a aprendizagem dentro de um contexto de ensino-aprendizagem.

Por esse motivo, pretendo formar um Ateliê da Sabedoria com no máximo 8 (oito) alunos acima de 60 anos de idade. Utilizarei narrativas autobiográficas de suas trajetórias de vida e reflexões evocadas a partir dos nossos encontros. Suas narrativas, fotos, textos-sentidos e materiais produzidos durante esses encontros sem dúvida enriquecerão a presente pesquisa.

Cada aluno (a) participará do Ateliê, voluntariamente, no Curso de idiomas Easy to Learn, com 1 (um) encontro semanal, perfazendo um total de 10 (dez) encontros, que começarão a partir de setembro e terminarão em novembro do corrente ano, com duração de 3 horas cada nas quintas-feiras das 9:00 as 12:00pm.

Esclareço que:

- Sua liberdade será assegurada, podendo se recusar a participar ou se retirar desta pesquisa no momento em que achar necessário, sem qualquer prejuízo;
- Seu nome aparecerá em forma de codinome, em qualquer consideração que possa vir a ser feita no decorrer de minha dissertação, assegurando o seu anonimato e segredo;
- Todas as informações que você possa me fornecer serão resguardadas de acordo com a ética da pesquisa, garantindo o sigilo que assegure a privacidade dos colaboradores quanto aos dados confidenciais obtidos;
- Sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento científico brasileiro e internacional, sobretudo no campo educacional; e
- Caso deseje, os dados do texto final ficarão ao seu inteiro dispor.

Portanto, será um grande prazer contar com sua compreensão e disponibilidade em participar voluntariamente desta pesquisa.

Estarei disponível para quaisquer outros esclarecimentos no endereço eletrônico: danisegg@yahoo.com.br através do telefone (85)32671622.

Em face dos motivos anteriormente apresentados, gostaria muito de poder contar com sua valorosa cooperação a qual, desde já, agradeço.

Atenciosamente,

Danise Grangeiro Gondim

Pesquisadora

“A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA/UNIFOR. Endereço: Av. Washington Soares, 1321 – CEP 60811-905 – Fortaleza, CE.”

Anexo C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
 Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
 Centro de Ciências Humanas – CCH
 Mestrado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, e do CPF nº _____, após a leitura minuciosa da Carta de Informação sobre a Pesquisa “O SABOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE: PERCORRENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS IDOSOS”, de autoria da mestranda **Danise Grangeiro Gondim**, devidamente explicada pelo pesquisador em seus mínimos detalhes, ciente das atividades de pesquisa das quais participará, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, concordando em participar da pesquisa proposta e declara estar em plena concordância com os itens abaixo:

1. As falas e as fotografias registradas por ocasião das entrevistas e da observação participante, realizadas pelos professores colaboradores, poderão ser utilizadas pelo autor como dados de análise na pesquisa em questão;
2. Os depoimentos estarão liberados para eventuais gravações e transcrições;
3. Todos os dados coletados poderão ser transformados em artigos, capítulos de livros, crônicas, anais e conferências, com isenção da cobrança de qualquer tipo de direito autoral.

Fica claro que o participante pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

[cidade], _____ de _____ de 200 ____.

 Danise G. Gondim Pesquisador

 Participante

Anexo D- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N°. 129/2008

Projeto de Pesquisa: O sabor da sabedoria na terceira idade: percorrendo as histórias de vida de idosos.


Pesquisador Responsável: Danise Grangeiro Gondim

Data de apresentação ao COÉTICA: 08/05/08

Registro no COÉTICA: 08-122

CAAE: 1251.0.000.037-08

Parecer: APROVADO na data de 02/06/08



Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

Anexo E- Declaração de Revisão Estilística e Gramatical

Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº CE00489/97)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
Docente da Universidade Federal do Ceará
Acad. Titular (Cad nº 37) da Acad. Cearense de Língua Portuguesa


DECLARAÇÃO

Declaro, para constituir prova junto ao (à)
PROGRAMA DE MESTRADO em Psicologia da UNIVERSI-
DADE DE FORTALEZA - UNIFOR,
que procedi ao trabalho de revisão estilística e gramatical
do(a) DISSERTAÇÃO, intitulado(a) "O SAGOR DA SABEDORIA NA TERCEIRA IDADE"

_____, da autoria de
DANISE CRANGEIRO GONDIM

orientado(a) pelo(a) PROF. DR. Fco CAVALCANTE JUNIOR,
pelo que assino a presente.

Fortaleza, 14 de OUTUBRO de 2008


Prof. João-Vianney Campos de Mesquita
Universidade Federal do Ceará e Academia Cearense da
Língua Portuguesa

VÁLIDA SOMENTE COM A CARTA ANEXA.

Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº 0004983)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
Docente da Universidade Federal do Ceará
Acad. Titular (Cad. nº 37) de Acad. Cearense de Língua Portuguesa

Fortaleza, 13 de outubro de 2008

À atenção de
consulentes, membros de bancas examinadoras,
orientadores, editores e coordenadores de cursos
de pós-graduação

Senhoras/Senhores

Antes de analisarem e criticarem as correções procedidas pelos revisores de texto, solicito a gentileza de atentarem para os pontos a seguir alistados.

1. É recomendável, sempre, proceder-se à segunda revisão, máxime se o texto contiver grande quantidade de erros. As impropriedades maiores detectadas na primeira revista, normalmente, escondem as menores, vistas somente após efetuadas as emendas recomendadas pelo revedor. As boas editoras fazem de quatro a oito revisões.
 2. Há possibilidade de o estudante de pós-graduação, ou autor qualquer, não proceder às emendas sugeridas a grafite, deixando de fazê-las, por desídia ou mesmo por não aceitá-las, de modo a permanecerem as incorreções indicadas.
 3. Podem ocorrer modificações em parte do escrito revisado, a instâncias do orientador ou mesmo ao talante do autor, sem a audiência do revisor, o que o exime — é claro — da responsabilidade sobre a porção alterada.
 4. Frequentemente, pessoas envolvidas com o texto (autor, orientador etc) fazem referência a erros “deixados” pelo revisor, porém, em geral, não os indicam. Neste caso, é de bom alvitre a leitura destes pontos, bem como é necessário que apontem claramente ao dono do escrito onde se encontram os defeitos, para que, existindo, sejam sanados.
 5. Também é muito recorrente acontecer de o “erro” apontado não se tratar realmente de erro, restando equivocado quem o “encontrou”. É preciso entender-se que o Português é uma língua bastante escorregadia — porque riquíssima — e nem todos conhecem seus meandros nem se utilizam dos seus quase ilimitados recursos. A língua culta, em que é vazado o escrito didático-científico, é bem diversa da fala coloquial. Assim, por exemplo, não se há de empregar termos e expressões do jargão popular, admissíveis noutros contextos de fala que não a comunicação científica (estágio, que é treinamento, em vez de estádio, fase, período, quadra); ao invés, que significa ao reverso, ao contrário, ao revés, no lugar de em vez; ótica, palavra vinculada a audição, trocada por óptica, perspectiva, visão, modo de enxergar etc. etc.). Recomendo a leitura de *A Escrita Acadêmica: acertos e desacertos* (BARRETO, J. A. Esmeraldo & MESQUITA, Vianney. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997).
- Certifique-se, pois, se existe, na verdade, o erro, se está absolutamente certo do erro indigitado. Manda a prudência: na dúvida, não afirme. Assim, não estará abalando, em vão e desassissadamente, a idoneidade pública do profissional de revisão textual.
6. Muitas vezes, o trabalho chega incompleto para ser revisado, faltando elementos pré e pós-textuais (sumário, resumo, referências bibliográficas etc), de crucial relevância para o acerto do todo, e partes muito passíveis da ocorrência de enganos. Então,

Vianney Mesquita (Reg. Prof. nº 01034983)

Revisão Gramatical e Estilística de Textos
 Docente da Universidade Federal do Ceará
 Acad. Titular (Cad. nº 37) da Acad. Cearense de Língua Portuguesa

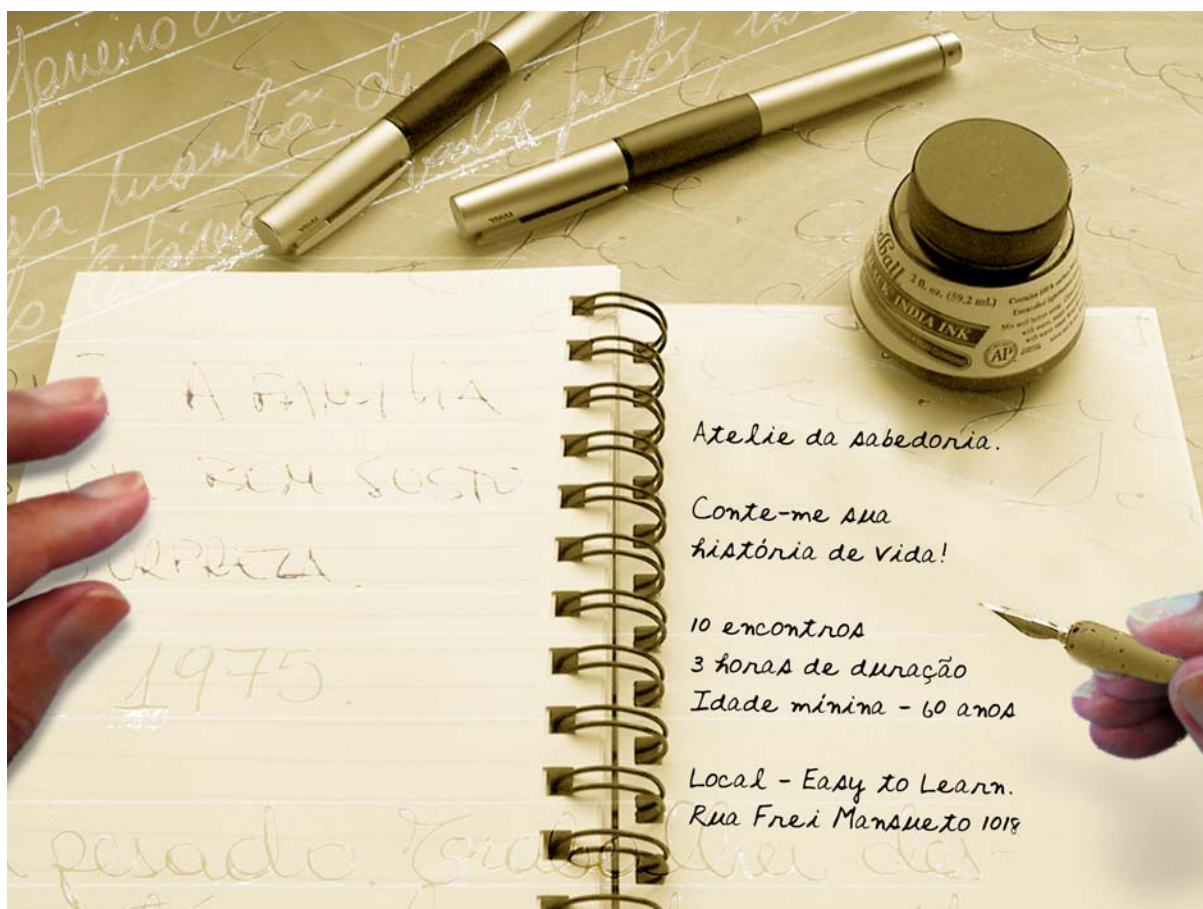
acontece de o autor aprestá-los, a posteriori, contendo desacertos, imputando-se o agravo ao revisor inculpe.

7. Convém atentar para o importante fato de que não impende ao revisor, via de regra, abonar conceitos ou falseá-los. Se ele for portador do preparo suficiente para fazê-lo, não há dúvidas de que é excelente auxílio para o autor. Caso não o faça, porém, não se há de inculpá-lo pelos enganos de quem escreveu, pois não tem essa obrigação. Desse modo, chamo à atenção dos produtores de texto, a fim de que procurem, para corrigir seus ensaios e outros escritos, pessoas com a devida prontidão intelectual para opinar desfavoravelmente no tocante a conceitos equivocados, tendo-se sempre em conta a noção de que a responsabilidade total e final sobre a propriedade ou ideação falaciosa é, evidentemente, de quem assinou o texto, bem como de seus orientadores.
8. O revisor não pode ser responsabilizado pela correção das normas técnicas nem pela propriedade das notações bibliotécnicas (referências, classificação, catalogação na fonte, numeração progressiva etc.), porquanto, legalmente, é defeso a ele fazer este trabalho, privativo que é do profissional bibliotecário; a não ser que ele o seja.
9. As citações, embora, evidentemente, o revedor seja obrigado a ler (para entender o contexto do escrito e cotejar os dados da menção com os das referências bibliográficas), ele não pode modificar. Sucede, porém, de, não em raras ocasiões, o profissional ser chamado à responsabilidade pelos deslizes dos autores citados, mesmo que, nas mais das vezes, não sejam realmente deslizes. É muito comum, ainda, atribuírem-lhe os erros dos discursos orais – gravados e transcritos – dos sujeitos da pesquisa, o que é um despropósito, mas serve para desabilitar o revisor.
10. Os revisores textuais, salvo pacto diverso entre estes e os autores, não podem responder por palavras, expressões nem citações maiores expressas em língua estrangeira.
11. No meu caso (professor Vianney Mesquita), as indicações de emenda são procedidas a grafite, principalmente para oferecer oportunidade de o consulente aceitá-las de pronto ou delas discordar, no momento em que se faz necessária uma audiência dos dois, um *tête-à-tête* para explicação e debate das modificações efetivadas. O conserto direto no disquete ou cd dificulta grandemente este entendimento.
12. Há mais de vinte anos elaborando trabalhos de correção de textos acadêmicos e outros escritos, tenho por costume justificar minhas intervenções no verso da página escrita, de sorte que, nos ensaios futuros, o consulente possa espelhar-se nessas indicações para conformar seus discursos.
13. Faço remissão ao item 11 e sugiro, em casos mais comentados e controversos, que o estudante terminal de pós-graduação *lato e stricto sensu*, ou qualquer outra pessoa, seja instado a conduzir a versão corrigida a grafite, a fim de suprimir dúvidas, pois ali estão aduzidos os motivos das correções procedidas.
14. Expresso, por fim, a probabilidade ampla de o revisor – humano, mortal e imperfeito – falhar nos seus cuidados e deixar, ilesos de conserto, erros e mais erros, do que estão eivadas a vida e a ciência, na visão de que, porém, não se há de fechar a porta a todos os erros sob pena de a verdade também ficar de fora, conforme lembra o poeta indiano Rabindranath Tagore.

Espero que, após a leitura desses catorze pontos, sejam reduzidos os embaraços e objeções relativos ao assunto, exatamente pela falta deste entendimento.
 Obrigado pela atenção.

Vianney Mesquita

Anexo F – Convite ao Ateliê



Anexo G- Fotos do Ateliê da Sabedoria

Maria representando o Ateliê



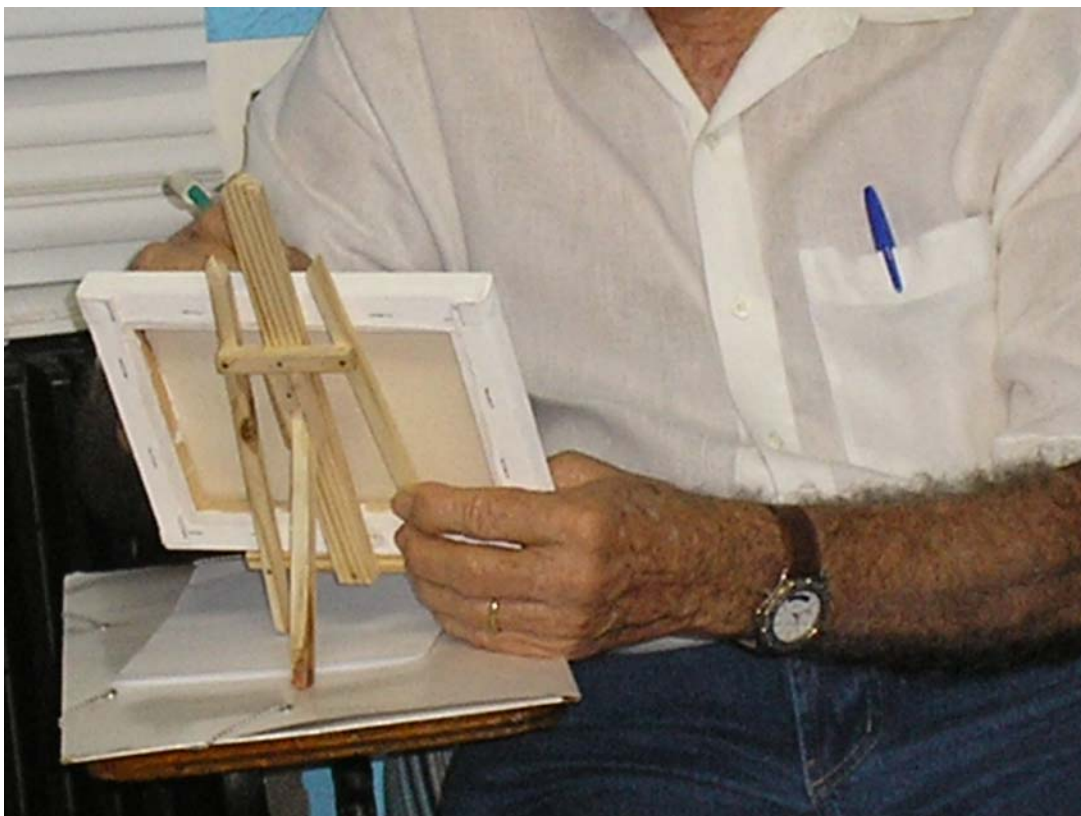
Lis representando o Ateliê



Lin representando o Ateliê



Kaká representando o Ateliê



Márcio representando o Ateliê



O quadro da Maria



O quadro do Márcio



O quadro da Lin



O quadro da Kaká



O quadro da Lis



O quadro do Márcio



A representação do nosso Ateliê criado pelos sujeitos-colaboradores da pesquisa

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)